



BROKEN PROMISES

Duologia Broken Crown - Livro 1

CALLIE QUEIROZ



BROKEN PROMISES

Duologia Broken Crown Livro 1

Primeira Edição, 2019

REVISÃO TEXTUAL

Callie Queiroz
Fher Barbosa,
Priscyla Pondian,
Sueli Queiroz

DIAGRAMAÇÃO DIGITAL

April Kroes

ARTE DA CAPA

L.A Design de Capas

Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.

Todos os direitos reservados. Este ebook ou qualquer parte dele não pode ser reproduzido, distribuído, comercializado ou usado de forma alguma sem autorização expressa, por escrito, da autora, exceto pelo uso de citações breves em uma resenha do ebook.

A Violação dos direitos autorais é crime estabelecida na lei nº 9610/98 e punido pelo artigo 184 do código penal.



SINOPSE

Ah, o sonho de princesa...

Tantas meninas no mundo sonham com vestidos de baile, tiaras de diamante, Príncipes Encantados em um cavalo branco, viver em um palácio, ter a vida das princesas dos contos infantis — aquelas que perdem o sapatinho de cristal, ou que são acordadas por um beijo do amor verdadeiro.

Besteira.

Esse mundinho cor de rosa é apenas uma fantasia. A realidade, é que o mundo é muito mais sombrio, muito mais cruel, muito mais falso. Mesmo para uma princesa. No entanto, é dessa maneira “fantasiosa” que o mundo me enxerga. Enxerga toda a Família Real Britânica, na verdade. A minha família.

Nós estamos fodidos.

Essa é a verdade.

Eu inclusive.

A doce, inocente, delicada e altruísta princesa não existe. A menina comportada, que segue as etiquetas e as tradições, ela *definitivamente* não existe. O que existe é a garota quebrada, sufocada, prisioneira, sombria, com a alma escurecida. A garota que frequenta as melhores baladas e festas do mundo. A garota que volta para o palácio — sua prisão — bêbada e alucinada pelo efeito de drogas, quase todas as noites. Algumas vezes acorda ao lado de homens que nem ao menos se lembra quem são. A garota que fuma e têm várias tatuagens espalhadas pelo corpo. A garota que um dia se apaixonou por um garoto

arrogante, rebelde, problemático, lindo e de personalidade forte. O garoto que lhe ensinou o que é a liberdade, o que o mundo real, o que é ser amada, o que é ser especial por quem você é e não pelo o que esperam que você seja. O mesmo garoto que também a ensinou o que era ter um coração quebrado quando a abandonou em sua Prisão Real. Deixando-a destruída, deixando-a afundando mais e mais a cada dia, perdida na escuridão, sem nenhuma vontade de sair dela. Querendo cada vez mais abraçar o mundo sombrio e se esconder da luz.

Jake Price foi a única pessoa que eu um dia confiei plenamente. A única pessoa que eu me abri, e deixei que tomasse tudo de mim. Então, ele quebrou minha confiança. Ele mostrou que tudo não passava de uma mentira. Nada daquilo era real.

Eu passei cinco anos me sentindo confortável em minha bolha, minha proteção, minha vida superficial. Até que ele voltou. Mais lindo, mais intenso, mais sexy, mais arrogante e mais idiota do que nunca. E, agora, designado como o meu guarda-costas.

Jake não estava apenas interessado em proteger o meu corpo. Ele estava também determinado a socorrer minha alma. O que me aterrorizou. Eu estava confortável assim. Eu não queria ser puxada de volta. Eu não queria voltar a sentir. A dormência era muito melhor do que a dor. E eu não o deixaria me consumir novamente. Infelizmente para mim, Jake sempre fazia o que queria, sem perguntas, sem limites e sem regras.



SUMÁRIO

[Dedicatória](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)



Dedico esse livro a todos os meus leitores por me acompanharem durante todo o processo de criação e pela paciência de esperá-lo ficar pronto. Foram 2 anos criando essa duologia, e durante esse período, meus outros livros ficaram parados no Wattpad, sem atualizações. Sei que não foi fácil, por isso, *muito obrigada* por não desistirem de mim. Espero que valha a pena toda essa espera.

Dedico também as minhas duas amigas Priscyla e Fernanda por toda a ajuda, dicas e opiniões dadas sobre a história de Rika e Jake — As famosas cobaias, haha! —, além de me ajudarem com a revisão, que mesmo com suas vidas corridas, criaram espaço em suas agendas para *Broken Promises*.

Por fim, dedico aos meus pais, por desde pequena não terem limitado a minha criatividade e meus sonhos, me deixando saber que poderia seguir qualquer caminho que eu desejasse e que me apoiariam independentemente de qual fosse. Pode não parecer grande coisa, mas você ser livre — desde quando é novo e começa a se conhecer — para escolher o seu caminho, sem pressões, mas ao mesmo tempo sendo guiado e apresentado várias opções e direções, faz uma grande diferença. E eu tive a sorte de crescer com pais que me mostraram esses caminhos e me deixaram escolher o meu.

Obrigada mãe, por me introduzir, quando eu ainda era criança, ao mundo dos livros, da literatura. Aquele momento foi o que me trouxe até aqui.

Aproveitem a leitura!

Callie Q.

// Para ajudar a sua imaginação a imergir no mundo de Rika e Jake, acompanhe junto com a leitura, as *dream pics*/fotos, na pasta “**BROKEN CROWN INSPIRATIONS**” no *Pinterest*, utilizadas como inspiração para a criação da história:
<https://br.pinterest.com/authorcalliequeiroz/>



RIKA

Meninas são induzidas a acreditar em contos de fadas desde de pequenas. Os desenhos animados de príncipes e princesas, os contos infantis, os filmes. Com isso, toda menina sonha em ser uma princesa. De uma maneira ou de outra. Elas crescem e passam a vida à procura do seu “felizes para sempre”, à procura do seu príncipe encantado e do amor eterno.

Algumas vão dizer *“Mentira! Eu não acredito nessa babaquice. Eu não preciso de homem. Eu não quero nada disso. Eu estou muito bem sozinha”*. No entanto, no fundo, bem lá fundo, todas as meninas sonham com o amor verdadeiro. Com o homem que virá em seu cavalo branco para salvá-la de seus problemas, então, amá-la e cuidá-la. — *Não necessariamente em um cavalo branco, mas vocês entenderam a analogia.* — Aquele homem que só terá olhos para ela. Aquele homem que a levará para o mundo mágico do “Viveram felizes para sempre”. Metaforicamente falando, é claro. A prova disso, é que você está aqui, lendo a minha história e, com certeza, curiosa para conhecer o meu príncipe.

E que menina, em sua infância, nunca sonhou em colocar um vestido lindo de princesa, uma tiara de diamantes, morar em um castelo e ser aclamada e reverenciada por todos? Pelo menos em algum momento, esse sonho passou por sua cabeça. Confesse!

Porque é assim que as coisas funcionam nos contos de fadas. Os reis são pessoas nobres e doces que têm uma linda filha. Essa linda filha sofre na mão de uma vilã invejosa

e cruel, até que, então, o príncipe aparece para salvá-la. E eles, então, apaixonados, se casam e vivem felizes para sempre.

Bem, foda-se os contos de fadas e seus autores!

Eles não existem. Eles são pura enganação. Eles não deveriam iludir as menininhas achando que a Realeza é linda, glamorosa, bondosa e generosa. Isso é uma grande fodida mentira!

Querem saber a verdade?

A Realeza é podre.

A Realeza engana.

A Realeza mata.

A Realeza é falsa.

Os Príncipes são arrogantes, egocêntricos, mimados e preconceituosos. Se sentem deuses superiores ao resto do mundo. Além de engomadinhos imprestáveis que não sabem nem ao menos como usar o seu próprio pau sem a ajuda de seus empregados.

As Princesas são umas cadelas filistinas¹, mesquinhas e cruéis.

Os Nobres são uns puxa-sacos, moralistas e hipócritas. Se fazem de cultos, de classe, mas por trás não passam de porcos ambiciosos, desprezíveis e pervertidos.

Já na Família Real...

A Rainha é uma vadia egoísta que só pensa em riqueza, poder, aparências e transar com seus “servos”.

O Rei, bem, ele sim é um bom rei. Ele é bondoso, generoso, um grande pai, um grande marido, e um líder para o seu povo. Todos o respeitam. Ele conquistou esse respeito. No entanto, é condescendente demais, ingênuo demais. Nesse mundo de abutres, ele é devorado por todos e nem ao menos percebe.

O Príncipe Herdeiro é uma mistura do Rei e da Rainha. Um grande homem, de bom coração, como o Rei, mas com uma veia dura e controladora como a Rainha.

O Príncipe mais novo, é um boêmio, festeiro, um playboy que odeia monarquia e suas hipocrisias. Festas, bares, drogas, mulheres. É tudo o que lhe importa.

Já a Princesa, a caçula..., Bem, ela está cansada desse mundo. Ela não suporta a sua família, as pessoas ao seu redor, os empregados que sorriem apenas porque são obrigados. — Por trás devem chamá-la de cadela mimada. — Ela não suporta a bajulação das pessoas, a cobrança, as ofensas. Ela não tolera o fato de não poder ser ela mesma, e ter que viver o papel de “Princesa Perfeita”, simplesmente porque era isso que o mundo esperava dela.

Ela tentou quando ainda era uma menina... Ela tentou ser a princesa dos contos de fadas. Mas com os anos, a realidade a alcançou, então, ela descobriu que a fantasia não existe. Ela descobriu que as pessoas mentem, enganam, fingem, usam, traem.

Ela cansou.

Ela cresceu.

Ela fez o que a maioria das pessoas não têm coragem de fazer ou dizer aos membros da Família Real e seus seguidores. Ela mandou todos se foderem!

Ela... Sou eu. *Eerika Joan Bouchier*.

Mais conhecida como a *Princesa de Cambridge*.

A Princesa da Inglaterra.



RIKA

Glamour a minha bunda!

Não existe nada de glamour em ter pessoas entrando e saindo do seu quarto a todo momento, invadindo sua privacidade. Te dizendo a que horas acordar, o que vestir, o que tem que fazer, como agir, como falar. Controlando todos os aspectos da sua vida. Aliás, que vida? Quando se é da Família Real, você não tem vida. Que pena para eles, pois eu não era uma cadela adestrada e não tinha vocação para seguir ordens.

— Vossa Alteza, a Rainha aguarda sua presença na Sala de Estado — disse Janet Moss, a assistente pessoal da Rainha. (Ou como eu a definia: “Sua cachorrinha de estimação.”)

— Diga a Rainha que ela pode continuar aguardando ou ir arrumar outro pobre coitado para perturbar. — eu balbuciei, jogada na cama de bruços, a voz sonolenta de sono.

— Princesa, talvez eu não tenha sido clara. A Rainha *exige* sua presença imediatamente.

Rosnando de raiva, tirei meu rosto do travesseiro, sentei-me sobre a cama e joguei meus cabelos rebeldes e emaranhados para fora do meu rosto. A encarei furiosa, não me importando com o estado deplorável ao qual eu deveria parecer.

Não que fosse ficar surpresa.

Era mais como uma rotina para mim.

— Srta. Moss, talvez eu não tenha sido clara. Saia da porra do meu quarto antes que eu te faça sair rolando! — grunhi.

Janet, como sempre, não se abalou com meu tom e grosseria.

Os empregados da Família Real pareciam uns robôs malditos.

Irritante.

Ela assentiu com a cabeça, mas ainda assim insistiu.

— Alteza, sugiro que atenda o chamado da Rainha. O assunto parece grave.

Sendo assim, Janet fez uma reverência e saiu do quarto, deixando-me com uma dor de cabeça pior do que já estava.

Massageei minhas têmporas tentando aliviar a dor.

Bufei.

A noite passada era um borrão. Depois do terceiro *shot*² de Tequila, eu não me lembrava de mais nada.

Eu sei que cheguei em Berlim. Em que momento voltei para Londres era uma incógnita. Talvez, meu irmão Henryk pudesse me dizer.

*Nah.*³

O mais provável é que estivesse em um estado muito mais deplorável do que o meu.

Criando coragem, me levantei da cama. Mas, imediatamente, fiquei tonta e caí sobre o colchão novamente.

— Merda! — resmunguei.

Alcançando meu criado mudo, peguei a aspirina deixada para mim por uma das empregadas, — *Como eu disse... rotina.* — e joguei dentro do copo com água para dissolver, bebendo em seguida. Quando me senti melhor, levantei, tomei banho, sequei o cabelo e vesti um camisão da *GAP* vermelho e botas *Over the Knee Sophia Webster* camurça preta com salto. Fiz a maquiagem, tentando, inutilmente, esconder as olheiras. Por último, coloquei meus óculos espelhados, pretos e redondos Dior. — *O meu melhor amigo em manhãs de ressaca.*

Andei pelos longos corredores do palácio até chegar à Sala de Estado do Rei. Era onde meu pai trabalhava na maioria das vezes, quando estava em casa. Lugar que minha mãe “roubava” sempre que o Rei viajava, para brincar de “Senhora Autoridade”.

— Pronto, já estou aqui! — falei com tédio explícito ao adentrar a sala.

Charlotte Bouchier, a Rainha da Inglaterra, e, também, infelizmente, minha mãe, estava de pé, conversando com meu irmão mais velho Gabriel, o Príncipe Herdeiro.

— Algum dia irá aprender a ter modos, Eerika? — recriminou a Rainha, mas mantendo o tom de voz nivelado. Nunca perdendo a classe.

Classe de vadia dissimulada.

— Mãe, esse não é o momento — disse Gabriel, sério.

Meu irmão estava sempre sério, então não era uma novidade esse comportamento. No entanto, eu o conhecia muito bem para saber quando algo o preocupava. E alguma coisa, definitivamente, o preocupava.

— O que aconteceu? — perguntei, encarando Gabriel.

Ele desviou o olhar, encarando o chão enquanto colocava as mãos nos bolsos de sua calça social.

Definitivamente, algo estava errado.

— Onde está o seu irmão, Eerika? — perguntou a minha mãe.

Rolei os olhos com tédio ao me jogar no sofá.

— Como eu vou saber? Não sou babá dele. Mande um de seus assistentes ir procurá-lo.

Gabriel se aproximou da janela, cruzou os braços e encarou o imenso jardim, pensativo. Prendi minha atenção nele.

— Gabe, o que está acontecendo? — perguntei outra vez, preocupada.

A Rainha tomou a frente para responder, mas Gabriel se virou para ela, com a mão erguida, pedindo que não prosseguisse.

— Deixe que eu falo. — Pediu ele, sua voz neutra e serena. — Não é por nada, mas sutileza não é uma de suas virtudes, mãe. — alfinetou ele.

Ela devolveu a acusação com um rápido olhar frio, mas prontamente se recuperou, voltando a manter sua máscara superioridade.

— Tudo bem. Diga a ela. — concordou a Rainha.

Gabriel me olhou com o mesmo olhar receoso de quando me contou que estava se juntando as Forças Armadas e que ficaria longe por um tempo.

Prendi a respiração, esperando a bomba explodir.

— É o nosso pai, Rika. — Eu congelei. — Ele se sentiu mal durante sua viagem para Copenhague.

Saltei do sofá. Meus olhos alarmados e assustados fixos em Gabriel. Antes que eu pudesse perguntar como o papai estava, Henryk entrou.

— Desculpe a demora. Qual é a urgência? — ele perguntou, terminando de ajeitar o seu blazer, e com a feição tão amarrotada quanto a minha.

— O papai... Algo aconteceu com o papai! — eu disse exasperada.

Henryk imediatamente tirou sua atenção de sua roupa e encarou nosso irmão mais velho com preocupação no olhar.

— Como ele está? — perguntou ao caminhar em passos largos e apressados até parar

ao meu lado. Eu segurei sua mão, necessitando do seu apoio para ouvir o que Gabriel tinha a dizer.

— Eu não vou mentir. Ele não está nada bem. Teve um infarto. Ele foi tratado na Dinamarca, em sigilo, pelos médicos da Família Real, a quem ele foi visitar, e, agora, o estão movendo para Londres. Mas seu estado ainda é muito delicado.

— Tratado? Há quanto tempo isso aconteceu, Gabriel? — perguntei sentindo uma queimação irradiar meu corpo. Meus olhos o fitaram com acusação e angústia.

Gabe me deu um olhar impositor e impenetrável, então ergueu a postura e o queixo.

Ele parecia tanto com o nosso pai.

Gabriel foi preparado para ser rei durante toda a sua vida. Vendo-o parado em sua postura Real naquele momento, eu soube que ele estava pronto para cumprir o seu destino. Ainda assim, bem no fundo dos seus olhos claros, por um curto segundo de tempo, vi uma faísca de medo e insegurança. Não que ele fosse assumir ou demonstrar fraqueza a ninguém. Ele era o futuro Rei da Inglaterra, ele não foi preparado para fraquejar ou agir de acordo com suas emoções. Ele não podia se dar ao luxo de se desesperar pelo nosso pai como Henryk e eu “podíamos”. Só eu sabia como Gabe estava se sentindo naquele momento porque o conhecia como ninguém. Nem nossa mãe notava. Mas até aí, ela era desprovida de sentimentos, então...

— Quatro dias. — ele respondeu.

— E você sabia? — perguntou Henryk, perdendo a calma e dando um passo em direção a Gabriel.

Henryk era conhecido pelo seu temperamento explosivo. Assim como eu. Éramos bem parecidos em vários aspectos.

Apertei sua mão, tentando tranquilizá-lo.

— Sim. — respondeu Gabriel, simplesmente.

— E, por que só estamos sabendo disso agora, porra? — Henryk gritou.

— Porque eu ordenei — disse a Rainha com autoridade e indiferença, caminhando pela sala, se aproximando de nós. Os saltos de seus sapatos caros fizeram o meu corpo estremecer. Não de medo, pelo menos não mais. Era desprezo. Nossa mãe irradiava energias negativas.

Gabriel se calou.

Eu me virei para a *Cruella De Vill*.

— Você não tinha esse direito! — falei, jorrando raiva e desprezo no olhar. — Ele é nosso pai!

— E também o Rei da Inglaterra, querida! — Seu tom era de falsa empatia. O tom pacífico, como se estivesse comentando sobre o clima. — Além disso, o seu pai não queria que vocês soubessem de nada. Não queria preocupá-los. E, principalmente, precisávamos manter tudo em sigilo, sem a imprensa envolvida.

Soltei uma risada descrente e neguei com a cabeça. Foi a vez de Henryk de segurar

minha mão e me puxar para mais perto dele. Ele me conhecia bem para saber que faltava pouco para eu pular no pescoço dela.

Deslizei o olhar para Gabriel, esperando que ele se explicasse. Palavras não saíram de sua boca, mas o brilho em seus olhos dizia: “Desculpe, irmãzinha!”.

Foda-se.

Voltando minha atenção para a Rainha, dei um passo ameaçador em sua direção. Ryk não largou minha mão. Eu agradei. Não seria bonito se me pegassem arrancando os cabelos de minha própria mãe.

— Claro! A Monarquia. O Trono. A Coroa. É tudo que te importa. Não a saúde do nosso pai. — Cuspi as palavras com raiva. O tom da voz se elevando.

— Não fale assim comigo, Eerika. Eu sou a sua mãe. — ordenou Charlotte, claramente insultada.

Como sempre, ignorei seus dramas.

— Impressionante como você só se lembra de que é nossa mãe em momentos que lhe convém. — Debochei. — Foda-se a monarquia, a coroa, o trono. Foda-se a imprensa, as aparências. Christian Alexander Bouchier II é o nosso pai antes de ser o maldito Rei da Inglaterra. E você, *Vossa Majestade*, — Ironizei com desprezo. — não ouse esconder mais qualquer informação sobre o estado de saúde do meu pai, ou manipular Gabriel para que faça as suas estúpidas vontades, ou eu mesma farei com que a Inglaterra inteira saiba o que está acontecendo! E como sua Rainha, que está tão preocupada com a saúde de seu marido, passa suas noites... Na Fashion Week de Paris e comparecendo à bales, tão disposta e alegre, enquanto o Rei está na porra de uma cama, sofrendo!

Não percebi que gritava até que Gabriel deu um passo em minha direção e pediu calma. Henryk, no entanto, havia soltado minha mão, e agora estava sentado no sofá, nos observando, como se esperasse que eu finalmente avançasse e partisse para cima da cadela da nossa mãe.

A Rainha deixando sua máscara cair, me encarou com uma crueldade que nenhuma mãe deveria olhar para um filho. Eu já estava acostumada e imune, no entanto. Henryk também. Já Gabriel, era o seu preferido. Claro, ele seria o futuro Rei, e ela o queria em suas mãos. Charlotte abriu a boca, e eu sabia que insultos e humilhações estavam por vir. Não lhe dei esse gosto.

— Você pode estar coberta de joias e vestidos caros; com o seu cabelo perfeito; usando uma maquiagem que esconde sua verdadeira face, mãe. Mas seus olhos não escondem a podridão da sua alma. — Respirei fundo, não deixando minhas emoções me dominarem. Não deixando as lágrimas avançarem. — O papai merece *muito* mais. A Inglaterra merece *muito* mais.

Dito isso, caminhei a passos largos para fora da sala, meus saltos batendo cruelmente sobre o piso. Pude ouvir os gritos raivosos de Charlotte, suas demandas, suas ofensas enquanto meus irmãos me defendiam. Mas seus dramas não me importavam naquele momento. Tudo o que eu podia pensar era em meu pai, e em como ele estava.

Sem esperar, marchei para o escritório do Chefe de Segurança do Rei para obter mais

informações sobre sua chegada à Londres. Eu só esperava que não fosse tarde demais, porque eu tinha um forte pressentimento e um aperto em meu peito, me dizendo que ele não estaria aqui, conosco, por muito mais tempo.

ENTRÊS

JAKE

Eu nunca fui bom com despedidas.

De todos os tipos.

A morte era a pior delas.

Eu não sabia como lidar. Eu não sabia o que dizer. Eu não sabia como agir.

Perdi muitas pessoas importantes no decorrer de minha vida. E aprendi a não chorar, a não sentir, a guardar e esconder bem no fundo toda a dor.

Estar sentado à beira da cama do Rei da Inglaterra quando ele vivia os seus últimos momentos de vida e me olhava com carinho, como se eu fosse o seu próprio filho, estava abrindo feridas passadas que jamais cicatrizaram.

O Rei Christian era um homem admirável. Um homem que o mundo idolatrava e respeitava. Um homem que colocava sua pátria e sua família acima de tudo. Um homem justo e solidário que não sabia o que era deslealdade, o que o tornava até um pouco ingênuo.

Ele havia conquistado a minha confiança desde que me estendeu a mão quando eu ainda era um garoto e mais precisei de apoio. Eu não confiava com facilidade, por isso, o Rei estava em um patamar inalcançável para mim. Eu tinha uma dívida com ele que jamais poderia pagar.

— Filho, obrigado por me trazer para casa — disse Christian, o Rei. Sua voz era fraca e melancólica.

Seu peito subia e descia pesadamente. As tosse estavam cada vez mais frequentes e fortes mostrando o quão fraco ele estava.

— Eu só fiz o meu trabalho, Majestade — respondi, tentando manter o tom profissional.

Ele sorriu. Sua cabeça tombada para o lado direito enquanto me olhava.

— Não, Jake. Nós dois sabemos que só estou em casa, ainda vivo, e a tempo de ver os meus filhos, porque você entrevistou e tomou a frente. — Ele deu uma pausa e um tapinha nas costas da minha mão sobre o colchão. — Você me lembrou muito o seu pai nesses últimos dias. Ele estaria orgulhoso, Jake. — Engoli o nó que se formava em minha garganta. — Ele sempre fazia o que era certo, mesmo que tivesse que passar por cima das ordens de qualquer outra pessoa, incluindo as minhas, muitas vezes. Ele tinha uma intuição e um talento que nunca vi antes em nenhum dos homens da Coroa. Ele era muito bom em seu trabalho, e eu vejo esse mesmo talento em você. — O Rei tossiu, antes de continuar. — Ele sempre me confrontava se eu estivesse errado. Uma das poucas pessoas que tinham a coragem de mandar o Rei se foder. — Ele riu e tossiu outra vez.

Eu sorri enquanto lhe dava um pouco de água.

O Rei Christian tinha razão.

Meu pai não se importava com nada a não ser os seus princípios e seu senso de justiça. Ele jamais faria algo que fosse contra o que ele acreditava. Meu pai era leal, muito bom em seu trabalho e servia com muita honra a Inglaterra e seu Rei. Mas nunca agia feito um fantoche. Algo que me ensinou desde cedo. *“Respeite a si mesmo antes de tudo, Jake! Confie primeiro em você e sua intuição! Mesmo que o mundo esteja contra.”*, ele sempre me dizia.

— Seu pai e eu fomos amigos desde crianças, você sabe, não é? — eu assenti. — Bem, ele era a única pessoa que eu confiava nesse mundo. Ele era meu melhor amigo. E, foi por isso, que quando me tornei Rei, o coloquei como o meu Chefe de Segurança. Não havia ninguém que eu confiasse a segurança da minha família e a minha própria, além do seu pai.

Eu conhecia bem toda a trajetória dos dois. Meu pai me contava quando eu era criança. Eles eram como irmãos. O meu avô foi o Chefe de Segurança da Família Real, — Havia se tornado tradição da Família Price, servir a Família Real — então meu pai foi praticamente criado no palácio. Assim, os dois cresceram juntos e se tornaram inseparáveis. E mesmo depois que meu pai morreu, o Rei Christian manteve sua lealdade e tomou conta de mim como se eu fosse o seu filho. E fez tudo o que pôde para suprir a falta do meu pai. Eu sei que só não fez mais porque sua esposa, a Rainha, não permitia. Ela não gostava de mim. Assim como nunca gostou do meu pai.

— Em nome dessa amizade, da confiança e lealdade que a Família Real tem com a Família Price, eu quero te pedir um enorme e muito importante favor — disse o Rei, os olhos focados e, agora, sérios em minha direção. Ele me mirava como se estivesse se preparando para me contar um segredo.

Fiquei em alerta e preocupado por suas palavras e pela intensidade do seu olhar, mas mantive o meu profissionalismo, e apenas assenti.

— O que desejar, Majestade — falei.

Ele apertou minha mão, com toda a sua força... Força que já quase não existia.

— Eu preciso que proteja os meus filhos. — ele suspirou. Era impossível não notar, o pesar e o medo em sua voz. — Gabriel é seu melhor amigo. Você será designado como o seu guarda-costas assim que eu... me for. — Eu queria retrucá-lo e dizer-lhe que ele não iria à lugar nenhum, mas mantive minhas emoções e sentimentos trancados. Afinal, a quem eu estava enganando? Ele estava muito mal. — Gabe precisará de você mais do que nunca assim que vestir a Coroa. — Concordei, tentando tranquilizá-lo. — Não o deixe seguir o caminho errado, Jake. Não o deixe ser manipulado por sua mãe, a Rainha, assim como eu fui. Gabe é mais forte do que eu. Sempre o lembre disso. Lembre a ele que a família vem sempre em primeiro lugar, e que sua obrigação, primeiramente, é com seus irmãos, sempre, e em seguida com o seu país — assenti, tentando manter minhas emoções em segundo plano.

— Ele está preparado para assumir o trono, Majestade — falei.

O Rei concordou com a cabeça. Seus olhos abriam e fechavam, tornando-se pesados. Ele estava cansado. Mas eu sabia que isso era importante para ele, então não o interrompi.

— Ele está. Mas sua responsabilidade será imensa. Sua vida mudará de um dia para o outro e ele precisará de um suporte até se encontrar. Ele precisará do seu apoio, Jake. Dos seus conselhos, sua segurança e principalmente dos seus olhos e sua intuição. Muitas pessoas querem nos destruir, e com todas as obrigações jogadas de uma só vez em seus ombros, Gabe pode não ver quando tentarem atacá-lo pelas costas. Como eu não vi. — Seu olhar entristeceu. Alguém o traiu, eu entendi de imediato.

O Rei tossiu.

Eu lhe dei mais um pouco de água.

Quando se sentiu melhor, continuou.

— Quanto a Henryk... Eu tenho medo de ele não saber lidar com a minha morte e se autodestruir. Gabriel tentará mantê-lo na linha, mas ele não estará por perto com a frequência que gostaria, por isso precisará da sua ajuda. Além disso, Ryk pode ser um tanto quanto... Difícil de controlar. — Ele deu uma risadinha. Eu o acompanhei.

O Rei estava certo. Henryk era uma pessoa muito difícil. Ele era temperamental, arisco, selvagem, desconfiado. Grosseiro, muitas vezes. Ele me lembrava um pouco de mim quando mais novo. O antigo Jacob. O JP que já não existia.

Eu nem me perguntei do porquê de o Rei Christian não estar falando sobre isso com a mãe dos seus filhos, porque eu conhecia aquela mulher... Muito mais do que gostaria. Ela não se importava com eles, com ninguém, na verdade. Apenas com o poder, o seu título, a porra da monarquia. Eu não duvidava que ela não derramaria uma lágrima quando o seu marido se fosse. A não ser, claro, se tiverem câmeras filmando-a.

— Agora, a minha menina.. — Os olhos do Rei brilharam quando me fitaram como

se pudesse ver através de mim.

Eu congelei naquele mesmo instante.

— Ela é a que mais precisará de você, Jake. E eu *preciso* de você para cuidá-la e principalmente protegê-la. Ela parece forte, cheia de si, destemida e indiferente a tudo ao seu redor... Mas no fundo, ela está apenas sofrendo. Cheia de tanta dor, raiva, solidão que a consome por dentro. — ele suspirou. — Não sei por que estou lhe dizendo isso. Você a conhece melhor do que ninguém, mais do que seus próprios pais. — Seu tom era de culpa e arrependimento.

Sim, eu conhecia.

Meu peito apertou, e de repente, ficou difícil respirar.

— Charlotte é a principal culpada. — Explicou com desdém. — Ela nunca se importou com a filha. Sempre competiu com ela como se Eerika fosse sua rival. Como se invejasse sua própria garotinha. — Ela invejava. Eu sabia. — Charlotte nunca lhe deu carinho, incentivo. Sempre tentando derrubá-la e machucá-la. Rika cresceu achando que não era digna o suficiente. Que de alguma maneira, ela tinha falhado como filha. E, eu.. — Sua voz embargou. — Eu estive muito ausente. Eu fui fraco. Eu vi acontecendo, e eu não lutei o suficiente pela minha filha. — Uma lágrima escorreu pelo seu rosto. — Ela merecia muito mais de seus pais. Nossos três filhos mereciam. Nós dois falhamos com eles.

Eu fiquei em silêncio, apenas o escutando porque concordava com ele em tudo. Eu vi de perto o que Charlotte fez com seus filhos, e como seu pai não teve pulso para enfrentá-la. Mas eu o respeitava demais para acusá-lo em voz alta.

De repente, a tosse voltou, mais forte, mais intensa. Ele se inclinou para o lado, e eu tentei ajudá-lo.

— Majestade, você precisa de repouso.

Ele me cortou com um aceno de mão antes de tossir mais algumas vezes e levar o lenço em sua boca, até poder voltar a falar.

— Não. Deixe-me terminar. Eu não tenho muito tempo.

Me calei e esperei que continuasse.

— Eu sei que o relacionamento seu com a minha filha não é mais o mesmo. Mas eu também sei que os sentimentos de vocês, um pelo outro, está vivo e acredito que até mais forte do que antes. — Eu me mexi incomodado com o assunto. Eu não gostava de falar sobre mim. Muito menos quando o assunto era Rika. — Vocês ainda se amam.

— Majestade, ela não... Ela. — suspirei sem saber como explicar que sua filha me odiava.

Ele me cortou.

— Eu não sou estúpido, garoto. Vejo como você não consegue tirar os olhos dela quando a vê. Como fica incomodado quando falam dela. Como agora... — Ele riu fraco. — E eu também vejo como ela te olha, mesmo tentando demonstrar indiferença. Posso ter sido uma merda de pai, mas ainda conheço minha garota.

— Ela me despreza — falei. — E com razão.

— Corta a besteira. Eu sei o seu segredo, garoto. — Pego de surpresa, meus olhos se arregalaram. Meu coração perdeu uma batida.

Merda.

Como ele descobriu?

— Não me olhe surpreso dessa maneira. Eu ainda sou o Rei da Inglaterra. Sei de tudo, caramba! — Ele tentou brincar.

Eu teria sorrido se não estivesse totalmente perturbado por descobrir que ele sabia de tudo. Não por minha causa, mas por ele. Eu não queria que ele jamais descobrisse.

— Eu fiz o que tinha que fazer, Majestade — falei.

Era a verdade.

Era o que eu tinha que fazer.

Por ela.

E faria tudo outra vez, se necessário.

Mesmo que me matasse por dentro.

— Sim, você fez. Infelizmente, eu não soube na época. Senão, teria te impedido. — Fiquei em silêncio. — Jake, quando eu me for, eu quero que você fique responsável pela segurança de Eerika. Você será o chefe da equipe de segurança da Princesa.

Ele soltou a bomba assim, do nada.

Franzi o cenho.

— Mas, Majestade... — Tentei retrucar.

— Ela precisa de você, Jake. Não apenas emocionalmente. Ela precisa de você para protegê-la. — ele suspirou, ficando um pouco agitado. — Há algo que você não sabe. Algo que não contei a ninguém e não pretendo contar para a segurança de todos. Você é a única pessoa que confidenciarei. Não confio em mais ninguém, nem mesmo na minha família. Além disso, não há outra pessoa mais capacitada para dar continuidade do que você, Jake.

Franzi a testa e o olhar duro e apreensivo, entrando automaticamente em modo profissional. Eu não era o garoto que ele ajudou a cuidar, agora. Eu era Jake Price, seu guarda-costas. O seu homem de confiança.

— Majestade, Eerika está sofrendo alguma ameaça?

— Ela é a Princesa da Inglaterra. Recebemos ameaças todos os dias. Mas há algo a mais. Algo muito sério e preocupante. — Ele estava agora impaciente e assustado.

Eu não tinha um pressentimento bom sobre isso.

Algo ruim estava por vir.

— Eu vou lhe contar, e, então, você irá me prometer que manterá Eerika a salvo, custe o que custar. Só assim poderei ir embora em paz.

Sem hesitar, concordei com a cabeça.

— Escute com muita atenção, filho.

Mesmo com dificuldades para falar, e tomando o seu tempo, o Rei Christian me contou o seu segredo.

Tentei não demonstrar o choque em meu rosto a cada palavra que saía de sua boca. De todas as coisas que passaram por minha cabeça essa, definitivamente, não era uma delas.

Isso era fodido.

Isso era *muito* fodido.

Eu podia dizer quando alguém estava mentindo, fantasiando, delirando. Eu podia ler através dos olhos, emoções, reações, expressão corporal. Eram algumas de minhas habilidades. Por isso, tive certeza que o Rei não estava delirando quando me soltou essa bomba.

Ele falava a sério.

O que fazia esse segredo mais fodido ainda.

O desespero e a tristeza nos olhos do Rei Christian foram o que me impediu de perder o controle, de ficar furioso. Meu olhar se tornou mortal, no entanto. Dessa vez não pude disfarçar.

Tive que encontrar o controle, entretanto. O Rei precisava de mim, naquele momento. O Jake Price. O soltado condecorado. O ex-agente da MI6. O profissional. Não o homem apaixonado por sua filha. O homem sofrendo por dentro por estar perdendo mais um pai. Porque era assim que eu o via, como um pai.

Não lhe restava muito tempo de vida, e a única coisa que eu poderia fazer por ele naquele momento era lhe passar segurança, e deixá-lo ir em paz, sabendo que eu cuidaria de sua filha... dos seus filhos.

Me contendo, respirei fundo algumas vezes e o deixei explicar tudo, nos mínimos detalhes. Eu fiz todas as perguntas necessárias e tentei tirar o maior número de informações possíveis para que pudesse chegar ao fundo desse “Segredo Real”. O Rei Christian estava confiando a mim algo que nem seus filhos sabiam. E eu faria até o impossível para cumprir a sua última vontade.

— Você não pode confiar em ninguém, Jake. Faça o que tem que fazer. Não se importe com ordens, com a Rainha, com ninguém. Siga os seus instintos e proteja a minha menina... Dela mesma se for necessário — eu assenti. — E tome muito... muito cuidado. Tem muita podridão nesse meu mundo. Se desconfiarem que você sabe de algo, ou que está investigando... Podem tentar acabar com a sua vida. *Não* deixe que desconfiem! — Ele forçou as palavras com autoridade, mesmo estando fraco.

Assenti obedientemente.

— Não se preocupe, Majestade. Sei o que estou fazendo. Confie em mim. Ninguém desconfiará de nada. Não pelo menos até que eu possa provar tudo isso.

Dobrar qualquer um não era um problema para mim. Esse foi o meu trabalho na MI6 durante anos, afinal. Apenas uma pessoa me preocupava ... A pessoa que me conhecia como ninguém. A única pessoa que era capaz de enxergar através de mim.

Eerika.

Ela não me ouviria. Ela não me suportava. Ela não iria querer me ver nem pintado de ouro. Ela era, simplesmente, a pessoa mais complicada da face da Terra. Seria difícil fazê-la cooperar comigo sem dizer-lhe a verdade. Uma verdade que nem eu sabia por inteiro ainda, e que ela não acreditaria sem os fatos. Mas eu estava disposto a fazer o impossível para protegê-la. Isso não estava em discussão. E eu sabia que foi por isso que o Rei Christian me designou essa última tarefa. Porque eu daria a minha vida por ela.

— Eu confio, garoto. — Ele sorriu, parecendo mais aliviado por dividir esse fardo e por saber que alguém estaria tomando a frente do problema, e que seus filhos não estariam sozinhos.

Eu só esperava não falhar.

O Rei descansou sua cabeça no travesseiro e fechou os olhos. Era como se ele tivesse passado todo o fardo para mim e agora estivesse leve. Ele estava confiando cegamente em mim, acima dos seus próprios filhos, com algo muito importante. E eu não estava falando do segredo, mas sim de sua filha. Isso aqueceu meu coração mais do que eu queria confessar.

Ele me via como um filho, assim como eu o via como um pai.

Uma lágrima ameaçou escorrer pelo meu rosto, mas rapidamente a enxuguei e me recompus. De qualquer maneira, senti a necessidade de lhe dar essas palavras, mesmo eu sabendo que ele já sabia.

— Eu vou proteger a Princesa com a minha vida se for preciso, Majestade. Ninguém irá machucá-la. E eu juro que pagarão muito caro por tudo.

Rei Christian sorriu satisfeito.

— Eu sabia que você diria isso. — Ele apertou minha mão, outra vez. — Sei que Eerika pode ser difícil de lidar. Sei que não será fácil. Mas você é a única pessoa que ela ouvirá. Mesmo que não pareça. Ela só está ferida, filho. Você precisa chegar até ela. Conquistar outra vez o seu coração e sua confiança. Minha menina te ama demais.

”Minha menina te ama demais.”

Meu sangue bombeou ao ouvir essas palavras.

Eu respirei fundo.

Falar era fácil.

Combater terroristas no Oriente Médio era bem menos complicado do que lidar com Rika. Mas eu a conhecia como ninguém. Sabia a que caminho percorrer. Ela não iria gostar, mas eu nunca fui condescendente com ela. Deixei-a em paz por muito tempo. Sua zona de conforto estava prestes a desmoronar.

Rika precisava ser pressionada.

Ela já era mimada o suficiente por todos ao seu redor, tirando sua mãe, claro. Comigo, Rika sabia que as coisas não funcionavam assim. Ela parecia ter esquecido, mas eu iria lembrá-la.

Ela iria me odiar. Mas até aí... Qual é a novidade?

Eu estava pouco me fodendo para as vontades da Princesa.

— Não se preocupe, Majestade. Eu sei como lidar com a sua filha. — o assegurei.

O Rei suspirou aliviado e voltou a fechar os olhos, cansado do esforço que tinha feito.

Antes que eu saísse do quarto, deixando-o sozinho, ele disse:

— Eu confio em você, Jake. E nunca se esqueça. Eu sempre te amei como um filho.

Essas foram as suas últimas palavras para mim.

E eu jamais as esqueceria.

Fechei a porta atrás de mim, e dessa vez, não impedi a lágrima de cair.



RIKA

Ninguém nunca está preparado para a morte.

Muito menos das pessoas que ama.

Quando vi meu pai deitado em sua cama, seu rosto pálido, seus lábios arroxeados e seus olhos dormentes, senti meu coração ser esmagado cruelmente.

Nem mesmo a presença de Jake, que eu não via há algum tempo, já que constantemente viajava com o meu pai, e que eu também tentava evitar como o inferno, desviou a minha atenção daquela cena.

Eu só queria fechar os olhos, voltar a dormir e fingir que nada disso estava acontecendo. Eu só queria que meu pai se levantasse dessa cama e dissesse que estava bem. Que foi apenas uma gripe, como aconteceu outras vezes.

Gabriel estava sentado à beira da cama, segurando sua mão, enquanto o papai conversava baixinho com ele. Sua voz era tão fraca que Henryk e eu, que estávamos um pouco mais afastados, no pé da cama, não conseguíamos ouvir.

Eu olhei para Jake, pela primeira vez desde que entrei no quarto. Ele estava na porta, a postura firme e ereta, as mãos uma sobre a outra na frente do seu corpo. Todo profissional como sempre. Seus óculos de sol me impediam de ver os seus olhos, o que era bom, mesmo que no fundo desejasse sentir o calor de seu olhar em mim, me confortando, me dando forças como ele fez tantas vezes no passado.

Ele não virou a cabeça em minha direção, no entanto. Mesmo sabendo que eu o estava observando... Ele sempre sabia. Sua postura continuou a mesma. Fria, impenetrável, seu rosto firme e reto, mirando o além. Ali, ele era apenas o Agente Price, o guarda-costas do meu pai. Doeu, mesmo que não devesse. Mesmo que eu tivesse tentado tirá-lo do quarto quando entrei porque não o queria tão próximo a mim quando estava tão vulnerável. O papai impediu, de qualquer maneira. Ele queria Jake ali com os seus filhos porque sempre o considerou seu filho também.

Eu não olhei em sua direção nenhuma vez, até aquele momento.

Eu não podia.

Eu não queria.

Não quando os sentimentos que lutei duramente para arrancar do meu peito, durante anos, ressurgiram tão bravamente no momento em que o vi, em um piscar de olhos. Meu estômago embrulhou e meu coração disparou em uma corrida parecendo que ia saltar do meu peito. Por isso era bom ele estar usando seus óculos de sol. Bastaria um olhar seu e eu desmontaria.

Eu estava sensível e vulnerável.

Não era para menos.

O meu pai estava morrendo e o homem que amei por tantos anos estava tão perto de mim, rachando toda a proteção que pus em meu coração anos atrás quando ele o destruiu.

Jake sempre foi capaz de me enfraquecer e me fortalecer ao mesmo tempo. E naquele momento, eu estava lutando, tentando permanecer forte diante da situação. Mascarando a dor entorpecente em meu coração. Mas a presença de Jake me desnudava.

Um olhar.

Apenas um olhar dele, eu estaria pronta para me jogar em seus braços implorando por consolo e proteção.

Eu odiava a intensidade desse sentimento. Eu detestava o quanto eu ainda o amava.

Eu o detestava, *ponto*.

Graças a Deus, Jake continuou a ignorar minha presença, mantendo sua pose profissional. Intocável. Impenetrável. Inalcançável.

— Rika, Ryk ... O papai quer falar com vocês — disse Gabriel, se afastando da cama, antes de dar um beijo carinhoso na testa dele.

Por mais forte e controlado que Gabe fosse, ele não conseguiu esconder as lágrimas que nublavam os seus olhos.

Ryk e eu nos aproximamos da cama.

Cada um se sentando em um lado da cama.

— Hey, papai. Como está se sentindo? — perguntou Henryk.

Papai sorriu fracamente.

— Estou bem, filho.

— Não, você não está! — eu disse em tom acusador, sentindo meu autocontrole fraquejar.

Papai me olhou. Seus olhos brilhando de emoção, amor e culpa?!

— Eu vou ficar em breve, querida. E, eu preciso que vocês sejam fortes.

— Eu não posso... Papai, você não pode me deixar. — Implorei. As lágrimas finalmente escorrendo pelo meu rosto. — Eu não posso ficar aqui sem você.

Ele me olhou com carinho. Sua mão cobrindo a minha.

— Você vai ficar bem, Rika. Vocês três irão. — Ele olhou, então, para Henryk e Gabriel.

— Pai, você vai ficar bem. Só precisa lutar. Não desista. — pediu Henryk.

Nós sabíamos que era uma mentira. O médico nos disse que nada mais poderia ser feito. Ele estava indo embora. E por mais que eu soubesse que não era sua culpa, e que eu não deveria me sentir assim, tudo o que eu podia era sentir raiva dele por estar nos abandonando.

— Não se preocupe, filho. Está tudo bem. — Ele sorriu. — Eu só preciso que vocês três me prometam uma coisa... — Ele tossiu algumas vezes. Henryk ergueu sua cabeça enquanto eu colocava o lenço em sua boca, ajudando a limpar o sangue que escorria. Minhas mãos tremeram quando vi a mancha vermelha no pano branco. Quando se sentiu capaz, papai continuou a falar. — Preciso que me prometam que não vão desistir de si mesmos. Que vão sempre procurar ser a melhor versão de si mesmos e que vão sempre proteger um ao outro. Não importa o que aconteça. Não importa quem intervenha... Permaneçam unidos. — Ele encarou principalmente Gabriel.

E eu entendi a mensagem. Ele não queria que nossa mãe o manipulasse agora que seria rei. Ele não queria que Gabriel fosse contra nós e a favor dela, ou a deixasse nos controlar... Como ele fez várias vezes.

Entendi também quando ele disse para procurarmos ser a melhor versão de nós mesmos. Isso foi para mim e Henryk.

Eu queria dizer que eu ficaria bem, que eu seria forte, mas eu não tinha tanta certeza. Eu olhei para Henryk e vi a mesma expressão insegura em seu olhar.

Gabriel, no entanto, foi o primeiro a dizer:

— Assim será, pai.

Quando Ryk e eu não dissemos nada, papai pressionou.

— Henryk, Eerika ... Me prometam. — Esse não era apenas nosso pai falando, era o Rei nos dando uma ordem.

— Nós prometemos, papai — eu disse.

— Sim, prometemos, pai. — concordou Henryk.

Papai suspirou e sorriu em paz.

— Gabriel... Seja o Rei que eu sei que você pode ser. Um muito melhor do que eu fui. Sempre siga o seu coração. Não se deixe levar pela pressão ao seu redor, pelos sussurros das pessoas. Siga conselhos de apenas aqueles que confia. E confie em seus instintos. Eu sei que te preparei bem. E eu sei que não importa onde esteja, terei muito orgulho de você! — Os olhos de Gabe brilharam, mas ele conseguiu impedir as lágrimas de caírem. Um aceno de cabeça foi tudo o que devolveu, mas eu sabia que as palavras de nosso pai significavam o mundo para ele. Assim como tranquilizou e ajudou a levar as inseguranças embora.

Gabe assentiu.

— E, meus filhos, não se esqueçam nunca ... Eu acredito em vocês. Eu amo vocês — Ele virou o rosto em direção a Jake que continuava guardando a porta, apesar de eu não poder vê-lo, por estar de costas — Fiz propositalmente, confesso. — Minhas palavras incluem você, Jake.

Eu não sei qual foi a reação de Jake, e eu não queria saber. Se ele fraquejasse em um só momento, eu não seria capaz de me manter em pé.

— Sejam felizes... Isso é tudo que desejo para vocês. A monarquia, o dinheiro, os títulos, status, nada disso é importante. Escolham sempre o amor sobre o poder.

Ele sorriu.

Ele lentamente fechou os olhos.

Por um instante eu pensei que estivesse apenas descansando pelo esforço que tinha feito, mas quando Gabriel o chamou e ele não respondeu, quando Henryk repetiu o chamado e não obtive nada mais do que o silêncio, senti meu coração afundar a cada segundo, minha cabeça girar e o desespero tomar conta de mim.

— Papai! — eu gritei, me ajoelhando sobre o colchão e chacoalhando-o pelo ombro. — Papai, fale comigo!! Não me deixe, por favor!! — gritei, outra vez, em meio às lágrimas que já nublavam meus olhos e umedeciam meu rosto.

A última coisa que me lembro, foram pessoas entrando no quarto, Henryk na extremidade da cama com lágrimas nos olhos e completamente em choque... E eu, que havia perdido o controle, ser segurada por braços de aço ao redor de mim, enquanto eu sentia meu corpo aos poucos desfalecer em meio aos meus gritos que ecoavam o quarto até tudo se tornar um borrão, uma escuridão que se instalou pelos próximos dois meses. Ainda assim, ouvi a voz *dele* em um sussurro em meu ouvido.

“Está tudo bem. Eu estou aqui.”



JAKE

DOIS MESES DEPOIS

Eu perdi as contas de quantas noites vi Eerika sair para festas, baladas, bares, depois voltar bêbada, alucinada pelo efeito das drogas, completamente desarrumada, com a maquiagem borrada e os cabelos emaranhados.

Isso estava acontecendo desde a morte do seu pai.

Antes, era algo regular.

Agora, era uma rotina quase que diária.

Se não fosse por sua mãe, a Rainha, a obrigar a cumprir seus compromissos reais e os seus dois atuais guarda-costas a conduzirem de volta para o palácio, eu tinha certeza que Eerika passaria dias fora, sem dar satisfação a ninguém. E sabe lá o perigo que poderia estar correndo.

Eu já estava impaciente para que Gabriel, ou melhor, o Rei Gabriel, me atribuísse como o novo e o *único* responsável pela segurança de Eerika. Um dos desejos do Rei Christian antes de morrer que eu pretendia cumprir. O Rei Christian também instruiu o seu filho a me intitular para o cargo assim que passasse a cerimônia de coroação. O que tinha acontecido há quase uma semana.

O Rei estava ocupado, eu sabia.

Ele tinha muitas coisas para fazer e aprender em pouco tempo. No entanto, esse assunto era urgente. Eu não podia mais esperar. Não confiava a segurança da Princesa a outro além de mim. Principalmente agora que sabia o perigo que podia estar correndo.

Durante esses dois meses, meus dias se basearam em proteger o novo Rei e descobrir tudo o que podia sobre o segredo que o falecido Rei Christian me confidenciou. — Além de, obviamente, passar minhas noites em claro pensando na mulher que amei praticamente minha vida inteira e que há anos perdi. Nada de novo nisso, no entanto.

Fazia um pouco menos de um ano que eu trabalhava para a Família Real.

Passei dois anos servindo a Marinha Real Britânica, e depois fui recrutado pela MI6 onde passei mais três anos. Até que o Rei Christian me procurou e quis que eu me juntasse à equipe de segurança da Família Real, sendo o seu guarda-costas pessoal.

Amigos que fiz na Marinha e na MI6 me perguntavam por que eu aceitei o trabalho. Não era do meu perfil ficar tão... parado. Eu precisava de ação, precisava estar em movimento, viajando. Não que a Realeza Britânica fosse pacata. Mas ficar seguindo o Rei para os seus compromissos, não era o que eu chamava de ação. Entretanto, no fundo, eu sabia qual era o verdadeiro motivo para eu ter voltado, apesar de negá-lo.

Princesa Eerika.

A garota que virou meu mundo desde que éramos jovens. A garota que me perseguia pelo castelo, onde eu passava uma boa parte do meu tempo por meu pai ser o Chefe de Segurança da Família Real. A garota que apesar de ser cinco anos mais nova do que eu, me chamou a atenção pelo brilho e a intensidade no olhar.

Eu era o melhor amigo de Gabriel desde que éramos garotos, o Rei Gabriel agora, então viajava com sua família a todos os lugares. A Rainha me odiava, mas o resto da família não. Eles eram como minha própria família, já que minha mãe havia falecido quando eu ainda era um bebê, e meu pai faleceu quando eu tinha dezesseis anos.

Eerika e eu tínhamos algo especial, eu sempre soube. Era como se uma força maior nos unisse, como se estivéssemos predestinados a estar juntos.

Eu não entendi isso no início. Na verdade, não entendi e não acreditei por muitos anos. Até que fui obrigado a deixá-la e foi como se meu coração tivesse sido rasgado impiedosamente, deixando-me oco por dentro.

Eu parei de sentir.

Eu deixei de viver.

Até que a vi novamente.

E, então, tudo voltou com a mesma força e intensidade ao qual foi arrancado de mim. Mas dessa vez, eu estava mais velho, mais esperto, mais experiente, e não a deixaria ir.

Ela era minha, e ninguém a tiraria de mim outra vez.

Nem mesmo, ela.

— Sr. Price, a Rainha deseja vê-lo — disse Janet, a assistente pessoal da Rainha, ao

abrir a porta de seus aposentos enquanto eu passava. A mulher me encarava como um robô maldito.

Sério, as pessoas desse palácio pareciam que tinham uma rolha enfiada em seus traseiros.

Rolei os olhos, porém controlei a vontade de bufar, antes de me virar e passar por Janet sem respondê-la. Entrei no coveiro da bruxa, digo... no imenso quarto luxuoso da mulher que mais me enojava no mundo.

Ela estava deitada na cama, vestindo uma camisola de seda da cor preta — Preto combinava com sua alma negra — e um penhoar por cima combinando. Suas pernas estavam sensualmente dobradas para cima. Ela me olhava com o aquele olhar de “Putá Real” que me dava asco.

Se a Inglaterra soubesse o tipo de Rainha que tinham...

Eu não a olhei diretamente, e agradei por estar usando meus óculos de sol aviador. Assim não teria que disfarçar meu olhar de desprezo. Ter as habilidades de um espião não era o suficiente para me fazer conseguir atuar com essa mulher.

— Você está mudado, Jake — ela disse, sua voz gotejando erotismo e veneno. Senti meu estômago embrulhar. — Eu tinha certeza que se tornaria um homem bonito, interessante, charmoso... misterioso. Você sempre teve uma nuvem sombria dentro de si que só fazia aumentar o seu encanto. — Eu quis vomitar. — Eu só não esperava que essa nuvem fosse crescer tanto em você. Que fosse se tornar um homem tão sério, fechado... frio. Longe do garoto rebelde e malcriado de antes. — ela sorriu. — Mas tenho que confessar, isso só o deixa ainda mais interessante.

“Você me fez o que eu sou hoje, vadia! Você arrancou toda a luz de dentro de mim quando me afastou de Eerika”. — Eu quis dizer. Não era o momento, entretanto. Ela era esperta, mas eu também.

Dois podem jogar esse jogo, cadela!

Me mantive em minha posição profissional, sem mexer um só músculo.

— Minha filha, com certeza, notou essa mudança.

E aí estava... A sua necessidade de competir com sua filha.

Charlotte manteve o sorriso venenoso.

— Que pena que ela seguiu em frente — disse em tom de falsa tristeza. — Eu não sei se você sabe, mas ela andou muito ocupada com o Lorde Sebastian nos últimos anos. Você se lembra dele, não?

Claro que eu me lembrava daquele filho da puta. Eu mantive um olho nele desde que descobri que Eerika estava saindo com ele.

Continuei sem mover um músculo, e não lhe dei o prazer de respondê-la.

Bater em uma mulher era errado. Bater em uma Rainha... Mais errado ainda.

Mas, hey... Um homem pode sonhar e fantasiar com o que quiser. E tudo que eu queria naquele momento era ter minhas mãos ao redor do pescoço dessa vadia, apertando-

o até ver o ar faltar e seu rosto adquirir um tom roxeado.

Eu me distraí perdido em minha fantasia, olhando fixamente para o seu pescoço, enquanto ela tagarelava.

Apenas momentos depois, uma pergunta atraiu minha atenção.

— Você sabe que eu quis você como meu novo guarda-costas? — perguntou ela, sem tirar a porra do sorriso do rosto.

Sem mais conseguir manter o silêncio, a provoquei.

— Claramente, não deu muito certo. Sinto muito! — Ironizei com um sorriso arrogante no rosto.

Charlotte sorriu.

Minha arma coçou em meu coldre, pedindo para eu usá-la e enfiar uma bala na testa dessa mulher. Eerika não aprovaria, no entanto. Afinal de tudo, ela era sua mãe. E matar um membro da Família Real acabaria com a minha vida, o que deixaria Eerika desprotegida... E longe de mim.

Não.

Meu foco era Eerika.

Apenas ela.

. — *Sinto muito?* — Ela gargalhou. — Você mente bem, Sr. Price. A MI6 fez um excelente trabalho com você.

Ela se levantou da cama.

Meus músculos tencionaram um pouco mais. Não que ela pudesse notar.

— Enfim, quero que me acompanhe em uma viagem. Ficaremos fora por alguns dias. Tenho compromissos em outras cidades. Esteja preparado amanhã de manhã.

Como é?

Meus óculos impediram que ela visse meu olhar de espanto e incredulidade.

Essa mulher estava louca ou o quê? Eu não era o seu maldito guarda-costas.

De maneira alguma eu viajaria com essa maluca, e nunca que deixaria Eerika sozinha. O falecido Rei Christian tinha seus motivos para desconfiar de todos ao seu redor, e eu não iria correr nenhum risco deixando-a desprotegida.

Só por cima do meu cadáver que eu passaria dias preso com essa mulher, principalmente em espaços pequenos como o jatinho da Família Real. Só se fosse para jogá-la de lá do alto.

E desde quando a Rainha dava satisfação a qualquer um dos empregados do palácio? Esses avisos eram dados ao Chefe de Segurança. Charlotte queria apenas uma desculpa para me trazer ao seu quarto. Eu a conhecia bem. Ela estava querendo me atormentar, querendo deixar claro que não me deixaria perto de Eerika, que iria fazer de tudo para nos atrapalhar... outra vez.

Não dessa vez, vadia!

Eu não sabia o que era pior... Aturar suas provocações ou suas insinuações sexuais.

Ela realmente pensava que poderia ter algo comigo?

Como era capaz de tentar levar o cara que sua filha amava para a cama?

Asqueroso.

Eu esperava que Eerika jamais soubesse disso. Eu não queria ver a dor em seus olhos ao descobrir do que sua mãe era capaz de fazer para vencer. Porque é o que a Rainha Charlotte queria. Vencer Eerika. Ela sempre invejou sua filha. Sua beleza, sua personalidade, sua força, seu encanto, sua sensualidade e a adoração que desempenhava em todos. Seu pai a adorava, seus irmãos a mimavam, os homens a queriam, a Inglaterra inteira a idolatrava, mesmo com seu estilo ousado e rebelde. Aliás, as meninas queriam ser como ela. Se vestir como ela. Eerika não era apenas uma Princesa. Ela era “a” Princesa. Além de parte da realeza, era uma celebridade mundial.

A Rainha não podia suportar que ninguém a superasse. Nem mesmo se essa pessoa fosse a sua própria filha.

Sem dar-lhe uma resposta, — A Rainha e suas loucuras não valiam o meu tempo. — Me virei e saí *literalmente* do inferno. Caminhei pelo corredor e chamei um dos seguranças novatos que estavam sendo treinados por mim.

— Prescott, o Rei está na Sala de Estado? — perguntei.

— Não, ele está na biblioteca, Senhor.

Agradei o garoto que voltou para o seu posto.

Eu precisava falar com o Gabriel imediatamente.

Nem fodendo ele permitiria que sua mãe me usasse assim. Além disso, já havia passado da hora de ele cumprir uma das últimas vontades de seu pai.

Ele teria que resolver essa situação ainda hoje.

Hoje, eu seria atribuído como o guarda-costas da Princesa Eerika.

Foi involuntário, mas um sorriso perverso se fez em meus lábios.

Boa sorte, Princesa...Você vai precisar.



RIKA

— Pela milésima vez, Henryk... Fique quieto! — Ordenei impaciente quando meu irmão afastou o rosto assim que sentiu a ardência do remédio que eu aplicava em sua mandíbula.

Henryk havia entrado em uma briga na noite passada em uma casa noturna que fomos em Londres.

Como sempre, ele estava bêbado e seduzindo as mulheres erradas. Desta vez, ele escolheu uma loira compromissada com um troglodita. O cara parecia esses lutadores de MMA.

Henryk era um idiota.

Nunca pense que você irá receber tratamento especial só porque é o Príncipe da Inglaterra. Em nosso mundo, na segurança de nosso palácio, éramos como deuses. No mundo real, éramos apenas mais um. Pior, éramos aqueles que muitos têm inveja, então, querem de propósito nos quebrar — literalmente no caso do meu irmão —, apenas pelo prazer de poder falar: “Cara, uma vez eu quebrei a cara do Príncipe!”, e ter o que contar para os amigos e familiares pelo resto de suas vidas.

Talvez, nos machucando, eles se sentissem melhores sobre si mesmos, e constataavam que não éramos tão intocáveis como parecíamos.

— Porra, isso arde! — Henryk resmungou.

Eu bufei.

— Então, da próxima vez, não leve um soco na cara. — Revirei os olhos.

Henryk me olhou com um sorriso travesso nos olhos.

— Hey, o outro cara terminou em pior estado. Você viu?!

Era verdade.

Para o azar do Sr. MMA, Henryk era lutador de *muay thai*. O que poucas pessoas sabiam. Propositalmente. Henryk gostava de esconder de todos. Adorava surpreender os caras quando pensavam que estavam batendo no rostinho bonito do Playboyzinho Real.

— Você precisa parar de arrumar brigas em todos os lugares em que vamos, Ryk. Está ficando cada vez mais difícil cobrir essas merdas da imprensa. Gabriel já está perdendo a paciência com você — eu disse.

Henryk sempre foi o mais temperamental de todos nós. Mas depois da morte do nosso pai, algo quebrou dentro dele, deixando-o muito pior. Era como se ele descontasse sua dor na violência... e sentisse prazer nisso.

— Me desculpa, Srta. Certinha, mas não foi você que rasgou o vestido de aniversário da Herdeira da Greer⁴ deixando-a seminua em sua própria festa de gala, com toda a nobreza, realza e os mais importantes nomes da alta sociedade europeia presentes e admirando a cena? — Henryk me olhou, rindo acusatoriamente. — Isso sem contar a imprensa presente que estampou o *ocorrído* nas capas dos tabloides por semanas. — ele continuou rindo.

Rolei os olhos.

— Eu estava entediada, okay? — me defendi. — Além disso, ela deveria me agradecer, já que virou notícia nas redes sociais e na imprensa, graças a mim. — Dei de ombros.

Henryk continuou rindo.

Voltei a limpar o seu ferimento, fazendo-o resmungar de dor.

Bem feito.

— Entediada, maninha? — ele sorriu quando terminei com o seu rosto e comecei a guardar as coisas na caixa de primeiros socorros. — Você se esqueceu com quem está falando? Te conheço melhor do que ninguém. A verdade é que você estava com ciúmes porque a garota estava dando em cima do seu guarda-costas favorito. — Henryk provocou, levantando-se da cama e indo até uma cadeira próxima onde estava pendurada a sua camisa branca.

Eu me joguei em sua cama, abraçando um dos travesseiros enquanto ele a vestia.

— Em primeiro lugar, Jake não é meu guarda-costas favorito. Até porque ele não é o *meu* guarda-costas e sim de Gabriel... Graças a Deus! — exclamei. — Em segundo lugar, eu não dou a mínima para quem a Imogen dá em cima, ou com quem ela transa por aí. Eu apenas me irritei porque, como sempre, ela estava me provocando. Você sabe que aquela vadia me odeia, me inveja porque, infelizmente, ela não é e nunca será a Princesa da

Inglaterra. Não por falta de tentativas. — Dei de ombros. — Já que ela tentou dormir tanto com você quanto o Gabriel inúmeras vezes nos últimos anos — disse com sarcasmo.

— Hey, eu posso ser um príncipe filho da puta, mas eu não enfio meu pau em qualquer lugar — disse ele ao terminar de abotoar a camisa.

Enruguei o nariz em repulsa.

— Poupe-me, Ryk. A última coisa que eu quero saber é onde você enfia o seu pênis... Simplesmente nojento. — Fiz um som enojado com a voz. Henryk riu. — Mas fico feliz em saber que você não é tão estúpido.

— Eu não faria isso com você. Sei o quanto a Imogen te detesta... Mas... — Ele se jogou na cama ao meu lado, pegando outro travesseiro e colocando sobre o seu colo. — Isso não quer dizer que o seu atentado contra um vestido caro foi apenas por isso. Além do mais, eu não me lembro de ter citado o nome de Jake quando falei sobre o seu guarda-costas preferido. — ele sorriu vitorioso. — Nós dois sabemos que a volta dele a está incomodando.

Eu bufei.

Odiava quando armava pra mim.

— Por que diz isso? — Tentei soar indiferente.

— Porque você o evita em todos os lugares e momentos. Jake voltou há quase um ano já, e você nunca trocou uma só palavra com ele. As únicas vezes que os vi juntos foram quando.. — ele deu uma pausa ao continuar. Eu sabia do que se tratava. — Quando o nosso pai faleceu e Jake a segurou quando você desabou no quarto. E, depois, no enterro, quando ele foi prestar os seus sentimentos para você.

Eu brinquei com meus dedos, passando uns pelos outros, como sempre fazia quando estava nervosa ou não queria falar sobre algo.

Henryk pousou sua mão sobre a minha e entrelaçou nossos dedos.

— Eu sei que ele fez merda. Mas eu também sei que tê-lo perto a está afetando. Sei que você ainda o ama. Sei que o ver como o segurança pessoal de Gabriel a incomoda, porque mesmo que não queira aceitar, você o quer por perto. — Eu tentei negar, mas Henryk me cortou. — Eu sei também que ele ainda se importa com você, Rika. Eu vejo a maneira que ele te olha. O cara não consegue desviar o olhar cada vez que você entra em cena.

— Ele foi embora há anos, Ryk. Ele me deixou. Ele disse que eu não servia para ele. Que não me amava. Então, foi embora. — Tentei controlar as lágrimas. Eu não iria chorar por esse filho da puta nunca mais. Já havia feito isso durante anos. Me destruí por ele. Não mais. — Por que raios eu deveria dar-lhe alguma importância agora? — falei friamente.

Henryk beijou a lateral da minha cabeça.

Eu a descansei em seu ombro.

— Porque por mais que você tente, você dá importância. Você sempre deu. Desde que era nova que esse cara se tornou o seu mundo. Porra, eu vi, inúmeras vezes o quanto o sentimento de vocês era real. Mais do que isso. Era como se vocês tivessem nascidos um

para o outro. Predestinados a estarem juntos. A conexão era intensa demais. Era impossível não notar, Rika.

Eu suspirei.

Se fosse assim, ele não teria me deixado. Ele não teria suportado ficar sem mim, assim como não suportei ficar sem ele. Ele teria morrido por dentro como eu morri. Mas isso não aconteceu. Porque, como ele disse, eu não era para ele. Ele não me amava.

— Eu sei que Jake sempre foi seu amigo. Sei que você o tem como um irmão. Mas não adianta o que diga... Eu não acredito em nada disso, e eu não vou perdoá-lo *nunca*! — disse determinada.

Não que ele estivesse procurando o meu perdão, também.

Não que ele se importasse.

Henryk apertou minha mão firmemente, dando-me a proteção, compreensão e segurança de sempre.

— O fato de você não poder perdoá-lo, Rika... Só mostra o quanto ainda te dói... E o quanto ele ainda lhe importa.



JAKE

Caminhei pelos infinitos corredores do palácio até chegar à biblioteca.

Não seria nada fácil convencer Rika a me aceitar como seu novo guarda-costas — Não que ela tivesse uma opção — Agora, conseguir uns minutos para falar com a Vossa Majestade, o Rei Gabriel, é que havia se tornado uma missão quase impossível.

Seria difícil me acostumar com isso.

Gabe e eu tínhamos sido melhores amigos praticamente a vida inteira. Ele não era inacessível para mim. Agora, eu praticamente tinha que suplicar por alguns minutos. E nem era culpa dele, e sim, os seus malditos assessores idiotas que não me deixavam chegar perto dele. Aposto que Gabriel nem ao menos sabia que eu precisava falar com ele. Duvido que tenham lhe dado o recado. Até porque, o seu agora assistente e conselheiro não ia com a minha cara. — O sentimento era mútuo.

Sorte a minha que Gabriel era muito mais firme do que seu pai. Assim demonstrou quando adentrei a biblioteca onde ele conversava com Jeffrey Hayes, seu conselheiro idiota, e o despachou duramente quando o babaca tentou me tirar da sala.

Não controlei meu sorriso arrogante e vitorioso quando Hayes passou por mim com um olhar mortal, e em seguida saiu da biblioteca, fechando a porta dupla atrás de mim.

— Se não fosse por suas aparições públicas, eu ia pensar que tinham te sequestrado. — Brinquei caminhando pelo salão, na direção de Gabriel que estava próximo à uma das

paredes de livros.

Ele riu.

— Acho que essa é a primeira vez que consigo rir desde a coroação. Ou ao menos sorrir sem ter uma câmera na minha frente. — Ele bufou cansado. — Eu vou mandar chamar Rika para resolvermos a questão, imediatamente. É por isso que está aqui, certo? — disse Gabe caminhando até a mesa luxuosa de mogno e apertando um botão de comunicação para pedir que chamassem sua irmã. Logo Gabriel se virou para mim e abriu um sorriso provocador.

Ele pensava que eu estava louco para estar perto de Eerika. Mas a minha pressa tinha outros motivos. O pedido do Rei Christian e meu desespero em me livrar da depravada e venenosa Rainha.

Se eu queria estar perto de Rika outra vez? Muito mais do que eu jamais assumiria.

— Não é por isso. — Fingi indiferença.

Gabriel atravessou o salão e sentou em uma luxuosa poltrona. Ele descansou seu pé esquerdo em seu joelho direito.

— Claro, vamos fingir que o único motivo é o último desejo do meu pai. — Bufou.

Gabe passou a mão pelo rosto e recostou na almofada. Eu imaginava que essa deveria ser a primeira vez que ele poderia relaxar sem ter alguém na sua cola exigindo que ele atuasse como o Rei e não apenas Gabriel.

— Com todo o respeito, Vossa Majestade... Você está acabado! — falei com honestidade em tom de brincadeira.

Gabriel sorriu.

— Você sabe o que é não dormir por meses? — *Eu sabia muito bem.* — Bem, o resultado é esse. — Ele apontou para si mesmo. — O Rei da Inglaterra parecendo um zumbi de merda.

Foi minha vez de rir.

— Se cansar de toda essa mordomia e paparicos, pode sempre tentar um papel em *The Walking Dead* ⁵. — brinquei.

— Foda-se, idiota! — resmungou Gabe. — Mudando de assunto... Você está pronto para o que está por vir? Eerika não ficará nada satisfeita com as mudanças — disse com hesitação.

Dei um passo à frente, me sentindo um pouco impaciente.

— Eu estou preparado. Não se preocupe. Sei como lidar com a ira da sua irmã.

Gabe suspirou cansado.

— Espero que não tenha perdido o jeito e o seu charme, Jake. Minha irmã está cada vez mais difícil, e eu já não sei com quem me preocupo mais... Ela ou Henryk. Eu só sei que preciso de umas malditas férias.

Eu sorri.

— Agora que tomarei conta de Rika, você poderá focar apenas em Henryk. Sabe que pode confiar em mim. Eu sempre farei o que for melhor para ela, e a protegerei com minha vida. Além disso, eu sempre fui bom em mantê-la no bom caminho.

Gabriel revirou os olhos.

— Bom caminho? Você? — Ele riu com escárnio. — Sou seu melhor amigo, idiota. Não é porque me tornei rei que minha memória se foi. Ter minha irmã na garupa da sua Harley nunca foi uma das minhas coisas preferidas no mundo. Muito menos vê-la chegar em casa com o braço todo tatuado. Ou mesmo vendo-a passando noites fora de casa, curtindo a vida noturna de Londres ao seu lado.

— Culpado. — Eu reconheci com um sorriso no rosto, sem um pinga de remorso ou arrependimento.

Gabriel rolou os olhos e bufou.

— Tenho que confessar... Senti sua falta. Minha vida virou de ponta cabeça da noite para o dia. — Ele se mexeu na poltrona. — Eu sabia que esse dia chegaria, mas eu não esperava que tão cedo. Sinto falta da minha liberdade. Ter você de volta, por perto, faz com que eu não me esqueça de quem realmente sou.

Eu imaginava que não deveria estar sendo fácil para ele.

— Não se preocupe... Estarei por perto para te lembrar de seu passado obscuro e do quão idiota você sempre foi. — Sorri com falsa cordialidade.

Gabriel riu.

No segundo seguinte, os saltos poderosos de Eerika soaram sobre o assoalho.

Eu conhecia o seu andar. O som dos seus passos. A firmeza neles.

Porra, eu conhecia cada milímetro dessa garota mesmo depois de tantos anos.

— Sério, Gabe... Espero que seja importante porque de acordo com a Rainha Cadela, eu tenho uma agenda cheia hoje — disse Rika entrando no salão como uma verdadeira rainha e com seu olhar arrogante e cheio de tédio.

Merda.

Para o inferno, se isso não mexia comigo...

Eu sempre amei sua impertinência. Seu olhar selvagem. Sua audácia.

Essa garota era folgada, autoritária e, convenhamos, um pouco maluca.

E ela me tinha pelas minhas malditas bolas.

Eu amava descontrolá-la, tirar seu olhar superior e arrogante do rosto, fazê-la se submeter a mim. Eu amava como ela me olhava com tanta paixão e fogo, como não olhava para mais ninguém. Com raiva ou com amor... A reação era a mesma. Era sempre intenso e penetrava em minhas veias, incendiando-me por dentro.

Eu sempre pertenceria a ela. Assim como ela me pertencia. Eu só precisava lembrá-la disso. E dessa vez, nem a fodida Rainha da Inglaterra me impediria de reclamá-la.

— A Rainha pode esperar — disse Gabriel se levantando.

Senti os músculos de Eerika endurecerem ao notar minha presença. Ela sempre tinha a mesma reação. A mistura de raiva, frustração e tesão.

Sorri por dentro.

Fazê-la amolecer em meus braços não seria difícil. Fazer o seu coração amolecer e voltar a confiar em mim, aí era outros quinhentos. A garota era turrona. Mas eu podia dobrá-la. Eu sempre pude.

— Eu estou trocando a sua equipe de Segurança Pessoal. — explicou Gabriel. — Agora, Jake e seus homens que cuidarão de você.

Os olhos de Eerika se arregalaram tanto que eu tive que fazer o impossível para não sorrir com diversão. Se tocá-la era o meu Natal... Irritá-la era o meu Ano Novo.

— Você está brincando, né? — Sua voz se elevou involuntariamente em descrença.

Gabriel continuou sério encarando-a.

Rika cruzou os braços e confrontou-o devolvendo a dureza no olhar.

Eu fiquei ali, apenas me divertindo.

Eerika se parecia com Gabriel nesse ponto. Era interessante vê-los duelarem com o olhar de “Você vai fazer a porra que eu quero!”.

Rika normalmente ganhava, já que ela era o xodozinho dos seus irmãos e eles acabavam sempre fazendo a sua vontade. Mas Gabriel agora era o Rei, e quando ele também decidia algo, ninguém mudava a sua cabeça. Como eu disse... Ele era mais firme do que seu pai.

Gabriel foi o primeiro a quebrar o silêncio.

— Infelizmente, eu não tenho tido muito tempo para brincadeiras nos últimos meses. — ele debochou. — Então, não! Estou apenas lhe informando antes para que não fosse pega de surpresa e começasse a ter um ataque de histeria.

Eu podia jurar que ela rosnou de raiva.

Eu pousei a mão sobre minha boca, disfarçando a risada.

Adorável.

— Eu não o quero como meu guarda-costas! — ela disse furiosa.

Gabriel se manteve impassível.

— Desde quando você se importa com quem te protege, Rika? Te incomoda a presença de Jake? — disse Gabriel, erguendo uma sobrancelha, fazendo-se de sonso.

Ele era um manipulador filho da puta também. E sabia que a melhor forma de convencer a sua irmã, era tentar perfurar o seu orgulho imenso. Nada a incomodaria mais do que me deixar pensar que eu ainda tenho algum efeito sobre ela.

Era fofo que ela pensasse que pudesse me enganar.

— Eu não me importo.. — Rika tentou voltar atrás, limpando a garganta e dando de

ombros, quando percebeu que tinha se entregado, mas sua expressão corporal e a mudança em seu tom de voz a entregou por completo.

Tarde demais, Princesa.

— Ótimo, então está decidido — disse Gabriel. — Eu tenho uma reunião com o Primeiro Ministro daqui a pouco, preciso ir. Jake começará a partir de agora. Se você for sair para cumprir a sua agenda lotada, então ele e sua equipe a acompanhará.

Eerika pela primeira vez me olhou com fúria nos olhos.

Eu fingi indiferença e frieza, mas estava gargalhando por dentro.

Não perca o seu tempo, boneca.

— Não vejo necessidade para a mudança. Estou muito bem com o Sr. Bold. Não preciso de outra equipe de segurança. Nos damos muito bem e nos tornamos bem próximos nos últimos tempos.

— É Sr. Gold — disse Gabriel corrigindo-a.

Como eu queria rir...

Eerika rolou os olhos e deu de ombros.

— Tanto faz.

Minha garota não tinha mudado nem um pouco.

— Sim, claro! Primeiro, você não sabe o nome do seu próprio guarda-costas. Segundo, as inúmeras capas de tabloides onde você aparece por algum escândalo e que ele não conseguiu te impedir de cometer ou mesmo te proteger da imprensa, me diz que está na hora de trocá-lo, irmãzinha! Então, por favor, não torne isso mais difícil. Eu já tenho muito em minha cabeça ultimamente. Dê um pouco de paz ao seu irmão mais velho, sim?

Ele era chantagista também.

Gabriel continuava o mesmo. Apenas agora vestia uma coroa na cabeça e tinha grandes idiotas lambendo sua bunda a todo segundo.

Eerika o olhou querendo mandá-lo se foder. Ela conhecia bem o seu irmão e sabia que estava usando chantagem emocional para conseguir o que queria. Se ela tinha poder sobre os seus irmãos, eles também tinham sobre ela, infelizmente para ela. Era assim o quanto eles se amavam. A falta de amor e atenção de seus pais fez com que se aproximassem bastante.

— Não pode ser outra pessoa? — pediu Eerika, tentando sua última tática, soando mais como uma súplica.

Se ela soubesse o quanto eu estava me divertindo, daria um jeito para que me enviassem para a força.

Gabriel suspirou cansado e impaciente.

— Não Rika, não pode. Jake é a única pessoa em que confio a sua segurança. E assim como é a minha vontade que ele te proteja, era a do nosso pai.

A menção do Rei Christian mudou o jogo.

— Como você sabe? — perguntou ela.

— Porque foi um dos seus últimos desejos. Ele me pediu que Jake fosse atribuído a você assim que eu ocupasse o seu lugar.

Finalmente, aceitando sua derrota, os ombros de Rika cederam e ela assentiu... Ainda contrariada. Porém um pedido no leito de morte de seu pai, ela não negaria jamais.

Eu sorri por dentro, sentindo-me vitorioso.

Essa era minha primeira batalha, e eu a tinha vencido. Agora, estava a caminho de ganhar a guerra. O que não seria tão fácil. Mas longe de ser impossível.

Gabriel se levantou da poltrona e caminhou em direção a ampla porta dupla, passando por mim e Eerika. Ele parou diante dela durante o percurso.

— Vocês costumavam se dar muito bem pelo o que eu me lembro. Tenho certeza de que Jake será muito melhor do que o “Sr. Bold”. — ele brincou usando o nome que ela *achava* que era de seu guarda-costas. — Ao menos para mim ele será, porque tenho certeza que seu lindo rosto não aparecerá nos tabloides com tanta frequência mais — disse com ironia. — O que me deixará muito, mas muito feliz, maninha! — sorriu ardiloso antes de beijar-lhe a testa.

Rika o fulminou com o olhar.

Eu ainda ria internamente.

Gabriel continuava um filho da puta... Rei ou não.

Caminhando até a porta, ele se despediu de sua irmã, e deu algumas instruções a mim enquanto ela continuava parada, com os braços cruzados, olhando para um ponto fixo, os olhos furiosos e pensativos. Ao abrir a porta para sair, Rika soltou:

— Não se esqueça do Henryk, Gabe! ... Ele não tem um dos seus *capangas* para mantê-lo fora de problemas. Boa sorte com isso! — provocou ela, se virando e sorrindo desafiadoramente para o seu irmão mais velho.

Gabriel respirou fundo, tornando-se sério, perdendo o entusiasmo.

E aí estava a minha garota. Sempre dando a última palavra e a cartada final.

Gabriel saiu do salão derrotado enquanto Rika sorria com satisfação.

Ela odiava perder.

Ela dificilmente perdia.

Apenas para mim.

Que o jogo comece, Princesa.

Eerika me olhou com desinteresse e frieza antes, mas desviou rapidamente quando notou-me mirá-la com tamanha intensidade que a desconcertou. — *Ponto pra mim.* — Meu olhar a incomodava. A deixava desconfortável. Sempre foi assim. Eu planejava utilizar essa artimanha muito mais a partir de agora.

— Vamos, *bodyguard*⁶. Eu tenho um asilo e um orfanato para visitar. — Ela caminhou até a porta e foi saindo cheia de pose, sem olhar para trás. — Eu sorri pelas suas costas. Quando ela se virou para mim, me tornei sério, profissional e distante.

— Eu só preciso me trocar antes, me espere na porta do meu quarto. — Ordenou.

— Eu preciso de uma garrafa de uísque primeiro — disse em um sussurro para ela mesmo enquanto caminhava pelo corredor resmungando.

Eu a segui em silêncio, como me ordenou, mas divertindo-me por dentro.

Ah, isso seria interessante.

Rika sempre odiou esses compromissos, e ir sóbria a eles, não era uma opção. Não quando ela podia dar um vexame e irritar a sua mãe, deixando-a envergonhada perante o país e o mundo, e, assim, conseguir fazer com que não a obrigasse a ir novamente.

Infelizmente para ela, a Rainha não cedia.

Nunca.

E, isso, era a única coisa que as duas tinham em comum.

Eram determinadas e competitivas como o inferno, o que as deixavam em pé de guerra constantemente.

Eu a estudei caminhar... Linda, poderosa, sensual. Sua bunda perfeita que eu sempre amei admirar e tocar, balançando de um lado para o outro, torturando-me cruelmente. Seus lindos cabelos loiros e longos roçando suas costas.

Senti-me em casa outra vez.

Não tinha notado o quanto havia sentido falta, até agora.



RIKA

Eu não podia acreditar que Gabriel tinha feito isso comigo. Que meu pai tinha feito isso comigo. Passei o último ano inteiro tentando evitar qualquer tipo de contato com Jake, e agora ele seria a minha própria sombra?

Porra.

Eu estava furiosa.

Mais do que furiosa.

Eu estava frustrada.

Henryk tinha razão em tudo que disse. Eu ainda me importava. Ainda me doía. Era torturante vê-lo. Como eu seria capaz de lidar com sua presença sem mostrar a ele o quanto ainda me afetava?

Jake não merecia qualquer tipo de reação de mim. Ele não merecia um só olhar. E foi por isso que me controlei ao máximo para não explodir com Gabriel. Jake ficaria satisfeito em saber que ainda me afetava, e eu não lhe proporcionaria essa alegria. Ele já era arrogante e autoconfiante o suficiente. Eu não precisava inflar o seu ego um pouco mais. A melhor coisa que eu podia fazer era ser indiferente. Afinal, ele não passava de apenas um dos seguranças da família.

Mentira.

Ele era a minha luz.

Luz que se foi com ele anos atrás, deixando-me na completa escuridão.

Ele não precisava saber disso, no entanto. Apesar de meu coração estúpido me lembrar a cada segundo do dia. Foi o que eu pensei enquanto entornava o segundo copo de Jack, após destruir todo o meu closet irritada por não ter encontrado uma roupa que me agradasse — Pelo menos, esse foi o motivo que eu disse a mim mesma.

— Maldição! — rosnei, colocando a garrafa de Jack em cima da cômoda e voltando a jogar as roupas para o alto procurando algo para vestir.

Jake está a poucos metros.

Jake está do lado de fora da porta do seu quarto.

Jake está...

— AHHHHH! — gritei frustrada com as mãos na cabeça, dedos entre meus cabelos. — Maldito seja! — praguejei.

Eu não conseguia tirar esse idiota da cabeça. Ele estava perto demais. Eu precisava dele longe de mim... *Bem longe.*

— Princesa, precisamos sair em vinte minutos — disse Janet ao entrar no closet me dando um susto.

Eu me virei, encarando-a com fúria.

Putaquepariu... Será que eu não podia ter um pouco de privacidade nessa prisão maldita?

— Saia! — ordenei apontando o dedo na direção da porta.

Janet me ignorou e continuou falando seriamente, como o robô maldito que era.

— Princesa, a Rainha pediu para eu apressá-la. Temos que repassar a sua agenda, então...

Eu a cortei, não deixando-a terminar de falar, sentindo meu autocontrole desvanecer.

— Eu disse... SAIA! — gritei, pegando o copo de uísque e tacando na direção da porta.

Janet, me encarou a sobressalto, se virou e saiu do closet.

Eu sei que perdi o controle.

Culpo o Jack por isso.

Não, o Jack era meu amigo. Eu culpo o Jake por isso.

Caí esgotada no chão, a respiração descompassada, minha cabeça doendo. Passei... não sei quanto tempo, olhando para a montanha de roupas emboladas no chão, até ser capaz de me recompor e me reerguer.

Achei estranho Jake não ter entrado no quarto depois do meu ataque de fúria. Todos os meus guarda-costas anteriores teriam invadido o quarto com suas armas na mão, prontos para confrontar qualquer ameaça. No entanto, ninguém tinha aparecido.

Dei graças a Deus por isso.

Já mais controlada, escolhi uma roupa finalmente. Um vestido branco com faixas em ondas pretas, sem manga, cinturado e saia rodada. Sandálias pretas de salto fino. Fiz meu cabelo, deixando-o preso no alto em um coque perfeito. Peguei alguns anéis e pulseiras, coloquei-os. Quando tirei a pulseira banhada em prata e ouro com vários pingentes preenchendo-a, como corações, mini carruagem real, coroas, a palavra “Love” da minha gaveta de joias, me dei conta de que não poderia usá-la. Eu usei aquela pulseira em meu pulso todos os dias, durante todos os anos, desde que a ganhei. A pulseira não valia nem um terço comparado as minhas outras joias, mas era a mais valiosa para mim. Ela fazia parte de mim, como se estivesse tatuada em minha pele. Ela me dava forças. Ela era o meu amuleto. Mas eu não poderia usá-la naquele dia. Pelo simples fato de que foi um presente de Jake, e se eu a usasse, ele notaria, e, então, saberia que estava cravado em minha pele com a mesma intensidade de quando o vi pela primeira vez quando tinha dez anos de idade.

Com um aperto no coração, devolvi a pulseira à gaveta de joias.

Eu me senti fraca sem ele.

Me senti incapaz.

Mas eu tinha que fazer isso, e agora, só me restava uma maneira de conseguir forças o suficiente para encarar mais um dia como a perfeita Princesa Eerika.

Caminhei até meu quarto, fui até o canto da parede ao lado da porta, me ajoelhei e puxei um pedaço de madeira solto do rodapé. Tirei de lá um saco plástico com alguns comprimidos que guardava. Peguei dois e coloquei dentro de um pequeno estojo de maquiagem banhada a ouro que eu sempre carregava comigo, então guardei-a no bolso lateral do vestido junto do cantil de prata carregado de uísque.

Me levantei, ajeitei o vestido com a mão, respirei fundo e caminhei até a longa porta dupla. Automaticamente pousei a mão em minha cômoda e não encontrei o meu chaveiro. Foi quando me lembrei que o havia perdido fazia alguns meses e entrei em desespero na época. Esse chaveiro era outra parte de Jake. Tinha um significado enorme para mim por conta do motivo de ele ter me dado há vários anos. Era um chaveiro velho, mas eu realmente me desesperei por não o ter encontrado. O mais ridículo é que eu não carregava nenhuma chave nele. Eu não tinha chaves para carregar. Eu era uma princesa.

Suspirando frustrada deixei minha mão cair da cômoda e me preparei psicologicamente antes de chegar até a porta e girar a maçaneta.

É hora do show!

NOVE

JAKE

Eerika não me dirigiu a palavra em nenhum momento desde que saiu do seu quarto. Ela caminhou em toda a sua glória e soberbia Real pelos enormes corredores do palácio. Eu a segui silenciosamente logo atrás, acompanhado do meu aprendiz, o novato Prescott.

Quem não conhecia a Princesa, não notaria que ela estava tensa, furiosa e alcoolizada, mas eu a conhecia melhor do que ninguém, e por mais que fosse uma excelente atriz, eu sempre conseguia ver através dela.

Sua simpatia e grandes sorrisos enquanto passava cumprimentando os funcionários do palácio era fruto de sua embriaguez.

Não era a primeira vez que Eerika fazia isso, e eu sabia que não seria a última.

Ela odiava esses compromissos, odiava ter que fingir alegria, doçura perante as pessoas simplesmente porque sua mãe queria passar a imagem de que a Realeza era perfeita e maravilhosa.

Uma hipocrisia.

Rika odiava hipocrisia.

Antes de entrarmos na SUV, ela foi até o carro estacionado atrás, onde seu irmão Henryk estava de saída para cumprir os seus compromissos, mas em lugares diferentes aos dela. Notei Rika entregar algo na mão de Ryk quando ele pediu. Os dois riram e se

despediram antes de ela se virar para mim e seu sorriso morrer.

Eu odiava isso. Odiava que me olhasse assim... Como olhava para a maioria das pessoas. Esperando o pior delas, esperando que a traíam, a decepcionem, a machuquem. Poucas vezes, Rika sorria verdadeiramente, com amor, devoção, admiração por alguém. Seu irmão Henryk era um dos poucos, por isso, eu amei vê-la sorrir para ele. Fazia muito tempo que eu não via esse sorriso. Sorriso que costumava ser para mim. Sorriso que eu precisava de volta em minha vida, e que faria qualquer coisa para tê-lo.

Me sentei no carro ao lado dela. Eerika não disse uma palavra a mim, mas ria, provocando Prescott e brincando com o seu motorista de longa data.

— Tim, não podemos parar em um bar antes? — perguntou ela com um sorriso de falsa doçura no rosto.

Tim, o motorista, a olhou pelo retrovisor e sorriu.

— Sinto muito, Princesa. Eu não posso. — ele respondeu.

— Bem, então ainda bem que eu trouxe meu próprio estoque — disse ela sorrindo, tirando o cantil do bolso e tomando um gole do que eu tinha certeza que era uísque.

Eu a ensinei a admirar um bom uísque.

— Você pode fazer isso, sóbria, sabe? São apenas pessoas — eu disse, quebrando o silêncio. Minha atenção voltada à rua.

Senti a tensão no carro quando seus músculos tencionaram.

— Não me lembro de ter pedido sua opinião, *bodyguard* — ela falou, sua voz cortante e esnobe.

Sempre afiada como uma lâmina.

O que me fez dar um pequeno sorriso. Entretanto, permaneci calado o caminho inteiro, não querendo pressioná-la mais... por agora.

Quando estacionamos em frente ao Centro Educacional Infantil para Crianças Órfãs , Centro do qual seu pai, o falecido Rei Christian, foi o fundador, eu virei meu rosto em sua direção.

— Pronta? — perguntei.

Rika estava congelada no banco, olhando para um pequeno estojo de maquiagem.

Eu sabia o que tinha ali.

— Ainda não. — ela respondeu segundos depois, antes de abrir o objeto, pegar o comprimido e colocá-lo na boca. Ela levou o cantil aos lábios, deixando o uísque derramar e ajudar a engolir a droga.

Eu não disse nada. Também não me surpreendi. Não era a pessoa certa pra julgar, já que ela havia aprendido tudo isso comigo. Com a diferença de que, no passado, só usava às vezes para curtição ou quando precisava relaxar. Eerika, todavia, estava ultrapassando os limites, se afundando cada vez mais no vício.

Ela não concordaria e nem aceitaria que precisava de ajuda. Mas eu sabia que sim.

De qualquer maneira, não era como se alguma vez eu tivesse pedido permissão a ela para ajudá-la. Eu simplesmente fazia... Ela querendo ou não. Agora não seria diferente. Eu era um filho da puta folgado que não pedia permissão e não tinha medo de fazer o que tinha que fazer. E eu sei que foi por isso que Eerika se apaixonou por mim. Porque ela me via como a sua libertação, a sua força, a sua coragem. Ela só não sabia que ela era o mesmo para mim.

— Sério? — Eu debochei, o tom saindo acusador. — Está disposta a dificultar meu trabalho, agindo como uma louca diante da imprensa inteira? — Eerika me olhou surpresa, mas com aquela faísca desafiadora no olhar.

Ela pensou o quê? Que eu ficaria calado como todos os seus seguranças passados deixando-a fazer o que quer?

Ela me conhecia melhor do que isso.

Se Rika era a maldita Princesa da Inglaterra, eu estava dando uma merda pra isso.

— Eu não tenho que te dar satisfações. Apenas faça o seu trabalho, *bodyguard*. — ela sorriu com superioridade. — E não se dirija a mim dessa maneira.

Eu a olhei intensamente, com dominância, deixando-a momentaneamente desconfortável. Isso sempre funcionava.

— Foda-se. — amaldiçoei. — Mova o seu pequeno traseiro Real. — ordenei antes de sair do carro, não lhe dando tempo de reclamar. Mas a ouvi me chamar de imbecil. Nenhuma novidade aí... Ela sempre me chamou de imbecil.

Olha só... Já estávamos voltando aos velhos hábitos.

Após verificar os arredores, dei espaço para que Rika saísse do carro. Ela relutou a princípio. Tanto por petulância para me confrontar, tanto porque não queria entrar no prédio.

Eu não lhe dei muito tempo para pensar, entretanto. Puxei-a pela mão, quase a arrastando para fora do carro.

Rika, quando ficou firme em seus pés, me encarou friamente, com nítido ódio pelo o que fiz. Fingi ignorância, agindo profissionalmente. — Os óculos de sol que coloquei, ajudaram bastante.

— Não faça isso novamente. — ela grunhiu próximo ao meu rosto, antes de colocar seus óculos de sol.

Controlei a vontade de sorrir tanto quanto me controlei para não puxá-la em meus braços e beijá-la. Não tinha nada que me excitava mais do que vê-la arisca, furiosa e desafiadora. Seu fogo foi o que me atraiu até ela. Foi o que me consumiu. Foi o que incendiou minha alma.

Deus.

Era difícil tê-la tão perto de mim e não poder tocá-la. Era o pior tipo de tortura, e meu pau latejando me dizia que concordava plenamente comigo.

Pousando minha mão nas suas costas, a guiei através dos jornalistas. Ela acenou com

um sorriso para as câmeras, antes de abaixar o rosto e se proteger dos flashes enquanto gritavam o seu nome querendo atrair sua atenção. Eu me mantive ao lado dela, enquanto Prescott abria espaço, impedindo as pessoas de tocá-la ou machucá-la.

— *Jasmine* está dentro do prédio — eu disse através do meu comunicador de ouvido, para o resto da equipe. Outra SUV com mais quatro seguranças nos seguiu.

Já dentro do prédio, Rika se virou para mim.

— Jasmine? — perguntou, pousando suas mãos na cintura, exigindo uma explicação. Adorável.

A Segurança Real falava em códigos para a proteção de todos.

— Sabia que você ia gostar — falei naturalmente, mantendo a postura profissional e observando os arredores. Ela sabia que a estava provocando, no entanto.

Rika resmungou enquanto caminhava comigo e os outros seguranças até o elevador.

— Você sabe muito bem que não! — ela retrucou um tempo depois, seu olhar cortante.

Eerika não gostava das princesas dos contos de fadas. Dizia que os desenhos eram distorcidos e mentirosos. As princesas não viviam aquele conto de fadas que expunham nas histórias. Era tudo falso, ela dizia.

De qualquer maneira, eu sempre lhe disse que se ela fosse uma princesa dos contos de fadas, ela seria a Princesa Jasmine do filme *Aladdin* da Disney. Por ser determinada, fora dos padrões, sensual, rebelde, desobediente. Ela se lembrou, e é por isso que não gostou do codinome que eu designei a ela para a equipe.

Eerika entrou no elevador comigo de um lado, Prescott do outro, e sua tímida assistente pessoal, Lola Shannon se manteve atrás. Os outros seguranças ficaram do lado de fora mantendo a segurança. Normalmente, não precisaríamos de tanta segurança, mas até eu descobrir exatamente com que tipo de ameaça estava lidando, eu não ia arriscar.

— Infelizmente para você, Princesa... Eu não dou a mínima — murmurei próximo ao ouvido de Eerika brevemente antes de voltar à postura profissional.

Rika girou sua cabeça em minha direção, incrédula. Ela tirou os óculos de sol e me fitou com chama no olhar. Eu podia sentir a ardência que ela expelia invadindo todo o meu corpo, e tomou tudo de mim para que eu não me esquecesse das pessoas ao nosso redor e a jogasse contra parede do elevador e a fodesse cru e selvagem... Como eu sabia que ela amava.

— Você é um idiota. — Me acusou, agora com os olhos fixos no painel, olhando os números dos andares correrem, nitidamente desesperada para que eles fossem mais rápidos e que ela pudesse se afastar dessa tensão, dessa necessidade quase incontrollável, dessa paixão enérgica que sempre nos apoderava. Eu sabia disso, porque também sentia como se essa porra de elevador estivesse subindo lento demais, deixando-me frustrado, irritado e necessitado.

— Bom que ainda se lembra, Princesa. — a provoquei mais.

Pois é, não pude me conter.

O elevador se abriu no mesmo instante, então Rika saiu dele uivando de ódio. Prescott e Lola pareciam desconfortáveis com a situação, mas o garoto não ousaria mover um músculo sem minha permissão. Ele me temia e me respeitava, o que era bom. Já Lola estava ao lado de Eerika há anos, então ela sabia do nosso passado. Não estava realmente surpresa, mas ela era tímida demais, então sempre ficava desconfortável com nossas trocas de “carinho”. No entanto, sempre permanecia calada. Sabia que cutucar Rika não era muito sábio ou saudável.

Eu deveria estar me sentindo vitorioso por conseguir atingi-la, irritá-la, frustrá-la, mas eu não fazia o tipo masoquista, nem sentia prazer na dor. A única coisa que eu conseguia sentir no momento... era uma dor maldita entre minhas pernas e bolas azuis se formando.

Essa garota era minha perdição.

Foda-se, Eerika!



RIKA

É oficial.

Eu o odeio.

Imbecil, arrogante, grosso, pretensioso, e... Ah, foda-se! Minha cabeça já estava girando demais para que meu cérebro pudesse criar novos adjetivos para descrever esse homem.

Eu passei, aparentemente, mais ou menos, uma hora no Centro Educacional Infantil conversando, brincando e tirando fotos com as crianças. Sendo a princesa doce, amável e sorridente que todos “conheciam”. Pelo menos eu achava que tivesse feito isso. O álcool e a droga em meu sistema nublaram parcialmente os últimos acontecimentos.

— Que desenho legal! — eu disse rindo, admirando o desenho de uma das crianças.
— O que é? — perguntei inclinando a cabeça para o lado, tentando compreender o desenho.

— É um cachorro! — a garotinha, que parecia ter aproximadamente uns sete anos, respondeu.

Observei o desenho de novo, tentando encontrar o tal cachorro. Minha visão não estava às mil maravilhas, mas eu não via nenhum cachorro ali.

Peguei o desenho na mão e comecei a estudá-lo, virando de ponta cabeça, e nessa

posição eu vi algo, mas não foi um cachorro. Muito longe disso.

Comecei, então, a rir.

— Seu cachorro parece um pê...

Antes que eu pudesse terminar a palavra, a voz de Jake atrás de mim soou me cortando bruscamente.

— Princesa, é melhor você agilizar. Temos outro compromisso — disse Jake próximo ao meu ouvido. Seu tom de voz soava mais como um grunhido de repreensão.

Me virei para ele e levantei o desenho diante dos seus olhos. Na verdade, eu praticamente esfreguei o papel em seu rosto, mas não percebi isso no momento.

— Mas não parece um pênis? — sussurrei perto do seu ouvido, rindo.

Jake bufou e afastou o papel do seu rosto entregando de volta para a garotinha que olhava para nós dois com um sorriso divertido, apesar de eu duvidar que ela estivesse entendendo alguma coisa.

Me aproximando novamente de seu ouvido, segurei em seu braço e me inclinei contra ele.

— *Oooown*, não fique triste porque seu pênis é menor do que o do desenho. Não tem motivos para ficar constrangido — sussurrei perversamente, com um tom divertido e debochado. As drogas e o álcool se alastrando pela minha corrente sanguínea.

Eu literalmente ouvi Jake rosnar antes de dar um passo para trás a modo de poder me encarar. Seus olhos me perfuraram e um lento e cruel sorriso se formou em seus lábios. — *Lábios bonitos e cheios, tenho que admitir.*

— As drogas devem ter afetado sua memória, Princesa. — Como em um passe de mágica, o Jake provocativo sumiu e o Agente Price apareceu. — Agora, vamos! — ordenou duramente enquanto rodeava seus dedos em meu braço, apertando-o não o suficiente para machucar, mas o suficiente para mostrar sua autoridade.

Eu puxei meu braço de seu aperto e me virei para a menininha que ainda nos olhava com curiosidade. Sua atenção um pouco intimidada pela feição séria de Jake.

— Sabe, baixinha... O grandalhão aqui se chama Jake. — Apontei na direção de Jake que pela sua expressão corporal eu sabia que estava perdendo a paciência. — Ele é meu segurança agora, e um verdadeiro estraga prazeres.

A garotinha sorriu para mim. Eu não tinha certeza se seu sorriso era pelo o que eu disse ou pela maneira que eu disse, já que no estado em que eu estava, risos involuntários saíam com frequência.

— Ele parece bravo — ela constatou enquanto o olhava.

Eu olhei para Jake e sorri.

Ele, com sua postura profissional, encarava um ponto fixo, mas sua mandíbula travada não deixava dúvidas que eu o estava irritando.

Isso alegrou meu dia.

— Ah, ele está sempre bravo... — Me aproximei do ouvido dela como para contar um segredo. — Sabe, é falta de sexo — expliquei naturalmente, como se estivesse falando sobre a cor do seu vestido.

Jake se moveu.

— O que é sexo? — perguntou a menininha.

— Sexo é...

Não tive tempo de explicar, no mesmo instante, Jake me puxou pelo braço, me fazendo tropeçar. Com uma mão em minha cintura, ele ajudou a me equilibrar.

A menina nos olhava com interrogação.

— Já chega... Vamos para a outra sala. Temos uma agenda e horários a cumprir — ele falou visivelmente irritado.

Eu fiz beicinho.

— Não, eu estou conversando com ela! — retruquei, mas a esse ponto, já estávamos longe da garota. Ele foi me arrastando para sei lá onde. Eu podia me importar menos. Meu corpo e minha mente estavam completamente entorpecidos.

Durante o percurso, acenei e sorri para algumas câmeras ao nosso lado.

Por algum motivo, a imprensa não parecia tão chata naquele momento.

— Sério que você estava falando sobre pênis e sexo para uma menina de sete anos? — ele murmurou no meu ouvido.

— Qual o problema? Ela vai aprender eventualmente — expliquei.

Jake bufou e continuou me arrastando por um corredor.

— Jesus... — ele bufou.

— Uau, o chão está levitando — constatei olhando fixamente para o chão, dando toda a minha atenção.

— Você é a única levitando aqui, Princesa.

Seu tom era de recriminação, mas tinha uma pontinha de diversão, mesmo que ele tentasse não demonstrar mantendo sua cara feia de guarda-costas chato. — *Não que a cara dele alguma vez pudesse ser feia. Seu rosto parecia ter sido esculpido a mão de tão bonito. Mas vocês me entenderam!*

A pergunta seguinte saiu sem que eu percebesse.

— Quando foi que você se tornou tão certinho e chato?

Tropecei mais uma vez em meu salto.

Jake me pegou.

Pela primeira vez me perguntei onde estavam minha assistente e o garoto segurança, a sombra de Jake.

Jake nem ao menos me olhou ou me respondeu. Continuou me guiando pelo corredor

que parecia não acabar nunca.

— Sua sorte é que os jornalistas não notaram seu estado. Eles simplesmente acham que você está feliz por estar se divertindo com as crianças.

— Mas eu estou feliz por estar me divertindo. Eu achei que seria chato, confesso. Mas esses baixinhos são até que legais. — Meu sorriso era contagiante. Pelo menos, eu achava que era.

Jake parou em frente à uma porta e me olhou. Seus olhos estudando os meus. Seu rosto sem nenhuma expressão.

Decidi naquele momento que sua falta de expressão me irritava.

— Você está chapada — ele disse.

— Mentira. — declarei na defensiva. — Okay, só um pouquinho. — demonstrei com os dedos com um sorriso arteiro. — Uau... Sua pele é tão lisa. — alisei um lado do seu rosto.

Jake empurrou minha mão do seu rosto.

— Tire a mão e sossegue esse traseiro Real.

Gargalhei.

Eu estava muito fora de mim para prestar a atenção ao redor, mas até que a tarde estava divertida.

— E aí, baixinhos! — eu disse jogando as mãos para o alto alegremente, assim que Jake abriu a porta e eu notei algumas crianças sentadas no chão formando um círculo.

Eles deram um “Oi, Princesa”, em sincronia, tão animados quanto eu. Por motivos distintos, é claro!

Sem esperar instruções, me joguei de bruços sobre as almofadas coloridas espalhadas pelo chão. Apoiando os cotovelos no chão e as palmas das mãos contra o queixo, dei atenção as crianças com um sorriso no rosto.

— Então, quem vai ser o primeiro? — perguntei animada.

Várias crianças levantaram a mão, querendo me fazer perguntas. Eu escolhi a de um menino de pele chocolate, com descendência indiana.

— Você, baixinho! — apontei na direção dele.

— É legal morar no palácio? — ele me perguntou, seus olhinhos brilhando para mim.

Neguei com a cabeça.

— Não. — Fiz uma careta. — Uma verdadeira prisão cheia de gente chata e certinha me dizendo o que fazer. Mas é legal quando brinco com meus guarda-costas, escapando deles, deixando os coitados que nem loucos me procurando — recordei e ri.

As crianças riram alto.

— A Rainha é legal? — perguntou uma menininha loira.

Neguei com a cabeça, novamente.

— Não. Ela é a própria Rainha Má dos contos de fadas que vocês lêem. Tirando toda aquela papagaiada de maçã, espelho ... Pensando bem, talvez o espelho exista. — Franzi o cenho pensativa.

As crianças riram. Já os responsáveis olhavam uns para os outros desconcertados com minhas respostas. Não que eu tenha percebido no momento, ou que tenha me importado. As crianças me adoravam exatamente porque eu não mentia para elas ou as tratava feito bobas.

— Você tem namorado? — perguntou uma ruivinha linda, dessa vez.

— Não. Homens são uma porcaria. — Rolei os outros. Não entendi — Quando você tiver idade para namorar, namore uma menina... Meninas são mais legais. — Pisquei para ela.

— *Girl Power!!* — exclamei erguendo a mão para cima com o punho fechado indicando poder.

As meninas me imitaram e repetiram minhas palavras e meus gestos.

Eu era uma ótima influência não era? Não sei porque os adultos na sala me olhavam com os olhos arregalados.

Eu não podia ver o Jake atrás de mim, mas se eu o conhecia bem, ele estaria rolando os olhos por baixo de seu Ray-Ban.

O que eu podia fazer se tinha jeito com crianças.

A meninada continuou soltando perguntas para mim empolgadas, pulando e rindo descontroladamente.

E não é que essa tarde estava sendo divertida?



JAKE

Se a situação não fosse inadequada para uma princesa, seria cômica. Eu não sabia se puxava Rika e a tirava dali ou se ria de sua espontaneidade. A feição iluminada das crianças era impagável. Apesar de estar falando coisas impróprias para a idade, seu jeito descolado e sincero conquistava os baixinhos — como ela os chamava.

Por sorte a imprensa não era permitida dentro da sala. Os fotógrafos apenas tiravam fotos do lado de fora, através do vidro. E ao observá-la de longe qualquer um diria que a Princesa Eerika era a mulher mais doce do mundo. Bem, ela era, quando você a conhecia melhor. Outras coisas também eram doces nela, mas isso não vem ao acaso agora.

Porra.

Eles não sabiam da mera metade sobre sua Princesa.

Eu ri internamente.

Quando a visita terminou, tirei Eerika pela parte de trás do edifício.

Não foi fácil.

Ela cambaleava, ria, me abraçava e cantava músicas como “Atirei o pau no gato.”, e depois xingava da merda do gato, ou fazia comparações ao meu pau.

Ótimo. — *Escrevo isso revirando os olhos.*

Já dentro do carro, Rika não parava de falar.

— Hey, Tim... Procure um pub próximo daqui! — ela pediu.

Tim me olhou através do retrovisor.

— Siga o trajeto, Tim. — ordenei.

Rika me olhou irritada.

— Hey, você não é minha maldita babá. — ela resmungou.

Eu a ignorei.

Nem fodendo ia levá-la para um bar estando já bêbada e sob o efeito de drogas.

— Você precisa comer — eu disse.

— Você precisa cuidar da sua própria vida! — ela retrucou com fúria no olhar.

Novamente, a ignorei.

Prescott e Lola, sentados à nossa frente, tentavam focar em seus trabalhos, mas claramente estavam desconfortáveis.

Foda-se.

Eu não estava nem aí se achassem meu relacionamento com a Princesa inadequado. Eles não conheciam nossa história.

— Tim, eu vou para o Café Mohini. Não vou para casa — disse Rika enquanto mexia em seu celular.

Ela queria me confrontar, mostrando-me que estava no poder.

Okay.

O Mohini era a cafeteria preferida dela. E lhe faria bem tomar um café e comer alguma coisa. Talvez assim parasse de falar tanta besteira.

— Não vai dizer nada? — perguntou Rika, sem tirar os olhos do celular, mas eu sabia que a pergunta era para mim.

— Não. Eu disse que você precisava comer — respondi formalmente.

Ela levantou o rosto e me olhou. Seu nariz enrugou, o que indicava que estava nervosa. E o motivo era: Ela estava tentando me desafiar, mas no final acabou fazendo o que eu havia dito que ela deveria fazer. E só agora percebeu isso. Dá próxima vez, ela deveria estar sóbria antes de que querer jogar comigo.

— Você percebe que é apenas meu guarda-costas, e que seu trabalho é me proteger e não me dizer o que fazer ou não fazer, certo?

Virei o rosto em direção a janela, olhando o retrovisor da frente, sempre em alerta.

— Errado. Seu irmão, o Rei, deixou claro que eu deveria te impedir de se meter em problemas, então é isso que estou fazendo.

Eu podia sentir a fúria emanando dentro do carro.

Me mantive tranquilo e profissional, no entanto. Mesmo que por dentro estava sorrindo feito um adolescente provocando a garota que gostava.

Chegamos à cafeteria segundos depois.

Rika se virou para Lola.

— Pode tirar o resto do dia, Lola. Não precisarei de você.

— Sim, Princesa. — respondeu Lola com sua voz baixa e mansa que me dava nos nervos. Às vezes eu tinha vontade de chacoalhar a garota para ver se tinha alguma vida dentro dela. Eu odiava mulheres pacatas, sem sal, submissas. Eu sei que a menina era doce, mas porra... Um pouco de amargo não ia cair mal.

— Com quem você está se encontrando aqui? — perguntei a Rika antes de sair do carro.

— Não é da sua conta. — ela respondeu asperamente.

— Eu sou o seu segurança pessoal, então sim, é da minha conta. Você não vai sair desse carro até eu saber com quem estará se encontrando — falei firmemente, mas sem alterar o tom da voz, apenas sendo profissional.

Rika sabia muito bem como funcionava.

Ela não podia ir para nenhum lugar ou sair sem que soubéssemos. Era nossa obrigação verificar os ambientes, checar as pessoas que se aproximavam da Família Real, e etc. Era o protocolo, mas, *claro* que comigo, Rika tornaria as coisas mais difíceis. Ou talvez estivesse acostumada a contornar seu antigo guarda-costas com seus lindos olhos e par de pernas torneadas e perfeitas. O que eu não duvidava nada. Conhecia Eerika muito bem e sabia que ela usaria seu poder de sedução e persuasão para conseguir o que queria se fosse necessário. E pelo o que eu conhecia de Gold, ele era um idiota capaz de cair nas artimanhas da Princesa.

Não comigo, baby!

— Minha prima, Princesa Giuliana. Satisfeito ou gostaria de saber algo mais íntimo como que tipo de lingerie ela usa? — provocou Eerika. — Ela pode ser uma ameaça. Talvez ela esconda uma faca em sua calcinha e irá me atacar dentro da cafeteria. Assim, com a minha morte, ela estaria mais próxima do trono — disse com óbvio sarcasmo.

Eu queria fazê-la engolir seu sorriso vitorioso. Eu sabia muito bem como fazer isso, e ela amava. Entretanto, ignorei-a e ordenei a minha equipe que checasse o local e verificasse se a Princesa Giuliana já havia chegado. Quando confirmaram, pedi a Tim que esperasse do outro lado da rua, mandei Prescott voltar para o palácio no outro carro com o resto da minha equipe. Eu era o suficiente para cuidar da Princesa, e assim também não chamaria a atenção das pessoas e da mídia, tirando seu momento de privacidade.

Eerika não disse uma só palavra até que eu saí do carro, dei a volta, verifiquei os arredores, abri a porta para ela e estendi a mão para ajudá-la a sair.

— Eu posso sair sozinha. — Ela bateu em minha mão, mas assim que saiu, cambaleou pressionando a mão contra o carro tentando se manter em pé.

Controlei a vontade de bufar, mas eu tinha que estar em alerta. A Princesa na rua era um perigo constante. Principalmente em seu atual estado.

Eu podia ter escondido minha reação, mas ela sabia que por dentro eu estava a olhando com deboche e louco para dizer “Eu avisei!”. Por isso me encarou com raiva e rosnou um “*Cale a boca!*”.

Eu ri por dentro, mas por fora, mantive minha postura formal.

— Eu não disse nada, Princesa — respondi em falsa cordialidade.

— Mas estava pensando. — ela acusou antes de começar a andar na direção da cafeteria.

Ah, sim... Eu estava pensando em muitas coisas, principalmente em o quanto eu queria esmagar meus lábios nos seus petulantes, calando-a e sentindo-a derreter em meus braços como antigamente.

Naquele momento, eu não sabia ao certo o que era mais perigoso. As ameaças que a Princesa estava sofrendo ou *eu*.



RIKA

Okay... Tudo ainda estava meio nublado e fora de lugar, mas, *whatever*^z... Eu já estava acostumada a me sentir anestesiada assim.

Era o meu atual normal.

Entrando na cafeteria, procurei por minha prima, a Princesa Giuliana. Ela estava sentada em nosso lugar preferido, — uma mesa redonda pequena, com duas poltronas retrô ao redor com almofadas azul turquesa sobre elas — com uma revista na mão.

Antes de chegar até Giuliana, me virei para Jake que parecia uma sombra me seguindo, o que estava me deixando cada vez mais frustrada e incomodada.

— Será que eu vou poder conversar com minha prima em paz, sem ter grandes paredes de músculos colados em mim? Porque, você sabe... Vamos falar coisas de garotas, provavelmente eu irei te xingar muito, e não quero machucar os seus sentimentos. — Fingi empatia e doçura.

Jake usava um par de óculos de sol estilo aviador, *como sempre*, mas eu sabia que havia rolado os olhos por trás deles. Eu o conhecia bem para saber.

— Estarei em uma mesa próxima. — respondeu simplesmente, mantendo-se profissional.

Eu tinha que confessar, era estranho ter Jake agindo assim comigo. Ele não era esse tipo de cara, pelo menos não o cara que eu conheci. Ele era o bad boy incorrigível. Ele era impertinente, tinha a língua afiada, era rudemente honesto, sem uma gota de hipocrisia no corpo e não aceitava as minhas merdas. Agora... Ele parecia um robô maldito.

Eu não assumiria jamais, mas sentia falta do antigo Jake. Aquele que me levou para fazer minha primeira tatuagem, me ensinou tudo sobre as melhores cervejas. Aquele que sempre me olhava como se quisesse rasgar minha roupa ou me chacoalhava quando eu estivesse agindo como uma menina mimada. Aquele que me ensinou a viver no limite, me arriscar, me aventurar. Aquele que me ensinou que ser eu mesma, era mais importante do que agradar aos outros. Aquele que também me ensinou a ter coragem e enfrentar meus medos e inseguranças. Que retornaram no dia em que ele se foi, mostrando-me o quão pouco eu signifiquei para ele.

Andei até Giuly, e Jake fez o que disse, foi para uma mesa um pouco mais afastada, mas de onde teria uma boa visão nossa.

— Hey, vadia! — falei, me jogando na poltrona.

Giuliana tirou os olhos da revista e me encarou.

Ela sorriu perversamente.

— Se diverti bastante hoje? — perguntou ela. — A imprensa está lançando artigos sobre o quão prestativa, alegre e doce a Princesa Eerika é com as crianças. — ela debochou imitando a feição de uma garota cheia de ternura.

Eu ri.

— Precisei de um incentivo. Sabe que eu não sei lidar muito bem com crianças. — rolei os olhos.

Ela manteve o sorriso.

— Sim, você é uma cadela ruim.

— Olha quem fala... A *Princesa Rebelde*! Quem foi capa da *Ok! Magazine* mostrando sua vagina em um pub em Dublin? — eu ri.

Giuly rolou os olhos, jogou a revista na mesinha central e cruzou as pernas.

— Eu poderia explicar... Se eu pudesse me lembrar. Como eu não me lembro, vou exigir o meu direito de me permanecer calada.

Ri.

Uma garçonete se aproximou de nossa mesa, nesse mesmo instante.

— Com licença, Princesa — disse a garçonete que se aproximou claramente nervosa, colocando um *cream tea* ⁸ na minha frente.

Eu arqueei a sobrancelha e a encarei.

— Eu não me lembro de ter feito o pedido. — comentei confusa. *Tudo bem que eu vinha constantemente nessa cafeteria para eles saberem o que eu pedia, mas...*

A garota me olhou, os olhos brilhando em admiração.

Eu suspirei.

Ela não tinha culpa, mas eu odiava quando me olhavam assim. Eu não era exemplo de nada. Não merecia que me admirassem assim. Tudo o que eu fazia todo o dia era dar ordens, ser paparicada, fazer o que me mandavam fazer, festejar e envergonhar a monarquia porque eu queria ver a Rainha sendo humilhada.

As pessoas te veem em revistas, televisão, e assumem que é perfeita. E não aceitam menos do que a perfeição. E mesmo aquilo que você faz de errado, se torna certo diante dos olhos cegos de seus admiradores.

Uma farsa.

Eles me viam como a princesa perfeita, descolada, moderna, *fashion*, dedicada, amável.

Eu estava longe de ser essa pessoa.

— Me desculpe, mas aquele senhor fez o pedido. Disse para enviá-lo a você, Alteza.
— ela explicou constrangida.

Giuliana começou a rir na cara da menina.

Eu podia ser rebelde, revoltada, fora dos padrões..., mas Giuly tinha uma veia cruel. Ela realmente era da Realeza. Ela era soberba, se divertia sendo má com as pessoas e adorava usar o poder que tinha como princesa.

A garota se encolheu, envergonhada.

Eu rolei os olhos para Giuly e procurei O *Sr. Intrometido* sentado de frente para mim. Jake tinha sua atenção voltada para um Ipad sobre a mesa. Ele trocou seus óculos de sol pelos os de grau, o que o deixava deliciosamente intelectual. Sua atenção não estava em mim, mas eu sabia, pela sua expressão corporal, que ele estava atento a tudo que estava acontecendo dentro da cafeteria. E ele sabia que eu o estava encarando como se quisesse arrancar seus olhos.

Mesmo assim, me ignorou.

Essa atitude filha da puta ele não tinha perdido durante esses anos.

Idiota.

— Obrigada — eu disse para a garota com um sorriso.

Eu não iria devolver o pedido. Ela poderia arrumar problemas com seus chefes quando vissem minha feição de desgosto que não era voltado para a coitada e sim, para o otário à minha frente.

— Princesa, se quiser outra coisa, eu posso trocar o pedido. Não tem problema.

Giuly continuava encarando-a com diversão nos olhos.

— Não precisa. Era isso mesmo que eu ia pedir. Pode ir, obrigada.

— Com licença, Alteza.

Antes que a garota pudesse sair, Giuliana a chamou.

— *Darlin'*⁹, me traga outro chá, por favor — disse ela.

— Claro, Alteza. Com licença. — respondeu a garota antes de sair.

Giuliana voltou a rir.

— Você é cruel, sabia? — falei.

Ela deu de ombros.

— Estou apenas me divertindo. — Ela virou o rosto na direção de Jake. — Seu namorado tá me olhando como se estivesse decidindo em que parte do meu corpo ele deve colocar uma bala. — ela sorriu e mandou um tchauzinho para Jake.

Eu mordi um pedaço do *scone* antes de respondê-la.

— Você está surpresa? Não é nenhuma novidade. Jake sempre olhou assim para você. — relembrei e acrescentei com repreensão:. — E ele não é meu namorado.

A verdade era que Jake nunca gostou de Giuly.

Ela continuou olhando-o desafiadoramente, provocando-o, com um sorriso perverso no rosto. Eu não o olhei, mas sabia que a esse ponto, Jake já tinha perdido a paciência e voltado sua atenção para o que estava fazendo antes, ignorando as infantilidades de Giuliana, como ele mesmo costumava dizer.

— Certas coisas nunca mudam. Jake não gostando de mim. Jake cuidando de você. Jake sabendo todos os seus gostos. — ela sorriu e olhou para o meu *cream tea*. — Jake sendo um gostoso. — Seu sorriso lascivo se alargou. — Porque convenhamos, prima... Ele está a cada dia melhor. Mesmo tendo trocado sua jaqueta de couro por um terno. — Ela o olhou novamente, mordendo o lábio inferior como se Jake fosse a melhor sobremesa do mundo.

Meu sangue esquentou e uma fúria indesejada cresceu dentro de mim.

Eu era ciumenta.

Sempre fui.

Mas não achei que ainda tinha isso em mim.

O odiei mais por isso.

Irritada, bati o garfo no prato de porcelana branca fazendo um barulho alto.

Giuly me olhou com um sorriso filho da puta no rosto. Eu queria fazê-la engolir esse sorriso.

Vadia.

— Ora, ora... Não é que realmente algumas coisas nunca mudam? Como você toda Neandertal pra cima do seu homem. — riu.

Cadela.

— Cale a boca, Giuly! — Grunhi. — Eu estou nem aí para ele. Nem para como se parece e nem como olham para ele.

Mentira.

— Mentirosa. — Ela continuava se divertindo. — Quer dizer que se alguma vadia aqui chegar dando em cima do Jake, você não vai se importar? E quer dizer que você não quer saber se os músculos dele estão maiores — nós sabemos que sim — por baixo daquele terno toda vez que o olha? Ah, e sem contar a bunda. Jesus... Esse homem tinha uma bunda que puta que pariu! Dava vontade de...

— Já chega! — eu me alterei irritada.

Giuly ergueu as mãos em rendição, mas com um sorriso vitorioso.

— Foi o que eu pensei. — ela concluiu.

Sem poder me conter, olhei na direção de Jake.

Meu coração disparou quando o vi me olhando intensamente com um pequeno sorriso de canto saindo de seus lábios. Era como se ele soubesse que estávamos falando dele.

Ele sabia, filho da puta!

Ele sempre sabia.

E Giuliana não estava ajudando, encarando-o a cada dez segundos.

— Pare de olhar na direção dele. — Exigi antes de levar a xícara de chá aos lábios.

— Nossa, credo... Seu ciúme continua doentio. — ela rolou os olhos. — Eu não vou montá-lo, se é o que está preocupando-a. Apesar de que, caso um dia você não queira mais, eu possa dar umas cavalgadas. De qualquer maneira, enquanto você estiver loucamente apaixonada por ele, eu não farei nada, prometo — ela disse honestamente.

Sério, Giuly era minha prima, eu a amava, mesmo que fosse uma cadela muitas vezes, mas isso não queria dizer que eu não era louca para enfiar um murro em seu rosto perfeito de *Boneca Real*.

— Sério... Um dia desses eu vou te deixar com um olho roxo — falei, um sorriso cruel rasgando em meus lábios.

Giuly riu.

— Por favor, me deixe bêbada antes. — rolei os olhos. — Por falar em bêbada, eu pedi para você me encontrar aqui porque temos dois eventos nos próximos fins de semana.

Eu a encarei após engolir o último pedaço de um *scone*.

— O Glastonbury Festival e meu aniversário. — anunciei.

A garçonete reapareceu trazendo o pedido de Giuliana, a mesma agradeceu, antes de continuar o assunto.

— Exatamente. — deu um sorriso animado, mas sem tirar a perversão do olhar. — Semana que vem iremos ao festival e, claro, precisamos decidir o que faremos em seu aniversário. — concluiu empolgada.

Eu rolei os olhos.

— Faremos o que sempre fazemos em meu aniversário. Vamos à Paris e beber a noite inteira até cair.

Ela bufou.

— Por que você não dá uma festa? Faz tempo que não temos uma. Ou... Você está querendo passá-lo com seu guarda-costas delicioso? — Seu sorriso ampliou.

Meu semblante fechou e minha mandíbula apertou.

— É claro que não! — falei tentando soar indignada, mas não tive muito sucesso. Nem para mim mesma.

Como se ele se importasse com meu aniversário ou ao menos lembrasse.

Giuly riu.

— Cara, você continua de quatro por ele. — afirmou ela.

— Não enche o saco, Giuliana — falei seriamente.

Ela rolou os olhos, sem perder o sorriso filho da puta e tomou um gole do seu chá.

Minha prima sabia ser uma grande dor na bunda quando queria.



JAKE

Eu sabia que as duas estavam falando sobre mim.

Era difícil explicar, mas eu sempre sabia quando meu nome saía dos lábios de Rika. Sua expressão corporal mudava, seus olhos incendiavam e brilhavam e seus lábios perfeitos eram constantemente mastigados como se estivesse envergonhada de si mesma por estar falando de mim. Ela fazia isso quando era uma adolescente com uma queda pelo melhor amigo do seu irmão. Eu fingia não notar, mas achava adorável como ela pensava que eu não percebia seu interesse. Era tão inocente e nítido.

Nesse momento, ela tinha a mesma feição, e eu senti como se tivéssemos voltado para aquela época. Onde ela tentava disfarçar timidamente seu interesse, e eu fingia não notar, mas sorria divertido por dentro.

Rika nunca soube, nunca percebeu, mas eu conhecia cada pequeno movimento do seu rosto e do seu corpo. Eu passei muitos anos observando-a, estudando-a e me apaixonando por cada pequeno gesto, cada feição, cada humor, cada pequena coisa sobre ela.

Senti meu coração despertar em esperança, naquele momento.

Ela ainda me amava.

Eu sabia que me amava.

A Princesa Giuliana, no entanto, não era das minhas pessoas favoritas no mundo. Ela

era autodestrutiva, era prepotente, e arrastava Eerika para um caminho obscuro ao qual ela se afundava a cada dia mais.

Isso não estaria acontecendo se você não tivesse partido e deixado-a sozinha com esse antro de cobras.

O sentimento de culpa gritava dentro de mim.

Eu sabia que era responsável por grande parte do que acontecia com Rika. Mesmo que eu tivesse sido obrigado a deixá-la, eu deveria ter lutado mais duramente. Lamentavelmente, eu era apenas um garoto rebelde, naquela época.

A verdade era que eu não tive uma escolha. Mas ainda assim, deveria ter feito algo. Eu deveria ter ido até o Rei Christian. Eu tive medo, no entanto. Tive medo de que minhas atitudes refletissem em Eerika. Eu não queria vê-la sofrendo. Mas vendo-a como estava agora, eu sabia que não tinha feito um bom trabalho em protegê-la.

De qualquer maneira, o passado ficou no passado. O presente era o que importava. E as coisas seriam bem diferentes agora. Eu não era mais um garoto. Eu nem ao menos era um homem comum.

Uma luz refletiu do outro lado da rua, através de uma das janelas, tirando-me de meus pensamentos e chamando imediatamente a minha atenção. Observei mais atentamente até encontrar uma figura olhando na direção do café com uma câmera na mão.

Entrei rapidamente em estado de alerta.

Poderia ser um paparazzo. Afinal, não seria nenhuma novidade. Eles estavam em todos os lugares. Mas algo na postura da figura e no modo como se posicionava na calçada, não tentando se esconder, e sim como se quisesse ser visto propositalmente, me dizia que era algo mais.

Enquanto Eerika e Giuliana conversavam, eu aproveitei o tempo para encontrar mais informações sobre o segredo que Rei Christian me revelou. Eu analisei vídeos de segurança, procurando por qualquer atitude suspeita, procurei nos vídeos de festas sediadas no palácio no último ano por convidados suspeitos. Nada parecia fora do lugar. Eu precisava ir mais a fundo. Eu precisava primeiramente descobrir toda a verdade em sua revelação, para que assim pudesse encontrar a ameaça atual.

Talvez o Rei estivesse errado.

Talvez estivesse alucinando.

Não.

Eu sabia que não.

Eu tinha um constante peso em minha nuca me alertando de que algo estava para acontecer. Que a Princesa corria perigo.

Olhando para essa figura do lado de fora observando Eerika, eu senti um frio correndo por minha espinha.

Sem pensar duas vezes, me levantei e caminhei até o segurança pessoal da Princesa

Giuliana que estava sentado em uma mesa do outro lado.

— Preciso que vigie a Princesa Eerika para mim, West — disse, aproximando-me da mesa.

Eu o conhecia. Ele serviu à Marinha Real assim como eu, e foi um agente da MI5. Não éramos exatamente amigos, mas nos entendíamos bem.

— Por quê? Viu alguma coisa? — ele olhou pela janela, procurando por algo, até que notou o mesmo que eu.

West, agindo profissionalmente, fingiu tranquilidade e disse em voz baixa.

— Vá! Eu cuido delas.

Eerika notou a movimentação e minha tensão. Da mesma maneira que eu a conhecia, ela me conhecia. Em momentos como esse, isso não era bom. Mas antes que ela pudesse se levantar e vir até mim, eu saí rapidamente pela porta e encarei a pessoa do outro lado da rua.

A pessoa vestia um casaco fechado de couro na altura dos joelhos, jeans claros, *sneakers* branco, um boné preto do Watford, time de futebol, e óculos de sol. Era impossível saber se era um homem ou uma mulher, no entanto. E a enorme quantidade de pessoas passando ao redor da figura suspeita, só atrapalhava a minha visão.

Suas mãos estavam nos bolsos e a pessoa me encarava como se estivesse esperando que eu a abordasse. Sem esperar um segundo mais, corri para atravessar a rua, me desvencilhando das pessoas que passavam. Xinguei a quantidade de carros e o faróis que não fechava impedindo-me de avançar. Para piorar, um ônibus parou e tapou minha visão.

— Merda! — amaldiçoei.

Quando o ônibus passou, não esperei pelo farol fechar. Corri pelo meio da rua, me desvencilhando dos carros que buzonavam para mim.

Eu tinha que alcançá-lo.

Quando cheguei à calçada, procurei ao redor pela figura suspeita no meio da multidão. Segundos depois, a encontrei afastando-se, caminhando tranquilamente, ainda com as mãos nos bolsos de costas para mim.

Não esperei.

Corri atrás, empurrando as pessoas do meu caminho.

Notei o suspeito — ou suspeita — entrar em uma viela. Corri mais rápido para não o perder de vista. Quando entrei na viela, a notei deserta. Sem nenhum sinal do suspeito ou qualquer outra pessoa. Mas eu sabia que estava por perto. A rigidez em minha nuca me dizia isso.

Tirei minha Glock 45 do coldre e a destravei.

Caminhei pela viela em passos lentos, em alerta, esperando ser abordado. Segundos depois, dois homens saíram de um esconderijo escuro. Os dois vestidos de preto, com máscaras no rosto.

Um deles me atacou.

Eu desviei de seu punho.

O outro chutou a minha mão, fazendo minha arma cair. Agilmente, segurei o braço do primeiro e o torci. Ele gritou de dor. O outro veio para cima de mim. Eu girei e acertei meu pé em sua mandíbula, fazendo-o desequilibrar. O primeiro, conseguiu se soltar e veio com o punho na direção do meu rosto. Desviei. Ele tentou outra vez. Desviei novamente. Quando vi a oportunidade, acertei-o no estômago duas vezes, fazendo-o cair no chão. O outro, já recuperado, ameaçou tirar sua arma de dentro de sua jaqueta preta, mas eu fui mais rápido, me joguei no chão, peguei a minha e apontei em sua direção.

— Nem ouse fazer isso, *mate*¹⁰. — o adverti.

O cara lentamente tirou a mão do bolso, mantendo-se com um joelho no chão.

Ouvi o outro filho da puta se aproximar. Antes que pudesse me atacar, acertei o cotovelo em seu nariz. Ele caiu tonto no chão.

— Quem porra são vocês??? — gritei, exigindo uma resposta. — Quem os mandou??

Eu precisava saber quem era a figura de boné e casaco de couro.

O cara ajoelhado deu um sorriso maligno. Seu rosto estava coberto, mas pude ver seus olhos amarelos e sombrios.

— Você vai saber em breve, *mate*. — enfatizou a última palavra em tom de ameaça. — Diga a Princesa Gostosa que nos veremos em breve. — Seu sorriso malicioso fez meu sangue ferver e uma fúria irradiar dentro de mim.

— Eu vou te fazer engolir seu pau até vê-lo morrer engasgado com ele enfiado em sua garganta, filho da puta!! — ameacei com a voz sombria e ameaçadora. — Me diga... Quem te enviou? — exigi outra vez.

O filho da puta soltou uma risada sinistra.

Ele morreria antes de tocar em Eerika.

— Seja paciente, Agente Price — disse com um tom sereno, mas sem perder o sorriso maldito do rosto.

Eles me conheciam.

Quem eram eles?

Antes que eu pudesse atirar em sua maldita perna, pressionando-o a falar, senti algo gelado ser pressionado em minhas costas, e, então, ser eletrocutado, antes de eu cair no chão.

Minhas pálpebras ardiam, meu corpo não respondia os comandos do meu cérebro, impossibilitando-me de me mover.

Minha cabeça zumbia, mas de longe, ainda pude ver os dois homens me olhando, e, então, um deles se abaixando perto de mim, encarando-me.

Ordenei meu corpo a se mover, mas nada aconteceu.

Eles iam me matar.

Eu tinha falhado com Eerika outra vez.

Eles iam matá-la.

Senti o medo crescer dentro de mim e se apoderar de minha mente.

Eu não podia deixá-la desprotegida.

— Até breve, Agente Price — disse o cara, antes de se levantar e caminhar com seu parceiro em direção à um carro que estava parado no fim da viela.

Por que eles não me mataram?

Forcei minha vista, tentando ver quem estava dentro do carro, então vi a figura de boné e óculos, sentada no banco de trás, olhando em minha direção.

Segundos depois, minhas pálpebras pesaram, e tudo ficou preto.

Quando acordei outra vez, estava no mesmo lugar que me deixaram. Jogado no chão em uma viela deserta. O sol havia se posto e as nuvens cobriam o céu.

Me reergui, forçando meu corpo a reagir. Me senti zozinho por alguns segundos, então segurei-me na parede mais próxima. Quando me senti um pouco melhor, me ajeitei e caminhei para a fora da viela.

Que porra estava acontecendo?

Não que fosse uma surpresa ter pessoas ameaçando a Família Real, mas o Rei Christian sabia que isso aconteceria, e de acordo com seu relato, era pessoal.

Senti um tremor dentro de mim ao pensar em Eerika machucada, ou pior, morta.

Eu quase falhei com ela dessa vez.

De maneira alguma aconteceria outra vez.

Eu estaria preparado e pronto para matar qualquer filho da puta que ameaçasse a minha garota. Ninguém a tiraria de mim. A cadela da sua mãe não conseguiu. E nenhum outro filho da puta o faria.

Caminhei o mais rápido possível até a cafeteria. Ao chegar, vi Eerika do lado de dentro com a expressão fechada e irritada, confrontando o Agente West.

Já disse que lidar com terroristas era muito mais fácil do que lidar com as Princesas Bourchier?

Entrei na cafeteria no instante em que ouvi Rika dizer:

— Onde ele está? — ela cruzou os braços e exigiu uma resposta com a prepotência Real que emanava.

O Agente West apontou em minha direção com o rosto e olhou-me quase agradecido por eu finalmente ter chegado.

Se eu não tivesse dolorido, preocupado como o inferno e irritado pra caralho, teria sorrido diante da situação e ainda provocado-a. Mas eu não estava com humor para isso.

Ela se aproximou de mim com um olhar felino, então, sem se importar em fazer uma cena, cuspiu as palavras:

— Onde caralho você se meteu? Não é seu trabalho me proteger, Sr. Price? Você não é pago para ficar passeando por Londres e eu ter que ficar esperando a sua bunda aparecer para poder ir embora. — ela me advertiu.

Com tudo que eu tinha acabado de passar, e de acordo com meu estado furioso atual, ela se livrou, por um triz, de eu a puxá-la contra o meu corpo e calar sua maldita boca impertinente com um beijo duro e cruel, punindo-a na frente de todos.

Agradeça ao pouco controle que sobrou em mim, Princesa.

Eu não estava com paciência para a sua merda.

— Vamos embora. — ordenei, segurando-a pelo braço e arrastando-a para fora.

Foda-se se ela era uma Princesa.

Foda-se se isso era inadequado e antiprofissional.

Foda-se se havia paparazzi e pessoas vendo a cena.

Se ela tinha se esquecido do velho Jake, aquele que não tolerava as suas merdas e malcriações, eu a faria se lembrar.

— Me solta! — ela ordenou, alterando a voz.

Todos estavam olhando, mas ela era a única fazendo um show. Não que fosse uma surpresa. Eerika vivia saindo nas capas de revistas exatamente por essas atitudes.

Mimada.

Folgada.

Arrogante.

Malcriada.

Eu resmungava mentalmente enquanto ela exigia que eu a soltasse. Nem lhe dei tempo para se despedir da Princesa Giuliana, mas eu sabia que ela estaria rindo da situação, como fez milhares de vezes no passado, quando eu me irritava com Rika e fazíamos uma cena publicamente.

Essa garota me tirava do sério.

Nós chegamos ao carro, onde Tim nos esperava. Eu praticamente a joguei lá dentro, sem nenhuma delicadeza. Não estava com paciência e saco para ser cordial e fingir respeito à Realeza de merda.

— Imbecil — ela gritou de dentro.

Rolei os olhos.

Ela viu, já que meus óculos tinham sido destruídos na viela, e eu não tinha mais como esconder minhas reações.

— O que você pensa que está fazendo, Jake? — ela exigiu surpresa e irritada quando entrei no carro e fechei a porta.

— Você não queria ir para casa? Estamos indo para casa — falei, minha voz saindo afiada e mal-humorada.

Mandei Tim seguir.

— Você não pode me tratar assim. Você é *apenas* o meu guarda-costas, não se esqueça. Coloque-se no seu lugar! — ela me confrontou.

Eu bufei.

— Cale a boca! — mandei friamente, não querendo ouvir os seus chiliques.

Ela arregalou os olhos.

Tim olhou pelo retrovisor surpreso, mas era inteligente o suficiente para não abrir a boca.

— *Ohh...* Como ousa falar assim comigo??? — alterou a voz. — *Eu* sou a Princesa, seu estúpido! — ela cuspiu as palavras.

Ela tinha sorte que não estávamos sozinhos.

Eu virei meu rosto na sua direção, ignorei a dor que sentia por todo o meu corpo recém eletrocutado e a encarei inexpressivamente, vestindo o papel de Agente Secreto treinado pela MI6.

— Cale a boca, ... *Princesa*. — ironizei com a voz gélida, enfatizando a última palavra em falsa cordialidade.

Se eu não terminasse morto por esses filhos da puta que me atacaram, essa garota definitivamente acabaria me matando.



RIKA

Meu sangue bombeava com tanta força por todo o meu corpo deixando-me frenética e com instintos assassinos.

Jake havia passado dos limites.

Quem ele pensava que era?

Ele perdeu o direito de qualquer tipo de intimidade comigo há muitos anos. Ele era meu segurança pessoal, meu guarda-costas. Ele estava aqui para me proteger. Apenas isso. Nada mais.

Foi o que repeti para mim mesma durante todo o percurso para casa.

Saindo do carro sem esperar que abrissem a porta, eu subi as escadas correndo e caminhei em passos largos, pesados e furiosos pelos enormes corredores do palácio.

Eu senti Jake atrás de mim.

Controlei a vontade de gritar em frustração. Tudo o que eu queria era me livrar dele, mas era como uma sombra maldita que estava em todos os cantos.

Cheguei ao corredor do meu quarto e apertei os passos, tentando despistá-lo, o que, obviamente, seria impossível, mas eu sentia a tensão e a áurea pesada dele espalhando-se por todo o ambiente. Eu havia visto o lado sombrio de Jake muitas vezes... Não era nada agradável de se ver. E por algum motivo, ele estava perturbado e obscuro desde que

saímos da cafeteria. A última coisa que eu queria era lidar com esse Jake, o Jake do meu passado, o Jake que eu conhecia, o Jake que entendia a minha própria escuridão, o Jake que me amedrontava e me excitava ao mesmo tempo, levando-me à beira da loucura.

Jake me libertava.

Ele era o único capaz de confrontar os meus demônios e dominá-los. Não impedindo-os de sair. Não ocultando-os como todos faziam ao meu redor. Criando uma Eerika que não existia.

Não!

Jake os confrontava, ele os libertava, ele trazia toda obscuridade à vida. Ele unia o meu mundo sombrio ao dele, e era assim que sempre nos conectávamos.

Eu não queria isso novamente. Eu não queria deixá-lo se aproximar, porque no fundo eu sabia... Sabia que ele tinha todo o controle e no momento em que reivindicasse minha alma negra, eu seria dele outra vez. E eu não estava pronta para ter meu coração esfaqueado por ele novamente.

Ele era o único que podia me libertar, *sim...*, Mas também era o único que podia me aprisionar.

Abri a porta dupla do meu quarto em um único impulso, e, rapidamente, me prontifiquei a fechá-las. Eu não fui rápida o suficiente, no entanto. Porque no segundo seguinte, Jake a havia empurrado, fazendo-me tropeçar para trás, e então batido a porta atrás de si.

Antes que eu pudesse confrontá-lo, me vi sendo puxada pelo braço, e então, meu corpo ser pressionado contra porta, sem nenhuma delicadeza.

Eu gritei, surpresa.

Ele ignorou.

Jake estava sobre mim antes que eu percebesse, pressionando-me. Seu corpo grande e intimidante me cobria enquanto seu rosto caía sobre o meu e suas mãos se posicionavam entre minha cabeça me encurralando.

Meu coração disparou e meu corpo formigou enquanto sentia meu sangue correr freneticamente por minhas veias. Eu estava familiarizada com essa atitude dele. E eu sabia o que estava prestes a acontecer.

Eu não queria.

Eu não podia me deixar ser dominada por ele outra vez.

Criando coragem, ergui meus olhos e encarei os seus. Eles eram sombrios, o azul escurecido e nebuloso enquanto me encarava fixamente, invadindo minha alma sem pedir permissão, como ele sempre fez.

— Me solte, Jake! — eu rosnei, fingindo uma coragem que eu não tinha.

A mandíbula de Jake cerrou.

Isso queria dizer que sua paciência e seu controle estavam por um fio.

— Não! — ele grunhiu, sua voz cortante como uma navalha.

— Você sabe que pode ser preso por isso, não sabe? — tentei ameaçá-lo. — Atacar a Princesa em seu quarto, não é sábio, *Bodyguard*¹¹. — Eu tentei empurrá-lo, mas seu peito esmagou os meus seios.

— Você sabe que eu não dou uma merda pra isso, *Princesa* — ele disse friamente.

— O que você quer? — perguntei, cuspidando as palavras, nunca deixando o seu olhar. Encarando-o com a mesma intensidade e prepotência que ele irradiava. Fiquei orgulhosa de mim por isso.

Jake deixou o meu olhar pela primeira vez e se concentrou em meus lábios.

Eu tentei não tremer por antecipação.

— Vamos acabar com esse joguinho, Rika.

Sua cabeça caiu na curva do meu pescoço, seus lábios roçaram minha pele, e meu corpo reagiu de imediato, como se o tivesse reconhecido.

Seus lábios subiram até meu ouvido, sua respiração batendo contra minha orelha.

— Se passou muito tempo, *Princesa*. E eu acho que você se esqueceu de quem eu realmente sou — ele sussurrou, a ponta de sua língua brincando com o lóbulo. — Eu não aceito ser tratado como merda por ninguém. Eu estou pouco me lixando para a Realeza e o seu título de princesa do caralho. — ele continuou. Eu me senti fraca, e o único motivo por eu não ter desfalecido no chão era porque seu corpo me sustentava. — Eu não vou aceitar os seus caprichos, os seus mimos e sua pose arrogante. Você quer brincar de menina mimada, então sabe as consequências. Você me conhece melhor do que isso, Rika.

Seu perfume, o mesmo que ele sempre usou, aquele que me fazia sentir em casa e protegida, invadiu-me, me inebriando, impedindo-me de raciocinar. Eu fiz um esforço, todavia.

— Eu não me importo com suas ameaças — falei. — Você não é ninguém para me alertar de como devo agir. Você perdeu esse direito há muito tempo, Jake!

Sua mão direita caiu até meu quadril, então ele contornou minha cintura, prensando-me contra ele, enquanto posicionava sua mão sobre a minha bunda.

Jake ergueu a cabeça e me encarou outra vez.

— Ah, mas nós dois sabemos que você se importa, *Princesa*. Assim como também sabemos que seu corpo ainda responde ao meu como sempre respondeu. — ele aproximou o seu rosto, e eu me embebedei de seu perfume e seu calor. — Ele me pertence, Rika. Você me pertence — disse ele com segurança e uma luxúria perversa na voz. — Sua alma me pertence. Seu coração me pertence. — Seu sorriso era traiçoeiro. Eu conhecia esse sorriso. Era o mesmo que ele sempre dava quando sabia que me tinha onde queria. — Porra, você inteira me pertence, boneca!

Mesmo meu corpo idiota me traindo, eu me irritei.

Como ele tinha a audácia de falar isso? Depois de tantos anos ele achava que era o meu dono? Ele perdeu esse direito.

— Como ousa, Jake? — o acusei enquanto tentava me desvencilhar. Ele me apertou mais forte. Eu gritei em frustração. — Você não é ninguém pra mim, porra! Não pense que pode chegar aqui depois de anos e achar que eu estou à sua disposição. Não achei que pudesse ser tão imbecil a esse ponto! — minha voz se alterou.

Jake sorriu cruelmente.

— Oh, mas você sabe o quão imbecil eu posso ser, boneca. Você sabe também que eu estou certo. O seu corpo tremendo em antecipação por meu toque não mente. E eu tenho certeza, Princesa, que sua pequena e deliciosa boceta está molhada pra mim, não é?

Eu rosnei, perdendo a paciência.

— Me larga, idiot.....

Ele colocou a mão esquerda na minha boca, impedindo-me de gritar.

Seu sorriso se alargou.

— Vamos lá, boneca. Você sabe que eu amo quando fica selvagem pra mim, mas não queremos que invadam o seu quarto achando que você está sendo coagida e machucada, certo?

Eu tentei morder sua mão.

Jake apertou minha cintura. Eu senti seu pênis duro contra o meu estômago.

Ele soltou a mão da minha boca.

— Eu estou sendo coagida, idiota. — afirmei, antes de respirar fundo, cansada dessa merda toda. — Jake, me deixe em paz.

Ele negou com a cabeça.

— Eu te deixei, Rika. Por muito tempo, e olha no que você se tornou. A porra de uma viciada. Uma alcoólatra. Uma riquinha festeira que gosta de chamar a atenção dos tabloides para irritar a mamãe. — Eu arregalei os olhos, sentindo suas palavras como um tapa. — Uma garota mimada, fraca e patética. — ele riu. Sua voz gotejando desprezo. — Você é uma grande bagunça, Rika. Uma vadia com poder e dinheiro. Uma grande decepção. — acusou ele friamente.

Um tapa teria doído menos.

Eu senti as lágrimas se formarem em meus olhos.

— SAIA! — eu gritei, antes de começar a me debater contra ele.

Jake me apertou mais contra ele.

— Não!

— Eu não te quero aqui! Você não tem nenhum direito de me julgar. Você não é melhor do que eu! — cuspi as palavras, perdendo o controle. Senti as lágrimas começarem a cair pelo meu rosto, mas eu estava muito perdida em meu ódio para me importar. Tudo o que eu queria era machucá-lo, feri-lo, fazê-lo sumir, e então, beber até dormir, esquecendo-me dessa prisão em que eu vivia.

— SUMA DA MINHA VIDA, JAKE! — desequilibrada e ferida, eu gritei outra vez.
— EU NÃO PRECISO DE VOCÊ!

Ele posicionou as duas mãos ao redor da minha cintura e deu-me um chacoalho antes de me puxar outra vez contra ele.

Eu já estava fora de mim.

Eu não queria ouvi-lo.

Continuei batendo nele, e mandando-o sumir da minha vida, deixando as lágrimas nublarem a minha visão.

— Eu não vou a lugar nenhum — ele disse, sem se alterar.

— Por quê? Por que se importa? Eu não passo de uma vadia rica e mimada pra você, não é?

Jake não estava arrependido por suas palavras, e isso me doeu muito mais.

Não deveria doer.

Eu não deveria me importar com o que ele pensava.

Mas doeu, porra... E muito.

Então, ele disse algo que me fez congelar em seus braços.

— Porque eu te amo, porra!

Eu o encarei, meus olhos arregalados de espanto, surpresa, desconfiança e dor. Ele estava mentindo, claro que estava. Ele disse anos atrás que não sentia nada por mim. Ele me deixou por anos. Ele acabou de me tratar como se eu fosse qualquer merda.

— Você acha que eu sou aquela menininha estúpida ainda? Você me subestima, Jake.
— acusei com ódio e mágoa na voz.

Ele pareceu abalado por um breve segundo, mas logo voltou a sua pose fria de antes. Como se nada e ninguém pudesse penetrá-lo. Ele sempre foi assim. Mas parecia muito mais intocável agora.

— Você acreditará em mim, boneca. Porque eu não estou indo a lugar algum. Você precisa de mim.

— Eu não preciso de você! — rosnei friamente.

Ele rolou os olhos.

— Sim, você precisa. Todos te tratam como uma pétala delicada, mas você não é. Eu te conheço bem. Você é selvagem. Fogo corre por suas veias. Mas você também precisa de que acreditem em você. — Ele me cortou antes que eu pudesse falar. — Você precisa ser amada, Rika. Por mais que negue, por mais que se faça de durona... Você se sente sozinha. Você não confia em ninguém. Todas as pessoas te traem, e eu fui uma delas, todas as pessoas fingem se importar. — Lágrimas voltaram a ameaçar cair. Eu odiava ser fraca perto dele. Eu odiava que ele me conhecesse tanto, mais do que eu me conhecia. — Você está quebrada, querida. Sua alma está despedaçada. Você está implorando para ser salva. — ele me olhou fundo nos olhos. — E mais do que tudo, boneca... Você precisa ser

fodida.

Seu olhar se tornou lascivo e sombrio outra vez.

Meu coração ameaçou saltar do peito.

Eu tremi querendo me afastar dele.

— Você precisa ser fodida de verdade. Você precisa ser dominada. Você precisa se sentir segura. Você precisa de mim, *baby*. Porque só eu posso te levar aonde você precisa ir. Só eu posso te foder da maneira que você precisa ser fodida.

Arrogante filho da puta!

Eu dei um riso irônico, mesmo estando tensa como o inferno.

— Muito arrogante e confiante, não acha?

Ele não sorriu.

— Não, boneca. Apenas sincero. — ele voltou a me empurrar, até que eu estivesse com as costas prensadas contra a porta outra vez. — Você sabe por que só eu posso te libertar? — ele sussurrou, próximo aos meus lábios.

Eu engoli em seco.

Seus lábios roçaram os meus, e eu me senti enfraquecer enquanto o ouvia.

— Porque você também é a única que pode fazer o mesmo por mim. Porque eu preciso te ter, tanto quanto você precisa me ter. Porque eu preciso da nossa conexão. Porque eu preciso estar fundo dentro de você para me sentir vivo, novamente. Porque eu preciso te proteger como eu sempre fiz. Porque eu preciso senti-la desfalecer em meus braços. — Minha respiração falhou. — Porque eu, simplesmente, preciso de você.

Meus lábios tremeram. Minha cabeça girou.

Jake estava mentindo.

Ele só podia estar mentindo.

Mas, por mais que eu não quisesse, meu coração estúpido acreditava em suas palavras. Ele sempre acreditou. Jake comandava o meu coração, e eu não fazia a menor ideia de como pará-lo. A única coisa que eu sabia era que eu precisava dele para me sentir viva outra vez.

Cristo, eu estava tão cansada. Tão cansada de lutar, de fugir, de fingir. Eu queria que, por hora, pelo menos, ele tivesse o controle.

Eu estava chegando ao fundo do poço e não sabia como sair dele.

Eu só precisava me sentir viva outra vez, por alguns instantes pelo menos... Mesmo que o preço fosse me quebrar um pouco mais.

— Nossa conversa terminou, boneca — ele disse.

Antes que eu pudesse processar suas palavras, Jake me virou contra a porta, pressionando meu rosto contra ela, enquanto seu corpo voltava a me cobrir.

Seu pênis pressionou contra a minha bunda, e, eu, sem perceber, empurrei-me contra

ele.

Jake sorriu contra o meu ouvido.

— Eu te disse, boneca. Você precisa de mim.

Sua mão, então, correu pelo meu estômago até chegar em minhas dobras. Eu me contorci, sentindo seu dedo deslizar entre elas. Engasguei com o prazer que me inundava. A sensação era familiar. Eu me senti em casa outra vez.

Um estrondo vibrou em meu peito, acendendo-me como um interruptor. Uma descarga elétrica explodiu em meu corpo. Eu me desliguei por anos... Até aquele momento! Eu queria que ele me levasse, que levasse tudo de mim, que me usasse até que meu corpo não tivesse mais forças para suportar. Eu queria me afogar, me perder nele, na sensação do seu toque, dos seus lábios.

Deus, sim..., eu precisava dele. Tentei negar por tantos anos, mas no fundo eu sempre soube... Eu morri no dia em que Jake se foi.

Eu me afundei nas drogas, bebidas e festas, como ele disse. Mas eu tinha um vício maior... *Jake*. E eu sabia, que no momento que ele me tocasse..., eu seria dele outra vez. Eu me jogaria e me afundaria nele, como sempre fiz. Eu o deixaria consumir até a última gota da minha alma.

Eu era fraca.

Jake tinha razão.

Mas eu não me importava agora. Tudo o que eu queria era esquecer, e queria me sentir em paz, amortecida, alucinada, delirante. Sensações que droga nenhuma poderia me dar. Que nenhum outro homem podia me dar. Apenas ele.

— Você quer gozar, Princesa? — Jake perguntou, seus lábios encostados em meu ouvido.

Sim.

Eu não respondi.

Eu não podia.

Jake rodou meu clitóris com o polegar, por cima da calcinha.

Me senti desvairar.

— Vamos tirar isso do caminho — murmurou ele antes de rasgar o tecido da minha calcinha de renda preta com um só puxão.

Ele rosnou, roçando seu pau em minha bunda.

Deus, eu podia gozar facilmente só com isso.

— Porra, diga que vestiu isso para mim! — ele grunhiu com raiva.

Jake excitado era como uma bola de fogo. Seu temperamento era agressivo, seu humor se tornava negro, e ele tinha um olhar e uma voz sedutora que podia ser confundida com a do próprio diabo.

Eu amava.

Sempre amei.

Eu queria seu lado negro. Eu precisava dele. Jake tinha razão... Pétalas não funcionavam comigo.

Sua respiração estava agitada.

— Me dê sua boca, boneca. — ele ordenou, puxando o meu rosto para trás, com os dedos firmes em meu queixo. — Eu vou enlouquecer se não beijá-la, Rika. — confessou com um desejo desesperado na voz.

Sua outra mão afundava-se em minha fenda inchada. Seu dedo pressionou a minha entrada e deslizou para dentro. Eu engasguei antes de sua boca pegar a minha. Ele beijou-me, se afogando em sua própria necessidade e exasperação.

Ele me fodeu com um dedo, depois dois, violentamente, enquanto sua boca me devorava, reivindicando-me, lembrando-me a quem eu pertencia.

— Se solte, Princesa — ele disse contra minha boca. — Sem paredes. Sem segredos. Apenas fique comigo.

Eu gemi, desesperada por mais.

Seus dedos me foderam com mais força.

— Goze para mim, Rika. — ele ordenou, e eu cumpri sua exigência com um grito rasgando minha garganta, não me importando que poderiam me ouvir do lado de fora quarto.

— Porra! Eu senti sua falta, boneca. — ele mordeu o lóbulo da minha orelha. — Senti falta de como seu corpo reage ao meu toque, dos sons que você faz, da maneira ardente que se entrega desnudando-se para mim.

Eu delirava a cada palavra sua.

Eu amava a sua voz sensual e exigente.

Eu amava o quão ele sabia cuidar de mim.

Eu simplesmente o amava.

Uma lágrima deslizou pela minha bochecha com a constatação.

Eu estava perdida, outra vez, no mundo de Jake Price.

Não tive tempo de recuperar-me do orgasmo antes de Jake alinhar a ponta do seu pênis em minha entrada molhada e lisa. Em um impulso nossos corpos uniram-se instintivamente fazendo-me soltar um grito mudo ao engasgar-me e perder o ar.

— Cristo... Você continua tão apertada. — Jake rosnou, a voz consumida por luxúria e necessidade. — Eu te disse que ia te foder como você precisa ser fodida, boneca. — Sua respiração em meu ouvido formigava todo o meu corpo.

Ele mexeu os quadris começando a movê-los, deslizando seu pau para dentro e para fora lentamente. Logo, seus movimentos se tornaram mais rápidos, crus e selvagens. Jake

embalou minha cintura com um de seus braços, sustentando-me enquanto me fodia duramente, bombeando implacavelmente e violentamente dentro de mim, fazendo-me gritar o seu nome, inúmeras vezes.

— Isso, Princesa... Grite! Liberte-se! Deixe que todos te ouçam. Foda-se todos!! ... Somos apenas você e eu. — ele dizia eroticamente, impulsionando-me e excitando-me mais.

Eu gritei outra vez, sentindo minha garganta rasgar, quando seu pau me preencheu com uma estocada brutal. Eu estava tão molhada que Jake não teve nenhum problema em deslizar em mim da maneira que lhe convinha.

— Jesus, Rika... Eu nunca vou ter o suficiente de você. — ele confessou.

Eu estava em estado de êxtase, frenética. Perdi a noção do tempo, de onde estava e o que se passava ao meu redor. Tudo o que eu podia sentir era a nossa conexão, os nossos corpos unidos da maneira mais íntima e profunda enquanto ele me levava, me possuía, me preenchia e me libertava. Jake era o meu santuário. Seu corpo era a minha casa.

— Venha para mim, boneca. Goze no meu pau! — ele desacelerou o ritmo e embalou o meu corpo com os seus dois braços, um em volta da minha cintura e o outro na altura dos meus seios. Sua mão desceu o tecido do vestido, descobrindo meu seio esquerdo, e, então, o embalou e apertou-o cruelmente, dando-me a deliciosa sensação mista de dor e prazer. — Liberte-se, Rika! — ele ordenou em meu ouvido antes de voltar a bombear, empalando-me com o seu pau, fazendo-me gritar, fazendo-me flutuar, até minha visão nublar e minha cabeça girar.

Ele urrou, enterrando o seu pau ao máximo até eu explodir, gozando como nunca antes, gritando o seu nome.

— Porra! — Jake convulsionou, entrando em erupção.

Ele me apertou tão forte contra ele, que eu não pude respirar por alguns segundos. De qualquer modo, o êxtase violento em que eu me encontrava, fez com que eu não me importasse ou ao menos pudesse notar. Eu apenas sentia o seu coração disparado contra as minhas costas, sua pele suada e sua respiração ofegante em meu ouvido. Meus olhos estavam fechados, minha cabeça doía e meu corpo tremeu até não suportar mais e relaxar.

Jake liberou um de seus braços, ouvi sua mão bater contra a porta, apoiando-se, enquanto ele me segurava, impedindo-me de deslizar até o chão.

Seu corpo quente e agitado eram as únicas coisas que me davam a certeza de não estar morta. Eu poderia ter morrido, todavia... E teria morrido feliz.

Passaram-se alguns segundos, minutos, horas, não sei ao certo, e nós não nos movemos. Ficamos ali, apenas sentindo nossos corpos colados, Jake ainda enterrado dentro de mim, seu calor me envolvendo. Nenhum dos dois parecia querer quebrar essa conexão porque sabíamos o que viria a seguir.

Frio.

Solidão.

Tristeza.

Dor.

Desespero.

Saudade.

Jake foi o primeiro a tomar coragem, entretanto. *É, claro... Ele era mais forte do que eu.*

Sempre foi.

Eu era patética.

Ninguém disse uma só palavra, mas eu podia sentir a parede dura, impenetrável e indomável de Jake se levantar outra vez, cobrindo todo o quarto, criando a tensão já esperada.

Ele me soltou após ajeitar a saia do meu vestido e cobrir o meu seio com o tecido. Eu continuei na mesma posição, minha testa encostada na porta, sem coragem ou forças para encará-lo. E como um gato silencioso, Jake arrumou suas roupas, — eu não me lembro de tê-lo ouvido desarrumá-las, em primeiro lugar — pegou o seu paletó do chão, então, voltou-se a se aproximar, encostando-se em mim, me incendiando com o seu calor, mais uma vez.

Eu apertei os olhos, não querendo deixá-lo me ver quebrar.

Sua mão caiu em minha cintura, e sua boca se aproximou do meu ouvido.

Eu tremi, instintivamente.

— Não me tente outra vez como fez hoje, Rika — ele disse sombriamente. — Eu posso ter mudado em algumas coisas, mas o antigo Jake ainda mora dentro de mim, e ele não gosta de ser insultado ou instigado. — Seu nariz correu pela lateral do meu pescoço, inalando-me. Me senti enfraquecer... mais uma vez. — Não jogue um jogo que você não pode ganhar, Princesa.

Meus lábios tremeram.

— Vá embora. — murmurei, expondo a última gota de força que havia restado em mim.

A voz saiu praticamente inaudível e embargada, mas ele me ouviu.

— Nós precisávamos disso. — ele afirmou. — Você precisava disso. Eu te conheço como ninguém, Rika, não se esqueça. — Então, beijou o meu pescoço, sua mão firme em minha cintura, e eu estava pronta para implorar por ele, outra vez.

Estúpida.

Isso era o que eu era.

Patética. Fraca. Estúpida.

— Saia. — eu pedi, de novo, a raiva de mim mesma crescendo e as lágrimas ameaçando cair.

— Sim, eu vou. Dessa vez. — ele se afastou, soltando-me, deixando-me fria e

sozinha. Uma sensação ao qual eu era bem familiarizada. Ainda assim, precisou tudo de mim para não me jogar em seus braços e implorar-lhe para ficar e me abraçar por toda a noite. Para não me deixar nunca mais. Para me tirar dessa escuridão e dormência ao qual eu me encontrava. Para que me fizesse sentir viva mais uma vez. — Mas nós dois sabemos que não é isso que você quer. Porém, é o que precisa.

Ele deu dois passos até chegar à maçaneta do lado direito da porta. E antes de rodá-la, voltou-se para mim.

— Isso está longe de acabar, Rika. Mas lembre-se... Não brinque comigo. Não jogue comigo. Eu não sou um de seus servos. — alertou-me.

Assim dizendo, Jake abriu a porta e saiu, mas não antes de dar um tapa em minha nádega direita assustando-me, deixando minha pele em chamas.

Imbecil.

Quando a porta se fechou atrás dele, eu finalmente soltei o ar que não sabia que segurava, e me virei, batendo as costas na porta, então deslizei lentamente até o chão, antes das lágrimas surgirem e os soluços serem impossíveis de controlar.

Eu sabia o que ele pretendia. Ele queria me fazer sentir. Queria fazer doer. Queria me desafiar, me quebrar, para que, então, eu criasse forças para me reerguer, lutar, fechar as feridas que ainda permaneciam abertas e doloridas, e que me afundavam cada vez mais, dia após dia.

Ele estava disposto a me salvar.

Ele já havia feito isso antes.

Mas o que ele não sabia, era que dessa vez, eu tinha caído fundo demais, e eu já não tinha forças para me reerguer. A escuridão era minha família. A dor era a minha melhor amiga. E a autodestruição a minha amante.

Eu me perdi sem ele, deixando todo o lixo ao meu redor me dominar, me corromper. E minha alma foi o preço a pagar. Agora isso era tudo o que restava de mim...

A decepção.

A vadia egoísta e sem coração.

A fraca.

A autodestrutiva.

A princesa quebrada.



JAKE

UMA SEMANA DEPOIS

Eu me sentia à beira de um colapso.

Fazia uma semana desde que eu tinha fodido Rika contra a porta do seu quarto. Uma semana que eu a tinha tocado desde anos atrás. Uma semana que eu não conseguia dormir pensando em seus lábios, o seu cheiro, a sua voz, a sua pele macia, a sua boceta apertada, os seus gemidos, o seu toque.

Se não tocá-la por anos quase me destruiu, voltar a tocá-la, finalmente, me quebrou.

Quando levei Rika para casa, não tinha a pretensão de transar com ela, mas a sua atitude atrevida tinha me enfurecido. Talvez, ter sido atacado em um beco também tivesse ajudado a liberar a adrenalina, me fazendo perder o controle.

Eu estava cheio de vê-la agir daquela maneira, de ser quem não era, de se autodestruir a cada minuto do dia. Eu a via se embriagar e se drogar para suportar fazer suas obrigações Reais. Ela parecia que estava indo para o matadouro. Ela estava gritando por socorro. Um socorro que ninguém parecia ouvir.

Mas eu ouvi.

Essa não era a minha Rika.

A minha Rika era selvagem, ousada, sensual, alegre, aventureira, despreocupada. Um pouco maluca ela sempre foi, tenho que confessar, mas isso a tornava adorável. Um pouco insegura, infeliz e assustada também. Mas disso tudo a cadela da sua mãe era culpada. No entanto, Rika sempre foi ardente. Ela tinha um brilho no olhar que era capaz de te hipnotizar e fazer-lhe atender a qualquer um de seus desejos. Mas agora, ela parecia desligada. Seu olhar era sombrio, sua expressão tensa, seu sorriso era falso. Tudo nela era falso.

Eu precisava despertar a minha Princesa. Eu precisava ver o brilho selvagem em seus olhos outra vez. Eu precisava dela viva para que eu voltasse a me sentir vivo outra vez.

E foi por isso que eu a confrontei, que a enfrentei e a tirei do casulo assustado em que se ela se encontrava. Eu fiz o que ninguém fez durante todos esses anos. Mostrei-lhe a verdade. Notei-a. Olhei-a. Escutei-a. Atendi o seu pedido de socorro.

Não era fácil para ela, eu sabia. Não era fácil para mim também.

Quem gosta de ouvir a verdade quando tenta com todas as suas forças se esconder dela? E quem gosta de ter que ser aquele a tirar a pessoa de sua própria fantasia?

Ninguém.

Mas eu precisava.

Por ela e também por mim.

Rika era o meu mundo. Ela sempre foi o meu mundo. Sem ela, nada fazia sentido para mim. A esperança de voltar para ela foi o que me deu forças para aguentar todos esses anos longe, e agora, eu me recusava a perdê-la, para qualquer ameaça, incluindo ela mesma.

Sabe quando você sente que há um vazio dentro de você? Como se uma parte importante estivesse faltando? Como se você se sentisse deficiente, incompleto?

Era assim que eu me sentia sem Rika.

Eu nunca fui do tipo romântico tradicional. Eu nunca fui como os príncipes, lordes e condes com que ela estava acostumada.

Não.

Eu era um garoto do sul da Inglaterra que nunca conseguiu se encaixar nos padrões da sociedade. Eu era do tipo que os desafiava, que não dava uma merda para riqueza, títulos e poder, o tipo que nunca aceitava ordens ou ser humilhado por qualquer um que pensasse ser melhor por conta de sua posição social.

Eu nunca fui fácil de lidar... *Oh, não!* Eu era uma dor na bunda de todos. As tatuagens em meu corpo mostravam que tipo de garoto eu fui e que tipo de homem eu era hoje.

Mas, então, tinha Rika... A garota que eu conheci quando tinha 15 anos e ela apenas 10 anos. A garota que no momento em que olhei em seus olhos brilhantes e selvagens, eu sabia que ela faria o que ninguém nunca pôde fazer... Me fazer sorrir.

Eu só não sabia que iria tão além disso.

Eu não sabia que ela me aprisionaria. Ela me faria seu escravo. Ela tomaria meu coração e minha alma. Ela viraria minha obsessão. E eu a seguiria até o maldito fim de mundo.

Eerika era minha outra metade. Era a parte que estava faltando. Ela me completava. Ela era o meu mundo, o meu ar, o meu tudo. Ela era o meu vício. Um vício que tratamento nenhum no mundo poderia curar, e que eu não queria que curasse. Tudo o que eu queria era me perder nela, era fazê-la se perder em mim, e, então, eu a aprisionaria ao meu lado, tomando sua alma, seu coração, seu corpo, tudo... Da mesma maneira que ela tomou tudo de mim.

Agora, aqui estava eu, tendo que controlar a porra do meu temperamento, indo contra todos os meus instintos indomáveis, agindo friamente como o profissional que me tornei, — o homem que eu não era — para poder aproximar-me dela outra vez, para fazê-la voltar a confiar em mim, para tomar o que era meu, o que foi predestinado a mim.

Rika era minha, e eu estava pronto para reivindicá-la de uma vez por todas.

Aquela noite, em seu quarto, foi o primeiro passo. Ela cedeu a mim como eu sabia que cederia. Afinal... Nenhum de nós dois nunca pôde controlar essa conexão que tínhamos. Nosso orgulho não era páreo para nosso desejo um pelo outro. E era assim que eu iria aprisionar sua alma e seu coração outra vez. Eu o recuperaria e o roubaria, sem piedade. Eu tomaria o seu corpo até fazê-la entregar sua alma a mim de bom grado, até ela me dar tudo de si e voltar a confiar sua vida a mim. Eu a faria se apoiar em mim e a faria ver que eu estava aqui para salvá-la. Não apenas dessa ameaça que estava determinada a tirá-la de mim, mas dela mesma.

Eu a olhei dançar e rir com sua prima, a Princesa Giuliana, na tenda VIP designada a Família Real.

Nós estávamos em Somerset no *Glastonbury Festival*. Um dos maiores festivais europeus.

A música eletrônica dominava toda a grande área onde milhares de pessoas dançavam, se beijavam, transavam, bebiam e riam sob o efeito das drogas.

O calor era infernal, e dei graças a Deus por estamos em uma área especial coberta.

Rika, para variar um pouco, já estava bêbada.

Não havia usado drogas, no entanto.

Não porque não quis, e sim porque confisquei a maconha que escondeu em suas coisas durante a viagem.

Ela ficou furiosa comigo, mas eu a ignorei, fingindo-me de desentendido. Eu sabia que a estava matando com a minha atitude, já que eu a tratei como se aquela noite nunca tivesse acontecido, e no dia seguinte, eu era apenas o seu guarda-costas.

Mas foi necessário.

Me doía tanto quanto doía nela manter distância, não tocá-la e fingir indiferença. Mas Rika era a Princesa da Inglaterra e estava acostumada a ser mimada e ter tudo em um

piscar de dedos. Ter pessoas beijando os seus pés e homens suspirando por ela a cada lugar que passava.

Não comigo.

Ela sabia disso, mas fingia não se lembrar.

Eu a lembraria.

Porque também a conhecia, e eu sabia que se tinha algo que deixava Rika furiosa, era não conseguir o que queria. O desafio a instigava. O difícil a atraía. E eu... Era tudo o que ela mais queria no mundo. Podia ser arrogância da minha parte, mas era a verdade, assim como era verdade que eu sempre fui um filho da puta confiante e prepotente, e não tinha problema nenhum em assumir.

— Cuidado para não explodir, Jake. — a voz do Príncipe Henryk soou ao meu lado provocando-me com um sorriso idiota no rosto.

Eu o olhei rapidamente através do meu *Ray-Ban Aviator Black*, inclinando minha cabeça para o lado, estudando-o, logo voltei à minha posição profissional, mantendo a atenção em Rika.

— Você sabe que eu não tenho problema nenhum em quebrar o seu rosto real, Alteza — falei tranquilamente.

Henryk ergueu o copo com cerveja e tomou um gole antes de rir.

— Eu sei bem disso — disse com um tom de aprovação na voz. — Eu estou feliz que esteja próximo de Rika novamente, sabe?! — confessou.

Meu olhar mantinha-se em Rika que estava linda, vestindo uma camiseta simples preta, onde ela deu um nó abaixo dos seios, deixando sua barriga lisa a mostra, meia calça arrastão da mesma cor, uma calça jeans com grandes rasgos em várias partes e botas estilo militar também pretas. Seu cabelo loiro estava solto e esvoaçante deixando-me hipnotizado.

Rika ria animadamente com Giuliana.

As duas reboavam seus corpos, dançando uma contra a outra sensualmente. Meus olhos deveriam estar atentos apenas aos arredores, mantendo a Princesa em segurança. No entanto, me peguei estudando o seu corpo, suas curvas, sua bunda, desejando puxá-la contra mim e tê-la reboando dessa maneira no meu pau que, naquele momento, já latejava dentro do meu jeans, implorando para ser liberado.

Henryk continuava falando.

— Eerika se perdeu desde que você se foi, Jake. Ela se desligou do mundo, das pessoas. Ela fechou seu coração. Me preocupa o seu estado.

Eu suspirei.

— Você não está muito diferente dela pelo o que vejo — falei, olhando-o de soslaio com irônica repreensão.

Henryk ficou alguns segundos em silêncio, antes de comentar.

— Eu sei..., mas eu ainda sou o seu irmão mais velho, e me dói vê-la sofrendo assim.

Rika me olhou quase imperceptivelmente, mas eu notei. Ela estava me provocando, ao mesmo tempo em que tentava me mostrar que eu era ninguém para ela.

Está fazendo um péssimo trabalho, boneca.

— Por que não tentaram fazer nada para ajudá-la? — perguntei, sem conseguir controlar o tom de desaprovação na voz.

Henryk deu um riso irônico.

— Você fala como se não a conhecesse, Jake. Rika é indomável. Ela é insubordinada. Ela é rebelde. Ela não ouve ninguém. Ela faz o que quer.. — ele deu uma pausa antes de continuar. — Você sempre foi o único a conseguir chegar até ela.

— É fácil... É só não aceitar as suas merdas. Vocês são muito condescendentes com ela.

Henryk negou com a cabeça, soltando mais um riso.

— Não é bem assim, Jake. Gabe e eu podemos ser duros com ela, e ainda assim, ela não irá escutar. Ela mandará todo mundo se foder e fará o que quiser. Nosso pai... Bem, ele talvez tivesse a mimado demais. Mas, nós tentamos... Você conhece o Gabe! Ele é impositor como o inferno. Mesmo assim, ela não quis ouvir, não importasse o que disséssemos ou o que fizéssemos. Você sempre foi o único a conseguir domá-la.

Talvez ele estivesse certo.

Eu era o único ao qual Rika se submetia, assim como ela era a única à qual eu me submetia.

Eu notei o idiota do Lorde Kenneth Beckinsale se aproximar das princesas com um sorriso filho da puta no rosto enquanto comia Rika com os olhos.

Levou tudo de mim para que eu não rosnasse como um animal, fosse até eles e arrebentasse a cara daquele imbecil.

Kenneth sempre a olhou dessa maneira, ele sempre a quis, e eu sempre deixei claro para ele que Rika era minha. Eu até mesmo o soquei em um bar uma vez quando ele tentou beijá-la. Apesar disso, o idiota continuava dizendo que eu não era bom o suficiente para ela, que eu não era do mesmo nível que ela, que ela era muita coisa para mim. E que um dia, o nosso caso — como ele chamava — chegaria ao fim, e então, seria ele que terminaria se casando com ela.

Nem por cima do meu cadáver.

Eu podia não ser bom o suficiente para ela, mas ele também não era.

Porra... Ninguém era.

Rika era perfeita demais para qualquer cara. Todavia, eu era um filho da puta egoísta, e eu a tinha reivindicado para mim quando ela me olhou pela primeira vez e eu então soube que aquela garotinha tinha vindo ao mundo para mim.

Ela era o *meu* presente.

Ela era o *meu* destino.

Ela era *minha*.

E ninguém a tiraria de mim.

— Jake... Jake.. — ouvi Henryk me chamar.

Eu tinha me desligado e esquecido o que tinha falado quando o “Lorde Imbecil” apareceu.

— Sim... — respondi, ou grunhi. Não sei ao certo.

Ouvi a risada de Henryk.

— Certas coisas nunca mudam. — ele brincou. — Kenneth esteve em cima de Rika desde que você se foi — disse. Cerrei os dentes e os punhos, segurando-me para não quebrar o idiota na frente de todos. — Rika nunca lhe deu atenção, no entanto. Você já deve imaginar. Mas nossa mãe está fazendo de tudo para que Rika se case com ele. Então, se eu fosse você, me apressava, meu amigo! — Henryk deu um tapinha no meu ombro antes de tomar outro gole de sua cerveja. — Só cuidado para não fazer uma cena na frente de todos. — o Príncipe brincou.

Eu rolei os olhos.

— Diz o Príncipe que saiu nas capas dos tabloides há pouco tempo, nu, fodendo uma celebridade de reality show barato. — acusei-o.

Henryk riu.

— Bem, você me pegou aí... Eu me importo uma merda se você fizer uma cena na frente de todos. Na verdade, adoraria ver o Kenneth sangrando no chão outra vez. — ele riu, e então, se afastou.

Eu sorri por dentro.

Um sorriso cruel e perverso.

Se esse filho da puta a tocasse, eu o lembraria o que acontecia quando otários como ele tentavam roubar o que era meu.

Kenneth sabia que eu estava puto por dentro. Eu podia sentir. E foi por isso que o desgraçado se inclinou sobre Rika e murmurou algo em seu ouvido que a fez rir.

Ela estava me provocando.

Maldita.

Eerika se virou de costas para Kenneth e começou a rebolar contra ele, rindo alegremente, deslizando para baixo até pressionar sua bunda em seu pau. — Ele chamava de “pau”, eu chamava de “vexame”. — Kenneth sorriu-lhe com lascívia e Rika segurou suas mãos levando-as até seus quadris fazendo-o pressioná-la mais contra ele.

Eu vi vermelho.

A arma no meu coldre pesou em meu peito e os demônios dentro de mim gritavam para que eu a pegasse e aleijasse o filho da puta. Ao invés disso, eu usei todo o meu

treinamento na MI6 para controlar minhas emoções e meu temperamento explosivo.

Apenas uma coisa era mais forte do que meu ciúme de Rika... Aceitar os seus desafios, ganhar e lhe mostrar que comigo ela não brincava.

Ela me olhava a cada minuto querendo ver minha reação, mas eu fiz o que mais a irritava... Fingi não me importar ou notar, mesmo que eu estivesse queimando por dentro.

Algo, então, me chamou a atenção no fundo da área VIP.

Um boné para falar a verdade.

Eu espremi meus olhos, tentando eliminar as inúmeras pessoas do meu caminho, procurando por uma em específico.... Até que encontrei, e confirmei. Era o mesmo boné preto com o símbolo do Watford, o time de futebol.

Eu esqueci, momentaneamente, de Rika e suas brincadeiras, entrando em modo operacional. Levei minha mão ao ouvido, acionando o comunicador.

— Prescott, me cubra. Olhos atentos em *Jasmine*. Não a tire de sua vista um só segundo e não a deixe sair daqui com ninguém. — *Muito menos com esse Lorde Imbecil*, pensei.

— *Entendido*. — Prescott respondeu.

Sem tirar os olhos do suspeito do boné, eu abri caminho através da multidão. Passei por Henryk que conversava com alguns amigos e abraçava duas garotas. Bati em seu ombro, chamando-lhe a atenção. Meus olhos nunca deixando a figura de boné que estava na mesa de petiscos de costas para mim.

— Cuide da sua irmã — falei baixo em seu ouvido.

Henryk virou o rosto e franziu o cenho.

— Esse não é o seu trabalho? — ele perguntou sendo sarcástico, arqueando uma sobrancelha.

Eu ignorei seu sarcasmo.

— Faça algo de útil, caralho! — resmunguei, Henryk riu, e eu saí andando, os olhos fixos no alvo.

As pessoas no meio do caminho me atrasavam. O meu sangue corria com a adrenalina e a antecipação.

O suspeito começou a se mover, saindo da tenda tranquilamente.

— Porra!

Empurrando os corpos, sem tempo para pedir-lhes licença, consegui atravessar a tenda, ouvindo reclamações das pessoas atrás de mim.

Ignorei e segui o caminho que o suspeito fez.

Olhei ao redor, procurando por ele, já irritado que o tivesse perdido de vista mais uma vez. Até que o vi, um pouco à frente, passando pelas cabines de banheiro público.

Eu corri, empurrando as pessoas que me xingavam, e segui o suspeito. Até que parei

abruptamente antes que pisasse em uma garota caída no chão, parecendo desacordada.

Eu olhei para ela, procurando algum indício de ferimento ou que estivesse realmente desmaiada. Minha mente estava em dúvida entre ajudá-la e correr.

Olhei para cima, procurando o suspeito, mas eu o tinha perdido de vista.

— Porra! — gritei frustrado, passando os dedos pelos fios do meu cabelo.

Baixei os olhos para a garota. Ela começara a se mexer. Me agachei para ajudá-la, porém, ela, ao me notar, se afastou assustada. Arqueei a sobrancelha estranhando sua atitude, mas ignorei.

— Você está bem? — perguntei.

Ela me olhou e algo em seu olhar me instigou. Eles eram doces e gentis... Um pouco assustados, mas ao mesmo tempo tranquilos e astutos. Eu não podia lê-la, o que era estranho, já que como um ex-espião, eu aprendi a ler as pessoas.

Ela, então, sorriu de canto e se levantou.

— Sim. Obrigada. Eu acho que bebi demais. — riu, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha. Ato que me lembrou Rika. Ela costumava fazer isso quando estava nervosa.

— Precisa de ajuda? Você parece perdida. — perguntei.

— Ah, não.... Não precisa. Meus amigos estão aqui perto. Eu apenas fiquei tonta e caí. Acho que a bebida e o sol não me fizeram bem.

E drogas, provavelmente.

O brilho excessivo em seus olhos poderia ser isso.

— Tudo bem, então. Tome mais cuidado. — alertei-a.

Ela sorriu e assentiu.

— Sim, claro. Me desculpe por isso — falou timidamente.

Eu apenas assenti com a cabeça, então ela passou por mim e correu para longe.

— Merda! Onde você se meteu? — perguntei para mim mesmo, procurando o suspeito do boné com os olhos. Mas eu sabia que ele já estaria longe a essa altura, e no meio desse mundo de gente seria impossível encontrá-lo. Além disso, poderia não ser a mesma pessoa. Poderia ser qualquer um.

Não.

Coincidências assim não acontecem. Principalmente quando eu tinha certeza que a Princesa estava em perigo.

Durante essa semana, eu mergulhei em uma pesquisa, tentando me aprofundar no segredo que o Rei Christian havia me confiado, juntando com o pouco de informações que peguei quando fui atacado naquela viela.

Nada descobri.

De acordo com o Rei Christian, pessoas próximas estavam envolvidas. Ele deixou

bem claro que eu não poderia confiar em ninguém. Eu investiguei todos os funcionários do palácio, todos os parentes da Família Real, toda equipe de segurança, e nada. Tive que invadir o escritório do Chefe de Segurança para isso, correndo o risco de ser pego, mas... Eu fiz o que tinha que fazer. E ter trabalhado para a MI6, sendo um dos melhores, me dava armas e artimanhas para usar.

Eu tinha a sensação de que estava correndo contra o tempo, e que o meu tempo estava chegando ao fim.

Eu precisava de alguma pista, qualquer uma, para prosseguir.

Eles estavam brincando comigo, jogando. Sempre um passo à frente.

Eu me tornei o pião, o que não me agradava em nada. Estava na hora de virar o jogo e começar a comandar o jogo. A vida de Rika estava em risco, e eu precisava me lembrar disso a cada segundo, porque não havia pressão maior para mim do que ameaçar a vida da mulher que eu amava. E para o azar de quem é que estivesse por trás disso ... Eu trabalhava muito melhor sob pressão.

Me virei, caminhando de volta para a tenda. Quando me aproximei, notei o *Lorde Imbecil* conversando com um de seus amiguinhos nobres nojentos e sem graça, enquanto Rika continuava dançando. Mas eu parei de andar quando notei um cara puxá-la contra ele e beijar o seu pescoço. Rika sorriu, ergueu o seu rosto e o beijou na boca. Não qualquer beijo. Um beijo que dizia “Me coma agora”.

Filha da puta.

Ela estava brincando com fogo e estava prestes a se queimar.

Ah, boneca... Vingança é uma cadela!



RIKA

Eu não queria admitir, mas a atitude indiferente de Jake após o nosso “momento” na semana passada, doeu.

Ele me ignorou, fingiu que nada havia acontecido entre nós, voltando a me tratar apenas como sua tarefa, sua missão, seu maldito trabalho.

Era isso que eu queria desde o início, não era? Eu também queria esquecer aquela noite, as suas palavras, o seu corpo contra o meu, a maneira que ele me tomou e me levou.

Ele ultrapassou os limites me insultando, me usando... Então, por que doía? Por que eu tentava a todo custo chamar a sua atenção?

Claro, eu jamais assumiria em voz alta, mas no fundo eu sabia, que estava implorando para que ele me notasse, para que me olhasse. Eu queria quebrar aquela frieza e indiferença estúpida em seu olhar. Eu queria que ele perdesse o controle, que demonstrasse que aquela noite não havia sido apenas sobre me machucar, me ferir, mostrar seu poder sobre mim.

Ele disse que me amava, não disse?

Era mentira.

Mas e se fosse verdade?

Porra!

Eu ia acabar enlouquecendo.

Jake estava jogando com a minha mente, com as minhas emoções. Ele era ótimo em fazer isso. Ele sempre amou o jogo. E mais uma vez conseguiu o que queria... Me deixar obcecada por ele, implorando por uma migalha de sua atenção.

Foda-se.

Eu tinha aprendido a jogar também, e não iria perder para ele. Não dessa vez. Ele não ia me foder como qualquer uma de suas vadias e depois me tratar feito lixo.

Eu era a Princesa da Inglaterra.

Eu o faria se lembrar disso.

Por algumas horas eu dancei e bebi com Giuly. As minhas ervas foram confiscas pelo “Sr. Estraga Prazeres”, mas ainda assim eu podia me divertir. Quando notava Jake me observando, fazia questão de me aproximar de alguns caras e me esfregar contra eles em uma dança sensual.

Eu não sabia se Jake ficaria com ciúme ou se importaria, mas eu queria lhe mostrar que eu estava pouco me fodendo para ele. Que não precisa dele. Que eu podia ter quem eu quisesse.

Eu sabia que estava mentindo para mim mesma. Mas, *hey...* Não era como se eu não vivesse uma farsa 24 horas por dia. Se tinha uma coisa que eu era boa, era em fingir, atuar, enganar.

Jake não se moveu ou demonstrou qualquer reação, o que estava me deixando cada vez mais frustrada já que ele sempre foi do tipo ciumento temperamental. Bastava um cara me olhar por mais de alguns segundos e Jake já estava em cima dele. Aparentemente, eu não fazia mais esse efeito nele. Teria doído se eu não estivesse amortecida pela quantidade de bebida ingerida. O desprezo cairia sobre mim mais tarde, entretanto.

Foi quando Kenneth apareceu.

Eu não sabia que ele viria, mas não estava exatamente surpresa. Ele adorava festas e ia em todas que podia.

Jake o odiava.

Bem, eu também não me simpatizava com ele. Detestava a maneira que me olhava, como se pudesse me possuir, como se eu fosse um meio para o seu objetivo... Entrar para a Família Real. Mesmo assim, naquele momento, ele me foi útil. Se Kenneth não tirasse uma reação de Jake, ninguém mais faria.

— É um prazer encontrá-la aqui, Princesa — disse Kenneth com um sorriso que enlouquecia a maioria das garotas. No meu caso, só me fazia querer dar-lhe um soco em seu nariz perfeito.

Mas eu entrei no jogo.

O seduzi, o toquei, o acariciei... Dei a impressão que estava interessada, mesmo que minha cabeça estivesse apenas em Jake, esperando por ao menos uma reação sua.

No passado, ele teria atravessado a multidão, dado um soco em Kenneth, me puxado,

me levado para algum canto e me fodido duramente, me punindo. Eu amava, confesso. Mas agora, ele ficou apenas ali, olhando, sem fazer nada.

Eu já estava quase desistindo, decepcionada, com o coração destroçado mais uma vez quando meus olhos caíram em suas mãos.

Jake conversava com meu irmão, mas não tirava seus olhos de mim.

Okay, era o seu trabalho.

Mas mesmo que eu não pudesse ver os seus olhos através do óculo de sol, eu notei seus punhos cerrados.

Foi o suficiente.

Eu conhecia Jake como ninguém, e era assim que ele agia quando estava perto de perder o controle, mas tinha que se segurar, cerrando os punhos com tanta força que suas mãos chegavam a tremer. Eu o vi repetir o mesmo gesto inúmeras vezes. Jake sofria com problemas de agressividade no passado. Ele se metia em muitos problemas por causa disso, e foi preso inúmeras vezes por conta de brigas.

Eu o ajudei a melhorar, ele me dizia. Assim como ele me ajudou com minha personalidade autodestrutiva e minhas inseguranças.

Eu sentia a falta dele.

Jake trazia o melhor e o pior de mim, tudo junto em um mesmo pacote. Ele me fazia real, viva. Eu podia ser eu mesma com ele, sem ser julgada ou usada. Eu me sentia especial ao seu lado. O que era irônico já que eu deveria me sentir assim por ser a Princesa da Inglaterra. Mas a verdade era que eu não passava de uma boneca de decoração onde as pessoas me diziam o que fazer, como agir, como me vestir, com quem andar.

Jake me ensinou a mandá-los todos se foderem e me amar por mim mesma. Ele me ensinou que eu não era imperfeita como me faziam me sentir apenas porque eu não me encaixava nos padrões reais. Ele me ensinou a me amar com o seu próprio coração.

Eu senti uma pequena ponta de esperança crescer dentro de mim, o que me fez sorrir mais. Kenneth, no entanto, achou que eu estava sorrindo para ele.

Idiota.

Mas, no final, me foi útil.

Até que Jake sumiu.

Ele desapareceu em um passe de mágica, fazendo a faísca dentro de mim se apagar... outra vez.

— O que acha de nos vermos hoje à noite, Princesa? — perguntou Kenneth no meu ouvido em tom sexual.

Sentindo-me enojada, tirei suas mãos do meu corpo e me afastei.

— Nos seus sonhos, Kenneth — respondi com um rolar de olhos e expressão de tédio.

Ele ergueu uma sobrancelha sem entender, então uma carranca surgiu em seu rosto.

Por um segundo me assustou a maneira que me olhou, mas no segundo seguinte estava sendo arrastada por Henryk, fazendo-me esquecer-lo completamente.

Culpo a bebida pela memória franca e mudanças de humor.

— Onde Jake está? — perguntei a Henryk, próximo ao seu ouvido, por conta do barulho da música e das pessoas falando, quando ele me arrastou até o sofá da nossa área vip.

Henryk sorriu para uma garota que passava com um “me foda” estampado na testa, — *nojento* — antes de me responder.

— Não sei. — deu de ombros e me passou a mangueira do narguilé que descansava em seu colo. — Já está sentindo falta dele? — Henryk me olhou e deu um sorriso travesso.

Eu bati em sua coxa em reprovação e levei o bico da mangueira à boca, absorvendo a fumaça, sentindo o tabaco descer contra a minha garganta, antes de soltá-la.

— Não, idiota! Ele é meu guarda-costas, vive atrás de mim parecendo minha sombra e de repente sumiu. Ele deveria estar fazendo a porra do trabalho dele! — resmunguei.

Henryk riu e pegou a mangueira de mim.

— Aham... Vamos fingir que eu não te conheço e que acredito nessas merdas que você diz, maninha! — ele brincou.

Eu rolei os olhos.

Após um tempo fumando com meu irmão, observando as pessoas passarem e dançarem por todos os lados, Giuliana apareceu, depois de ter sumido por um tempo, despistando seus seguranças, os deixando malucos. — Henryk e eu não nos importamos, no entanto. Conhecendo Giuliana, ela estava em algum canto fodendo algum músico. Ela era obcecada por caras de banda, ou djs, ou qualquer coisa que estivesse em cima de um palco.

Ela me puxou para dançar.

Eu dancei com mais alguns caras, até mesmo beijei um deles que se parecia um pouco com Jake — *Deprimente, eu sei!* —, mesmo que o original não estivesse lá para ver. Eu estava irritada comigo mesma, furiosa com ele e frustrada. Uma péssima combinação, já que eu sempre terminava da mesma maneira quando estava nesse estado: Bêbada, chapada e fodendo algum cara aleatório.

Quando senti meus pés latejarem, eu me virei na direção do sofá, peguei uma bebida que um dos garçons me ofereceu e continuei o trajeto, mas no caminho acabei esbarrando acidentalmente em alguém derrubando minha bebida.

Eu ia xingar o idiota, mas o notei completamente bêbado. Era um dos amigos de Henryk. No mesmo instante, surgiu na minha frente, uma garota de cabelos curtos e castanhos, vestida com o uniforme de *bartender* — Um vestido preto, simples, curto e colado no corpo. Sem deixar o estilo despojado, calçava uma bota militar preta de cano médio. Um crachá estava preso no tecido do vestido, a identificando como funcionária do festival.

A reconheci imediatamente.

— Clara? — disse surpresa.

Ela sorriu animada.

— Hey, *Vossa Alteza!* — ela brincou, debochando da reverência.

Clara Burton era uma conhecida de festas. Ela trabalhava em algumas baladas e pubs que eu frequentava. Por conta dos nossos encontros casuais em eventos, como este, nos tornamos amigas.

— Não enche, Clara! — sorri. — Está trabalhando aqui também? — ela assentiu. — Porra, garota... Você está em todos os lugares! Está precisando de férias. — brinquei.

— Eu vivo de férias. — Ela sorriu. — Eu amo isso aqui, é como estar em férias constantes de verão. — ela suspirou divertida. — Além disso, nem todo mundo tem uma cama banhada a ouro para dormir todas as noites. — ela fingiu desdém, mas eu aprendi que Clara não se importava com títulos, poder e riqueza, assim como Jake, por isso eu me identifiquei com ela desde o nosso primeiro encontro.

— Vadia!

Ela riu.

— Eu vou me sentar um pouco. Acho que bebi demais e meus pés estão me matando.

Clara arqueou a sobrancelha.

— Você bebeu demais? Princesa, nós duas sabemos que você só para quando cai morta no chão. — zombou ela.

Dei um sorriso inocente.

Ela olhou para o meu copo.

— Aliás, que merda é essa que você está tomando? — Eu dei de ombros. Pra falar a verdade, não fazia ideia, e também não me importava. — Vá sentar seu traseiro real enquanto eu mando algo descente para você e o gostoso do Príncipe Henryk beberem.

Eu franzi o nariz com nojo.

— Poupe-me, Clara. Eu realmente não preciso dessas insinuações sexuais quando o assunto são meus irmãos. — resmunguei.

Clara deu de ombros e me olhou com falsa inocência antes de se virar e sumir no meio da multidão.

Eu fiz o que ela disse.

Voltei para a pequena área criada para a Família Real, onde Henryk estava sentado, rindo com alguns de seus amigos — Um DJ famoso que tinha acabado de sair do palco, e minha tímida prima Gabrielle, a irmã mais nova de Giuliana.

— Hey, Elle! — falei ao me jogar no sofá e roubar o narguilé da mão de Ryk.

— Oi, Rika — disse ela em voz baixa, praticamente inaudível por conta do som alto vindo do palco e da multidão.

Gabrielle era o oposto de Giuliana. Muito tímida, quieta, submissa, insegura. Até

mesmo, um pouco mais cheinha, e, infelizmente, sem muita noção de estilo. Seu rosto era bonito, entretanto, e sua pele lisa e clarinha como a de um bebê. Suas curvas também eram belas. Ela só não sabia como exaltá-las.

Ele não gostava desse tipo de festas, se sentia desconfortável com o número de pessoas. Ela era completamente antissocial, além de claustrofóbica.

— Está se divertindo? — perguntei ironicamente, então ri antes de dar uma tragada.

— Você sabe que não gosto desses lugares. — ela respondeu se encolhendo como se as pessoas fossem engoli-la.

Eu devolvi o narguilé para Henryk e ergui uma perna no sofá, descansando meu pé sobre o móvel.

— Então, por que veio? — perguntei.

Ela brincou com seus dedos entrelaçados antes de me olhar e responder.

— Porque o papai está furioso com Giuliana, e a única maneira que ele ia deixá-la vir, era se eu viesse junto.

Eu ri, antes de pegar um cigarro de Henryk, acendê-lo e tragá-lo. Eu soltei a fumaça e a olhei com diversão nos olhos.

— Claro, e, com certeza, Giuliana te obrigou a vir, e você não teve coragem o suficiente para dizer “não”, até porque ela deve ter te chantageado de alguma maneira. — Debochei.

Ele assentiu.

Eu dei mais uma tragada.

Ofereci o cigarro para Elle, mas ela arregalou os olhos e negou com a cabeça me fazendo rir.

Sim, eu tinha uma veia cruel, e eu gostava de me divertir. E, sério, a passividade excessiva de minha prima chegava a irritar, muitas vezes. Então, eu a pressionava para ver se algum sangue corria por suas veias.

Confesso que também fazia por tédio.

Eu era uma pessoa ruim por isso?

Provavelmente.

Mas eu não nunca disse que era uma boa pessoa.

Em minha defesa, eu apenas me divertia um pouco deixando Gabrielle desconfortável. Já Giuliana era cruel. Ela não tinha paciência com a irmã, não gostava de tê-la por perto e a achava um peso morto... Aliás, era assim que Giuly a chamava, e na sua frente, sem nem ao menos disfarçar.

Giuliana era uma vadia má.

Uma *Bully Real*.

— O que a Princesa das Trevas fez dessa vez? — falei, rolando os olhos.

Elle suspirou e voltou a mexer em seus dedos nervosamente.

Eu a intimidava. Desde criança. Nunca entendi o porquê, até que uma vez perguntei a ela, e ela me disse que eu era muito bonita e atraente, destemida, além de muito segura de mim mesma, fazendo com que todos me adorassem, os homens caíssem aos meus pés, e aqueles que me odiavam, eu dava uma merda, e isso era intimidante para ela porque era tudo o que ela queria mas não conseguia ser.

Elle não me conhecia bem, aparentemente. Eu até podia ter algumas dessas características, mas segura e destemida eu nunca fui. Eu apenas me escondia atrás das bebidas, drogas, riqueza e meu título de princesa... O que me fazia poderosa. Mas no fundo, eu não passava de uma decepção, como Jake deixou bem claro.

Meu peito doeu ao me lembrar de suas palavras.

Traguei o cigarro mais uma vez, querendo me esquecer de tudo.

Eu era boa nisso.

Esquecer. Fingir. Atuar.

Henryk pegou o cigarro de mim quando Elle finalmente me respondeu baixinho, aproximando do meu rosto para que ninguém a ouvisse. Ninguém estava prestando a atenção, no entanto. Estavam todos bêbados, animados em suas conversas e brincadeiras. Além disso, Elle sempre foi do tipo que passava despercebida. Ela não tinha exatamente os padrões de beleza que atraíam os homens ou mulheres do nosso mundo, então eles não a olhavam. Na verdade, algumas garotas debochavam do seu peso ou suas roupas. Os caras riam dela.

— Giuly tirou algumas fotos privadas minhas, — ela disse com vergonha — e ameaçou lançá-las na internet ou até mesmo enviá-las para os tabloides se eu não viesse.

Eu neguei com a cabeça e lancei um sorriso sarcástico.

Típico de Giuliana.

Eu podia não ser a Princesa da Bondade, mas eu também não era carrasca. Eu me sentia mal quando a menosprezavam ou quando Giuliana a tratava mal. Eu até mesmo a defendia muitas vezes. A arrogância e prepotência das pessoas era algo que verdadeiramente me incomodava. Todavia, a passividade de Elle também me enfurecia. Ela não fazia nada, ficava quieta, não se defendia. Então, tinham horas que eu mesma perdia a paciência e cansava de comprar suas brigas.

O mundo é cruel e as pessoas são desumanas. Então aceite isso, amadureça e pare de se vitimizar. O mundo não vai deixar de ser o que é porque você não tem coragem de lutar as suas próprias batalhas.

Eu não era o maior exemplo de força. Eu tinha vários demônios e fraquezas escondidos dentro de mim. Mas eu não demonstrava isso. Não na frente dos outros, pelo menos. Eu não aceitava merda dos outros e não deixava que me humilhassem.

Eu tentei ensinar isso a Elle, mas ela preferia se fazer de coitada e ficar chorando em seu quarto cada vez que a menosprezavam.

Bem, foda-se!

Eu não podia ajudá-la sempre, e não era como se eu pudesse julgá-la demais, também. Se ela queria ser assim, quem era eu para falar alguma coisa?

Eu preferi nem comentar sobre a ameaça de Giuliana. Gabrielle sabia o que eu pensava, e também sabia o que eu diria.

Minutos depois, uma Giuliana furiosa apareceu.

— O que foi, Giuly? O baterista não te comeu direito? — Debochou Henryk rindo perversamente. Seus amigos se juntaram a ele.

Giuly o olhou com tédio e rolou os olhos.

— Não, babaca! Meu problema é essa sonsa aqui — ela disse espumando e apontando na direção de sua irmã Elle.

Eu não me meti. Apenas peguei mais um cigarro, me recostei no sofá e relaxei inalando a fumaça.

— Pega leve, Giuly — disse Henryk tranquilamente, “tão preocupado” quanto eu com as crises dessa família. *E, sim... Estou sendo irônica.*

Percebi Elle se encolher ao meu lado.

— Pegar leve? Essa anta me enviou uma mensagem de texto dizendo: “O Giles mandou te avisar que está levando a heroína hoje à noite”. — ela imitou a voz baixa e fina de sua irmã.

— Mas ele pediu para que eu avisasse, Giuly. — ela se explicou.

Eu continuei saboreando o meu cigarro, Henryk também.

— Mas não por mensagem, Elle! Se fosse para mandar mensagem você não acha que ele mesmo teria feito, porra? — Giuly grunhiu irritada. — Você sabe muito bem que os assessores do nosso pai rastreiam todas as minhas mensagens, assim como também pode cair nas mãos da imprensa. — ela bufou.

Um amigo de Giuliana e Henryk — que estava bêbado — começou a gargalhar.

— Mas a sua irmã é muito burra, *mate!* — disse Merrick Griffiths.

Giuliana rolou os olhos.

Os outros amigos de Henryk começaram a rir.

Eu, sem conseguir me aguentar, já que odiava homem imbecil que gostava de menosprezar mulheres tratando-as como estúpidas, apesar do que a Gabrielle fez se qualificaria nisso, falei:

— Diz otário que se deixou ser amarrado, se achando o praticante de BDSM, com uma completa estranha, que acabou vendendo o vídeo para o maior tabloide do país! — Debochei, sem me dar o trabalho de olhar para ele ou mudar de posição. Continuei dando atenção ao meu cigarro. Valia mais à pena.

Todos os caras começaram a rir de Merrick, incluindo Henryk que “acordou” de sua brisa.

— *Mate*, a sua bunda sendo espancada foi a atração do país por semanas. — brincou Henryk, rindo alto.

Eu não olhei, mas sabia que Merrick estaria furioso comigo.

Bem, ele era um babaca milionário, infantil e filhinho de papai.

Mereceu.

Eu nem me importei com sua reação ou lhe dei qualquer atenção.

— Por que você fez isso, Elle? — perguntou Giuliana, ainda irritada.

— Eu não pensei... — Elle disse, soando arrependida e mortificada.

Giuliana bufou.

— E quando é que você pensa, caralho??? — ela acusou com um grunhido.

Sério... A Família Real não podia ter mais classe do que isso. — *E, sim, eu estou sendo irônica novamente.*

Como eu sempre fazia, ignorei a todos. Não foi difícil já que eu não conseguia parar de pensar em apenas uma coisa:

Onde raios Jake tinha se metido?



???

Eu observei aquela cadela drogada se divertir com seus amigos, dançando, se esfregando em qualquer pau que se aproximava dela.

Ela não mereceria o título de Princesa de Cambridge. Ela não era a porra de exemplo nenhum, ou um modelo para esse país. Ela não merecia morar em um palácio, vestir as melhores roupas, ser paparicada, ter a todos se jogando aos seus pés. Assim como não merecia o amor e devoção de seu guarda-costas.

O idiota faria qualquer coisa por ela, constatei ao observá-lo. Assim como seus irmãos — *outros dois otários que jamais mereceram fazer parte da realeza.* —, eu passei anos planejando a minha vingança. Passei anos almejando o momento em que faria a Princesa Eerika sofrer, chorar, até que suas lágrimas se transformassem em sangue, até que eu drenasse toda a sua alegria, sua felicidade, até que eu tirasse a sua maldita vida.

Agora, o dia estava cada vez mais próximo, e eu mal podia esperar. A ansiedade era quase incontrolável. Mas eu tinha que ser forte, agir friamente, esperar, não deixando o ódio sobressair a razão.

Eu iria observá-la, eu iria vê-la sofrer pela traição daqueles mais próximos a ela, eu iria saborear seu medo e sua infelicidade.

Apenas um obstáculo não planejado estava em meu caminho. Um que eu não esperava, e que pensava que estivesse muito longe, mesmo que eu soubesse que ele nunca tinha esquecido a garota que a vida eu planejava destroçar. Um que estava se tornando um

empecilho cada vez maior.

O subestimei, confesso.

A sua conexão com ela e o resto da Família Real era bem mais profunda do que imaginei.

Jacob Price.

Eu sabia muito sobre ele. Eu sabia do que ele era capaz. Eu o observei por anos. Jacob sempre foi um filho da puta arrogante, prepotente, egoísta, que se preocupava apenas com sua vida e seus problemas... Com mais ninguém.

Quando ele deixou Eerika anos atrás, eu me vi sorrindo vitoriosamente, pois sabia que eventualmente isso aconteceria. Afinal, eu ajudei a traçar o seu destino.

Esse era Jake Price.

Um espírito livre, um *bad boy*, um aventureiro... Nunca se enquadraria na vida da Realeza Britânica. Ia contra tudo o que ele acreditava. Ele fazia o que queria, dizia o que queria e mandava todos a sua volta a merda. Para ele, a opinião dos demais não era relevante.

Me enganei em um ponto, no entanto.

Seu amor por Eerika era intenso. Foi o que o fez voltar, se enquadrar e se submeter à Família Real.

Tudo por ela.

Jake morreria e mataria por ela. Estava claro como a água.

Ele era esperto, bem treinado, inteligente e disposto a proteger a mulher que amava a qualquer custo. Estava descrito em seus olhos a cada vez que a observava de longe, com tanta intensidade e paixão que me enojava.

Eu tentei alertá-lo a se afastar, no dia em que me seguiu até aquela viela e o atraí para uma emboscada, onde dois dos meus homens esperavam por ele. Mas eu deveria saber que uma simples agressão só o instigaria mais. Jake era forte. Um soldado. Ele não desistia. Eu não pretendia matá-lo, entretanto. O meu foco era a Princesa. Mas ele continuou investigando, procurando por mim, mesmo sem saber quem sou eu. Eu não tinha a intenção de matá-lo, mas também não o deixaria atrapalhar os meus planos. *Nem ele e nem ninguém!* Estava na hora de mostrar-lhe isso. Um dos motivos de eu estar nesse festival cheio de jovens inúteis.

Infelizmente, meu plano não deu certo, graças a essa vadia estúpida e bêbada caída no chão, e o que o Sr. *Não-Sou-Mais-Um-Filho-Da-Puta*, resolveu socorrer.

Desde quando Jake Price se importava em ajudar cadelas bêbadas quando algo que ele queria estava em jogo? O Jake Price que eu estudei durante anos não teria pensado duas vezes antes de priorizar a si mesmo e seus problemas aos dos outros. Talvez ele tivesse amolecido nesse tempo em que desapareceu depois que deixou a MI6.

Foda-se.

Se Jake queria entrar no jogo, eu o colocaria. Eu não o tiraria mais de campo. Se ele

queria perder a vida por causa da *Princesa Vadia*, azar o dele. Agora, ele iria ter que jogar para ganhar, porque o preço que pagaria se perdesse seria alto demais. E eu tinha a impressão de que para ele perder a sua amada era o mesmo que perder a sua vida. Jake não suportaria. Mas, infelizmente, para ele, eu me certificaria de que no final ele fosse o único jogador a perder.

Mesmo que meu plano anterior tivesse falhado, eu tinha mais uma jogada, e, agora mesmo, eu a estava observando enquanto o falso garçom entregava uma bebida para a Princesa.

Eu não a mataria agora...

Não!

Era muito fácil.

Eu tinha que fazê-la sofrer antes. Por isso, um pequeno veneno, nada mortal, mas extremamente dolorido, cairia muito bem. Esse era o primeiro passo. A Princesa seria levada ao hospital, e lá, quem sabe com o que ela poderia acabar sendo injetada. São tantos vírus soltos em hospitais, não é mesmo?

Dei um sorriso alegre por antecipação.

Ah, Princesa... Nada me dará mais prazer do que vê-la sofrer.

Então, o meu sorriso morreu.

O quê????

Gritei em minha mente.

A bebida de Eerika foi parar no chão, levando junto a minha alegria.

— Cadela maldita! — gritei com ódio.

Um casal do meu lado me olhou com espanto.

— Estão olhando o quê, porra? — gritei para eles.

Os dois se viraram e foram para outro canto.

Senti meu coração disparar, minha respiração se agitar e meu corpo incendiar.

Era a segunda vez que meus planos davam errados no mesmo dia.

Que porra estava acontecendo?

Essa cadela não podia ter tanta sorte assim.

Tentando controlar meu temperamento, arrumei o meu uniforme e voltei a me misturar no meio das pessoas. Peguei uma bebida da minha própria bandeja e a virei de uma vez só, deixando o álcool escorrer rasgando por minha garganta.

Calma.

Mantenha o controle.

Observe e execute.

Um tempo depois, observei a Princesa que se levantava do sofá da área VIP. Ela disse

algo no ouvido do Príncipe Henryk, e, então, se infiltrou no meio das pessoas, se afastando da tenda. Do lado de fora, vi Jake se aproximar. Como em um imã, ele encontrou Eerika e caminhou na direção dela, seguindo-a.

Eu ri ironicamente, observando a cena.

Você se tornou patético, Jake!.. Correndo como um cachorrinho atrás da sua dona.

Talvez esse grande amor que ele sentia por ela fosse ser útil para mim em algum momento. Afinal, pessoas fazem coisas inusitadas e inesperadas em nome do amor todos os dias.

Aproveitem!

Porque o conto de fadas de vocês está prestes a se tornar uma grande tragédia de Shakespeare.



JAKE

Eu ia confrontar Rika, arrastando-a para longe daquele otário que ela estava beijando, nem que fosse à força. Mas, então, eu caí em mim, me lembrando que eu era o seu guarda-costas, ela era a Princesa da Inglaterra, e se eu a carregasse em meu ombro, teriam armas apontadas para mim no mesmo segundo e pessoas virando suas atenções para nós.

Não iria ajudar.

Só iria piorar.

Por conta disso, agora, eu tinha um mauricinho fresco com o nariz sangrando e desacordado preso dentro da cabine de banheiro público.

Eu o segui quando saiu da tenda em direção ao banheiro, o encurralei, e dei-lhe um soco em seu rosto estúpido. O idiota nem me viu chegando e estava apagado antes mesmo que pudesse reconhecer o seu agressor.

Deixei-lhe um recado colado em sua testa, no entanto, alertando-o a ficar bem longe de Rika. Se ele tinha amor a sua vida, não se aproximaria dela outra vez.

Ao voltar para a tenda, vi Rika sair sozinha, sem a companhia de Prescott ou qualquer outro segurança.

Eu rosnei enfurecido.

— Mas que porra?

Como deixaram que ela saísse sozinha? O que pretendiam? Que ela fosse atacada, encurralada, sequestrada, violentada, morta?

Irritado, apressei meu passo em direção a Rika, seguindo-a. Ela caminhou pelas laterais, onde estava menos lotado e foi em direção ao palco.

Sua sorte era que já estava escurecendo e as pessoas já estavam muito bêbadas e chapadas para notá-la.

Quando eu a alcançasse, daria umas boas palmadas em seu traseiro bonito e atrevido. Rika sempre foi um pouco sem noção e doida, mas colocar a sua vida em perigo já era demais. Até mesmo para o seu grau de loucura.

Okay, ela não sabia que realmente estava em perigo, mas a Família Real recebia ameaças todos os dias, então ela não era totalmente inocente em sua pequena traquinagem.

Rika andou até chegar próximo a lateral do palco.

Ela parou na grade e falou algumas coisas com o enorme segurança que, obviamente, sorriu para ela, fez uma reverência, se curvando como todos faziam — rolei os olhos com a imagem — e a deixou passar. Eu me aproximei para alcançá-la e cheguei até o segurança.

Ele me olhou com cara feia, mas para o seu azar, a minha cara azeda estava muito pior, graças a *Princesa Encrenqueira Real*. Mostrei o meu crachá e identificação comprovando que fazia parte da equipe da Segurança Real, e depois de várias tentativas falhas de intimidação, ele me deixou passar.

Por conta do tempo perdido, eu perdi Rika de vista, o que me deixou mais furioso ainda, e por incrível que pareça, — nem tanto assim — com um tesão maldito. Não que fosse uma novidade, eu sempre ficava com tesão quando essa garota me tirava do sério.

Minutos depois finalmente a encontrei. Ela estava rindo e conversando com o vocalista de uma banda inglesa famosa. — *A música deles era um lixo, só pra constar.* — Eu me mantive afastado, mas com os olhos na Princesa. Quando ela finalmente se despediu dele. — *O filho da puta beijou o canto de sua boca e passou a mão por seu quadril.* —, eu fiz meu movimento ao notar o local praticamente vazio já que a banda estava pronta para entrar no palco e todos estavam ocupados com eles. Eu tinha que ser ágil. Portanto, com um movimento rápido, cheguei atrás de Rika, rodei os braços em sua cintura a puxando para trás e pressionei minha mão em sua boca para que não gritasse. Rika se debateu contra mim, mas eu era mais forte e rápido.

Ninguém notou.

A levei, então, para atrás do palco onde a empurrei e a cerquei entre algumas enormes caixas de som e equipamentos musicais. Quando ela se virou e me viu, parou de se debater e tentou gritar, mas seus olhos assustados se transformaram em agressivos.

Merda... Se isso não me deixou com um tesão violento.

Eu tirei minha mão de sua boca, mas pressionei meu corpo no seu, impedindo-a de se mover.

— Que porra você pensa que está fazendo?? Ficou louco?? — Rika gritou,

enfurecida.

Voltei a pressionar minha mão em seus lábios e levei minha boca até sua orelha.

— Não grite ou eu juro que farei você se arrepender. — O tom de ameaça fez seu corpo endurecer... Não de medo, Rika não tinha medo de mim, mas de excitação.

Situações perigosas a excitava.

Eu apostaria minha vida que sua boceta estava molhada, quente e inchada. O que só fez meu pau mais duro e meu sangue correr descontroladamente pelo meu corpo.

Rika ficou em silêncio, e eu aproveitei para roçar meus lábios atrás de sua orelha, provocando-a, excitando-a.

— Promete não gritar? — perguntei duramente, mas com lascívia na voz.

Rika assentiu com a cabeça.

Eu afastei meu rosto e voltei a encará-la.

Jesus... Seus olhos eram tão lindos, apaixonados, selvagens.

Afastei minha mão de sua boca.

— Você só pode ter enlouquecido, Jake! — ela acusou. — Quase me matou de susto, seu estúpido. — xingou, com raiva.

Eu a encarei com mais raiva ainda.

— Eu enlouqueci? O que estava pensando saindo sozinha por aí, porra? Já viu o número de pessoas bêbadas e sob o efeito de drogas por aqui? Estava esperando ser sequestrada, morta... Ou no mínimo encurralada quando as pessoas te reconhecessem? — perguntei, recriminando-a.

Rika rolou os olhos.

— Eu sabia que você estaria por perto. — Ela deu de ombros.

Grunhi, aproximando meu rosto do dela, quase tocando nossos narizes.

—Você sabia? — perguntei incrédulo. — Mesmo, Rika? — ironizei. — E se eu não estivesse, caralho? Você nem ao menos se certificou.

Ela me olhou com tédio.

— Você sempre me encontra, Jake. — explicou ela simplesmente.

Dei um riso sarcástico e incrédulo.

— Você fez isso para chamar a minha atenção, não fez? — perguntei, mas sabendo a resposta.

Ela me olhou tranquilamente, tentando soar indiferente.

— Claro que não. — Deu de ombros.

Eu ri.

— Mentirosa. — sorri com arrogância. — Você notou que eu desapareci, então, como

perdeu a sua diversão do dia que era “Como fazer Jake Price perder a cabeça?”, resolveu fazer uma loucura para chamar a minha atenção, e me fazer vir até você.

Ela voltou a se irritar.

— Eu não fiz isso!

Eu ri perigosamente.

— Ah, Rika... Você se esquece que eu te conheço melhor do que ninguém. — pressionei mais meu corpo no seu. Ela ficou tensa. — Você sempre fez isso... Desde quando era menina. Quando queria minha atenção, agia como uma garotinha mimada inconsequente... Fazendo algo estúpido para eu notá-la.

Ela ficou na defensiva.

— Eu *nunca* fiz isso. — negou, tentando me empurrar, pressionando suas mãos em meu peito.

Em vão.

Continuei lhe lançando um sorriso sombrio.

— Sim, boneca. Você fez. E se tem uma coisa que a *Princesa Mimada* não tolera, é ser ignorada. — Ela se enfureceu mais, e meu pau endureceu mais.

— Saia de cima de mim, idiota! — Ela se esforçou para me empurrar.

Eu continuei sorrindo.

— Ou o quê, Rika? — a desafiei.

Ela me olhou com fúria e determinação nos olhos.

— Ou eu vou gritar e acusá-lo de coação e tentativa de abuso sexual. O que você acha que acontecerá com você, Jake? — Rika aproximou seu rosto, roçando seus lábios nos meus, dando um sorriso perverso.

Ah, boneca... Por que você ainda tenta?

Eu sorri mais largamente e falei contra os seus lábios.

— Nós dois sabemos que você não teria coragem de fazer isso, Princesa... Não comigo, pelo menos — constatei.

— Experimente não me soltar, Jake. — ela me desafiou.

— Ah, boneca... Você sabe que não deve me desafiar — sussurrei perigosamente.

Sem deixá-la continuar com sua provocação sem finalidade, esmaguei meus lábios nos dela, devorando-o sem pedir sua permissão.

Rika tentou resistir por alguns segundos, mas quando minha língua tocou na sua, ela amoleceu, se entregando a mim. Ela gemeu em minha boca enquanto a beijava avidamente, cruelmente, querendo puni-la e amá-la, ao mesmo tempo.

Libertei sua boca por alguns segundos, mantendo-a próxima e embriagada em meus braços, então murmurei contra seus lábios:

—Você brincou comigo o dia todo, Rika.. — mordeu seu lábio inferior. Ela manteve seus olhos fechados, esperando por mais. — Me provocou e me instigou até o meu limite. — Desci minhas mãos até o cós de sua calça jeans e fui abrindo o botão e o zíper enquanto continuava a falar. — Você queria que eu fizesse uma cena. Você queria uma reação minha. — ela não negou, claro que não. — Você conseguiu, boneca! — afirmei, descendo lentamente seu jeans e meia arrastão até abaixo dos seus joelhos. — Agora, eu vou puni-la pelo o que fez.

Rika abriu os olhos e o intenso brilho neles fez meu coração disparar e meu pau latejar.

Ela era minha prisioneira.

Prisioneira do meu toque, minha boca, meu corpo, meu pau, minhas vontades, meus desejos. Mas eu também era o seu prisioneiro. Ela parecia não saber disso ainda, o que era bom para mim, porque se soubesse quanto poder tinha sobre mim, tenho certeza que não pensaria duas vezes antes de usá-lo, como eu estava fazendo com ela.

A surpreendi quando pousei minhas duas mãos em sua bunda e a ergui. Pressionei-a contra uma das pesadas caixas pretas e baixei minha cabeça até seu pescoço. O mordeu, fazendo-a gritar, antes de chupá-lo e lambê-lo. Rika cravou seus dedos em meu cabelo, puxando-o com força.

Eu grunhi, tornando-me selvagem. Consequentemente, minha mão se espalmou em sua bunda em um tapa firme.

Rika deu um grito sufocado, chocada com minha atitude inesperada.

Meus lábios subiram até seu ouvido. Chupei o lóbulo antes de murmurar:

— Nunca mais me provoque daquele jeito. — ameacei com outro tapa em sua bunda que fez seu corpo tremer e sua pele esquentar.

Rika gritou meu nome dividida entre a frustração, a raiva e a incontrolável necessidade.

A acalmei levando minha outra mão até seu sexo latejante e penetrando a ponta de um dedo em sua entrada quente e escorregadia.

Jesus... Ela estava tão molhada que deixou meu pênis implorando para ser liberto e afundar dentro dela até que nossos corpos e nossas almas se fundissem.

Pressionei minha testa na sua. Nossas respirações descompassadas.

—Você quis agir como a cadela cruel que é, esfregando sua bunda em qualquer pau, apenas para ganhar a minha atenção. — Eu senti sua fúria e indignação crescer. Tenho que confessar, eu adorava isso. — Você dançou com o Beckinsale. O deixou tocar o seu corpo. — A fodi mais duramente, introduzindo mais um dedo quando notei que estava pronta para me confrontar.

Sorri cruelmente.

Seus olhos me encararam alucinados e nublados, mas não perdendo o fogo que me deixava louco e descontrolado.

— Sabe, Princesa.. — falei entre seus lábios sem parar de fodê-la com meus dedos, cada vez mais rápido. — Eu estive a ponto de atirar nele. Não que eu não gostaria de vê-lo morto, mas eu acabaria preso, o que não era sábio. Portanto, não me leve ao meu limite como hoje. E pare de agir como uma cadela malcriada. — rosnei e bati meus dedos dentro dela. Ela chorou, implorando por mais.

— E-eu te o-odeio — disse, então, com a voz entrecortada.

Minha mão golpeou sua bunda, outra vez.

Rika uivou, seu corpo ficando mole contra o meu. Eu a segurei, rodeando meu braço em sua cintura.

Sorri com malícia e perigo quando ela me encarou com o brilho primitivo, de desejo e de luxúria que era capaz de levar um homem a cometer grandes atrocidades.

— Ah, boneca... Nós dois sabemos que isso não é verdade. — eu a beijei duramente, ela gemeu, então me afastei, roçando nossas bocas em uma dança provocativa. — E da próxima vez que você quiser meu pau... Venha até mim. Não fique pegando qualquer lixo por aí, agindo como uma vadia barata, sendo que o que você quer de verdade, está sempre disponível pra você.

Não sei se foi o meu sorriso sinistro ou minhas palavras, mas Rika arregalou os olhos, seus lábios se afastaram. Eu vi a chama se acender em seu olhar como costumava fazer anos atrás.

Como eu previa, sua mão em meu ombro se ergueu automaticamente, vindo em direção ao meu rosto. O golpe foi forte, deixando o meu lado direito em chamas.

Eu poderia tê-la impedido de me bater. Meus reflexos eram muito bons. Mas qual era o ponto? Eu queria incendiá-la, trazer energia, vida e luz em sua vida outra vez. Além disso, essa sempre foi a nossa “coisa”. Ela me provocava, eu me irritava, ela me enchia o saco, eu a punia, ela me ofendia, eu a ofendia, eu a deixava mais puta ainda, então, ela me batia... Então, nós transávamos loucamente até quebrarmos.

Tínhamos uma tradição a seguir.

Parei de mover meus dedos dentro dela quando senti o golpe. Sua boceta escorregadia. — A fúria e o perigo a deixava com um tesão violento. — Voltei a encará-la com um sorriso enorme e perverso no rosto.

Eu ri, irritando-a mais.

Ela ia me xingar, se debater, me ofender, gritar.

Eu sabia.

Mas não lhe dei chance de fazê-lo.

— Deus, eu te amo pra caralho! — declarei antes de minha boca pegar a sua duramente em um beijo possessivo, profundo e dolorido.

Rika grunhiu contra os meus lábios, mas correspondeu com a mesma necessidade primitiva e descontrolada.

Ela procurou o botão e o zíper do meu jeans com impaciência e se irritando quando

não conseguiu abri-lo rápido o suficiente.

Sorri contra sua boca, devorando-a como o homem faminto que eu era.

Frustrada, Rika mordeu meu lábio. Eu gemi ao sentir o gosto metálico do meu sangue que se misturou com a sua boca enquanto nos beijávamos.

Eu terminei de abrir minha calça, antes de Rika arrancasse mais um pedaço de mim, a descii junto de minha boxer até abaixo da minha bunda, liberando o meu pênis inchado e dolorido. Peguei um preservativo no bolso e quebrei nosso beijo para abri-lo, recebendo um rosnado aborrecido de Rika.

— Um segundo, boneca. — eu falei, rindo, a voz mais rouca e necessitada do que eu esperava.

Rika não se deu o trabalho de responder, ela devorou o meu pescoço, enquanto eu cobria o meu pênis com o látex, tentando bravamente não tremer a cada golpe de língua em minha pele.

Rosnei furiosamente quando ela me mordeu e lambeu em seguida, batendo-a duramente contra as caixas pretas. — Dei Graças a Deus pelos equipamentos serem pesados e aguentarem nosso peso.

Impaciente, apunhalei meu pênis em sua abertura. Rika engasgou, jogando seu corpo contra o meu. Sua cabeça caiu e sua testa bateu em meu ombro. Eu bati nela com força, ouvindo-a gemer contra o meu ouvido e implorar, gritando o meu nome.

— Jake...

Eu continuei a fodendo com força, com raiva, deixando liberar toda a minha frustração, minha raiva, meus medos e os problemas ao nosso redor. Bati nela uma e outra vez, sem parar, ouvindo seus sons desesperados e descontrolados, mostrando-a o quanto eu a queria, o quanto a necessitava, o quanto a amava.

Gemi quando ela rebolou contra o meu pau. Em resposta, surrei seu traseiro.

Rika gritou e tremeu contra mim.

— Deus, Jake... — ela implorou contra a minha boca, com aquele timbre sexual que eu amava. — Vão nos ouvir — ela disse ofegante, delirante e me fodendo com a mesma fúria que eu a fodia.

Rodeei um braço em sua cintura sustentando-a e mantive a outra em sua bunda, empurrando-a contra mim.

Eu ri, chupando o seu lábio inferior.

— Como se você desse a mínima pra isso — acusei.

Senti Rika rir em minha boca, antes que eu voltasse a devorá-la.

Era o paraíso. Me deixei libertar de todos os meus monstros, de toda a dor, toda a angústia desses anos sem ela enquanto a tomava, a possuía, a reivindicava.

Era sexo cru, sem doçura, sem romantismo. Mas essa era a nossa maneira de fazer amor. Eu não precisava da doçura, assim como Rika também não precisava. Essa sempre

foi a nossa maneira de dizer “Eu te amo”, de mostrar o quanto um precisava do outro. De um modo tão aterrorizante e embriagador que beirava a loucura, andando na linha curta do perigo.

Não demorou muito até que nos rendêssemos ao pouco controle.

— Goze comigo, querida — falei em seu ouvido.

Obedientemente, Rika relaxou seu corpo quando a fodi com mais força, então, ela gozou, liberando-se e me abraçando quando seu corpo convulsionava. Essa foi a minha última gota de controle. Eu gozei com um rosnado bruto, em um alívio agonizante.

Minhas pernas enfraqueceram e meus olhos nublaram, sentindo o mundo girar. Foi a vez de Rika me segurar quando caí sobre o seu corpo.

Eu devo ter tirado forças do inferno para não tê-la derrubado no chão e desmoronado junto a ela.

Nós ficamos em silêncio. Ela com os braços em volta do meu pescoço e seu rosto descansando em meu ombro, tentando normalizar a respiração e o batimento cardíaco que, por sinal, eu podia senti-lo sobre o meu peito, deixando-me satisfeito e feliz... Muito mais do que na noite em que a fodi em seu quarto.

Algun tempo depois, apertei meus olhos algumas vezes, testando a minha visão embaçada, a luz dos postes se acendeu pela noite que caía, cegando-me. Mas foi um ponto de luz próximo, um pouco à frente de nós, mas do outro lado, escondido em uma árvore, que chamou a minha atenção.

Não era minha visão distorcida e nem as luzes do festival, era um maldito flash de câmera.

Como se recarregado pela adrenalina e aborrecimento, eu apertei Rika com mais força contra mim, tentando por instinto protegê-la, então disse em seu ouvido:

— Querida, se vista. — ordenei antes de colocá-la no chão e ajeitar a minha roupa. Peguei a minha arma em cima de uma das caixas e guardei-a atrás em meu jeans.

— O que foi? — perguntou Rika, me notando tenso, enquanto ajeitava suas roupas.

Eu sabia que ela estava pensando que eu a trataria friamente como da outra vez, mas da outra vez eu tive que me afastar para colocar minha cabeça no lugar.

Eu não tinha tempo para explicar, no entanto.

Disfarçadamente, mantive os olhos no vulto escondido na árvore e no flash que constantemente reluzia.

O fotógrafo não pareceu notar que tinha sido descoberto, infelizmente para ele.

— Nada. Apenas termine de se arrumar e fique aqui. Eu já volto.

— Aonde você vai? — perguntou ela alarmada, segurando o meu braço.

— Eu já volto. Não saia daqui. — Ordenei, a olhando firmemente.

Ela não retrucou.

Eu segurei o seu rosto e beijei sua testa antes de sair e caminhar na direção do vulto.

O fotógrafo finalmente percebeu que fora descoberto.

Ele se virou saindo em disparado.

— Sério que vai me fazer correr? — resmunguei.

Porra, eu estava cansado para essa merda.

Rika tinha me sugado.

Mais irritado ainda por ele me fazer correr, eu fui em sua direção, correndo em disparado, — bom para mim que eu era treinado para isso — até me aproximar. O idiota corria assustado, e eu podia sentir o cheiro do seu medo. O que só me agradou. Quando o alcancei, me joguei em cima dele, derrubando-o no chão. Me reergui em seguida, tirando minha arma das costas e apontando em sua direção.

— Você vai fazer isso do modo fácil ou difícil, *mate*? — perguntei com deboche, meu olhar intenso e intimidador.

O idiota tinha cara de pilantra.

Um pilantra covarde.

Ele ergueu as mãos trêmulas para o ar.

— Não atire, por favor. — ele implorou.

Eu torci os olhos em tédio.

Paparazzi eram das piores raças. Eles não se importavam em humilhar, machucar ou destruir a vida de alguém. Eles eram competitivos, cruéis e além de um bando de vagabundos.

— Eu deveria fazer isso. Você estava invadindo a minha privacidade, amigo. Eu não gosto disso — falei com falsa tranquilidade.

Ele gaguejou.

Porco nojento.

Além de tudo, eram bons atores. Infelizmente para ele, eu era um ex-espião. Atuar era como a minha segunda natureza.

— Eu só queria umas fotos da Princesa — ele disse com a voz trêmula.

Então, o desgraçado sabia quem estava comigo.

— Seminua? Transando? Fotos que seriam capas dos tabloides de amanhã. — eu falei calmamente. — Por que eu deveria ter pena de você? Para mim, a sua raça não passa de um bando de vermes, vagabundos, desempregados, que passam suas noites se masturbando com filmes pornô. Ou no caso, eu tenho certeza que você passaria a sua de hoje, olhando para essas fotos, não é?

Ele engoliu em seco e seus olhos se arregalaram, confirmando o que eu acabava de dizer.

Meu dedo coçou no gatilho com raiva, só de pensar em um pervertido maldito se

masturbando com seu pequeno pau, olhando para o corpo da minha mulher...

— Eu não vou fazer nada, eu juro. — ele afirmou amedrontado.

Eu sorri diabolicamente.

— Claro que você não vai. Porque vai me entregar a porra da sua câmera e seu celular.

O vagabundo se agitou.

— Não, por favor. Eu preciso deles. As fotos de todo o evento estão aqui. Eu tenho que entregar amanhã. — Eu o olhei sem expressão. — Poxa, cara... Quebra essa! Eu preciso da grana. Prometo não usar as fotos da Princesa, mas eu tenho contas pra pagar. Sabe como é, né?

Eu sorri e me agachei em sua direção.

Ele se encolheu.

— Eu poderia ser compreensivo, *mate*. Se eu fosse um cara com um coração. Mas, infelizmente para você, eu não sou.

Sem esperar, peguei a câmera e seu celular do bolso, com o idiota se debatendo. Aproveitei para checar sua carteira e ver seus documentos.

— Hmm... Sam Smith! — falei, lendo sua identificação. — Como a porra do cantor? — perguntei divertido. — Irônico que a outra versão de você tenha talento e dinheiro, enquanto você é apenas um *stalker* perdedor que acaba de perder as duas únicas coisas que tinha... Uma câmera e sua dignidade.

O Sam “Fake” Smith me olhou com ódio.

Eu devolvi o gesto com satisfação e crueldade no olhar.

Me levantei, então, e me virei para sair, mas logo parei e voltei a olhar o idiota que permanecia no chão como o perdedor estúpido que era. — *Já falei que odeio essa raça maldita?*

— Eu já sei onde você mora, Sam! Apareça perto da Princesa outra vez, e eu não pensarei duas vezes antes de descarregar minha arma na sua testa e no seu minúsculo pau pervertido. Entendeu?

Ele assentiu contrariado, e eu podia ver o ódio em seu olhar.

Eu me importo um caralho pra isso.

Voltei a me afastar, caminhando tranquilamente por onde vim.

De longe, eu gritei.

— Hey, ouvi dizer que o Sam Smith tocará hoje à noite... Aproveite o show, *mate*.

Então, fui embora rindo.

Quando cheguei atrás do palco, onde deixei Rika, ela estava me esperando, encostada em uma das caixas, os braços cruzados e um sorriso perverso no rosto.

Porra, eu podia passar a dia apenas olhando para essa garota e ainda assim seria feliz

como uma criança com um picolé na mão.

— Terminou de ameaçar e humilhar o fotógrafo? — perguntou Rika, olhando para a câmera em minha mão, com o sorriso “cadela debochada” no rosto.

Eu sorri para ela quando me aproximei, e com minha mão livre a puxei pela cintura até que ela bateu em meu peito.

Beijei sua boca impertinente, enquanto a sentia tatear a minha bunda.

Eu ri em sua boca.

— Boneca, você vai ter que esperar um tempo antes de poder brincar com meu pau outra vez. — anunciei com sarcasmo e diversão.

Rika rolou os olhos, mas manteve o sorriso perverso e endiabrado no rosto.

— Não é isso que eu quero, seu idiota prepotente.

Ela, então, pegou o maço de cigarro do meu bolso, tirou dois e apontou para mim, um em cada mão, esperando que eu o acendesse.

Neguei com a cabeça, rindo, peguei o isqueiro de prata que ela me deu de presente em meu aniversário, anos atrás — Ela notou, mas não disse nada. —, e acendi os dois cigarros.

Rika colocou um entre meus lábios, enquanto eu guardava o isqueiro no bolso, e levou o outro até os seus.

— Vamos, aqui não é seguro para você — falei.

Rika deu um sorriso sensual que deu vida ao meu pau, outra vez.

Eu nunca tinha o suficiente dela, e jamais teria.

Ela se aproximou, ergueu-se em seus pés até estar perto do meu rosto e se equilibrou com uma mão no meu ombro. Eu inclinei minha cabeça para baixo, já que mesmo assim Rika ainda não chegava à minha altura, e esperei pelo seu próximo passo.

Ela levou o cigarro à boca, me seduzindo, e o tragou. Eu não tirei os olhos dela, hipnotizado. Por fim, se aproximou do meu rosto. Eu apertei meu cigarro entre meus dedos em antecipação, então ela forçou meus lábios a se abrirem e soltou a fumaça dentro da minha boca.

Eu senti meu pau latejar, já precisando me afundar nela, outra vez.

Essa era uma coisa que Rika sempre fazia quando namorávamos. Ela fazia para me provocar porque sabia que eu achava sexy pra caralho.

Eu não sabia que sentia tanto a falta disso, do sexo, do seu sorriso perverso, do seu jeito provocante e indiferente ao mundo, até aquele momento.

Eu soltei a fumaça da minha boca, meus olhos nunca desviando dos dela. Eu não podia. Eu amava os seus olhos. Eram como os de uma sereia que me hipnotizava e me aprisionava, transformando-me em seu servo.

— Por que você saiu daquele jeito na outra noite? — perguntou ela do nada. Seu

rosto ainda perto do meu.

Eu sorri, sabendo que ela estava me manipulando.

Eu coloquei a câmera do otário no braço, segurando-o pelo cordão de pescoço, e rodeei a cintura dela puxando-a para mim. Eu traguei o cigarro mais uma vez e soltei a fumaça no ar quente antes de respondê-la.

— Porque eu te amo pra caralho, garota.

A afastei, então, segurei sua mão, puxando-a para que saíssemos dali. Eu não estava mentindo antes, realmente era perigoso para ela ficar tão exposta.

— Que linda maneira de expressar isso. Me deixando no chão do meu quarto depois de me foder contra a porta.

Eu virei a cabeça para o lado com um sorriso divertido no rosto.

— Você me conhece, Princesa... Eu sou todo sobre contos de fadas.

Rika, sem conseguir se conter, gargalhou ao meu lado, então caminhamos ao redor dos inúmeros funcionários de palco que corriam de um lado para o outro quando chegamos na lateral movimentada.

Meu coração sobressaltou ouvindo sua risada, me fazendo sentir vivo outra vez, depois de tantos anos preso na escuridão.



RIKA

DUAS SEMANAS DEPOIS

As coisas entre mim e Jake não estavam maravilhosas, mas depois do festival, pelo menos, conseguíamos conversar... Além do sexo, claro!

Durante várias noites, Jake ia até o meu quarto, transávamos por horas, e, então, ele ia embora na manhã seguinte, antes que eu acordasse. Um tempo depois, ele voltava com um prato com três *Earl Grey Breakfast Cupcake* — o meu preferido — e deixava ao lado da minha cama, junto a um *smoothie* de *Vanilla Berry* e um bilhete escrito: “Coma. Beba.” — Objetivo e autoritário como sempre. Algumas coisas nunca mudam.

Esse processo estava se tornando uma rotina.

Eu sabia que além do sexo, ele fazia isso para me impedir de me perder em meus piores momentos. Além disso, ele encontrou todos os meus esconderijos onde eu guardava minhas ervas e as escondeu, deixando-me furiosa. O que resultou em gritos da minha parte, cinismo da parte dele e sexo violento para finalizar a briga.

As coisas entre nós caminhavam para uma época ao qual eu estava muito familiarizada. Eu com os meus problemas e Jake ao meu redor me segurando e me desafiando a enfrentá-los, e, em consequência, fazia com que eu me tornasse cada vez mais dependente emocionalmente e fisicamente dele.

Eu não queria isso.

Não queria passar pelo o que passei quando ele se foi.

Mas não fazia ideia de como parar.

Jake foi minha grande obsessão desde que eu era uma menina. Ele era o meu mundo, o meu chão, a minha luz, a minha escuridão, o meu herói e o meu vilão.

O que eu faria se ele, outra vez, se cansasse de mim, dos meus problemas, da minha família, e fosse embora?

Eu não iria suportar.

Ele diz que me ama, mas foi embora anos atrás dizendo que estava cansado de mim e dos meus problemas, que eu não era para ele, e que eu era muito trabalho. Além de deixar claro que não me amava mais. Por que eu deveria acreditar em suas palavras agora? E, por que no fundo, eu realmente acreditava? E por que fazia mais sentido agora quando ele se declarava do que quando ele me afastou? Aquelas palavras não pareciam reais, não soavam verdadeiras, mas cada vez que ele disse “Eu te amo” desde que voltou, o meu coração escutou e minha alma abraçou as palavras sentindo-se em paz e viva novamente.

A verdade era que, mesmo que eu não assumisse, uma pequena parte de mim nunca perdeu as esperanças, e sempre desejou que um dia ele voltasse atrás, me procurasse e dissesse que tudo foi um erro e que ele nunca parou de me amar. Que eu era o seu mundo como ele era o meu.

Eu era uma garota patética, ou minha fé em Jake era maior do que meu orgulho.

A única coisa de que eu tinha certeza era que estava morrendo de medo, porque sabia que Jake estava tomando meu coração e minha alma, novamente, assim como o meu corpo ele já havia reivindicado.

Ele não tem que tomar o que sempre foi dele. Ele apenas veio buscar o que, por um tempo, deixou guardado, esperando por seu retorno.

Eu lancei meu punho coberto pela luva roxa e preta de muay thai — presente de Jake —, pela milésima vez, no saco de areia. Meu corpo estava coberto de suor, meus músculos doloridos, mas a liberação de adrenalina acalmou a tensão e a raiva que senti desde que o dia começou.

A Rainha resolveu fazer um grande “auê” a semana inteira, por toda a Inglaterra, anunciando o meu aniversário e o grande baile que ela faria em comemoração.

Eu completaria vinte e três anos no dia seguinte . E como fiz nos últimos anos, viajaria para nossa casa em Mônaco e daria uma festa com meus amigos à minha maneira. Afinal, era *meu* aniversário, e eu é quem deveria decidir como gostaria de comemorá-lo. Mas como sempre, a *Vossa Majestade*, usaria o único dia ao qual ela não era o centro das atenções, para transformá-lo em um circo de aparências onde pessoas que não nos suportavam apareceriam e sorririam falsamente enquanto planejavam nos esfaquear pelas costas. E mesmo que não nos odiassem, estariam presentes por obrigação e pelo prestígio da Realeza Britânica, não porque realmente se importavam comigo e meu aniversário. Se eu não fosse a Princesa da Inglaterra estariam pouco se fodendo para a minha existência.

Por conta disso, logo cedo discuti com minha “adorada” mãe. Mesmo depois de ela ter me infernizado e eu cedido aos seus caprichos, aceitando que ela fizesse essa maldita festa, apenas para que eu pudesse calá-la, agora a Rainha queria transformar minha festa de aniversário em um evento de gala tradicional, com vestidos imensos e músicas insuportáveis. Nem vamos falar sobre os convidados, já que ela não queria metade dos meus amigos presentes por eles serem, e eu a cito: “Drogados perdedores”.

Eu não queria ser a Princesa Eerika, queria ser Rika, apenas por uma noite. Será que era pedir muito? Eu não queria ter que ficar sorrindo para quem só estava ali por conveniência, status, poder, política e negócios.

Todos davam uma merda para a Rika.

Eles só viam a tiara em minha cabeça.

Bati no saco com meu punho esquerdo, depois com o direito, e fui intercalando uma e outra, e outra, e outra vez. Eu sentia meus braços doloridos, o suor escorrendo pelo meu rosto, mas não podia parar, eu não queria parar. Eu queria me libertar. Eu queria gritar. Eu me sentia tão sufocada.

Foi apenas quando duas mãos grandes e fortes seguraram minha cintura e me puxaram para trás, fazendo-me colidir com um peito duro, que vacilei, meus joelhos quase se dobrando de fraqueza.

Jake.

— Hey! Pega leve, *Rocky*¹²! — ele brincou, sua voz próxima ao meu ouvido.

Eu não pude responder.

Meu coração saltava pela boca, meu corpo inteiro doía e eu pensava que ia desfalecer a qualquer minuto.

Jake me girou, ainda me sustentando, puxou-me contra ele e ergueu meu queixo com um dedo. Um gesto simples, mas doce que fez meu corpo relaxar de imediato.

— O que aconteceu? — perguntou ele, a voz de repente preocupada. — Eu te deixei com sua mãe e fui resolver algumas coisas. Quando voltei, você tinha sumido.

Eu o olhei, mas demorou um pouco para a visão turva se tornar clara outra vez. Lentamente, comecei enxergando seu queixo furado, seus lábios grossos, sua mandíbula bem construída e contraída em tensão, até que caí meu olhar nos seus. Aquele azul penetrante que me dominava, que me consumia, que me libertava.

— Rika... — Sua voz era séria e tensa, ainda assim, suave. — O que está acontecendo? Por que está chorando? — Sua mão quente caiu em minha bochecha, seu polegar acariciou minha pele e enxugou uma lágrima que escorreu.

Eu nem notei as lágrimas até ele dizer.

Instintivamente, inclinei meu rosto contra sua mão, querendo sentir seu carinho e seu toque. Eu me sentia vulnerável, e odiava me sentir assim. Tudo o que eu queria era me afundar em seu olhar possessivo, me esconder no calor dos seus braços e não sair dali nunca mais, deixando sua personalidade dominante me consumir, deixando-o cuidar de

mim e me proteger como ele costumava fazer.

De repente, eu me senti com dez anos de novo, encantada por um garoto que tinha acabado de salvar a minha vida, impedindo que um cavalo me acertasse. Aquele garoto de quinze anos que sorriu para mim e me olhou. *Realmente* me olhou. Sem se preocupar com as reverências ou com quem eu era. Eu soube, então, que estava perdida, completamente e revogavelmente apaixonada por ele.

Jake foi meu primeiro amor. E eu tinha certeza que seria o último.

Eu podia lutar o quanto quisesse, mas ele sempre chegaria até mim, porque uma vez que lhe dei meu coração, eu não o podia tê-lo de volta.

— Rika, você está me preocupando — ele falou, soando impaciente.

— Eu estou cansada, Jake. — falei, me sentindo fragilizada e com a garganta seca. — Estou cansada de lutar contra minha mãe, minhas obrigações, minha vida. — Ele me olhava fixamente, prestando atenção, me vendo, como fez desde a primeira vez. Esse era o *meu* Jake. — Eu estou tão cansada de lutar com você... De fingir que não sinto nada cada vez que te vejo, que te ouço, que te toco. — As lágrimas voltaram a embaçar minha vista.

Jake ergueu meus pulsos e retirou as luvas, jogando-as no chão, então me puxou para mais perto. Eu descansei minhas mãos em seu peito, uma em cima do seu coração, sentindo seu batimento cardíaco — algo que eu costumava fazer e que sempre me tranquilizava.

Continuei... E ele ficou apenas me ouvindo, deixando-me desabafar.

— Você se lembra do dia em que nos conhecemos? — eu perguntei, as lágrimas teimosas e quentes caindo pelo meu rosto.

Jake sorriu para mim, seu rosto inclinado para baixo. Seu nariz roçou o meu em uma carícia inocente, então, ele descansou sua testa na minha enquanto enterrava seus dedos entre os fios do meu cabelo, apertando-os em sua mão, mantendo-me presa a ele.

— Como eu podia me esquecer? Foi a primeira vez que tive o privilégio de olhar em seus grandes e brilhantes olhos. — Sua voz era baixa, sua respiração batia em meus lábios enquanto ele falava, e eu me perdia, cada segundo mais, em lembranças e na sensação de tê-lo para mim, mais uma vez. — Eu nunca tinha visto nada tão bonito. — Ele confessou, meu coração sobressaltou. — Eles eram doces, brilhantes, mas havia algo selvagem, algo que me chamou a atenção. Quando você sorriu para mim, então... Eu me senti importante. Você me olhou como se eu fosse o seu grande herói.

Jake sorriu.

Eu ergui minha mão que não estava em seu coração, e a levei até seu rosto. O notei fechar os olhos por alguns segundos e voltar a reabri-los com uma intensidade que me aqueceu. Escorreguei minha mão até seu queixo furado e passei o dedo, desenhando-o.

Senti o coração de Jake saltar mais forte contra minha mão.

— Você foi o meu herói. Você me salvou... Não por causa do cavalo apenas, mas porque você entrou na minha vida. E foi ali que pela primeira vez alguém me olhou de verdade, prestou a atenção em mim. Foi ali que você entrou na minha vida e eu sorri pela

primeira vez... Realmente sorri.

— Boneca... — Jake murmurou, roçando os seus lábios nos meus.

— Eu me apaixonei por você ali, Jake. — confessei, engasgando com as palavras.

Jake forçou seu aperto em meu cabelo, inclinando minha cabeça para cima, de encontro com sua boca. Ele esmagou seus lábios nos meus e me beijou com tanta força e necessidade que quando terminou, o meu cérebro tinha se diluído e meu corpo incendiado. Ele falou, então, com a voz rouca e profunda:

— Eu percebi, assim que recebi uma carta de agradecimento do Rei Christian por ter salvo sua filha e junto, uma carta da menininha linda de cabelos dourados me pedindo para eu casar com ela.

Jake deu um sorriso presunçoso e brincalhão que me fez rir entre as lágrimas.

— Todos costumavam dizer que você um dia ia se irritar comigo porque eu estava sempre te perseguindo, sendo pegajosa e irritante. — Jake sorriu e beijou meu rosto, enxugando as lágrimas que escorriam. — Quando seu pai trabalhava aqui no palácio, eu infernizei a vida de Gabriel para ele ir vê-lo e descobrir quando você viria morar aqui também. Eu corria por todo o palácio te procurando. Eu estava sempre onde você estava, irritando Gabe. — Ri entre as lágrimas. — que não gostava nada de ver sua irmãzinha em cima do seu melhor amigo. — eu suspirei pensativa, minha atenção em seu queixo enquanto eu o contornava repetidamente com o dedo. — No entanto, você nunca se irritou. Você sempre sorria quando me via, sempre me defendia quando Gabe brigava comigo ou me mandava embora porque eu estava atrapalhando vocês. Você me olhava diretamente em meus olhos, com uma profundidade que me imergia, me chamava de “Boneca”, e, então me dava o sorriso mais lindo que uma garota apaixonada pode sonhar em receber.

Ergui meus olhos verdes até os seus profundos azuis.

. —Boneca. — ele falou, me olhando e sorrindo para mim.

Eu mordi meu lábio inferior e sorri de volta.

— Exatamente assim.

— Eu nunca iria me irritar com você por vir para mim. — ele explicou. — Eu me irrito quando você foge de mim. — acariciou, então, meu lábio inferior com o polegar. — Você era apenas uma menina e estava fazendo coisas que uma menina da sua idade faria. Você nunca foi pegajosa, querida. Eu amava vê-la sorrir para mim de um jeito que não fazia para mais ninguém. Eu amava que eu era importante para você. Você era minha pequena boneca encenqueira. — Jake riu, beijando minha testa. —Eu gostava como você não estava nem aí para o que os outros diziam sobre o seu comportamento, como você não tinha medo de vir falar comigo, mas ficava toda corada quando me dizia “Oi”.

— A maioria dos garotos adolescentes não gostam das irmãzinhas dos seus amigos em cima deles. — eu falei.

— Eu nunca fui como a maioria dos garotos, Rika. Assim como você nunca foi como a maioria das garotas. — ele declarou.

Com minha atenção presa em seu queixo, eu soltei:

— Eu tenho uma tara pelo seu queixo.

Jake riu, me apertando mais contra ele. Uma mão ao redor da minha cintura e a outra no topo da minha bunda, possessivamente.

— Eu percebi depois de anos vendo-a olhá-lo fixamente, tocá-lo sempre que podia, e mordê-lo como uma garota faminta, quase deformando-o, quando fizemos sexo pela primeira vez.

Soltei uma risada.

Jake apertou meu cabelo, outra vez e gemeu.

— Você não sabe o que seu riso faz pra mim, Rika... Eu não vou descansar até que eu a veja sorrir a todo momento, outra vez. Até que minha presença não seja mais um momento de tormento e sim de felicidade para você.

Ele voltou a beijar a minha testa.

Ficando séria, falei enquanto sentia seus lábios em minha pele:

— Por que você me deixou, Jake? — Seus músculos ficaram tensos. — Por que foi embora? — Ele me encarou, e eu vi uma mistura de dor, arrependimento e fúria em seu olhar. — Por que você me quebrou daquela maneira? E por que meu coração estúpido me diz que eu ainda o tenho? Que você ainda é meu? E que você nunca deixou de me amar apesar de ter me dito exatamente isso antes de partir?

Eu o mirei profundamente, implorando que ele me dissesse a verdade, que me tirasse dessa angústia, dessa dor e dessa escuridão ao qual eu me encontrava e não era capaz de sair.

Os lábios de Jake se moveram algumas vezes, como se fosse me dizer algo, mas, então, perdia a coragem ou não sabia como começar — Eu não soube identificar. — O vi ficar tenso, agitado e angustiado.

— Jake, por favor... — implorei, outra vez.

Ele respirou fundo.

Meu coração batia freneticamente com antecipação, pela explicação que esperei para ter por cinco anos.

— Boneca... Eu...

Uma batida na porta da sala de treinamento, onde estávamos, interrompeu Jake, fazendo-me irritada, frustrada e decepcionada.

Jake se afastou de mim imediatamente, dando alguns passos para trás, deixando-me fria e de volta a dor e escuridão ao qual eu vivia desde sua rejeição.

Eu quis gritar com a pessoa que nos interrompera, mas eu não pude. Não quando estava a ponto de chorar como uma garotinha indefesa... Outra vez.

Mostrar vulnerabilidade não era o meu forte.

Deus, eu precisava de uma bebida.

— Desculpe-me interromper, Princesa. — *Desculpo o caralho!* — Jake, tem uma pessoa te procurando. Ele disse que é seu amigo e que você está esperando por ele.

Eu olhei para Jake e vi seus olhos perdidos e atordoados por alguns segundos. Ele me olhou, se desculpando com o olhar gentil e carregado de dor, então se virou para Prescott, tornando-se distante, duro e profissional, quebrando nossa conexão.

Senti a decepção crescer, envolvendo meu peito até a ponto de sufocá-lo.

Apertei meus punhos, controlando minha respiração, impedindo-me de desabar como uma criança na frente dos meus dois seguranças.

— Sim, diga a ele que já vou. — Jake ordenou.

Prescott assentiu. Eu me virei, escondendo meu rosto para que não vissem meus olhos inchados. Ele, então, saiu, deixando-me sozinha com Jake, em um clima tenso e desconfortante.

Tentando me esquivar, eu peguei minhas luvas do chão e fui até o banco onde deixei minha bolsa. Tirei uma toalha e enxuguei meu rosto molhado, misturado com o suor e as lágrimas.

Eu sentia os olhos de Jake em minhas costas, me queimando, mas fingi não o notar. Já era humilhante o suficiente que eu tivesse chorado e me fragilizado diante dele.

— Eu vou tomar um banho. Tenho coisas para preparar para a festa de amanhã — falei, me chutando mentalmente por soar tão vulnerável e decepcionada, ao passar por ele e ir em direção à porta.

Jake continuou na mesma posição me olhando.

Eu queria que ele parasse de me olhar.

Quando minha mão caiu na maçaneta, ouvi sua voz me chamando, congelando-me no lugar.

— O que aconteceu entre você e sua mãe?

Eu podia ter perguntado como ele sabia que eu estava irritada e chateada por conta da minha mãe, mas qual era o ponto? Esse era Jake, ele me conhecia como ninguém.

Suspirei, ainda de costas para ele, não querendo mirá-lo e me perder na intensidade dos seus olhos azuis, caso o contrário, eu desmoronaria outra vez, implorando para que cuidasse de mim e me amasse como um dia ele me amou — *ou fingiu me amar*.

— Nada demais. Os mesmos problemas de sempre.

Ele deu um passo à frente e meu coração saltou.

Por favor, não se aproxime.

— Tem algo a ver com ela estar dando uma festa de aniversário de aparências para sua filha, sem se importar com o que ela quer?

Deus, isso soava tão infantil.

Jake tinha razão em me chamar de mimada.

“A Princesa que sempre teve tudo está irritada porque sua mamãe, a Rainha, quer dar uma gloriosa festa em sua homenagem”.

Patético, Rika.

Eu virei a maçaneta antes de respondê-lo.

— Como eu disse, não foi nada. Apenas as minhas besteiras de sempre. Você tem coisas mais sérias para se preocupar.

Dito isso, abri a porta, e antes que eu pudesse sair, Jake disse algumas palavras que me fizeram, mais uma vez, ter fé e esperança nele. Eu tinha que ter... Era a única coisa que me restava.

— Eu prometo que irei te contar tudo. Mas no momento certo. Não aqui. — Um nó se formou em minha garganta, e eu apertei a maçaneta com força, impedindo minha mão de tremer. Ele continuou, sua voz profunda e dolorosa. — Apenas saiba que dizer que não te amava foi a pior mentira que já tive que contar em minha vida. — Uma lágrima teimosa caiu pelo meu rosto, e eu dei graças a Deus por ele não poder ver. — E se serve de consolo... Você não foi a única a sair quebrada naquela noite.

Meu peito apertava tanto que eu tive dificuldades para respirar. Eu queria chorar, queria libertar tudo o que estava guardado dentro de mim. Eu queria me virar e me jogar em seus braços implorando para ser dele outra vez.

Sem forças para confrontá-lo e prestes a desabar, eu saí apressadamente da sala, deixando-o para trás, e fui à passos largos e rápidos para o meu quarto, precisando me esconder, precisando beber e chorar até ficar dormente e não sentir mais nada.

Eu sabia que a presença de Jake em minha vida quebraria o muro que eu construí. Eu sabia que eu me entregaria a ele no instante que ele me quisesse. Eu sabia que aceitaria qualquer migalha que ele quisesse me dar, apenas para que eu pudesse me sentir viva mais uma vez. Eu sabia também que ele roubaria tudo de mim, e ele voltaria a ser a única razão da minha existência.

Que Deus me ajudasse agora, porque eu estava completamente em suas mãos.



JAKE

Eu quis correr atrás de Rika, explicar-lhe tudo, arrancar a grande dor que eu sabia que ela estava sentindo.

Rika me desarmou no momento em que caiu em meus braços, tão vulnerável, tão frágil, tão cansada e desamparada. Ela estava se afundando e eu estava começando a me desesperar, com medo de não ser capaz de ajudá-la e de salvá-la, como ela estava me implorando para fazer.

Eu me sentia com as mãos atadas, me sentia angustiado e prestes a perder o controle. Ela estava correndo risco de vida, e eu não sabia quem era o maior perigo... O psicopata que a queria machucar, ou ela mesma. Eu só sabia que teria que salvá-la das duas ameaças. *Eu não estava fazendo um bom trabalho em ambas as partes, no entanto.* Mas de uma coisa eu sabia... A culpada por grande parte da bagunça que era Rika naquele momento, era sua própria mãe. *A Rainha Cadela* que eu estava muito perto de perder a cabeça e matar.

Raiva se apoderou de mim quando vi Rika sair por aquela porta, destruída, sentindo-se rejeitada por mim e por sua mãe.

Quando dei por mim, estava invadindo o imenso e sofisticado escritório da Rainha. Eu quis destruir cada uma daquelas mobílias caras, apenas para ver o horror em seus olhos.

— Que porra você fez para ela???? — eu gritei, confrontando-a em sua mesa, onde a Rainha discutia algo com Janet, sua assistente pessoal.

Os seus guarda-costas, que não conseguiram me barrar na porta, tentaram me segurar, mas eu fui mais rápido tirando a arma do meu coldre e apontando para eles.

— Saiam! — eu falei rispidamente, em um tom mais alto.

Janet se assustou, mas Charlotte manteve sua postura solene enquanto se levantava tranquilamente de sua cadeira e pedia, cordialmente, para seus seguranças e Janet saírem.

— Mas Majestade... Ele pode machucá-la — disse um de seus seguranças. Um idiota que eu não suportava e não ligaria nem um pouco em fazer sangrar.

Charlotte o olhou com tédio.

— Eu ordenei que saiam. O Sr. Price não fará nada. Não se preocupem. — Ela deu um pequeno sorriso em minha direção. — Ah, e nenhuma palavra sobre isso a ninguém. — A Rainha ordenou a eles que relutantemente assentiram e saíram, nos deixando sozinhos. — Você pode guardar sua arma agora, Jake. Não há ponto em continuar com uma ameaça que nós dois sabemos que você não irá cumprir.

Eu a encarei cruelmente e com meu temperamento a ponto de explodir.

Ela sorriu, mais uma vez, e voltou a se sentar tranquilamente em sua cadeira e acrescentou:

— Afinal, você jamais faria nada para machucar a minha garotinha, não é? E matar sua mãe, a Rainha da Inglaterra, e ser condenado por traição e assassinato, iria destruí-la. Perder a nós dois de uma vez, após ela perder o seu pai há tão pouco tempo... Você jamais teria coragem de fazer isso com ela. — Ela encheu seu rosto de falsa preocupação, antes de seus olhos brilharem e um sorriso cruel se desenhar em seus lábios.

Vadia estúpida e manipuladora.

Guardei minha arma no coldre.

— Agora, o que você deseja, Jake? — perguntou com uma solenidade que nós dois sabíamos que era pura farsa. Por baixo de toda essa roupa, joias, sapatos e cabelos caros, ela não passava de um ser humano podre e sem classe.

Eu me aproximei da mesa e pousei minhas duas mãos sobre ela, inclinando-me próximo ao seu rosto, com a mesma fúria e prepotência no olhar.

— Me diga o que fez, *mais uma vez*, para machucar a sua filha?

Ela ergueu uma sobrancelha e me olhou com indignação e tédio.

— Você não acha que está se metendo onde não deve, *guarda-costas*?

Minhas mãos tremeram querendo nada mais do que apertar o seu pescoço real e quebrá-lo.

— Tudo o que se refere à Rika é assunto meu, *Majestade*. E eu não vou permitir que a machuque mais do que fez a vida inteira com seu egoísmo maldito! — ameacei-a.

— Você se esquece com quem está falando, Jake? — Charlotte se levantou, dando a

volta em sua mesa e caminhou até o centro da sala onde ficavam dois sofás elegantes que pareciam terem sido feitos no século XVII.

Eu me virei e a olhei com cinismo.

— Nós dois sabemos que eu não dou uma porra para quem você é, Charlotte. A Realeza não passa de uma piada. Por trás de tudo isso... — apontei em sua direção, medindo-a. —, só existe podridão.

— Não se esqueça de que minha filha faz parte dessa “podridão”. — ela fez aspas com os dedos.

— Seus filhos e o Rei Christian eram as únicas coisas que prestavam aqui. Ao menos algo de bom você tinha que fazer com sua vida.

A máscara solene caiu dando vida à megera que ela era.

— Cuidado com as palavras, Jake, ou eu posso... — me ameaçou, ou pelo menos tentou.

Eu a cortei.

— Você pode o quê? Me mandar para longe outra vez? — Eu ri debochadamente. — Eu não sou mais um garoto, Charlotte. — Me aproximei, intimidando-a. — Você não conseguirá afastar Rika de mim outra vez. — Dei mais alguns passos em sua direção. — Sabe, o seu maior erro foi pensar que eu me esqueceria dela, que eu não voltaria por ela. Você estava muito enganada sobre mim.

Enfurecida, a Rainha me olhou, mostrando a cobra nojenta que ela era.

— Rika merece alguém muito melhor do que você! Você não é nada e nem ninguém Jacob Price. Ela é uma princesa. Ela tem classe. Você não passa de um guarda-costas sujo. — Ela cuspiu as palavras com desprezo.

Sim, um dia ela me convenceu disso. Mas eu não era o mesmo garoto. Eu era um homem agora. Um homem capaz de qualquer coisa pela mulher que amava com toda a sua alma.

— Eu estou pouco me fodendo para o que você pensa! Eu sendo bom ou não para ela, não vai mudar o fato de que Rika é a minha garota, é a mulher que eu amo, e será minha esposa um dia, você querendo ou não. — Eu dei mais um passo quando ela riu com deboche. — E sobre eu ser um guarda-costas sujo... — Sorri perigosamente. — Nós dois sabemos que você não pensa assim, *Majestade*. — Dei mais outro passo, muito próximo de tocá-la, inclinei minha cabeça até meus lábios estarem próximos aos meus e lancei-lhe um sorriso sedutor.

— Você está louca para que eu a jogue nesse sofá e a foda como uma prostituta barata.

Ela olhou para os meus lábios enquanto eu falava ao mesmo tempo em que fechava o espaço entre nós, encostando seus seios em meu peito. — Você quer meu pau na sua boceta, você quer que eu diga coisas sujas no seu ouvido, não é assim? — Eu sorri, meus lábios se aproximaram do seu ouvido. Charlotte gemeu, me olhando com desejo e luxúria. — Você quer o que Rika tem. Você sempre quer tudo o que ela tem. Você quer sua beleza,

a sua coragem, os seus olhos brilhantes, o seu corpo perfeito, o seu sorriso sedutor.

Charlotte estava perdida em minhas palavras, sentindo minha respiração, se embriagando em minha voz, criando sua própria fantasia.

— E mais do que isso, você me quer. Porque você quer ser amada, desejada, reivindicada. Você também quer machucar a sua filha tirando o único homem que ela amou na vida.

Charlotte voltou a gemer e roçar seus mamilos doloridos contra o meu peito.

— Mas sabe o que mais, *Majestade*... — eu sussurrei, minha voz cotejando perigo e erotismo, segundos antes de erguer minha mão e cobri-la com o seu pescoço em um movimento rápido que a assustou.

Charlotte me olhou com os olhos arregalados quando afastei seu corpo do meu e pressionei minhas mãos contra seu pescoço frágil.

Eu lentamente voltei a me aproximar do seu rosto, sussurrando próximo aos seus lábios.

. — Você não tem o sabor da minha Rika. Você não cheira como ela. Você não tem a boceta apertada, quente e doce como ela tem. Afinal, você a gastou muito durante todos esses anos. — Meu sorriso foi diabólico. — Você não faz os gemidos que ela faz. Você não é perfeita como ela é. — apertei mais sua garganta contra os meus dedos. O desejo de quebrá-lo crescendo em mim. — Charlotte engasgou e lágrimas se formaram em seus olhos.

Eu sorri sinistramente, tomado pela ânsia por violência.

Eu havia me esquecido o quão bem eu me sentia ao perder o controle.

— Você jamais será a sua filha, *Majestade*. — afirmei. — Você jamais terá o meu pau ou minhas mãos dentro de você. Você jamais terá qualquer coisa de mim, a não ser meu eterno desprezo. Porque o resto pertence à sua linda filha, a Princesa Eerika. — Eu apertei mais sua garganta, ela gemeu, engasgando. Uma lágrima escorreu pelo seu rosto.

— Eu a amo, Charlotte. Eu a amo com uma loucura que é capaz de me transformar em um monstro, se necessário, para protegê-la. A mesma loucura que está me deixando excitado apenas em pensar em quebrar o seu frágil pescoço.

Ela acreditou em minhas palavras.

Eu vi o assombro em seus olhos.

A joguei brutalmente no sofá como uma boneca de pano e me aproximei, inclinandome e apontando um dedo em seu rosto. Charlotte tossia e puxava a respiração com força enquanto as lágrimas caíam pelos seus olhos.

— Eu prefiro cortar o meu pau do que tê-lo dentro de você, então não perca o seu tempo maldito tentando me seduzir. Isso não vai acontecer. — Ela me olhou, seus olhos fulminando-me com uma mistura de ódio e medo. A Rainha não estava acostumada a ser rejeitada. — E reze para que eu não veja uma lágrima cair do rosto da minha garota por sua causa, outra vez.

Charlotte se manteve em silêncio, jogada no sofá, na posição que eu a deixei, com uma mão no pescoço, tentando recuperar o fôlego.

Eu me virei, não querendo ficar mais um segundo na sua presença, e caminhei até a porta.

Me virei antes de sair.

— Ah, claro que eu não tenho que me preocupar com você mandando me prender, não é? Afinal, você odiaria que seus filhos, o Rei Gabriel, principalmente, e o resto do país descobrisse que classe de vagabunda sua rainha é.

Charlotte continuou igual, sem se mover, mas seus olhos cada vez mais enfurecidos, me fazendo sorrir por dentro.

Ela não faria nada.

Claro que não!

Muito estava em jogo, e eu sabia coisas demais sobre ela. A Rainha, que se importava tanto com as aparências, não iria arriscar — sabendo do que eu era capaz de fazer para prejudicá-la — ser desmascarada. Agora, o que eu não sabia, era que estava prestes a descobrir muito mais.

Virando-me, saí do escritório.

Felizmente, o corredor estava vazio, sem seus “criados”. Então, me recompus, controlando a fúria ainda correndo em minhas veias, e fui encontrar a pessoa que estava me aguardando. Com sorte, me traria boas notícias e salvaria o meu dia, porque até agora, ele tinha sido uma merda.



VINTE UM

RIKA

Acordei no dia seguinte sentindo como se um caminhão tivesse passado por cima de mim e esmagado todos os meus ossos. E especial, o meu cérebro.

Após deixar Jake na sala de treino, voltei para o meu quarto me sentindo péssima. Eu odiava ficar tão vulnerável, mas Jake apareceu bem no momento em que eu tinha acabado de discutir com a minha mãe. O que me deixou sensível, levando-me a praticamente me jogar em seus braços e implorar por um pouco de carinho. *O quão patético soava?* Por isso, me isolei em meu quarto após minha assistente passar inúmeras coisas que eu deveria saber sobre a minha festa e também deixar vários vestidos para eu escolher.

Eu não via a hora de ela sair. Sua voz estava me enlouquecendo, e sua agitação a fazia parecer um pequeno vulcão pronto para entrar em erupção. Mais uns segundos ouvindo-a e vendo-a se mover em meu quarto de um lado para o outro, e eu daria um soco em seu nariz e a chutaria para fora à ponta pés. Felizmente, ela se foi deixando-me sozinha para me afundar em minha própria miséria. Eu peguei duas garrafas de vinho que havia escondido em meu closet e passei o resto da tarde ouvindo música em minha cama e saboreando o vinho, sentindo o líquido escorrer pela minha garganta até chegar ao meu sistema sanguíneo. Eu posso ter chorado em alguns momentos, mas jamais assumirei. Culparia a bebida, no entanto.

Na manhã seguinte, enquanto minha cabeça latejava, eu me lembrei das inúmeras lágrimas que derramei, mas eu decidi que nada aconteceu, e que as duas garrafas vazias de

vinho tinham me feito esquecer tudo sobre o quanto eu me sentia sozinha, infeliz, não amada e deprimida.

Joguei meu corpo para o lado esquerdo sobre o colchão e lentamente abri os olhos. A claridade quase me cegou, mas não era como se eu já não estivesse acostumada com a ressaca.

Olhei para o lado vazio da minha cama e ignorei o aperto que se formou em meu peito.

Jake não veio para o meu quarto.

Ele não dormiu comigo.

Ele não me abraçou.

Ele não beijou meu ombro e deu um tapinha na minha bunda como fazia quase todas as noites antes de sussurrar “*Durma bem, boneca!*”.

Será que eu me senti como uma adolescente idiota esperando que o amor da sua vida estivesse com você na manhã de seu aniversário?

Sim.

Por que eu estava tão sensível?

Ah, sim... Claro! Porque esse era o meu primeiro aniversário sem o meu pai. Porque minha mãe era uma egoísta que me faria participar de seu espetáculo de circo para a grande sociedade ver como a adorável Princesa Eerika era um orgulho para o país. E, principalmente, porque foi na noite de meu aniversário que Jake me disse que não me amava mais e se foi quebrando meu coração em pedaços.

Hey, pelo menos eu tinha sonhado durante a noite que eu estava em um baile *Black & White* de máscaras, — como eu quis em meu aniversário de dezesseis anos, mas a Rainha, novamente, ignorou meus desejos, dando uma festa à sua maneira, com seus “amigos”. — e que Jake estava lá, me puxando para os seus braços para uma dança, com aquele sorriso assassino no rosto, vestindo uma máscara branca, deixando seus olhos mais intensos enquanto me olhava com tanta paixão, com tanto amor, que fez meu coração idiota derreter. Ele, então, me beijou — Não um beijo comum e simples... Não! Um beijo arrasador que nocauteou meu cérebro por alguns minutos. —, sem se importar com quem nos visse, reivindicando-me na frente de todos. Dos convidados, dos meus irmãos, da Rainha, dos fotógrafos. Eu era dele, e Jake deixou isso muito claro. Logo depois, ele me arrastou do meio da multidão, me levando para longe, caminhando apressadamente pelos corredores do palácio até chegar ao meu quarto. E quando fechou a porta, ele me atacou, se apoderando do meu corpo e me fodendo como se não pudesse manter suas mãos longe de mim. Ele rasgou o meu vestido, me jogou na cama e me mostrou, com inúmeros orgasmos, o que eu significava para ele. Por fim, eu acordei, notei o lado vazio da minha cama e me lembrei de que minha vida não era um conto de fadas, porque conto de fadas não existem, e príncipes em cavalos brancos, muito menos.

Gemendo de dor, forcei meu corpo a se erguer, apoiando-me com as duas mãos no colchão.

— Porra... Eu preciso de uma aspirina. Urgente! — resmunguei, apertando os olhos com força.

Assim que meus olhos se acostumaram com a claridade, corri-os pelo quarto.

Como todo ano, várias flores estavam espalhadas por todo o espaço, assim como caixas de presentes.

Eu bufei, ignorando todas.

Me sentindo como uma idosa de oitenta anos, me levantei da cama e fui até a mesinha central, quando não encontrei nenhum remédio para dor de cabeça ali. — *Jake não havia passado nem para me deixar o meu café da manhã rotineiro.*

Ignorando a dor em meu peito, procurei pelo maldito remédio em todo o lugar, mas não encontrei. Me arrastando, vesti um robe, sem me preocupar em fechá-lo e abri as portas duplas do meu quarto e saí no corredor.

Prescott e mais um segurança que eu não sabia quem era, estavam guardando a porta.

Nada de Jake.

Meu coração se apertou mais.

Eu o ignorei, fingindo indiferença.

— *Lola!!* — gritei, me arrependendo logo em seguida, quando minha cabeça latejou.

Ela não respondeu.

Inferno.

Impaciente, gritei com mais força.

Nada.

— Hey, você!!! ... Minha assistente passou por aqui? — perguntei para o segurança desconhecido de cabelos escuros e um corpo duro, cheio de músculos.

Parei em sua frente com os braços cruzados, esperando uma resposta.

— Ela esteve aqui uma meia hora atrás, Alteza. — respondeu ele, seriamente, sem sair de sua pose profissional. Eu, por outro lado, o inspecionei dos pés à cabeça.

O guarda-costas não se moveu.

Ele era muito bonito.

Talvez fosse uma boa diversão para essa manhã irritante. Presente de aniversário, talvez? Hey, uma garota tem suas necessidades, e o guarda-costas estúpido oficial não estava aqui para atendê-las. Ele, claro, deveria ter coisas mais importantes para se preocupar do que o aniversário da garota idiota que expôs o seu coração ferido para ele no dia anterior.

Eu disse a mim mesma que não estava fazendo isso para me vingar, para machucá-lo, para provar a mim mesma que não precisava dele.

Mas você está, Rika!

— Como você se chama? — perguntei ao segurança, dando um passo à frente.

— John Morgan, Alteza. — respondeu ele, sua voz profunda e masculina, me olhando pela primeira vez.

Seus olhos correram, quase imperceptivelmente, pelos meus seios, já que eu não vestia nada mais do que uma lingerie preta de renda e um penhoar aberto.

Eu abri um sorriso sedutor, dando mais um passo em sua direção.

— E onde está o meu guarda-costas, Sr. Morgan?

Seu peito começou a se mover mais rapidamente, mesmo que ele estivesse tentando ao máximo não demonstrar.

— Eu não saberia lhe responder, Alteza. Ele apenas me ordenou para cuidá-la e não tirá-la de minha vista.

Imbecil!

— Ele disse isso, é? — eu falei, sorrindo sedutoramente, já bem próxima do seu corpo grande e poderoso. — Então, vamos cumprir suas exigências, não é?

Se Jake queria que seu substituto cuidasse de mim, então isso seria exatamente o que ele faria.

O segurança me olhou em confusão, mas logo voltou a encarar a parede de frente para ele.

— Venha comigo, Sr. Morgan. — eu falei, minha voz gotejando sexo quando toquei o músculo do seu braço e pressionei em meus dedos, notando-o ficar tenso, antes de puxá-lo em direção ao meu quarto.

Eu precisava de um orgasmo, ou dois. Ele serviria para o trabalho.

Jake que se fodesse.

Quando o pé esquerdo do Sr. Morgan, finalmente se moveu, a voz de Henryk me fez suspirar alto em frustração.

— Ele não vai a lugar nenhum, Rika — falou ele com tédio e rispidez na voz. — Volte ao seu posto! — ordenou ao guarda-costas, antes de rodear minha cintura, me erguer e me levar de volta ao meu quarto, contra minha vontade, fechando a porta atrás de si.

— Mas que porra, Ryk?!! — reclamei ao encará-lo assim que me soltou.

Ele revirou os olhos, passou por mim e se jogou em minha luxuosa e vintage cama dossel.

— Fecha esse robe, faz o favor. — exigiu. — Eu amo peitos, bocetas e bundas, mas não os da minha irmã.

Respirando fundo, dei um nó em meu robe e me aproximei da cama.

— Você é um empata foda, sabia? — acusei-o.

Ele deu de ombro.

— Eu te fiz um favor, irmãzinha — disse ele enquanto pegava o meu maço de cigarro

no criado-mudo, tirava um e o acendia. — Nós dois sabemos que você acabaria se arrependendo porque quem você queria aqui, na verdade, era o Jake. Por isso, acabaria depressiva, jogada nessa cama, nua, se sentindo suja e se afogaria em algumas garrafas de vinho, como, aparentemente, você fez ontem até perder os sentidos e desmaiar em sua cama. — apontou para as garrafas jogadas no chão.

Eu o odiava, às vezes.

O odiava muito por me conhecer tão bem.

— Besteira! Eu só queria um orgasmo, nada demais. Jake não é o único que pode cumprir essa tarefa.

Ryk tragou o cigarro e franziu o cenho.

— Poupe-me, Rika! Eu não preciso ouvir você falar sobre orgasmos. Mas de qualquer maneira, nós dois sabemos que você está mentindo. E se Jake descobrisse o que você quase fez, ou chegasse aqui e visse o cara comendo sua boceta — ele fez uma careta estranha que me deu vontade de rir —, a porta do inferno se abriria.

Eu me joguei na cama, ao seu lado, e pedi um cigarro. Ele me deu e o acendeu para mim.

— Foda-se ele, Ryk! Me importa um caralho o que Jake Price pensa ou deseja.

Ryk bufou com tédio.

Eu traguei, aspirando a fumaça e depois exalando-a.

— Tenho cara de otário? — perguntou ele ironicamente.

Me virei e o encarei com uma sobrancelha arqueada e um sorriso sapeca no rosto.

— Vai se foder! — ele disse, dando-me um tapa ardente em minha perna.

Eu resmunguei, mas ri.

— Você se importa com tudo referente a ele, Rika. Jake Price é seu vício e sua obsessão. Você instintivamente sempre quer agradá-lo, satisfazê-lo, irritá-lo, provocá-lo. Você quer sua atenção vinte e quatro horas por dia. Te interessa o que ele faz, com quem ele faz, onde ele está, com quem ele está. — Fiquei em silêncio, tragando cada vez mais duro. — Foi assim desde que o conheceu.

— Isso era antigamente. — retruquei rápido demais.

Henryk fez um som com a boca que dizia, “Pare de falar merda!”.

— Isso era antigamente, é hoje, será amanhã e sempre. Ninguém nunca conseguiu fazer o seu frágil coração esquecer-lo. Você se afundou mais e mais, a cada segundo longe dele. Não se engane, Rika. Seu amor por esse cara é intenso e profundo demais, como se ele estivesse enraizado e tatuado em sua pele, e nada e ninguém pudesse tirá-lo. Você respira e vive através dele.

Cada verdade que saiu da boca de Henryk, só fez meu coração rachar mais.

Eu odiava Jake por isso. Odiava que ele tivesse roubado meu coração, minha alma e me deixou apodrecendo e me afundando gradualmente em minha própria amargura e

desolação.

— Você está piegas demais, Ryk. O que está acontecendo? — tentei brincar.

Ele soltou a fumaça lentamente antes de me responder.

—Passei minha infância lendo Shakespeare e outras merdas. Tinha que servir para alguma coisa. — ele deu de ombros. — Além disso, eu quero ver minha irmãzinha feliz. Estou cansado de entrar em seu quarto e vê-la jogada em sua cama, desmaiada, com garrafas e ervas para todos os lados e, muitas vezes, com algum desconhecido babaca com o pinto de fora roncando em sua cama.

Eu gargalhei e joguei a cabeça para trás, encostando na cabeceira.

— acredite, querida... Nenhum irmão quer ver essas merdas.

Suspirei.

Ficamos alguns minutos em silêncio, apenas saboreando o cigarro. Eu o apaguei eventualmente e o larguei no cinzeiro ao lado da cama.

— O que você quer que eu faça, Ryk? — perguntei, minha voz saindo quebrada e perdida.

Respirando fundo, Ryk apagou o seu cigarro no cinzeiro ao lado dele e ergueu o braço em minha direção, puxando-me para o seu peito. Eu fui sem questionar, necessitando de afeto e consolo.

— Eu quero que você não boicote a sua própria felicidade. — Seu queixo descansou no topo da minha cabeça. — Quero que não faça coisas para se machucar, se autodestruir. Como transar com qualquer cara. Você está querendo punir Jake por ele ter te deixado, mas está se esquecendo que cada vez que o fere, está ferindo a si mesma. Como eu disse, você vive e respira ele. O que dói nele, dói em você.

Meus lábios tremeram e meus olhos inundaram de água.

Eu não vou chorar.

Eu não vou chorar.

— Ele não se importa, Ryk. Ele não me quer — falei com a voz embargada, me sentindo como uma menininha boba apaixonada.

Meu irmão me abraçou mais forte e beijou o topo da minha cabeça antes de voltar a descansar seu queixo sobre ela.

— Querida, se tem uma coisa que eu tenho certeza... É que não tem nada no mundo que Jake queira, além de você.

Eu tremi, sentindo os primeiros soluços golparem o meu peito.

— Ele não está aqui. — soltei, de repente.

Henryk suspirou.

— Então é por isso... — ele constatou, parecendo agora me entender. — Era por isso que você ia transar com o seu guarda-costas substituto? Para feri-lo porque ele não está

aqui com você no dia do seu aniversário.

Ridículo, eu sei.

Eu não o respondi.

Não podia.

Me sentia patética.

Eu odiava aniversários. Eu não os suportava. Eles eram os piores dias do ano para mim. Henryk sabia disso, pois foi ele que me abraçou todos esses anos enquanto eu chorava descontroladamente, implorando para que Jake voltasse para mim. Nem que fosse por um segundo... Apenas para vê-lo.

Ele me deixou no dia do meu aniversário.

Eu odiava essa data maldita. Porque apesar de ter sido o dia em que eu nasci, também foi o dia em que eu morri.

— Vá até a mesa e pegue aquela caixa preta — falou Henryk do nada.

Perdida em minha própria tristeza, demorei para entender suas palavras. Quando as compreendi, franzi a testa em confusão.

— Por quê? — perguntei.

— Apenas faça o que eu digo, Rika.

Fracamente pela ressaca para retrucar, engatinhei até o fim da cama, saí dela e fui até a mesa. Peguei, então, a grande caixa preta e bonita, com um laço da mesma cor cobrindo-a, e levei de volta para a cama.

Olhei para Henryk.

Ele me deu um olhar suave e reconfortante.

— Abra. — Pressionou.

Ainda incerta, desfiz o laço e lentamente tirei a tampa da caixa. Olhando dentro dela, encontrei uma linda máscara preta toda trabalhada.

Separei meus lábios querendo dizer algo, mas sem saber o que dizer.

Peguei a máscara em minhas mãos.

— Uau, que linda! — murmurei encantada. — Por que você me deu uma máscara? — perguntei a ele, em confusão.

Henryk deu um pequeno sorriso de canto.

— Não fui eu. — Confessou. — Leia o cartão.

Procurei dentro da caixa por um cartão e o encontrei.

Abri o grande envelope preto, ansiosa e nervosa ao mesmo tempo, sem saber exatamente o porquê. Constatei o motivo segundos depois, quando desdobrei o papel repartido em dois e identifiquei a caligrafia de Jake sob a tinta dourada em contraste com o papel escuro.

Meu coração começou a bombear em uma velocidade eletrizante e dolorida ao mesmo tempo. *Já disse que tenho um coração estúpido? Pois é, eu tenho.*

Olhei uma última vez para Henryk que sorriu, encorajando-me a continuar, antes de começar a ler.

“Palavras jamais serão o suficiente para demonstrar o que esse dia significa para mim, Rika. Ao mesmo tempo que o odeio, eu o amo com todas as minhas forças. É o dia em que você nasceu... Como eu poderia não amá-lo? Seria como não amar a minha própria vida, porque eu só descobri o que era ser feliz, o que era viver, o que era amar, quando te conheci. Quando aquela garotinha linda de dez anos sorriu para mim largamente, fazendo-me o seu grande herói, o seu príncipe encantado. Tudo aquilo que eu nunca fui, mas que você me fez acreditar que eu podia ser. E eu quero ser, boneca. Para você apenas. Quero ser aquele que você olhará com admiração, com paixão, com desejo, com desespero, com necessidade. Eu quero ser a única pessoa a ter os seus lindos olhos brilhantes e cativantes. O único a quem você procura. O único a ter o seu belo coração.

Eu sei que esse dia, essa noite, traz recordações ruins, boneca. Mas eu quero reescrever a nossa história e transformar essa noite tão importante, na noite mais feliz da sua vida.

Você quer me punir? Quer me machucar?

Então use essa máscara com um vestido que tire o meu maldito fôlego. Então me insulte com a sua beleza, querida... Porque eu te garanto, que no momento em que eu colocar meus olhos em você, será como se eu tivesse levado um soco no estômago, como se meu ar faltasse e meu coração rasgasse o meu peito. O meu pau doerá tanto por você que será uma tortura cruel, a noite inteira, até que eu possa deslizar-lo em sua pequena e apertada boceta — o meu lugar favorito no mundo —, e tomá-la profundamente, uma e outra vez, até eu levar tudo de você enquanto você suga toda a minha vida de mim.

Você pensa que eu roubei tudo de ti. Mas o que você não sabe, minha linda Princesa, é que você não foi a única. Por isso, acredite quando eu te digo que te amo, Rika. Porque não há nada nesse mundo que eu ame, além de você.

Sinto muito por não tê-la acordado com um beijo hoje, ou o meu pau, como você gosta. Mas eu te juro que essa foi a última noite que você passou sem mim, e o último dia que acordou sem me sentir profundamente dentro de você.

Eu te amo, minha princesa rebelde.

Tenha um bom dia.

“J.P.”

Quanto tempo fiquei olhando para a carta? Eu não sei. Apenas quando Henryk apareceu ao meu lado, dando um beijo carinhoso em minha testa, foi que voltei à realidade.

— Jake pediu para lhe dizer que tinha algumas coisas importantes para resolver hoje, mas eu o convidei para a sua festa hoje à noite, então espere vê-lo mais tarde.

Eu ainda não disse nada. Estava com minha cabeça em suas palavras. Meu coração idiota esperneava dentro de mim, implorando pelo seu dono.

— Não deixe que nada lhe impeça de ser feliz, Rika. — Ele acariciou meus cabelos e depois enxugou as lágrimas, que eu não havia notado terem caído, com o seu polegar. — Jake é sua felicidade, ele está aqui por você, então não o deixe ir.

Eu o olhei, minha voz embargando e meus olhos nublando.

Deus, eu não consigo parar de chorar.

— Eu estou com medo. — confessei.

Henryk me abraçou.

— Não tenha. Gabe e eu sempre estaremos aqui pra você. E eu jamais estaria lhe dizendo tudo isso, se não tivesse certeza de que Jake cuidaria de você e do seu coração ferido.

Eu assenti contra o seu peito.

— Apenas me prometa que fará de tudo para ser feliz, querida. Isso é o que o nosso pai queria. Isso é o que os seus irmãos querem pra você.

Me afastei do seu peito e enxuguei as lágrimas, então o olhei.

— Eu prometo fazer o que me pediu, se você prometer o mesmo. Se prometer parar com as lutas ilegais, com as putas estúpidas e com as apostas idiotas.

Henryk sorriu para mim.

— Não seria você, se não usasse a oportunidade para me manipular.

Dei-lhe um sorriso astuto.

— Jamais. — brinquei, me fazendo de ofendida.

Ele levantou as mãos em rendição.

— Okay, eu me rendo. Se você se esforçar, eu farei o mesmo.

Eu sorri para ele, satisfeita.

Eu não o julgava nem lhe dizia, mas odiava todas as vezes que Ryk voltava para casa com vários hematomas no corpo. Aquilo me assustava pra caralho.

— Okay, agora vá tirar essa cara de ressaca, porque convenhamos, maninha... Você está um horror! E, então, se prepare para o grande espetáculo de horror da Rainha Má.

Gargalhei.

Henryk caminhou até a porta.

Sem dizer mais uma palavra, ele piscou para mim e saiu do quarto fechando a porta atrás de si.

Ainda suspirando como uma menina boba, me joguei em minha cama e reli a carta de Jake, uma, duas, três... Talvez dez vezes. — *Me julguem!* — Dessa vez, quando Lola entrou em meu quarto querendo que eu escolhesse o meu vestido, sorri alegremente, a

deixando surpresa já que pensou que encontraria uma princesa mal-humorada.

Lembrando das palavras de Jake, corri pronta para escolher algo que fosse nocauteá-lo, ou melhor, fosse enlouquecê-lo a ponto de não ser capaz de se segurar e ter que me arrastar para algum canto do palácio para que pudesse me foder até me quebrar — *com sorte*.



VINTE DOIS

JAKE

Eu odiei não ter passado a noite com Rika. Não ter acordado ao seu lado sendo o primeiro a lhe dar parabéns pelo seu aniversário, enchendo-a de beijos enquanto afundava o meu pau em sua apertada boceta, dando-lhe vários orgasmos até ela não ser capaz de sair da cama.

Eu queria reescrever esse dia. Fazê-lo importante e feliz para ela, dessa vez. Eu lhe devia isso, já que anos atrás, arruinei essa data especial.

Esse era o meu plano, afinal.

Mas depois do que descobri na tarde passada, quando Colin Hill, meu amigo e companheiro da MI6, veio me trazer as informações que lhe pedi como um favor, tudo mudou.

Desde a morte do Rei Christian que eu tenho, avidamente, tentado descobrir algo que pudesse me levar à pessoa que estava planejando machucar a Princesa e, possivelmente, toda a Família Real.

Não consegui muito, todavia. Até que em uma noite, encontrei Gabriel — ou melhor, *o Rei Gabriel* — na cozinha do palácio, sozinho, comendo uma travessa de lasanha e olhando um álbum de fotografias.

— O Rei da Inglaterra não tem que seguir alguma fodida dieta para não ficar com uma barriga enorme nas fotografias, cartões postais, vídeos, e qualquer outra merda dessas? — brinquei, encostando-me no batente da porta, com os braços cruzados, observando o meu melhor amigo de infância.

Olhando-o assim, com roupas normais, e tão descontraído, me lembrou de quem ele realmente era. Não a pessoa que tinha que ser diante de todos e com tantas responsabilidades nas costas.

Gabriel me mostrou o dedo do meio e sorriu, pedindo-me para me aproximar com um movimento de cabeça.

Fui até ele e me sentei no banco da longa mesa vintage e luxuosa de madeira, de frente para ele.

— Não é suposto também que o Rei tenha modos e não fique mostrando o dedo para o seu povo? Cadê a classe, Majestade? — o provoquei, rindo, pegando um garfo do faqueiro e o enterrando na lasanha, roubando um pedaço.

— Vá se foder! — ele rosnou com falsa irritação, e antes que eu pudesse provocá-lo outra vez pelos seus modos, Gabriel me cortou. —E, não ouse falar dos meus modos novamente, ou te mandarei se foder outra vez, porra!

Eu ri com a boca cheia de massa.

— O que está fazendo aqui sozinho? — perguntei, roubando mais um pedaço de lasanha.

Gabe olhou pensativo para o álbum de fotografias.

— Estava olhando o álbum de fotografias do meu pai. — Sua feição caiu, e eu senti a dor em sua voz. Eu sabia o que ele estava sentindo. Passei pelo mesmo quando perdi o meu pai. — Pode soar estúpido, mas estava de alguma maneira pedindo-lhe conselhos sobre como lidar com tudo isso. — Ele fez um gesto com os braços ao redor do espaço.

Eu coloquei o garfo sobre o guardanapo de pano e apoiei meus braços sobre a mesa, dando-lhe minha atenção.

Desde que saí da Marinha e fui recrutado pela MI6, Gabe e eu não tivemos muito tempo para conversar. Nós tínhamos servido juntos, mas depois disso, ele voltou para a sua vida em Londres enquanto eu me tornei um James Bond — quase!

Mantivemos nossa amizade. Nós éramos como irmãos, afinal. Mas ao seguirmos caminhos diferentes, tínhamos nos distanciado, e agora, vendo-o com tanta tensão e preocupação no rosto, percebi que Rika não tinha sido a única pessoa com quem falhei.

— Eu sinto muito por não ter estado por perto. Fui uma merda de amigo nos últimos anos. — recriminei-me.

Gabe me olhou e sorriu.

— Sim, você foi, seu fodido!

Gargalhei.

— Mas você teve muito em sua cabeça também, e não é como se eu tivesse sido o

melhor dos amigos te ajudando nesses anos.

Suspirei lembrando-me de Rika.

Gabe foi a única pessoa para quem eu contei a verdade sobre minha partida. Nós íamos para a Marinha juntos e eu não queria ter uma granada jogada em minha direção pelo meu melhor amigo porque eu quebrei o coração de sua irmãzinha. Eu sabia, no entanto, que ele não contaria nada para ninguém, afinal, ele conhecia muito bem a mãe que tinha.

— Rika está diferente. — Ele soltou, após engolir mais um pedaço de lasanha, então continuou quando eu não disse nada. — Pelo menos ela não está saindo nas capas dos tabloides seminua e alcoolizada. — Gabe sorriu com sarcasmo.

Nem por cima do meu cadáver a deixaria ser fotografada dessa maneira, outra vez.

— Eu te falei que isso não aconteceria enquanto ela estivesse em minha proteção. — o lembrei.

— Claro que não! Quem melhor do que um homem apaixonado e ciumento para proteger a sua menina? — ele debochou.

Rolei os olhos, em seguida, suspirei.

— Não estou fazendo um bom trabalho em consertar o seu coração quebrado, no entanto. — minha voz pesou em remorso e frustração.

Gabriel me olhou.

— Você não foi o culpado pelo o que aconteceu, Jake. E um dia ela saberá disso. — Eu ainda me culpava. — A sua presença já faz muito bem a ela, acredite.

Eu fiquei em silêncio, pensativo, sem saber o que dizer. Gabe sempre teve fé em mim, sempre acreditou e confiou em mim. Ele era um homem muito melhor do que eu, por isso seria um ótimo rei. Muito melhor que seu pai foi, até. Ele não sabia disso ainda, mas eu sabia.

Gabriel se levantou alegando que precisava ir dormir, pois tinha que viajar na manhã seguinte e voltar em poucos dias para a festa de aniversário de Rika. — Festa que ele estava tão animado para participar quanto sua própria irmã. Mas o que eles não sabiam é que eu estava dando um jeito nisso.

Eu tive uma pequena “conversa” com a Rainha em uma noite em que a encurralei no jardim ornamental do palácio. Ela ficou furiosa quando a ameacei dizendo que, caso não mostrasse a sua filha interesse por seu aniversário, e a fizesse se sentir amada pelo menos uma vez na vida por sua mãe, ao invés de se preocupar com as aparências, contaria aos seus filhos e a imprensa o que ela fez para me tirar de perto da Princesa. — Charlotte não fazia ideia de que Gabriel sabia de tudo. — A exporia também ao vexame quando o mundo descobrisse sobre seus diversos casos durante o seu casamento com o Rei Christian, incluindo, as vezes em que ela me coagiu, tentando me levar para a cama apenas para machucar a sua própria filha. Eu mostraria a todos quem a perfeita Rainha realmente era. Uma cadela cruel, egoísta e sem coração!

Semanas atrás, eu até mesmo tive que lembrá-la do aniversário de Rika quando ouvi

que a vadia tinha planejado uma viagem na mesma semana, o que me deixou fora de mim e a ponto de estrangulá-la.

Ela esqueceu o aniversário da sua filha... Outra vez?! Porra!

Eu sabia que Charlotte não me ouviria assim tão fácil. Ela se achava poderosa e acreditava que me tinha em suas mãos porque não me via sendo capaz de denunciá-la para poupar Rika do sofrimento. Me manipulava usando meus sentimentos por Eerika.

Não mais.

Eu não era o mesmo garoto rebelde de antes, inseguro, com medo de perder a única pessoa que lhe importava na vida.

O tiro saiu pela culatra, pois quando decidiu me chutar para longe, me alistando para a Marinha, não se lembrou que lá, eu aprenderia a ser um soldado, e muito menos previu que quando eu saísse, me juntaria a MI6 me transformando em um espião. O que me ensinou a ser perspicaz, inteligente, manipulador, implacável, calculista e um perfeito dissimulador. Eu podia olhar para qualquer pessoa nos olhos e lhe contar a maior mentira do mundo, e ela acreditaria em mim sem pestanejar. Um verdadeiro ator.

Rika e Gabriel eram os únicos a quem eu não podia mentir. Eles me conheciam demais. A “Cadela Real” não. E quando eu a ameacei, não estava pensando em cumprir a ameaça, a não ser que fosse realmente necessário. Eu não queria fazer Rika passar por toda essa humilhação e dor. Não quando sua saúde física e mental estava tão delicada. Entretanto, Charlotte não sabia disso, e meu olhar frio, impiedoso e minha expressão corporal a fez duvidar. Eu notei quando, vagamente, franziu o cenho, pensativa. Outras pessoas não teriam notado. Eu sim. Mais um de meus talentos. Aprendi a captar qualquer reação de uma pessoa, não importando o quanto ela tentasse ocultar.

Se Charlotte quebrasse o coração da minha garota, outra vez, ela se arrependeria amargamente.

Antes de sair da cozinha, Gabriel passou por mim e deu um tapinha em meu ombro.

— Eu não posso estar tão próximo da minha irmã como antes, como gostaria de estar. E vê-la se destruindo aos poucos estava me consumindo por dentro. — Eu mantive meus olhos sobre a mesa, apenas ouvindo-o. — Entretanto, tê-lo perto dela tirou um peso enorme dos meus ombros, Jake. Eu sei que você sempre fará o impossível por Rika. Sei que sempre estará ao seu lado. Sei que a salvará dessa ameaça que nosso pai nos alertou, assim como a salvará de si mesma. E eu jamais poderei lhe agradecer por isso. — Gabe sabia de tudo, e era o único a quem eu me reportava

Aí estava... A sua fé incontestável em mim, como sempre.

Rika era muito parecida com ele.

Por algum motivo, os dois nunca perdiam a esperança em mim, mesmo nos momentos em que eu não era capaz de acreditar em mim mesmo.

— Rika é meu mundo. Você, melhor do que ninguém, sabe disso. Farei o que tiver que fazer. — reafirmei, explicando aquilo que ele já sabia.

Eu pude sentir seu sorriso em minhas costas.

— Eu sei. E é por isso que eu não estou preocupado.

Então, ele saiu, me deixando sentado com meus próprios pensamentos. Passaram-se segundos quando notei o álbum de fotografias em cima da mesa. Gabe o havia esquecido.

Curioso, arrastei-o até mim e o abri.

A primeira foto era de Gabe, Ryk e Rika quando crianças.

Eu sorri diante da imagem.

Rika devia ter uns dois anos de idade e estava sentada no colo de Gabriel que aparentava ter uns seis ou sete, e Henryk, com uns quatro anos, estava sentado ao seu lado de seu irmão, em um largo banco no jardim do palácio com uma postura de tédio no rosto — Típico dele.

Tirando Rika que ainda era muito pequena, Gabe e Ryk já demonstravam uma seriedade e maturidade muito grande para crianças daquela idade. Eles não eram meninos felizes. Suas expressões demonstravam isso. E apesar de Gabriel ter me contado, e eu ter vivenciado uma parte de suas vidas, eu ainda me perguntava como deveria ter sido para eles crescerem com o mundo os observando e se intrometendo a cada um de seus passos.

Virando as páginas, meus olhos correram pelas fotos de família, onde a maioria eram dos dois Príncipes e da Princesa. Quase não se via o Rei, e muito menos, a Rainha. A não ser que as fotos tivessem sido tiradas por profissionais, para mostrar a “perfeita” Família Real. Algumas do Rei Christian com as crianças estavam espalhadas pelo álbum, assim como da Rainha-Mãe — a Grã-Duquesa de Oxford —, com eles, mas nenhuma da Rainha Charlotte. Nenhuma onde ela estivesse olhando para os seus filhos com carinho, onde os tivesse beijando, abraçando. As fotos em que ela estava, podia-se notar sua expressão sempre dura, seu toque frio e indiferente.

Eu me senti mal por eles.

Apesar do pouco tempo, eu tive o amor de minha mãe. Eu me lembrava dos seus lindos olhos azuis, do seu toque, do seu sorriso. E eu via nas fotos que meu pai me mostrava, os seus olhos brilhando enquanto me olhava. Com amor, com orgulho, com doçura.

Ela morreu assassinada quando eu tinha três anos de idade, por um paparazzo maldito. Minha mãe estava ao lado da Rainha Charlotte, em uma de suas viagens, visitando os civis — a pedido do Rei, é claro, já que ela não suportava a minha mãe. Eu não sabia o porquê. Mas a mulher não suportava ninguém, então não era uma surpresa —, quando em uma das caminhadas pelas ruas da pequena cidade de Lacock, começou um tumulto. Alguns antimonárquicos tentaram atacar a Rainha, o que fez a mídia alvoroçada. E nesse empurra-empurra, minha mãe foi golpeada no rosto por um paparazzo com sua câmera e jogada, com força, para o lado, a modo de tirá-la do caminho e assim chegar à Rainha Charlotte. No mesmo instante, uma das SUVs da Segurança Real, tentava passar pela multidão enlouquecida, a modo de resgatar a Rainha. Com a força do empurrão, minha mãe, que já sangrava pelo golpe, acabou batendo a cabeça contra o vidro do carro. Demorou para conseguirem tirar a multidão do meio, mas conseguiram socorrê-la. Entretanto, o golpe atingiu uma parte sensível do

cérebro, levando-a a ter convulsões durante o percurso até o hospital, e morreu ali mesmo. Sozinha. Sem seu marido que estava em uma viagem com o Rei. Sem seu filho que ficou no palácio sendo cuidado pela babá dos príncipes. Completamente desamparada.

Não percebi que uma lágrima escorreu pelo meu rosto, até senti-la bater contra a minha mão esquerda.

Eu odiava os paparazzi. Odiava a mídia. Odiava a Rainha. Odiava tudo o que a Família Real representava. Todavia, aqui estava eu, trabalhando para eles porque estava completamente apaixonado pela Princesa da Inglaterra, e não podia suportar a ideia de ficar sem ela ou vê-la machucada e desamparada como a minha mãe.

Chame isso de karma.

Eu vi o vídeo e fotos da morte da minha mãe. Meu pai tentou me poupar, mas o vídeo estava em todos os lugares, todos os canais de televisão, e, eu, eventualmente, acabei vendo.

Nunca me esquecerei do seu olhar de desespero, de medo, de assombro. E, por isso, jamais deixaria que algo assim acontecesse, de novo, com a única mulher que amei na vida, além de minha mãe. Foi por isso que aceitei a oferta do Rei Christian. Era por isso que eu trabalhava para eles. Por Rika, apenas por ela. Tudo por ela.

Quando fechei o álbum, desesperado para trancar o passado no fundo da minha memória, alguns cortes de jornais escaparam, voando sobre o meu colo. Peguei-os na mão com curiosidade, e constatei que eram notícias antigas da Família Real, publicadas pelo The Guardian. Alguns de eventos, outras de inaugurações de instituições e uma do desfile em comemoração ao aniversário da Rainha-Mãe. Desfile onde eu conheci Rika oficialmente. Onde eu a salvei de ser atropelada por um cavalo, mas que consequentemente, acabou machucando uma outra menina da mesma idade que ela.

Eu estava com o meu pai em uma SUV, depois de ele ter insistido para eu ir com ele ao desfile. Atitude estranha, já que após a morte da minha mãe, meu pai me afastou totalmente da Família Real, me levando para morar com minha avó em uma pequena cidade, longe do caos onde ele vivia. Quando minha avó faleceu, eu voltei à Londres para morar com ele. Meu pai tinha se destruído sem minha mãe. Ele se tornou mais frio, triste, isolado, indiferente. Consequentemente, com sua ausência, eu também me tornei um adolescente fechado, além de rebelde e temperamental, que arrumava inúmeros problemas para ele. Nós dois nos afastamos e quase não tínhamos assunto quando estávamos em casa. Por isso, eu evitava estar por perto. No entanto, ele parecia querer mudar isso, quando, desajeitadamente, me chamou para vir com ele.

Desfile da Família Real?

Uma merda.

Eu não queria participar disso.

Essa multidão, as câmeras e todas essas pessoas pomposas e arrogantes só me fizeram lembrar de minha mãe sendo morta por culpa deles.

Como um bom adolescente mal-humorado, eu fiquei em silêncio o caminho todo, meus olhos presos no vidro do carro, observando a quantidade de pessoas com bandeiras

da Inglaterra, sorridentes e animadas para ver os membros da Família Real. Eu não me lembrava deles, mas estava pouco me fodendo para conhecê-los também.

Foi quando notei uma garotinha de aproximadamente dez anos sair do meio da multidão, passar por uma grade que estranhamente estava aberta e correr em direção à carruagem atrás de nós onde eu sabia que estava a Princesa Eerika junto de seus irmãos.

Eu inclinei meu corpo para trás e fiquei olhando pelo vidro, esperando alguém notá-la, mas a garota era muito pequena, e os Guardas Reais estavam ocupados olhando para cima, montados em seus cavalos, e não para baixo em seu tamanho minúsculo. Eu ia avisar o meu pai quando a vi muito próxima do cavalo de um dos guardas — Ela era tão pequena que se misturava no meio deles, sem ser notada — Mas, no mesmo instante, a carruagem parou e a porta do lado esquerdo, onde a garotinha estava, se abriu.

Eles devem tê-la notado, afinal, a menina estava ao lado da carruagem, pensei na hora.

Foi quando uma menininha de cabelos dourados, vestida com um branco vestido rodado, tiara e sapatos rosa e luvas de renda branca, desceu da carruagem e foi em direção da tal garotinha que tentava se aproximar.

Era a Princesa Eerika.

— O que está acontecendo? — Vi o rosto franzido do meu pai.

A multidão foi ao delírio quando viram a Princesa.

Eu franzi o cenho, intrigado com a sua atitude.

A Princesa caminhou graciosamente e tranquilamente até a menina — Até esse momento os guardas já a haviam notado e tentavam levá-la dali. —, e abriu um grande sorriso enquanto acenava para todos.

Ela tinha apenas dez anos, eu sabia. — Em minha defesa, todo mundo no país sabia. — Mas quando ela estendeu a mão, pedindo ao guarda para se afastar da garota, eles a obedeceram.

Meu pai rosnou irritado, não gostando do que estava acontecendo, mas o seu trabalho era proteger o Rei e a Rainha que estavam na carruagem à nossa frente. Os Príncipes e a Princesa tinham sua própria equipe de segurança. Mesmo assim, ele mandou o motorista parar o carro e esperar.

Os seguranças da Princesa continuaram dentro do carro, mas os Guardas Reais estavam montados em seus cavalos, protegendo-a.

A Princesa Eerika segurou a mão da menina. A mesma deixou cair o queixo timidamente enquanto a Princesa falava com ela e sorria.

Eu não sabia o porquê, mas a sua atitude me teve hipnotizado. Assim como o seu sorriso, os seus olhos grandes e brilhantes, a sua doçura e sua ousadia, já que pude notar muito bem como uma carranca se formou em seu delicado rosto quando um dos guardas relutou a acatar sua ordem.

“A menina tem personalidade”, lembro-me de ter pensado, admirado.

— Essa menina não tem limites. — Meu pai disse, carrancudo, mas com amor na voz. Ele gostava dela, constatei. Mas também percebi que a Princesa lhe dava trabalho.

Eu gostei disso.

Quando a via na tv e nas revistas, ela parecia ser uma boneca de porcelana moldada e mimada. Aparentemente, eu estava errado.

Tudo aconteceu tão rápido. Em um segundo, eu estava observando as duas meninas, no próximo, eu vi os cavalos dos guardas se assustarem e começarem a relinchar.

Meu coração parou de bater por alguns segundos, e quando notei a expressão de assombro da Princesa, tentando proteger a outra menina com um abraço, algo dentro de mim estalou. Eu vi a minha mãe. E quando dei por mim, tinha aberto a porta do carro e corrido na direção delas.

Eu sei que meu pai estava próximo a mim, eu o ouvi me chamar, assim como notei o vulto de homens vestidos de preto correr na direção das meninas. Entretanto, no momento, eu fiquei cego, com meu coração disparado pela adrenalina e medo. Eu nunca corri tão rápido em toda a minha vida, não me importando se poderia me machucar ou não.

Quando cheguei até elas, eu ainda pude ouvir a Princesa tentando acalmar a outra menina que gritou assustada, antes que eu pudesse puxar as duas em minha direção. Eu as girei, fazendo com que ficassem protegidas contra o meu peito, então, quando levantei meu olhar, encontrei os da Princesa, arregalados, em minhas costas.

— Cuidado! — ela gritou.

O cavalo ia dar um coice em mim, e eu me preparei para o baque, porém, antes que acontecesse, a menininha escapou dos meus braços e deu a volta em minhas costas, tentando estupidamente e inocentemente, proteger a Princesa.

O grito de assombro da Princesa foi tão grande que eu escondi seu rosto no meu peito antes do cavalo acertar a menina, que bateu contra as minhas costas.

Senti o impacto, mas segurei a dor quando caí para frente com a Princesa debaixo de mim.

Pareceu uma eternidade, mas tudo aconteceu muito rápido, e aos poucos, os sons de pessoas gritando ecoaram em meus ouvidos, assim como a movimentação dos seguranças e guardas.

Eu só tive tempo de me erguer um pouco para encarar o rosto da Princesa, que me encarava com seus grandes olhos verdes assustados, mas de uma maneira que ninguém nunca me olhou antes... Com fascinação. Ela me viu como seu herói quando eu era apenas um garoto problemático que sempre fazia o errado e não o certo.

Eu sorri para ela.

Ela continuou me olhando, com o mesmo fascínio, que encheu meu coração de algo que eu ainda não era capaz de decifrar.

Durou pouco, porque eu senti tudo embaçar, e aos poucos, seu belo rosto ser transformado em trevas, antes de eu ser puxado para longe dela.

Antes da escuridão me tomar, eu ainda vi seu olhar se transformar em temor e a voz desesperada do meu pai me chamar.

Respirei fundo, perdido em minhas lembranças. A lembrança mais aterrorizante e maravilhosa da minha vida. O dia em que eu conheci a garota que viraria a minha vida de cabeças para baixo. O dia em que ela me teve com apenas um olhar. O dia em que eu sabia que estava perdido, pois ela tinha roubado a minha alma e carregado com ela.

A garotinha ao qual o cavalo acertou, não teve tanta sorte, no entanto. Ela não morreu, mas foi hospitalizada com ferimentos graves. Logo, ela entrou em coma, onde permanecia até hoje.

Eu sempre me senti culpado, apesar de todos me dizerem que eu não era, e ficarem me tratando como um herói. Eu não me sentia um herói. Uma menina vegetava em uma cama porque eu não fui capaz de protegê-la. Assim como minha mãe não foi protegida.

Por muito tempo, eu a visitei semanalmente. Mas quando me alistei, não pude mais vê-la. No entanto, paguei uma grande quantidade em dinheiro para uma floricultura, para que toda semana levassem um ramo de flores para o seu quarto de hospital.

Eu pretendia visitá-la desde que voltei à Londres, mas confesso que era um covarde, pois não tive coragem. Eu ainda estava trabalhando sobre isso.

Corri as mãos pelo rosto, como se aquele gesto pudesse apagar as lembranças que invadiam com violência a minha memória.

Frustrado, levei a mão até a capa do álbum e o abri, pronto para jogar os recortes de jornais lá dentro e sair dali. No entanto, algo me chamou a atenção.

Olhando mais atentamente algumas das fotos do desfile, durante e após o incidente com o cavalo, uma pessoa se destacou aos meus olhos no meio da multidão eufórica. A única pessoa parada tranquilamente, mantendo uma postura ereta, fria e atenta, enquanto observava a Princesa ser abraçada pelo seu pai, assustada. Sua atitude, todavia, não foi o que mais me chamou a atenção, e sim o boné do Watford em sua cabeça.

A imagem estava distorcida, em preto e branco, mas eu reconheceria aquele boné que estava todas as noites em meus pesadelos.

— Não pode ser... — eu falei para mim mesmo.

Devia ser uma coincidência.

Mas eu fui um soldado e um espião. Eu não acreditava em coincidências. Além disso, tinha desenvolvido um sexto sentido muito forte nos últimos anos. E tudo dentro de mim gritava que a pessoa de boné anos atrás no desfile, era a mesma que me atacou há pouco tempo e que estava no festival. A sua expressão corporal não enganava também.

Era a mesma pessoa.

A ameaça que o Rei Christian me alertou.

A pessoa que queria machucar Rika.

O que mais me matou, no entanto, foi que eu soube muito bem ler a sua postura, a sua atitude, os seus gestos. A maneira que sua cabeça caía ligeiramente inclinada,

observando tudo, seus olhos fixos, sem expressão nenhuma. Como se Rika fosse sua presa.

Eu sabia com que tipo de pessoa estava lidando, e isso fez meu estômago revirar, meu coração disparar, meu sangue bombear e uma fúria inexplicável crescer dentro de mim, ativando o instinto de proteção que eu tive sobre Rika desde o dia em que a salvei pela primeira vez.

Um psicopata.

O desfile não foi o único lugar em que ele ou ela estava. Todos os recortes de jornal, a mesma pessoa com o mesmo boné estava presente. Eu entendia agora por que o Rei guardou os recortes ali juntos. Ele viu o mesmo que eu.

— Jesus. — falei, correndo os dedos pelo cabelo, assustado pra caralho, como não estive durante muitos anos.

Eu ainda não conseguia ver a feição do filho da puta.

Mas notei uma coisa.

A diferença de idade.

Os recortes eram de anos diferentes, e desde o primeiro, o do desfile, essa pessoa tinha crescido. Ela aparentava, por sua postura e corpo ser jovem no dia do acidente, e já não tão jovem nas outras ocasiões. E, definitivamente, um adulto no dia em que o persegui no beco e no festival.

Isso queria dizer que estavam planejando isso há anos?

Por que uma pessoa jovem passaria sua vida planejando machucar alguém?

“Porque é um fodido psicopata”.

Sim, era isso..., Mas tinha algo mais. Eu tinha certeza. E precisava descobrir, o mais rápido possível. Pois tinha um pressentimento que a cartada final estava por vir, e que esse desgraçado ou desgraçada, estava prestes a concluir o seu plano.

*Eu saí do meu apartamento em *Nothing Hill* pela manhã, onde passei toda a noite trabalhando em meu computador, tentando descobrir o paradeiro do suspeito do boné dos Watford. Eu precisava de café, então caminhei até a cafeteria mais próxima, uma que eu frequentava regularmente.*

Quando liguei para Colin, na manhã seguinte após encontrar os recortes de jornais, pedi a ele que conseguisse todos os vídeos, documentos, fotos, reportagens de todos os eventos onde o suspeito do boné esteve. Também pedi que investigasse à fundo o passado de Charlotte Grace Bouchier, a Rainha. Algo me dizia que aquela megera escondia algo importante.

Eu estava certo.

E o que descobri, fez a minha última conversa com o Rei Christian fazer todo o sentido.

*Quando Colin me entregou um *pendrive* com todas as informações, e alegou que eu*

ficaria chocado com o que ele acabara de descobrir, eu sabia que soltaria uma bomba.

Foi uma bomba, de fato.

Usando todas as minhas influências e habilidades, além das informações de Colin, comecei a montar o quebra-cabeça. E para a minha surpresa, várias das peças ligavam à figura do boné.

Essa noite, eu confrontaria a Rainha sobre isso.

A boa notícia, se é que existia uma, era que eu, finalmente, não me sentia mais tão perdido. Tão atrás da ameaça. Eu estava no caminho certo. Meus instintos me diziam isso.

Uma voz feminina gritando o meu nome em minhas costas, tirou-me de meus pensamentos quando me aproximei da cafeteria.

Eu nunca esquecia uma voz ou um rosto. Fui treinado para isso. Muito menos esquecia as vozes de mulheres que fodi mais de uma vez. Não que tenha feito isso com frequência, o que facilitava na hora de identificá-las.

Georgia Langston.

Dona de uma rede de farmácias de manipulação de produtos naturais e cosméticos. Mais do que isso... Agente da MI6. Sim, uma espiã, assim como eu fui. Ninguém imaginaria, porém, quando olhassem para o seu doce sorriso, olhos tranquilos e rosto de porcelana. Mas esse era o objetivo, certo? Um espião nunca deve se parecer com um espião.

Nós nos envolvemos durante uma missão ao qual trabalhamos juntos.

Foi apenas sexo. Porém, eu cometi o erro de infringir a minha regra principal: “Nunca transar com a mesma mulher mais de uma vez”.

A maioria das mulheres se apegam, começam a exigir mais de você. E o “mais” eu jamais poderia dar a nenhuma delas. Era apenas sexo. Tesão. Necessidade puramente física e primitiva. Eu nunca me envolveria com outra mulher, porque meu coração sempre pertenceu apenas a uma. A mais complicada de todas. A fodida Princesa da Inglaterra.

Eu não podia ter sonhado mais alto, podia?

Eu fui um idiota ambicioso, e paguei por isso. Porque você não consegue o seu felizes para sempre com a garota mais importante do mundo, como nos contos de fadas, se você não for um aristocrata do caralho.

Rika estava muito acima de mim... Isso pelo menos era o que sempre me disseram. Eu não acreditei quando era jovem. Eu era revoltado, rebelde, impetuoso. Não me importava com classe social, aristocracia, realeza e tudo mais. Mas aprendi da maneira mais dura o que o poder e o dinheiro podem fazer.

Eu era teimoso, no entanto, e já citei ambicioso, não citei? Bem, me chame de idiota porque eu continuava não dando a mínima para tudo isso. Rika tinha meu coração e minha alma. E nada e nem ninguém seria capaz de tirá-la de mim. Nem mesmo a maldita Rainha da Inglaterra.

Eu devia ser muito estúpido ou muito corajoso.

Não.

Eu estava louco e cego. Cego de amor. Louco de paixão. Eu estava completamente arruinado por aquela garota. Me tornei seu servo sem ao menos perceber. Fui dominado completamente. Um viciado. Eu não só a amava... Eu vivia por ela. Eu respirava ela.

— Georgia?! — falei, ao me virar, e vê-la andar a passos largos em minha direção, com um sorriso no rosto.

Georgia tinha o cabelo dourado e ondulado na altura do ombro. Os olhos eram verdes, sua feição era delicada, e ela tinha um corpo capaz de virar a cabeça de muitos homens. Ela usava um vestido leve florido de verão, deixando suas pernas longas e bronzeadas à mostra. Nos pés, calçava uma sandália rasteirinha.

Georgia era bonita.

Claro, não tão bonita ou espirituosa quanto Rika. Mas até aí, nenhuma mulher chegava aos pés da minha princesa. Enquanto Rika tinha uma feição selvagem e sedutora, Georgia era tranquila e focada. Talvez eu estivesse tão desesperado, que na época acabei procurando por uma mulher que me lembrasse um pouco a Princesa. Pelo menos, fisicamente. Mesmo que fosse apenas na cor do cabelo.

— Jake! — Ela sorriu, parando na minha frente. — Eu não sabia que tinha voltado para Londres — falou.

Eu devolvi o sorriso.

— Sim, voltei já faz um ano, praticamente. Não estava sabendo? — franzi o cenho.

Estranho. Ela era MI6. Eu fazia parte da Segurança Real. Seria difícil ela não saber que eu estava aqui.

Georgia me olhou da mesma maneira que me olhou da última vez em que nos vimos. O mesmo olhar que fez eu me afastar dela antes que as coisas se complicassem.

— Eu não estive no país por um tempo. Você sabe... Trabalhos no exterior. — Ela me deu um olhar cúmplice.

Missões secretas no exterior, ela quis dizer.

Estava explicado. Se ela esteve trabalhando infiltrada em alguma missão externa, não tinha como saber nada sobre mim.

— Então, o que está fazendo desde que voltou? — perguntou ela.

Eu pensei em lhe explicar onde e com quem eu trabalhava, mas achei melhor não mencionar. Primeiro, porque nunca é bom quando sua ex — *não que ela tenha sido uma ex* — sabe demais sobre sua vida. Segundo, porque eu era o guarda-costas da Princesa. E Georgia sabia o quanto Rika significava para mim. Não precisava ser um gênio ou espião para descobrir. Era apenas a Princesa aparecer na tv e eu ficava hipnotizado feito um idiota. Por conta disso, eu não queria machucá-la. Seu olhar me dizia que ela ainda não tinha me esquecido. Terceiro, porque eu tinha pessoas atrás de mim, e que podiam não hesitar em ir atrás de pessoas que eu conhecia, para descobrir mais sobre a minha vida.

— Segurança particular — respondi simplesmente.

Georgia riu.

— Eu, definitivamente, consigo te ver como um guarda-costas, Jake.

Eu rolei os olhos.

— Não sou tão previsível assim. — brinquei.

Ela sorriu.

— Não. Mas eu te conheço bem. — Seu olhar se aprofundou em mim.

Eu não respondi. Dei-lhe um sorriso leve que dizia “Não vamos por aí, querida!” e me adiantei a falar, antes que ela resolvesse lembrar dos “bons tempos”.

— É muito bom te ver, Georgie, mas eu preciso ir. Tenho coisas importantes para resolver. — *E, em seguida, eu tenho uma Princesa que deve estar furiosa, para cuidar.*

Seu sorriso caiu um pouco, mas ela tentou disfarçar.

— Sim, claro. — Georgia colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha e me olhou fixamente. — Foi realmente muito bom te ver, Jake. Poderíamos tomar alguma coisa qualquer dia desses. Moramos perto um do outro, afinal. — Ela deu de ombros, tentando ser casual. Mas eu sabia que não era bem assim.

Ela tinha deduzido que eu morava em Nothing Hill, assim como eu deduzi isso sobre ela quando não vi nenhuma chave de carro em sua mão e nenhuma bolsa. O que indicava que ela provavelmente estava perto de casa.

Escute o meu conselho... Nunca tenha um caso com uma espiã. Ela pode se tornar uma *stalker* com habilidades e recursos. Combinação *perigosíssima!*

Claro que você não vai saber que ela é uma espiã, já que esse é tipo o código número um do trabalho, mas se você souber... Corra para bem longe.

Georgia nunca deu indícios de ser esse tipo de mulher, no entanto. Ela aceitou o nosso “término” na boa. Ficou triste, claro..., mas continuou me tratando bem e aceitando a minha decisão até que, então, me desliguei da MI6 e nunca mais a vi. Entretanto, se tem uma coisa que você aprende quando trabalha para a Inteligência de um país, é jamais confiar cegamente no caráter de alguém.

Quando o falecido Rei Christian me disse para não confiar em ninguém, ele não sabia que eu já vivia nesse mantra. Não sabia que meu cérebro já trabalhava em alerta e desconfiança o tempo inteiro. Apenas duas pessoas eu confiaria a minha vida... Gabe e Rika.

— Marcamos em algum momento, Georgia — respondi educadamente, mas já me afastando. Não era apenas ela, eu realmente estava com pressa.

Georgia sorriu. Um sorriso inteligente e astuto que lembrou a agente que ela era, e não a empresária doce.

Ela pegou minha mentira. Claro que o tinha feito. Como já disse... Habilidades. As mesmas que eu tinha. Eu era melhor, todavia... Não querendo me gabar.

— Você não vai me dar seu número de telefone, Jake? — ela gritou, com um sorriso

divertido no rosto.

Eu já estava há alguns metros de distância, mas sorri para ela, devolvendo a mesma feição engenhosa que me dava.

— Tenho certeza que você descobrirá isso, Georgie.

Ela riu.

Eu lhe dei uma piscada antes de me virar e entrar no café.

Próximo passo era: Me entupir de café, comer para recuperar minhas forças, terminar minha investigação e me preparar para a festa de aniversário da minha menina. Festa que ela teria uma surpresa quando a visse. Eu tinha certeza que a máscara que lhe enviei logo cedo não fez nenhuma coerência para ela. Mas quando ela entrasse no jardim principal do palácio, onde sua festa ocorreria, tudo faria sentido. E eu queria estar lá para ver sua reação.

Me peguei sorrindo sozinho como um babaca apaixonado.

Sério... Essa garota me tinha pelas fodidas bolas.

23 VINTE TRÊS

RIKA

A tarde foi exaustiva e agitada. O palácio estava lotado. Decorações eram carregadas pelos empregados de um lado para o outro. Na cozinha era praticamente impossível de entrar.

Eu quis checar a decoração e tentar deixar as coisas à minha maneira, pelo menos um pouco. Mas por ordens da Rainha, eu não poderia entrar chegar perto do jardim até a hora da festa.

Claro!

Até parece que ela deixaria eu me envolver em alguma coisa. A festa não era para mim. Era para ela se exhibir e manipular pessoas importantes, e para a nobreza inglesa se divertir com suas depravações.

Ninguém fazia ideia das imoralidades que os nobres praticavam. Traições, BDSM, swing e orgias eram só o começo. Muitos acordos eram feitos tendo o sexo como “pagamento” — *Eu chamaria de suborno* — Eu mesma vi, várias vezes, membros do parlamento, ministros e nobres se ausentarem das festas para se dirigirem à outra ala mais afastada do palácio com a desculpa de discutir assuntos políticos. A verdade era que várias prostitutas de luxo ficavam ali, esperando por eles, para iniciar suas orgias nojentas. Isso quando algumas esposas não se juntavam para serem compartilhadas entre os homens. Tirando aqueles cornos idiotas que gostavam de ver suas esposas serem fodidas por outros

homens.

Hipócritas.

Perante a sociedade, se mostravam superiores, de classe, de sangue nobre, intocáveis e soberanos. A verdade era que não passavam de um bando de porcos pervertidos, nojentos e grosseiros.

Eu nunca perguntei a Jake, pois não queria me irritar, mas eu sabia que desde que ele completou dezoito anos, várias das condessas, princesas e afins, tinham tentado cair em sua cama sempre que o viam em festas como essas.

Eu odiava essas malditas festas. Eu odiava a maneira que elas o olhavam. E era por isso que eu me dediquei a escolher um vestido que não o faria tirar os olhos de mim.

Essa noite, Jake Price não teria sua atenção em nenhuma vagabunda presente.

Apenas em mim.

Ele não podia me culpar, já que foi o próprio quem pediu por isso em sua carta.

Depois que terminei de dar todas as entrevistas para os jornais, revistas, rádios e emissoras de televisão — com uma dor de cabeça fodida, tenho que dizer. Eles não notaram, no entanto. A minha maquiadora e minha assistente com seus remédios eficazes faziam milagres em situações como essas. Situações frequentes, confesso —, fui informada de que minha prima Giuliana tinha chegado.

Eu lhe enviei uma mensagem “SOS”, pedindo-lhe para salvar o meu dia e vir me ajudar com a roupa para essa noite. Pedi-lhe também que conseguisse algumas estilistas mais modernas e as trouxesse junto com modelos de vestidos desse século. Porque, *nem fodendo*, eu usaria esses vestidos enormes de Cinderela & Companhia que a Rainha escolhera para mim. Eu odiava parecer como um bolo de casamento.

— Esse vestido é perfeito — eu disse à Giuliana que estava sentada na poltrona de camurça preta em meu closet.

Seus lábios se curvaram em um sorriso endiabrado.

— Perfeito para foder com os neurônios de Jake Price e prático para ele simplesmente deslizá-lo de você e fodê-la loucamente.

Eu rolei os olhos. Mas ela estava certa. Eu queria ter certeza de que essa noite não seria igual a de cinco anos atrás, onde eu terminei caída em um beco escuro, bêbada e sentindo-me cair, e cair, a cada segundo mais fundo, até minha vida ser sugada de dentro de mim quando ele me deixou.

Eu quis morrer.

Quis fechar os olhos e nunca mais abri-los.

Para quê?

Não existia vida sem Jake.

Agora, ele estava de volta, e como eu previ desde o início, fui sugada pelo seu calor, seu corpo, sua alma, seu coração. Ele me tinha. Ele me dominava. Ele era minha vida.

Nessa noite, eu me certificaria de que ele soubesse que me pertencia também. De corpo, alma e coração. Eu o deixaria saber que ele era meu. E que eu o estava reivindicando. E que ele jamais poderia afastar-se de mim.

— É muito mais do que isso, Giuly! — respondi, pensativa.

Gabrielle que estava conosco — não porque Giuliana quis, mas porque foi obrigada a trazê-la — olhando todos os vestidos com os olhos brilhando, deslumbrada, se virou para mim sorridente, com um vestido em sua mão enquanto o colocava na frente do seu corpo, admirando-o.

— Esse é lindo, Rika. Por que não vai com esse?

Era um vestido sereia dourado, longo, semitransparente, brilhante, com um decote de coração.

Realmente lindo, mas não para a ocasião.

— Porque é uma festa *Black & White*, sua anta! — grunhiu Giuliana com sua “paciência” de sempre.

Black & White?

Desde quando? Pensei, confusa.

Eu nem perdi tempo olhando para as duas. Era sempre a mesma coisa, desde sempre. Mas pude notar a respiração pesada de Gabrielle enquanto ela colocava o vestido de volta no cabide, perdendo todo o entusiasmo.

Eu deveria sentir pena dela, mas sua passividade me irritava. No entanto, eu ainda estava curiosa sobre o tema da festa. Esse não era o tema que minha mãe escolhera. Aliás, o baile não teria um tema. A não ser que o tema se chamasse “*Estilo Realeza Chato pra Caralho*”.

— Desde quando a festa é *Black & White*? — perguntei.

Giuly deu de ombros.

— Não sei. Mas estava no convite real.

Fiz uma nota mental para perguntar sobre isso à Lola.

Uma meia-hora se passou e eu já estava quase subindo pelas paredes. Nenhum vestido era bom o suficiente. Eu queria algo exclusivo, meu, que ninguém jamais tivesse usado. Um vestido que fizesse Jake jamais esquecer do momento em que me visse usando-o.

— *Argh!* Nada disso presta! — frustrada, sentei no chão do closet.

Gabrielle, depois que sua irmã continuou insultando-a, saiu do quarto e foi verificar a decoração. Giuly, por outro lado, estava sentada em uma das poltronas, quieta demais para o meu gosto.

Eu me virei para ela e notei-a com a atenção na tela do celular e com uma feição preocupada que eu não via com frequência em seu rosto. Sua testa estava franzida, seu rosto branco feito um papel como se tivesse acabado de ver um fantasma.

— Giuly? Está me ouvindo? — perguntei a ela.

Ela não me respondeu.

Eu, então, gritei o seu nome, fazendo-a pular de susto na poltrona e quase deixar o aparelho cair no chão.

— O quê? — perguntou ela ainda aérea e a voz estranhamente calma.

— Eu estava falando com você, caramba! Preciso descobrir o que fazer. Nenhum desses vestidos são o que eu quero!

Ela, finalmente, me encarou, deixou o celular na poltrona e se levantou, vindo em minha direção.

Eu foquei minha atenção em sua expressão séria.

— Giuly, aconteceu alguma coisa?

Assustada com minha pergunta, ela se prontificou a negar... Rápido demais, devo dizer.

— Não foi nada. — Forçou um sorriso. — Eu tenho uma ideia! Me diga qual o vestido que você mais gostou?

Eu caminhei pelo closet, olhando novamente cada modelo, até que tirei do cabide um vestido preto, longo, de saia rodada. Ele não era perfeito, mas foi o que mais gostei.

Giuly sorriu. Um sorriso travesso que apagou sua preocupação no rosto, voltando a agir como ela mesma.

— Ótimo! Então vamos colocar o nosso toque nesse vestido. Se Jake não cair de quatro por você e arrastá-la para te foder em algum canto no segundo em que te ver... Eu desisto de te ajudar e parto pra cima dele para tentar uma chance. Eu tenho a impressão que ele tem um grande e grosso pau, e que sabe muito bem como usá-lo.

Eu fechei a cara e a encarei com fúria nos olhos.

Giuliana me desafiou com um sorriso perigoso, mas logo voltou a atenção ao vestido. Eu sempre me perguntava se ela teria coragem de dar em cima de Jake como sempre insinuava.

Giuly era capaz de humilhar sua própria irmã, sem se importar com os seus sentimentos, por que seria diferente comigo?

Senti, de repente, vontade de fumar. A única coisa que me impedia era os vestidos que eu não queria que ficassem com cheiro de nicotina.

Dissipei meus pensamentos e foquei no que Giuliana disse sobre o vestido. Eu tinha tendência à desconfiança. Eu era insegura, apesar de não demonstrar. E no fundo, já começava a me perguntar se Jake preferiria Giuliana a mim. Se ela me trairia. Se eles já tiveram alguma coisa.

Chega, Rika!

Me auto recriminei.

— Rika? — ouvi Giuliana me chamar.

A olhei.

Ela estudava o vestido.

Fazendo o que eu sabia fazer melhor, dissimulei.

— Eu sei o que sua mente está matutando. E eu acho que foi a melhor ideia que você teve hoje — falei, dando-lhe um sorriso cúmplice.

Ela sorriu de volta.

— Ótimo! Vamos transformar esse vestido todo “certinho”, em um “foda-me, agora!”.

Eu ri.

Porra, a Rainha ficaria furiosa!

Era como matar dois coelhos em uma cajadada só.



VINTE QUATRO

JAKE

Confesso, até o último minuto, não achei que a Rainha fosse seguir adiante com a minha exigência sobre o tema do baile. Mas, felizmente, ela seguiu.

Após o meu encontro com Georgia e ter passado na cafeteria, fui resolver algumas pendências, como verificar um bairro, procurando por uma pessoa, que de acordo com minha pesquisa e as informações que Colin me deu, poderia ser mais uma peça do quebra-cabeça.

Durante todo o dia liguei para o celular de Morgan para verificar Rika. Eu sabia que ela não sairia do palácio por estar ocupada com entrevistas, e por estar se arrumando para a sua festa, então tive tempo o suficiente para fazer o meu trabalho.

Voltei para casa com tempo apenas para tomar um banho e vestir o smoking preto e de grife que eu havia comprado especialmente para essa ocasião. — Apesar de ainda achar essas coisas de marcas caras uma imbecilidade, com os anos na MI6 aprendi a me comportar como um homem de classe, não como um “bruto selvagem” como a Rainha costumava me chamar quando eu era mais jovem.

O palácio já estava enchendo quando cheguei.

Primeiro, fui até o apartamento de Dustin Michaels — que ficava na ala oeste do palácio -, o chefe de segurança da família real, e o meu chefe.

Ele estava furioso comigo. E eu sabia o porquê. Eu tinha sido convidado para a festa

enquanto ele, sendo o meu chefe, estaria trabalhando. Mas o convite oficial foi feito pelo Príncipe Henryk e reforçada por uma ordem direta do Rei quando Michaels tentou me proibir de comparecer. Ele foi obrigado a aceitar. O que o estive comendo vivo por dentro. Não era uma surpresa, afinal, desde que comecei a trabalhar no palácio, ele nunca escondeu o quanto não gostava de mim. — *Não que eu me importasse.*

Conversei com Michaels sobre alguns assuntos de trabalho, ignorando a sua cara feia, e logo em seguida fui até a sala de vigilância, onde ficavam as câmeras de segurança, monitorando todas as alas do palácio. Acessei o banco de dados, o verifiquei minuciosamente. Em seguida, puxei as fitas de vigilância desde o início do dia, procurando por algum suspeito ou suspeita enquanto a festa era montada, e depois quando iniciou o baile de gala.

Não encontrei nada fora do comum.

Eu não sabia se essa era uma notícia boa ou ruim.

No tempo em que desci até o imenso jardim principal do palácio, o ambiente já estava lotado de convidados vestindo suas roupas de gala e máscaras.

Como era costume, a Família Real seria a última a fazer sua grande aparição. Enquanto isso, aproveitei o tempo para vasculhar, observar e memorizar todos ali presentes. Eu podia não estar oficialmente em serviço, mas eu estava trabalhando infiltrado. O que me ajudou a ocupar minha mente e controlar a ansiedade que estava sentindo para ver Rika. *Eu sabia que pedir-lhe para me nocautear com sua beleza era como entregar um C-4¹³ na mão de um terrorista.*

Uma hora depois, a Rainha fez sua aparição sendo escoltada por seu filho, o Príncipe Henryk. Ela era uma mulher bonita por fora, mas o seu vestido branco não lhe caía bem. Os outros não diriam o mesmo, mas eu conhecia aquela cobra, e branco definitivamente não era a sua cor. Ela era muito suja para vesti-lo. Porém, a aparência de anjo era exatamente o que queria passar diante de todos.

Eu quis vomitar.

E, aparentemente, eu não era o único já que Henryk, assim que pôde, se afastou de sua mãe, soltando-se dela sem muita delicadeza. Novamente, as pessoas não notaram, mas eu sim.

Um tempo depois, eu estava no buffet, quando a voz do demônio sussurrou contra o meu ouvido, bem atrás de mim, discretamente, fazendo os meus músculos enrijecerem.

— *A festa ficou do seu agrado?* — O tom irônico e frustrado de Charlotte quase me fez sorrir.

Pegando duas taças de champanhe na mão, me virei para ela e lhe entreguei uma delas cordialmente. Charlotte a pegou e agradeceu com um sorriso solene no rosto, dissimulando tão bem quanto eu.

Sua máscara prateada, infelizmente, não cobria os seus olhos satânicos.

Dissimulando um sorriso, respondi:

— Por enquanto, sim. Até quando... Ainda não sei. — Meu sorriso não saiu do rosto.

— Contanto que Rika esteja sorrindo durante toda a noite, não teremos problemas, Majestade.

A verdade era que eu lhe disse exatamente como o baile deveria sair. Rika, me contou inúmeras vezes como queria que sua festa de aniversário dos sonhos fosse, e eu não me esqueci de nenhum detalhe.

Hoje, ela teria o que sempre quis, mas nunca pôde, porque sua mãe fazia de tudo para destruir cada uma de suas fantasias, sonhos, desejos e vontades. Fazendo-a se sentir sempre abaixo da Rainha, para que assim, não roubasse os holofotes dela. Seus planos eram sempre um fracasso, no entanto. Rika era a própria luz, e não importasse o quanto sua mãe tentasse apagar essa luz, ela continuava brilhando, e continuava sendo o centro das atenções.

Esse parecia um desejo bobo, vindo de uma princesa que poderia ter tudo o que quisesse. Mas nem tudo era como aparentava ser. E eu sabia que esse pequeno desejo sendo realizado, significaria o mundo para ela. Mesmo que Rika pensasse que fosse sua mãe a preparar tudo e se importar com ela. Aliás, era isso mesmo que eu queria que ela, uma vez na vida, tivesse. A ilusão de que sua mãe a amava o suficiente para não a invejar e não tentar competir com ela. Que a colocasse em primeiro lugar, acima de si mesma, do seu ego e status social.

— Você sabe que isso não ficará assim, não é mesmo, *Guarda-Costas*? — falou a Rainha em tom ameaçador.

— O que exatamente? Eu tentar fazer com que Rika tivesse o seu aniversário dos sonhos? Que ela fosse feliz e acreditasse que sua mãe realmente se importou com ela uma vez na vida? — Debochei com desgosto.

Charlotte tomou um gole de seu champanhe.

Seus olhos nunca deixando os meus. — *Olhos de uma cobra venenosa.*

—Você sofrerá as consequências por achar que pode chantagear e ameaçar a sua Rainha. — Seus olhos escureceram, mostrando o quanto eu a tinha atingido.

Isso só me fez feliz.

Tomando um gole da bebida, eu sorri com o olhar, deixando claro a satisfação que tinha em desarmá-la, fazê-la se submeter e humilhá-la.

— Ah, Majestade... Se eu fosse você, não contaria com isso. — alertei-a.

Charlotte ainda não sabia que eu tinha descoberto todo o seu passado negro.

Ela saberia em breve.

Antes que a cadela pudesse me dar mais uma de suas ameaças estúpidas, o anúncio da entrada do Rei Gabriel e a Princesa Eerika atraiu a minha atenção.

Charlotte também se virou imediatamente. E quando nossos olhos caíram na mulher ao topo da longa escada rústica, sendo escoltada pelo Rei, toda a nossa dissimulação anterior se dissipou.

Eu me esqueci de todos ao meu redor, incluindo a Rainha que murmurou um “Que

porra é essa?” — *Belo linguajar para uma monarca.* —, antes que eu me desligasse completamente.

Jesus...

Eu não estava preparado para isso.

Rika reluzia diante dos meus olhos como uma deusa. Ela estava mais do que bela. Mais do que perfeita. A verdade é que eu não tinha adjetivos para descrevê-la naquele momento. A verdade é que eu não conseguia fazer nada a não ser manter-me estático com os olhos presos nela.

Sem dúvida haviam barulhos, aplausos, ou sei lá que merda estava acontecendo, mas eu me desliguei. Meus olhos corriam de cima a baixo por toda a extensão do seu corpo. Por seu belo e sensual vestido preto.

Porra, ela estava sexy pra caralho!

Meu pênis criou vida dentro de minha calça e latejou com um uivo desesperado e faminto.

Eu era viciado nessa mulher. Não tinha dúvidas sobre isso. Loucamente apaixonado e enfeitiçado por sua beleza, seus encantos, sua mente, seu corpo, seus olhos, seu sorriso.

Tudo.

Ela era perfeita.

Ela era minha.

Somente minha.

Não sei como isso aconteceu, mas quando dei por mim, tinha atravessado o jardim, passando pela multidão de convidados e chegando ao último degrau da escadaria onde Rika descia graciosamente, balançando os seus quadris, vindo em minha direção.

Se ela me notou ali, babando feito um idiota, eu não sabia. Ainda não conseguia desviar meus olhos do seu corpo. Suas pernas cremosas e suaves, apareciam completamente, cada vez descia um degrau já que seu vestido tinha duas longas fendas frontais que deixavam pouco para a imaginação.

O vestido era preto, longo, tecido pesado — parecendo camurça. A saia era rodada, apesar de cortado sensualmente na frente. O pano cobria sua barriga, modelando-a, porém, sua pele ficava exposta em seu estômago, passando pelo vão entre seus seios, deixando metade deles e o seu colo praticamente à mostra. As mangas eram compridas, cobrindo a maioria de suas tatuagens nos braços, mas com um corte na altura dos ombros. Um luxuoso colar de ouro ostentava sobre sua pele.

Porra.

Eu sabia que eu não deveria tê-la dado armamento o suficiente para me destruir. Mas eu dei. E ela queria me ferir, me punir, me machucar por tudo o que eu a havia feito passar. Então, eu a deixei, com aquilo que me agrediria mais. A sua beleza. A minha necessidade dela. A minha louca obsessão e vontade de tomá-la apenas para mim.

Eu era um cara dominador, e fui me apaixonar por uma princesa. Ter que dividi-la

com o resto do país e do mundo não era algo que me agradava. Assim como tê-la com seus seios e pernas expostas diante desses pervertidos do caralho, não era uma das minhas coisas favoritas no mundo. No entanto, eu me apaixonei exatamente por ela ser assim. Destemida, audaciosa, perigosa, impetuosa, selvagem e sensual.

Rika não tinha medo de me confrontar. Pelo contrário, ela gostava. E, apesar de negar, eu adorava sua fúria e suas garras. Quanto mais ela me provocava, mas eu a queria. Como agora, quando finalmente a notei me olhando, através da máscara preta que dei a ela de presente, seus olhos esfumaçados por uma escura maquiagem, destacando seus lindos olhos verdes de gato, desafiando-me a perder o controle, desafiando-me a ir contra tudo e todos e reivindicá-la não me importando com as etiquetas, tradições e o caralho todo que eles faziam nesses bailes reais.

Eu senti seu perfume quando ela se aproximou de mim, me embriagando e me enfeitiçando. Seus lábios se curvaram formando um pequeno sorriso.

— Você pode fechar a boca agora, *guarda-costas*. — provocou ela, seus olhos brilhando em divertimento.

— Fico feliz em entretê-la, Princesa. — ironizei. Meus olhos correndo entre o seu rosto e o vão entre seus seios, como se tivessem vida própria.

Ela riu, orgulhosa de si mesma.

Uma voz masculina, quebrou o encanto, fazendo meus músculos endurecerem e meu sangue bombear, preparando-me para um ataque.

— Você está simplesmente maravilhosa, Alteza — disse o Lorde Kenneth Beckinsale, parando ao meu lado. Não precisei olhá-lo para saber que estava comendo Rika com os olhos.

Rika não teve tempo de responder porque eu já estava me virando para enfiar um soco naquele rosto de playboyzinho real. Porém, antes que isso acontecesse, a voz de Gabriel me fez parar imediatamente.

— Kenneth! É bom te ver — disse o Rei.

Era bom vê-lo o caralho!

Gabriel o detestava tanto quanto eu.

— O prazer é todo meu, Majestade. — Ele, finalmente, tirou os olhos de Rika e fez uma reverência ao Rei.

Minhas mãos estavam fechadas em punho, trêmulas, prontas para deixar o rosto do “Lorde Idiota” uma bagunça sangrenta.

Rika notou meu temperamento próximo a explodir. E por mais que eu soubesse que ela adoraria me ver quebrar a cara de Kenneth, também sabia que ela se preocupava comigo. E, ninguém mais conhecia o meu lado negro, a não ser Rika. Eu tive problemas de transtorno explosivo no passado. Eu aprendi a me controlar. Me tornar um soldado e depois um espião me ajudaram muito. Mas a minha escuridão ainda vivia dentro de mim, esperando um escorregão meu para sair.

Eu vivia em uma batalha diária.

A única coisa que me mantinha controlado era Rika. Por isso, já podem imaginar o inferno em que passei nos últimos anos sem ela, vivendo no meio do caos e da violência.

A mão de Rika caiu sobre o meu punho direito enquanto Gabriel conversava com o *Lorde Idiota*. Seus dedos forçaram os meus a se abrirem, até que ela os entrelaçou, apertando sua mão contra a minha, dando-me a calma que eu precisava.

Fazia tempo que eu não agia assim, impulsivamente. Mas Rika me desarmou quando surgiu na minha frente, deixando-me completamente embriagado por ela, derrubando o muro ao redor de mim. E com a bagunça de sentimentos que eu estava sentindo, a raiva, o ciúme e a possessividade vieram juntos.

Eu a olhei nos olhos sabendo que deveria estar parecendo um drogado alucinado. Ela, no entanto, não se assustou. Ela nunca se assustava. Ela me deu o maior sorriso lascivo e atrevido, lembrando-me dos nossos tempos antigos.

Novamente, aquela voz infernal chamando o meu nome, quebrou o feitiço, quase me fazendo perder a noção e partir para cima.

Kenneth deveria agradecer a Rika por estar apertando sua mão na minha, mantendo o animal dentro de mim, controlado.

—Eu não sabia que os criados eram convidados para os bailes reais.

Gabriel, como sempre, estava rodeado de pessoas e seguranças, por isso, já tinha se afastado de nós, dando atenção aos demais convidados.

Inclinando meu rosto na direção de Kenneth, dei-lhe um sorriso mortal que o fez engolir seco, apesar de não ter recuado ou tentado disfarçar. Mas como sempre digo, eu tenho a habilidade de notar tudo aquilo que as pessoas comuns não notam.

— Kenneth... — Seu nome saiu dos meus lábios como um suspiro tranquilo. — Acredite, você não quer mexer comigo agora. — Eu o alertei com um tom de ameaça. A voz tranquila, ponderada e o olhar demoníaco, confirmando minhas palavras.

Sem querer perder tempo com ele, já que eu estava desesperado para levar Rika para algum canto e devorar sua boca e reivindicando-a, eu a puxei pela mão e passei por Kenneth, sem deixar de bater meu ombro contra o seu, propositalmente. Eu era muito mais forte do que o idiota, por isso, ele cambaleou para trás com o impacto.

Rika veio comigo sem resistência, mantendo o seu sorriso devasso no rosto. Divertida com tudo o que estava acontecendo. Entretanto, eu não sabia ao certo se era por conta da minha atitude ou porque ela adorava ver Kenneth se sentir um otário.

Talvez os dois.

Antes que pudéssemos dar mais de quatro passos, Kenneth que, claramente, tinha desejos suicidas, elevou a voz para chamar a atenção de Rika.

— Princesa, você realmente está maravilhosa.

Eu podia sentir seu olhar pervertido na bunda da minha garota.

Rika apertou minha mão, dando-me um alerta para não reagir, então, parou de andar, fazendo-me parar com ela, e virou sua cabeça sobre o ombro.

Seu sorriso diabólico quase me fez sorrir de orgulho.

— Eu sei. — Ela piscou para ele. — Infelizmente, nada disso é para você. — Ela se virou, então, e apertou minha mão outra vez, dizendo-me silenciosamente para continuar.

Eu abri um sorriso e dei uma pequena risada antes de olhá-la com orgulho.

Rika sempre foi uma mistura de garota selvagem, ousada, com uma pequena veia cruel e uma pitada de doçura. A combinação perfeita. Mas eu também tinha que dar os créditos a mim.

Eu a tinha ensinado muito bem.



RIKA

Jake estava de mau humor. Ele havia tentado nos levar para um lugar afastado da multidão logo após me arrastar para do longe do idiota do Kenneth, mas foi impossível. A cada passo que dávamos, uma pessoa surgia para me cumprimentar. Eu já estava vendo a hora de ele explodir.

Tenho que confessar, estava me divertindo muito.

Jake disse que queria que eu me vingasse dele usando a sua maior fraqueza, o seu desejo por mim, e eu estava fazendo isso. Vê-lo se torturar, me dava satisfação. Assim como vê-lo com os olhos presos em mim, alheio à todas as mulheres que passavam por ele, comendo-o com os olhos. Jake nem as notava, e eu não podia dizer que não apreciava.

Eu ainda estava atônica por causa da festa. Quando Gabriel me disse que eu teria uma surpresa, eu não acreditei. Pelo contrário, tudo que vinha da minha mãe era para se desconfiar. Mas confesso que fiquei chocada e emocionada com o baile de máscaras. Ao topo da escada, olhei a decoração e era como se eu estivesse em meu sonho de dezesseis anos. E quando Jake se aproximou de mim, lindo, com um smoking preto e uma máscara branca trabalhada, eu, literalmente, me senti em um conto de fadas.

Sim, eu sei que disse que nunca acreditei em contos de fadas.

Mas naquele momento, era como se eu estivesse vivendo um.

Agradei a minha máscara por impedir a lágrima de escorrer pelo meu rosto enquanto eu fazia todo o caminho pela escadaria, até Jake.

Quando perguntei a ele sobre o tema da festa, o mesmo só deu de ombros, como se não tivesse nada a ver com isso. Mas eu sabia que tudo isso era obra dele. Jake era o único que conhecia os detalhes do meu sonho. Ele era o único que até mesmo sabia que isso seria importante para mim. Eu só não sabia como ele tinha convencido minha mãe a mudar de ideia. De qualquer maneira, eu também estava agradecida a ela, por pela primeira vez, ter se importado em levar em consideração o que eu queria, e não apenas os seus desejos.

Agora, estávamos em um espaço do jardim, junto de Henryk e um amigo dele, conversando. Jake não tirava os olhos de mim, o que me deixava cada vez mais eletrizante e excitada. Eu queria puni-lo, mas o tiro estava saindo pela culatra, porque eu já estava sofrendo tanto quando ele, necessitando de seu toque, sua boca e seu magnífico pau.

Foi quando avistei Giuliana, do outro lado, atrás de uma tenda de petiscos, irritada, discutindo com alguém. Eu não conseguia ver a outra pessoa pois a tenda a cobria, mas Giuly parecia impaciente, brava e ao mesmo tempo assustada. Me lembrei imediatamente de sua expressão mais cedo quando falava com alguém por SMS. Ela estava estranha. Giuly era louca e descontrída. Não tensa e nervosa.

— Eu vou falar com Giuliana. Já volto — disse aos três homens.

Jake, rapidamente, prendeu sua mão em minha cintura, mantendo-me no lugar. Eu o olhei com uma expressão confusa.

— Eu vou com você — disse ele.

Rolei os olhos.

— Claro que não. Quero falar com ela a sós. Eu não estarei longe e voltarei logo — disse para acalmá-lo, apesar de não entender por que tivesse que acalmá-lo.

Ele pensou por alguns segundos, tentando decidir o que fazer.

Estranho.

Jake era possessivo, mandão, arrogante e ciumento..., mas não paranoico. Entretanto, tentei me lembrar de que ele agora ele meu guarda-costas, e desde que foi designado a me proteger, não tirava os olhos de mim nem por um segundo, parecendo uma sombra constante ali, sempre que eu me virava.

— Volte logo! Não saia da minha vista. — ordenou ele, dividido entre me olhar nos olhos ou meus seios.

Eu dei um sorriso arrogante ao notar.

Jake revirou os olhos sabendo que tinha sido pego e que estava sendo totalmente dominado por mim essa noite.

— Cuidado, daqui a pouco ele vai colocar uma coleira em você. — brincou Henryk.

Eu mostrei-lhe o dedo do meio e roubei sua garrafa de champanhe, assim como o cigarro de sua mão, e coloquei-o na boca enquanto me afastava deles, passando pelos

convidados que olhavam para mim e cochichavam entre eles.

Tracei um sorriso vadia no rosto, mostrando que seus julgamentos moralistas não me importavam nem um pouco.

Minha diversão nos bailes reais era deixar esses falsos moralidades hipócritas chocados. Com certeza, estavam cochichando sobre o meu vestido insinuante e ousado, que mostrava muita pele, ou de como eu andava por aí fumando e bebendo sem me importar com as etiquetas e bons costumes.

Eu não duvidaria nada se estivessem mais chocados com o fato de que eu estava bebendo direto da garrafa do que com o resto.

Idiotas.

Passei por um casal, o Barão e a Baronesa Crawshaw, e sorri quando ela deu um tapa no braço do seu marido por estar correndo seus olhos por minhas pernas e meus seios.

Eca.

Velho pervertido.

Eu contornei a tenda, me afastando dos olhares de todos, mas quase pulei de susto quando um corpo veio em minha direção.

— Jesus!!! — gritei, colocando a mão no coração, que quase pulou para fora do meu peito, antes de notar uma garçonne diante de mim.

Put a que pariu!

Por pouco não sofri um infarto.

A garçonne ficou parada, olhando para mim.

Segundos depois, ouvi sua risada, deixando-me atônica e irritada.

Como ela ousava?

Ergui o rosto pronta para recriminar seu comportamento direcionado a mim, a *Princesa*, mas então a reconheci. Era Clara Burton. A minha amiga *bartender* de baladas. A mesma que encontrei no festival semanas atrás.

— Está querendo me matar, garota? Você sabe qual a penitência por matar um membro da Família Real? — fiz um pequeno drama.

Clara que segurava uma bandeja com petiscos, praticamente chorava de rir. Quando conseguiu parar, me respondeu com suas provocações de sempre:

— Não sei... Terei a cabeça cortada? Serei queimada na fogueira? Enforcada, talvez? — Ela fingiu estar amedrontada.

Cadela cínica.

Revirei os olhos, minha mão ainda sobre o peito, tentando inconscientemente acalmar meu coração acelerado.

— Eu deveria te mandar para a fogueira — grunhi. — O que você está fazendo aqui? — perguntei.

— Trabalhando, de novo. — Ela tirou a bandeja da frente do corpo, me mostrando seu uniforme. — Estou precisando de uma grana extra. Não tá fácil pra ninguém, sabe? Ah, espera... Você não sabe! — Debochou com um brilho divertido no olhar.

Eu bufei.

O que eu amava em Clara era o fato de que ela não se importava com quem eu era, por isso não tentava poupar os meus sentimentos quando zoava com a minha cara, usando o meu título de princesa.

— Sério, agora estou pensando seriamente em te mandar para a fogueira — falei.

Clara riu.

— Também te adoro, garota.

Respondi erguendo o dedo para ela, antes de tomar um gole do meu champanhe. — Já o cigarro tinha caído no gramado com o susto.

— Você disse que não poderia vir à festa quando a convidei. — acusei.

— Não. Eu disse que não poderia *participar* da festa porque tinha que trabalhar.

Dei-lhe um olhar de “Cala a boca, sua cínica”.

Clara riu.

— Tanto faz. Estou feliz que esteja aqui. —

Lembrei, então, do meu propósito de vir até a tenda.

— Você viu a minha prima? — perguntei, olhando ao redor, tentando encontrá-la. — Ela estava aqui há alguns instantes.

— A Princesa Giuliana? — ela perguntou. Eu assenti. — Ela me pediu uma garrafa de vodca para ela e seu amigo, mas assim que eu lhes entreguei, o cara pegou e me mandou ir embora. Ele parecia agitado e irritado. — explicou Clara com a testa franzida.

Amigo?

Que amigo?

Seria o idiota do ex-namorado dela?

— Amigo? Você o reconheceu? — perguntei.

Clara pareceu pensar, tentando se lembrar do rosto da pessoa.

— Eu não o conheço, mas notei a princesa nervosa. Eles estavam discutindo quando me aproximei. Até mesmo pensei que fosse um namorado, ou algo assim.

Hmm.

— Você viu para onde ela foi? — perguntei.

Clara girou o corpo e estendeu o braço, apontando para a ala oeste do palácio, onde ficava a residência de alguns funcionários. Também havia uma ponte de pedra que atravessava o lago, dando acesso ao jardim floral e aos arbustos. Um dos meus lugares preferidos. Era onde Giuliana e eu costumávamos andar a cavalo. Escondido entre os

arbustos também havia uma pequena cabana, onde Jake e eu nos encontrávamos escondidos da Rainha quando mais jovens.

O que Giuliana foi fazer lá?

E com quem?

— Obrigada, Clara. Eu vou procurá-la.

Passei por ela, despedindo-me com um aceno. Clara, fez uma reverência, provocando-me. Eu rolei os olhos, mas sorri.

Essa garota era doida.

Cheguei ao terraço da ala oeste do palácio, mas não entrei. Era a área residencial de alguns funcionários, e eu não acreditava que Giuliana estivesse lá dentro. Sua personalidade esnobe era forte demais para que ela pudesse se juntar aos criados.

Olhei ao redor, estava escuro, não se ouvia nenhum barulho, apenas o som das árvores e flores batendo contra o vento.

Caminhei mais um pouco, chamei pelo nome de Giuliana, mas não obtive resposta.

Até que ouvi alguns passos.

Parei de me mover imediatamente e me virei em direção ao som tentando descobrir de onde vinha. Mas, sinistramente, não ouvi mais nada.

Qualquer pessoa normal teria saído correndo, porque o cenário parecia de filmes clássicos de terror. Estilo *Jack, O Estripador*. Eu estava em um grande terreno, vazio, escuro, isolado e sem seguranças, onde uma construção arcaica pairava sobre mim. Cenário perfeito para um assassinato, esquartejamento, estupro, qualquer coisa do tipo.

Eu tinha que parar de assistir filmes de terror.

Felizmente, eu nasci no palácio. Ele era a minha casa, o meu lar. O lugar mais seguro do país. Além do mais, eu estava acostumada a caminhar por toda a sua extremidade desde pequena, o conhecia como a palma da minha mão. Mas quando ouvi mais alguns passos se aproximando, não pude impedir meu coração de gelar e de meus nervos trincarem.

Pensei se deveria gritar a frase clássica de filmes de terror “*Quem está aí?*”. Mas, então, me lembrei que eu sempre xingo os personagens idiotas que mostram a sua localização, esperando serem encontrados e mortos. *Argh! Estúpidos!* Por isso, decidi fazer a coisa mais inteligente... Me esconder na lateral do terraço, em um vão isolado, permanecer em silêncio, e esperar para que nenhum psicopata estivesse atrás de mim.

Ouvi mais alguns passos se aproximando.

Comecei a ficar nervosa, principalmente, porque tinha certeza de que qualquer um poderia ouvir o meu coração bater a quilômetros de distância.

Se em algum momento eu disse a vocês o quanto me irritava que Jake tivesse se tornado superprotetor desde que se tornou o meu guarda-costas e que em todo momento que eu me virava, ele estava ali, sem me deixar respirar... Retiro o que eu disse! Porque agora, tudo o que eu queria era que ele surgisse do nada, dando um de *James Bond* e me resgatasse como em *007*.

Fiz uma nota mental de começar a assistir mais filmes de ação e menos suspense e terror.

Os passos eram lentos e cautelosos. O som quase inaudível que se confundia com o barulho do meu coração idiota golpeando o meu peito.

Se eu ficasse quieta e calma, talvez não me ouviriam, certo?

Errado.

A pessoa estava há centímetros de virar à direita, chegando ao fim da construção e me encontrar ali, escondida.

O bom do vestido preto era que poderia ser confundido com a escuridão. O ruim, era que meu cabelo loiro parecia uma seta de luzes de neon indicando “*Vítima aqui!*”.

Tentando me lembrar de todas as minhas aulas de boxe, desde quando Jake foi meu instrutor na adolescência, respirei fundo algumas vezes — Sem fazer barulho, claro. Eu não era uma atriz burra de filmes de terror —, e contando até cinco, me preparei para atacar, assim que o Jack — *Aquele... O tal Estripador* — viesse para cima de mim.

Um...

Dois...

Três...

Quatro...

Respira...

Cinco!

O homem — identifiquei pelo tamanho — se moveu rapidamente, como um profissional, sabendo que eu estava escondida ali. E eu, por instinto, ergui o meu punho e o soltei na direção do rosto sombrio que movia-se em minha direção.

Cheguei a acertar sua mandíbula, o que fez minha mão latejar de dor. Mas com o medo e o instinto de sobrevivência gritando dentro de mim, não notei se ele disse algo ou não. Só continuei indo para cima, tentando atacá-lo. Mas o homem, que era grande e tinha os ombros largos, segurou-me, me erguendo facilmente e me jogou contra a parede de pedras. Eu não notei na hora, mas gritei e me debati quando senti seu corpo pressionar contra o meu, prendendo-me sem fazer um mínimo esforço. Uma de suas mãos prendeu os meus pulsos sobre minha cabeça.

Eu não parei de lutar, em nenhum momento.

Tentei acertar meu joelho entre suas pernas, mas o *Jack* foi mais rápido e desviou. Não antes de amaldiçoar com um rosnado impaciente.

Ele prendeu, então, minhas pernas entre as suas, me encurralando.

Eu estava presa, sem ter o que fazer, sem saber o que fazer.

Tudo que eu podia fazer era gritar.

E foi o que eu fiz.

Gritei por socorro, mas não consegui ir muito longe. Sua mão direita que estava em minha cintura, me prendendo contra a parede, subiu, e cobriu minha boca.

Fiquei tão fora de mim, tão perdida na adrenalina e no desespero de me defender, que não tentei ver o rosto do atacante, apesar de nublado pela escuridão. Também não percebi se ele fala comigo ou não. Entrei em modo combate e fiquei nele. Até que seu rosto se aproximou da minha orelha, sua respiração quente bateu em meu ouvido e sua voz me trouxe de volta.

— Rika, pare de se debater! — rosnou o *Jack*, em um tom baixo e autoritário.

A exigência era familiar.

A voz eu reconheceria em qualquer lugar.

E a maneira como o meu corpo respondeu automaticamente à sua ordem, parando lentamente de se mover, só podia indicar que era uma pessoa...

Jake.

Lentamente, meus sentidos foram voltando e meu corpo se acalmando. Eu senti a sua fragrância invadir minhas narinas e me embriagar, fazendo meu coração quase chorar de alívio.

Ele tirou a mão que cobria a minha boca.

— Jake! — chorei. Minha voz saindo mais rouca e falha do que eu previ.

Eu o vi sorrir quando seu rosto pairou de frente para o meu. Fixei meus olhos em seus lábios grossos e perfeitos, então subi lentamente até seus lindos olhos azuis que me miravam com tamanha intensidade que fez meu corpo reagir imediatamente, deixando a tensão de lado e transformando em um formigamento e um tesão selvagem. Eu já podia sentir a umidade entre minhas pernas.

— Porra, você está molhada, não está? — perguntou Jake com um rosnado, lendo os meus pensamentos e olhando-me predatoriamente, como um lobo faminto.

Não respondi, mas também não era necessário. O brilho em meus olhos dizia tudo, e Jake me conhecia muito bem para saber que eu me excitava em situações perigosas. — *Com ele, claro!* Se realmente fosse um maníaco, eu estaria agora chutando as suas bolas.

— Jesus. — disse ele.

A perna esquerda de Jake encaixou-se entre as minhas, obrigando-me a abri-las. Sua coxa pressionou no centro, criando um atrito em minha parte sensível.

O gemido foi impossível de parar. E, arrogantemente, Jake, que tinha seus lábios há centímetros dos meus, abriu um sorriso travesso e perigoso, antes de capturar meu lábio inferior e mordê-lo levemente.

— Você quer gozar, boneca? — perguntou ele, sem tirar o sorrisinho estúpido do rosto.

Kim Kardashian gosta de ostentar? Dã!

Sua coxa se move contra minha boceta lentamente, em um vai e vem torturante, me

fazendo quase perder a cabeça e montar a sua perna para poder ter mais.

Quando ele não se move, eu respondo, na verdade, eu imploro:

— Sim! Jake, por favor...

A testa de Jake cai sobre a minha, sua respiração pesada e seu hálito refrescante contra o meu rosto. Seu corpo é pressionado mais contra o meu, quase me impedindo de respirar.

Eu não me importo.

— Eu deveria bater em sua bunda por desaparecer desse jeito — ele rosnou. Uma mistura de raiva e luxúria na voz.

Eu estava excitada demais para tentar me defender, ou mesmo entender sua raiva.

Me movi contra sua coxa, necessitando de alívio, necessitando do seu toque. Jake me impediu, deixando-me frustrada e irritada ao mesmo tempo.

O olhei com fúria.

Ele não se importou.

— Eu te disse para não sair da minha vista, Rika — ele me lembrou. Sua mão subindo até meu cabelo, puxando alguns fios fazendo meu rosto inclinar para cima, dando vida à sua natureza dominante. — Eu quase fiquei louco quando não pude encontrá-la em nenhum lugar — disse ele, os lábios roçando nos meus, sua testa ainda na minha, seu temperamento surgindo. — E se não fosse eu aqui, porra? — grunhiu. O aperto em meu cabelo se intensificou. — E se fosse algum filho da puta tentando te machucar? — Seu tom ainda era baixo, mas a voz engrossava cada vez mais, mostrando o quanto estava chateado.

Eu queria tocá-lo e tranquilizá-lo, mas sua mão esquerda ainda prendia os meus pulsos. Jake teve sérios problemas de transtorno de explosivo no passado. Ele perdia o controle, seu temperamento deixava-o cego e irreconhecível. Ele machucou Gabriel muito feio uma vez. E a única razão para que não tivesse sido punido por agredir a um príncipe, foi porque Gabe devolveu os socos em Jake e alegou que ele havia começado a briga, e que Jake estava apenas se defendendo.

A única pessoa imune à sua agressividade era eu. Pelo menos, parcialmente, pois quando seu temperamento explodia, eu era capaz de acalmá-lo.

Jake costumava dizer quando que sua mãe havia me colocado em seu caminho para salvá-lo. Para impedi-lo de se tornar um cara ruim e acabar destruindo a sua vida.

Ele estava errado, no entanto. Porque ele era aquele que surgiu em minha vida para me salvar da solidão, da escuridão e da infelicidade em que eu vivia. Ninguém se importava comigo como Jake. Nem mesmo meus pais, nem mesmo meus irmãos. E, definitivamente, não a Inglaterra.

— Jake... — chamei-o calmamente, percebendo apenas agora o quanto seu coração guinava bruscamente contra o meu peito.

— Não faça mais isso! — ele ordenou rispidamente.

Sua atitude, ao mesmo tempo que era familiar, também era estranha. Jake sempre foi superprotetor, mas nunca dessa maneira. Ele cuidava de mim, mas também me deixava ser livre. Agora, estava agindo como todos ao meu redor. Como se eu fosse ser atacada a qualquer instante.

Tive a intenção de confrontá-lo, tentar entender o que estava se passando. Jake não era neurótico como todos ao meu redor. Mas meus pensamentos se perderam quando os seus lábios caíram sobre os meus substituindo minha preocupação em um frenesi louco.

Seu aperto em meu cabelo se intensificou, assim como sua mão em meus pulsos quando tentei desesperadamente me soltar, desesperada para tocá-lo.

Cada golpe de língua era uma explosão dentro de mim, me tornando a garota selvagem que eu não tinha sido criada para ser.

Ninguém me libertava como Jake. Ninguém me arrebatava dessa maneira, fazendo-me sentir como se estivesse flutuando, livre e poderosa para fazer o que quisesse.

Sua boca me beija, seu corpo me domina, sua mente me possui.

Sua mão direita, por fim, solta meus pulsos que em velocidade caem em sua nuca, puxando-o para mais perto de mim.

A mesma mão afasta o pano do meu vestido para trás, expondo minha coxa. Ele a aperta com possessividade, erguendo-a na altura de seu quadril.

Sua boca não deixa de me assaltar, trabalhando energeticamente, tirando um gemido profundo que sai dos meus pulmões. Dando-me vertigens.

— Você me nocauteou com esse vestido, boneca — disse quando afastou a boca poucos segundos para respirar. Logo, voltou a esmagá-la na minha, brutalmente, como se a ele pertencesse. — *Obviamente o pertencia.*

Meu clitóris lateja com o seu toque quando a mão de Jake o acaricia por cima do collant que eu vestida por baixo da saia do vestido.

— Jake... — gemi, pedindo-o por mais quando sua boca deixou a minha e caiu contra o meu pescoço.

— O que você quer, boneca? — pergunta ele, sensualmente, em meu ouvido, antes de voltar a devorar a minha pele sensível.

— Me foda... Preciso que me foda, *agora!*

Ele rosna e intensifica os movimentos de sua mão entre minhas pernas, deixando minha boceta em chamas.

Impacientemente, Jake puxa o pano para o lado, expondo minha vagina inchada e quente. Um grito de liberação ecoa em minhas veias, saindo pelos meus lábios.

— *Shh...* Vão te escutar, boneca — disse Jake, com a voz baixa e grossa, contra meu ouvido.

— Como se você se importasse com isso. — Debochei, impaciente e irritada, precisando urgentemente gozar.

Sua risada ousada arrepiou-me. Seus lábios caíram do meu pescoço, e o seu nariz acariciou a minha orelha.

— Eu não me importo, boneca. Mas me importo com o que podem fazer com você.

Eu não tive tempo de comentar. Uma, porque eu já estava alucinada, embriagada, em um mundo paralelo chamado “Jake Price” e com um tesão absurdo. Outra, porque ele agressivamente segura o meu núcleo, fazendo-me soltar um longo e baixo gemido.

Sem pedir permissão, dois de seus dedos me invadem, alargando-me a cada polegada.

Meu coração explode em meus ouvidos, exatamente como todas as vezes em que Jake me tocava.

— Como você quer isso, boneca? Duro? — Seus dedos me golpeiam agressivamente em uma única estocada.

Sua boca está na minha dando-me um beijo forte e rápido antes que eu grite.

— Talvez prefira suave? — Seus dedos deslizam em uma tortura lenta dentro de mim.

Estremeço em seus braços, desvairada e confusa.

— Hmm... — ele murmurou pensativamente, analisando as suas opções enquanto eu era cruelmente torturada por seus dedos mágicos. — Eu acho que você está querendo violência hoje, não é, boneca? — Sua voz era tão maldosa quanto seus dedos. — Você sempre gostou do proibido. Isso te excita, não é mesmo, querida?

Meus quadris se movem instintivamente, pedindo-lhe mais.

Jake sorriu.

Sua respiração em minha orelha, arrepiando-me.

— Pela maneira que você está ficando cada vez mais escorregadia em meus dedos, presumo que estou no caminho certo.

Maldito.

Ele sabia exatamente o que eu queria. Ele conhecia meu corpo melhor do que eu mesma o conhecia. Estava fazendo isso apenas para me torturar.

— Jake! — grunhi irritada.

Ele riu baixinho.

Idiota.

Seus dentes morderam minha orelha, e eu quase chorei.

— Eu deveria deixá-la triunfar essa noite, Princesa. — Seus dedos nunca pararam, mas eram tão lentos que eu quase sentia lágrimas de desespero escorrendo pelo meu rosto. — Afinal, eu mesmo pedi para que se vingasse de mim, usando a minha maior fraqueza... *Você.*

Eu choraminguei, me contorci, mas Jake estava implacável.

— Eu vou perder a porra da minha mente. — o alertei com fúria na voz.

Seu rosto pairou de frente para o meu, fazendo-me olhar em seus grandes e tempestuosos olhos azuis.

Eles estavam intensos, excitados, selvagens e furiosos.

Combinação perigosíssima.

— Ótimo, Princesa! — Sua voz baixa gotejava perigo, lascívia e um toque de vingança.

Por que ele estava se vingando de mim?

— Porque eu perdi a porra da minha mente quando você desapareceu da minha vista. — explicou-me com tom recriminador, lendo meus pensamentos.

Jake golpeou seus dedos duramente em mim, fazendo-me engasgar.

— Eu também perdi a porra da minha mente quando descobri que você quase levou o seu segurança substituto para o seu quarto hoje. — ele acusou, seus olhos escurecendo, deixando-os insanos.

Ohhh...

Deveria ter me assustado. Jake era assustador quando se irritava, principalmente por ciúme. Mas eu não era uma garota normal. Eu tinha uns parafusos a menos, sabia disso. Assim como tinha a tendência a correr de encontro ao perigo. E Jake era o maior perigo de todos.

Mais um dedo foi introduzido, e minha visão ficou turva.

Suas estocadas eram precisas, poderosas e duras. Punindo-me com uma agressividade poderosa.

Seus dentes capturaram meu lábio inferior, chupando-o enquanto me fodia maravilhosamente com seus dedos que me alargavam sem piedade nenhuma.

— Isso nunca mais voltará a acontecer, me entendeu? — cuspiu a ameaça.

Eu não respondi.

Seus dedos diminuíram a velocidade, fazendo-me choramingar.

— Eu te fiz uma pergunta, Princesa... Ninguém, nunca mais voltará a te tocar, além de mim. Estamos entendidos?

Eu queria socá-lo... *Muito*.

— N-Nenhuma mulher voltará a t-te tocar? — minha voz saiu quebrada.

Ele não hesitou.

— Nenhuma.

Ofeguei, não sabendo como ainda era capaz de produzir frases que faziam sentido.

— Então, nunca mais me deixe como fez essa manhã — falei dolorida, necessitando de liberação.

Ao me escutar, seu corpo relaxou e seus dedos voltaram a se movimentar dentro de

mim.

— Nunca mais. Eu prometo! — sussurrou ele com culpa, sua voz saindo mais suave. — Agora, vamos te fazer gozar, boneca, porque logo estarão atrás de você, assim como também é perigoso tê-la aqui quando estou longe de poder focar em sua proteção!

Jake Price é substituído por um lobo faminto com uma missão. Ele tira seus dedos de mim e me gira ao redor, me empurrando novamente contra a parede, minha bochecha descansando sobre a pedra fria e suja.

Uma apreensão prazerosa corre pelo meu sangue, antecipando impacientemente o que está por vir.

Jake ergue a longa saia, juntando-a acima da minha bunda e entregando-me pelo lado para que a segurasse.

— Deus... — ele rosna.

O primeiro golpe de sua mão vem sem pré-aviso, eletrizando o meu corpo, ao mesmo tempo que o grito é abafado em minha garganta.

Um punhado do meu cabelo é puxado por Jake, até que minha cabeça descansa em seu peito.

— Por você pensar em deixar outro cara te foder apenas para me irritar. — ele rosnou em meu ouvido.

Sua mão massageia a minha bunda, no lugar em que ele bateu e que ardia pra caralho. Tal como também me deixou pingando pra caralho.

— Estou com saudades de comer a sua bunda, boneca. — declarou ele eroticamente em meu ouvido.

Perco a capacidade de formular frases ao ouvi-lo. Eu apenas murmuro algo ininteligível que poderia ser traduzido como: “Sim, por favor”.

O delicioso eco da risada diabólica de Jake fica cravada imediatamente em minha alma.

Deus, eu o amo!

Jamais poderei amar outra pessoa.

Ele me destruiu para qualquer outro homem.

Seus dedos se afundam dentro de mim outra vez, tirando outro longo e sufocado gemido da minha boca. Inconscientemente, aperto os lábios quando ele os afunda mais... Polegada por polegada.

— Jake... Me foda. — imploro.

— Não! — responde ele em um rosnado, me deixando saber que eu não era a única a ter dificuldades em manter o controle. — Mais tarde, Princesa. Agora, eu te farei gozar, então voltaremos para a sua festa, e assim que terminar, eu vou rasgar esse vestido de você e foder todas as partes do seu corpo até que eu tenha destruído a nós dois.

Tremi em antecipação.

Sim, por favor.

Minha cabeça ainda está caída em seu peito e seu corpo está fortemente pressionado contra o meu, amassando os meus seios, parcialmente expostos, contra as pedras.

Meus nervos se intensificam a uma potência insuportável. Seus dedos me fodendo majestosamente, chega a ser desumano.

— Jake!! — eu exclamo alertando-o que estou quase lá.

Ouvindo minhas suplicas... Jake movimenta seus dedos e circula o polegar em meu clitóris levando-me a tremer desorientada enquanto ele me fode agressivamente.

— Goza pra mim, boneca. — ordena ele, ao mesmo tempo em que segura o meu queixo e invade minha boca roubando um beijo violento.

Com sua língua em minha boca sincronizada com as rítmicas estocadas, eu sinto a pulsação ardente e enérgica do meu corpo, fazendo-me vir com uma intensidade sobre-humana.

Eu não tenho tempo para relaxar, porque os dedos de Jake nunca param de trabalhar. Ele continua estocando forte, golpeando-me duramente.

Minha boca abre, estremecendo em vários distintos sons.

Ouçõ a risada de Jake, mas por poucos segundos porque, logo, estou entrando em outro frenesi delirante quando sinto o segundo orgasmo se formando.

— *Oh, Deus!* — ofego.

Seus lábios ainda estão encostados aos meus, mas sua língua não está dentro até que seus dedos empurram brutalmente, levando-me ao ápice, e assim que sente que vou gritar, me violenta com sua língua poderosa, beijando-me duramente, da maneira que só ele sempre soube fazer.

Eu gozo pela segunda vez com uma ferocidade inexplicável.

Deus... Esse homem não é humano.

Desfaço, deslizando pela parede, mas as mãos de Jake estão imediatamente em minha cintura, contornando-a e puxando-me contra o seu corpo.

Seus dedos diminuem o vai e vem lentamente, até que se torna uma carícia. Assim como sua boca que não parou de me beijar, mas foi diminuindo gradativamente a intensidade até que sinto como se estivesse fazendo amor comigo.

Eu sinto a sua alma e a intensidade do seu amor por mim a cada lento movimento de sua língua em minha boca. A cada vez que faz sons dizendo silenciosamente que ele está tão perdido em mim como eu estou por ele. A cada vez que seu beijo e seus dedos me acariciam, reverenciando-me. A cada vez que murmura o quanto me ama e o quão perfeita sou.

O tempo parou por um tempo indeterminado. Até que, relutantemente, Jake escorrega seus dedos para fora de mim, me gira, ainda me beijando, e segura o meu rosto com domínio, mas com uma ternura que ele nunca teve com ninguém a não ser comigo. Uma ternura no toque que nunca senti com ninguém, nem mesmo com os meus pais.

Eu tive certeza ali que Jake me amava tanto quanto eu o amava. Que ele mentiu para mim cinco anos atrás quando disse que não pertencíamos um ao outro. Que ele, apesar dos anos, nunca me esqueceu. E quando ele suspirou aliviado e tranquilo contra a minha boca e me apertou em seus braços não querendo nunca me soltar, eu soube que esses anos separados, doeu tanto nele quanto em mim.

Eu ainda não sabia o que o fez partir, mas eu iria descobrir.

Quando o beijo foi quebrado e Jake me olhou com desamparo, cansaço e medo nos olhos, eu vi o meu menino de quinze anos que me salvou de ser atingida por um cavalo, e que vivia em uma bolha, corroendo-se em sua própria raiva do mundo, sem poder superar a perda da sua mãe.

— Você é o meu mundo, Jake! — declarei, sabendo que ele precisava das palavras.

Seu peito subiu e desceu em surpresa, mas seus olhos brilharam felizes e dóceis como eu não o via fazer há muito tempo.

Eu podia jurar que vi lágrimas se formarem em seus olhos, mas sua boca estava na minha antes que eu pudesse ter certeza. Foi um beijo sem língua, apenas nossos lábios pressionados.

Durou alguns segundos, até que ele me envolveu em um abraço quente e protetor, fazendo-me sentir em casa, viva e em paz, mais uma vez.

— Você está tão linda! — confessou ele, beijando o topo da minha cabeça.

Eu sorri, com a bochecha encostada em seu peito.

— Bem, que bom que gostou porque me deu muito trabalho achar algo que fosse te tirar o fôlego.

Seu peito pulou contra meu rosto ao soltar uma risada profunda que invadiu a minha alma e fixou-se ali.

Eu amava ouvi-lo rir.

Era o melhor som do mundo.

— Princesa, você já deveria saber... Que qualquer coisa em você tira o meu fôlego.

Meu coração derreteu e eu me senti como as princesas de contos de fadas. Aquelas que eu vivo dizendo que não existem.... Ou será que existem?

Eu o apertei mais contra mim, não o querendo deixar ir, mas pressentindo que o momento estava próximo de terminar.

— Nós precisamos voltar, querida.

Como eu estava dizendo...

Com relutância, me afastei de seu abraço, já me sentindo forte o suficiente para ficar em pé.

Jake me olhou da cabeça aos pés, então um sorriso lascivo se formou em seus lábios. *Aqueles belos, carnudos e perigosos lábios.*

— O que foi? — perguntei, uma sobrancelha arqueada.

Seu sorriso se alargou.

— Você está uma bagunça gostosa, boneca! — Sua língua molhou os lábios como se estivesse com fome.

Eu olhei para sua calça, vendo o grande volume, e me lembrei que eu fui a única a gozar.

Jake notando, se prontificou a falar quando segurou meu rosto com as mãos.

— Não se preocupe, querida. Mais tarde você vai cuidar disso pra mim. — ele brincou e beijou rapidamente os meus lábios.

Seu rosto ainda estava camuflado pela escuridão, mesmo assim eu era capaz de ver o seu belo rosto e olhos através da máscara. Rosto que eu amava passar horas admirando todas as manhãs. — *As manhãs que eu conseguia, já que Jake era um madrugador, e eu... Bem, vocês sabem.*

Jake me ajudou a arrumar minha roupa e tentou limpar os vestígios de sujeira nela e em minha pele. Não antes de ele mesmo levar seus dedos aos lábios, chupando-os, com a desculpa de limpá-los de minha liberação.

— Perverso!

Bati em seu braço brincando.

— Não me culpe. Você tem um gosto precioso, Princesa! — deu uma piscadela safada.

Rolei os olhos.

— Você ficou linda com essa máscara! — declarou ele, passando o polegar sobre ela.

Abri um sorriso enorme, automaticamente, sem poder me conter.

— Você vai me contar do porquê de minha mãe ter decidido fazer o baile de máscara dos meus sonhos? — o desafiei com o olhar, meu sorriso prepotente, mostrando-lhe que eu sabia que ele tinha algo a ver com isso. Que ele não podia me enganar.

Jake se move na escuridão, levando minha atenção para a sua altura, seu corpo e sua graça felina. Ele esfrega a mandíbula onde uma sombra de barba loira cobre o seu lindo rosto esculpido. — *Sexy pra caramba!* —, antes de deixar as mãos caírem e escondê-las nos bolsos da calça.

Os ombros se erguem e as pernas se afastam em dominância e autodefesa.

— Não sei do que está falando, boneca. — diz, cinicamente, dando de ombros, olhando diretamente nos meus olhos.

Jake pode ter sido um espião fodão, estilo *James Bond*, o que o fez impecável na arte de dissimular. Mas a mim, ele não era capaz de enganar. Bem... Pelo menos, não com frequência.

— Sei... — eu disse com um sorriso desconfiado no rosto, deixando claro que eu sabia que ele estava mentindo para mim.

Ignorando o assunto, Jake me puxou pela cintura e, depois de verificar os arredores, me guiou de volta.

Durante o percurso, ele me abraçou de lado e beijou minha têmpora.

Eu não sabia que tinha sentido tanto a falta disso até aquele momento.

— Ninguém nunca mais irá tirá-la de mim, Princesa. — declarou ele, misteriosamente confiante.

Tirar-me dele?

Por que estava dizendo isso?

Eu ia questionar, mas Giuliana surgiu, caminhando em nossa direção, ao lado de Henryk. Sua risada alta podia ser ouvida a quilômetros de distância. Ela estava completamente bêbada, me lembrando o motivo de eu ter me afastado da festa em primeiro lugar.



VINTE SEIS

JAKE

Giuliana estava escorada em Henryk enquanto gargalhava e tropeçava em nossa direção. Ryk não parecia muito feliz, no entanto. Ele que era sempre descontraído, o liberal e do tipo “foda-se tudo”, bufou impacientemente antes de notar nossa presença.

— O que está acontecendo? — perguntei ao me aproximar. Rika ao meu lado.

— Isso é uma festa, bonitão! Estamos nos divertindo — disse Giuliana com a voz embolada e rindo sem parar.

Rika deu um passo à frente em sua direção.

— Que porra, Giuly? Eu estava te procurando por todos os lados. — recriminou-a.

Por fim compreendi o motivo de Rika ter sumido e me deixado que nem um louco, desesperado atrás dela, pensando que o *Watford* — Nome que dei para o Suspeito do Boné dos Watford — tivesse aparecido e a raptado. Nunca senti um medo tão grande em minha vida, e esperava não ter que passar por isso novamente.

— Eu a encontrei bebendo e praticamente fodendo com Merrick e seus amigos, em uma orgia fodida, nos arbustos, perto do lago — disse Henryk furioso, enquanto tentava segurar uma Giuliana alcoolizada e provavelmente drogada.

— Merrick? — perguntou Rika, franzindo a testa em confusão. — Eu pensei que ela tivesse um rolo com o Giles.

Giuliana deu um passo na direção de Rika e quase caiu.

Henryk a segurou na hora.

A “princesa problemática” riu.

Rolei os olhos e cruzei os braços na altura do peito, começando a ficar impaciente.

Giuliana estava longe de ser a minha pessoa favorita no mundo.

— Giles? Nãooooo! — Giuliana balbuciou. — Eu estou cheia dele. Aquele idiota não me liga mais. Só aparece quando quer me foder. — ela riu.

— Então você decidiu ir foder Merrick e seus amigos em um local aberto, onde todos poderiam ter tirado fotos de vocês ou até mesmo terem te estuprado? — perguntou Rika, sua voz se elevando. Seus olhos apertados, com um brilho irritado na direção de sua prima.

Rika não estava errada. Eu não era do tipo moralista. Nunca fui santo, então não julgaria seus gostosos sexuais. Mas ela estava em um baile real, com inúmeras pessoas importantes desfilando pelo palácio, e que poderiam tê-la visto, tirado fotos e no dia seguinte, ela seria humilhada pela imprensa do mundo inteiro. E pior do que isso, Merrick e seus amigos não prestavam, viviam drogados, e realmente poderiam tê-la machucado. Eu não duvidava de que seriam capazes.

Giuliana soltou um “uff” como quem queria dizer “Que besteira!”.

— Nem todo mundo tem um guarda-costas gostoso como o seu, capaz de te dar tudo, prima! — declarou ela, seus olhos vidrados caíram em mim, estudando-me da cabeça aos pés, com desejo explícito. — Mas eu estaria disposta a ser fodida por ele, caso você não se importe. Tenho certeza que Merrick e nenhum de seus amigos chegam aos pés do garotão aí! — ela gargalhou.

Bufei.

Rika apertou os olhos e a mandíbula nitidamente irritada com as insinuações de Giuliana.

— Você já está falando merda! É melhor sair daqui — grunhiu a minha garota, o ciúme se apoderando dela.

— É tudo o que ela tem feito e dito desde que a encontrei agindo como uma *Vadia Real*! — Henryk cuspiu as palavras, também irritado.

Giuliana se virou para ele com fúria nos olhos.

— Não fale assim comigo, porra! Você é um hipócrita porque a maioria daqueles caras são seus amigos. — ela apontou para a direção oeste, mas creio que queria apontar para a leste, onde o lago estava localizado.

— Não seja estúpida, Giuly! — Henryk rosnou. — Eles não são meus amigos. Eles não são seus amigos. Nós somos a Família Real. Nós não temos amigos, porra! — Impulsionou a voz, enfatizando as palavras como se o afetassem.

Eu puxei Rika pela cintura, mantendo-a ao meu lado. Não havia perigo, mas por algum motivo eu a queria perto de mim, como se assim eu pudesse protegê-la do

aborrecimento. Também deixar claro a ela que sua prima não me interessava, e nenhuma outra mulher. Rika sempre foi um tanto quanto insegura, e sempre achou Giuliana mais bonita, ousada e sensual do que ela.

Garota estúpida.

Nenhuma mulher chegava aos pés dela.

Nenhuma.

Henryk pareceu chegar até Giuliana porque ela se calou. Mas ele não tinha terminado de falar.

— Quando é que você vai entender que toda relação que temos é por interesse? Todos aqui presentes nessa festa não vieram porque se importam com Rika. Vieram porque somos a porra da família mais poderosa desse continente.

Rika suspirou.

Eu a abracei com mais força.

— Nem todos... — declarou Giuliana, pensativa, e com pesar na voz. Ela me olhou, seus olhos cheios de dor, então se virou para Rika com evidente inveja.

Eerika sempre pensou que Giuliana era o máximo por ser o centro das atenções, ser descolada, por ter os homens e as pessoas aos seus pés. Mas a verdade estava nos olhos da garota, agora. Ela tinha inveja de Rika.

Giuliana se virou, sem dizer outra palavra, e saiu cambaleando de volta ao jardim principal do palácio.

Henryk respirou fundo antes de me olhar e então, a sua irmã.

—Eu vou atrás dela. Se nossa mãe ou nossos tios a virem assim na frente de todos, cabeças irão rolar.

Rika assentiu.

Eu não me movi ou disse nada. A Princesa Giuliana não era minha parente e nem minha responsabilidade. E para ser honesto, eu não dava a mínima. Não quando ela demonstrou que era capaz de machucar sua prima, apenas para ter o que ela tinha... Alguém que se importasse de verdade com ela. Alguém que a amasse da maneira que eu amava Rika.

— Procure por Gabrielle. Ela a ajudará. — explicou Rika.

Henryk deu uma risada sem humor.

— Claro, assim Giuliana pode terminar de soltar sua frustração em sua submissa e sonsa irmã.

Rolando os olhos, o Príncipe Henryk se afastou, e correu para alcançar sua prima.

Rika, então, se virou, parando de frente para mim com um olhar confuso, incerto e amedrontado como um cachorrinho.

Eu rosnei, literalmente, odiando vê-la assim. Especialmente depois de eu tê-la

acendido com dois orgasmos seguidos, minutos atrás.

Antes que ela pudesse fazer a pergunta que claramente estava com medo de fazer, eu me prontifiquei a responder:

— Não, Rika! Eu jamais quis sua prima, eu jamais a olhei. Eu nem ao menos gosto da fodida garota. — Rika separou os lábios, surpresa por eu ter lido os seus pensamentos, mas eu a calei ao continuar falando: — E nem ao menos pense em deixar essa sua maldita insegurança do caralho subir em sua mente! Você é a mulher mais linda desse mundo. Você é perfeita! Giuliana e nem ninguém chega aos seus pés. Então, tira essas merdas da sua linda cabecinha fodida. — Eu me aproximei, puxando-a contra mim, inclinando a cabeça para baixo até que meus lábios estivessem próximos aos seus. —, porque a sua pequena, quente e deliciosa boceta é a única que sempre quis, a única que eu quero, e a única que irei querer pelo resto da minha vida. Entendeu? — Pressionei minha mão ao redor de sua cintura, reafirmando meu domínio.

Rika me olhava com fascínio, tanto desejo e um amor que arrematou meu coração, deixando-me quase literalmente aos seus pés.

Ela, então, assentiu, quando um sorriso lindo e apaixonado se formou em seus lábios.

— Você me tem pelas bolas, garota! — declarei com um bufar.

Rika riu divertida e satisfeita, aparentemente, satisfeita com minha declaração.

Eu soube ali que tinha reconquistado a minha garota.

Rika era minha outra vez. Não que alguma vez não tivesse sido, mas ela tinha se esquecido, e agora eu a tinha feito recordar.

Ela me pertencia, assim como eu pertencia a ela.

Como esteve predestinado a ser.



Voltamos para o jardim lotado de convidados.

Felizmente, ninguém havia sentido a falta de Rika.

Como Henryk disse, essas pessoas não se importavam com nenhum deles, somente com o que representavam. Logo assim, não estavam nem aí se era o aniversário de Rika. Eles estavam ali apenas pelo glamour, status e negócios.

A festa deveria ter sido para ela, com os convidados dela, mas eu já tinha conseguido muito fazendo a Rainha montar a festa de acordo com o gosto de sua filha.

Em falar na *Vadia Egoísta*, eu estava à sua procura.

Depois de dançar duas músicas lentas com a Princesa e ter que aguentar os olhares

perversos do *Lorde Idiota* secando-a, Rika voltou para o palácio alegando que precisava “melhorar sua aparência”, suas palavras, definitivamente, não minhas.

Para mim, ela nunca esteve tão bonita, o colo avermelhado pelo atrito criado pela parede de pedras contra sua pele delicada, o vestido “esmagador de bolas”. — como eu o nomeei. — revestido de grama e um pouco de terra, alguns fios de cabelo fora do lugar, apesar de sua inútil tentativa de domá-lo... E o melhor de tudo, eu sabia que por baixo de sua saia, por baixo do collant, sua boceta estava pegajosa e cremosa de quando gozou duas vezes em meus dedos.

Por mim, ela ficaria assim o resto da noite. Tenho certeza de que Rika também não se importaria. Mesmo que todos estivessem olhando para ela e cochichando sobre o seu estado. Estava claro que ela tinha sido fodida, e eu me segurei para não sorrir orgulhoso e possessivo, confrontando a falsa moralidade desses hipócritas.

Como se todos os homens ali presentes não estivessem morrendo de vontade de fodê-la.

Para o azar deles... Eu era o único a ter o seu corpo, sua boca... Toda ela. No passado, em meus tempos de garoto rebelde, eu teria mostrado o dedo para todos os fodidos ali e sorriria da maneira mais perversa e cínica do mundo. Porém, hoje, eu amadureci. Me tornei menos agressivo, menos arrogante, menos debochado, menos cruel, menos revoltado e menos impulsivo.

— Vá para casa se masturbar, Kenneth. Porque é o máximo que você conseguirá de uma foda com Rika. Apenas em suas fantasias de merda! — falei baixinho próximo ao ouvido do Lorde Beckinsale ao passar por ele no caminho para o palácio.

Okay, eu menti.

Eu ainda era o mesmo garoto agressivo, possessivo, revoltado e impulsivo de antes. Apenas me tornei um homem. O que me fez mais inteligente, mais astuto, mais letal e muito... *muito* mais arrogante e perigoso.

É como dizem... *“Uma vez um garoto mau, sempre um garoto mau”*.

Sem dar chance da bunda nobre do Kenneth me confrontar, caminhei diretamente até o palácio à procura da Rainha. O seu guarda-costas me disse que ela o dispensou dizendo que iria retocar sua maquiagem antes do brinde e do discurso do Rei.

Marchei por um dos extensos corredores do palácio que davam nos aposentos da Rainha Charlotte.

Não precisei bater em sua porta, a mesma saiu assim que me aproximei, em um *timing* perfeito. — pelo menos para mim.

Seus olhos se arregalaram em surpresa ao me ver, mas logo se transformaram em uma mistura entre luxúria e desprezo.

— Pensei que não estivesse trabalhando hoje, Sr. Price. — declarou ela solenemente.

Ignorando seu sarcasmo, olhei na direção dos dois agentes guardando a porta do quarto. Charlotte entendendo minha mensagem, os dispensou imediatamente.

— Pelo o que vejo, você deseja falar comigo — disse ela quando estávamos apenas

os dois, as sós.

Cruzei meus braços na altura do peito e a encarei com desinteresse.

O Agente Price assumiu o controle.

— Devemos conversar em um lugar privado, Majestade.

Sua testa enrugou ao me ouvir. Curiosa e preocupada com o que eu tinha a lhe dizer. E ela deveria estar, porque tinha muitas explicações a dar.

Tentando disfarçar, Charlotte colocou sua máscara de “Vadia Real” no rosto e moveu a mão na direção da porta do quarto.

Meus pés se moveram até ela quando um riso sarcástico saiu de meus lábios.

— Você pensa que está lidando com algum otário, Majestade? — Minha voz saiu serena, com uma reverência repleta de cinismo. — Não entrarei em seu quarto. Quando disse privado, quis dizer o escritório. — Abri um sorriso astuto de canto da boca. — Não pense que te darei qualquer munição para me prejudicar e me afastar de Rika novamente. Eu não sou mais o menino de antes. Então, se está pensando em dissimular uma agressão física, sexual ou apenas dar a entender a Rika que eu tentei te seduzir, isso não funcionará.

Os olhos de Charlotte brilharam, me dizendo que eu havia acertado em cheio sobre quais eram os seus planos.

Eu não me tornei um espião por ser idiota!

Charlotte deu dois passos adiante, requebrando os seus quadris, ao mesmo tempo que me mirava como uma cobra peçonhenta.

Me mantive frio, estático, completamente indiferente e impenetrável.

— Você é muito insolente, Sr. Price. Eu poderia despedi-lo agora mesmo por desrespeito com sua Rainha.

E você gosta disso, cadela!

Com um sorriso cínico, mantive minha postura, o queixo acima de sua cabeça, como um modo de intimidação e segurança.

— Primeiro, você não é a minha rainha. Segundo, não... você não pode me demitir. O meu chefe pode fazer isso. O Rei Gabriel pode fazer isso. Você, *não*! — mantive o meu sorriso. — E terceiro, vamos cortar o papo furado. Rika deve estar voltando a qualquer momento, e não creio que você gostaria que ela descobrisse sobre o que temos que conversar.

Uma carranca se formou em seu rosto, fazendo-a arrancar sua máscara prateada do rosto sem nenhuma delicadeza em uma tentativa de me intimidar.

Fiz o mesmo, arrancando a minha, e abri um sorriso diabólico.

Você não pode mais me intimidar.

— Eu não *tenho* que conversar com nenhum dos meus empregados. Coloque-se no seu lugar! — Sua voz elevou-se, e meu sorriso cresceu.

Charlotte não alterava a voz. Ela não fazia nada que pudesse prejudicar sua imagem. Eu a havia desequilibrado.

— Claro que não. Você apenas pode foder os seus empregados, não é mesmo? — Meu sorriso a estava tirando do sério, eu podia sentir.

— Como ousa?? — disse ela alterada.

— Você não vai querer que todos te ouçam, não é mesmo, Majestade? — falei tranquilamente.

Os olhos de Charlotte eram chamas. E naquele momento, tenho certeza que desejou que estivéssemos em séculos passados onde ela poderia mandarem me açoitar e depois arrancar a minha cabeça fora.

Infelizmente para ela, esse era o século XXI, e a Rainha não tinha esse poder.

— O que eu quero é que você desapareça da vida de Eerika! — ela assumiu, finalmente.

— E por que isso? — perguntei com falsa ingenuidade. — Para que você possa manipulá-la novamente? Para que possa destruí-la? Para que possa fazê-la se casar com aquele engomadinho do Lorde Beckinsale e assim, tê-lo próximo para fodê-lo sempre que quiser?

Com minha declaração, Charlotte deu um passo para trás em choque.

Eu sorri maleficamente.

— Sim, Majestade... Eu sei que está abrindo suas pernas para Kenneth Beckinsale enquanto planeja junto a ele se livrar de mim e casá-lo com Rika.

— Isso não é verdade! — ela tentou, inutilmente, se defender.

Eu sorri mais amplamente.

— Não perca o seu tempo mentindo, *minha Rainha* — Debochei. — Você queria que eu falasse aqui mesmo no corredor, pois bem...

Seus olhos se arregalaram com medo do que estava por vir.

Ser amante de Kenneth não era o que a estava assustando, no entanto. Seu medo não era que eu tivesse descoberto quem era seu atual amante, e sim, se eu havia ido mais a fundo em minhas investigações. E para o azar dela, eu tinha.

— Kenneth Beckinsale não é o único Beckinsale em sua vida, não é mesmo? — Eu quase podia ouvir seu coração martelando contra o seu peito. — O pai de Kenneth, Edward Beckinsale foi seu amante por muitos anos. Durante o seu casamento com o Rei Christian.

— Cale-se! Você não sabe o que está dizendo. Além disso, minha vida privada não é da sua conta. Você não passa de um segurança insignificante. Coloque-se no seu lugar! — Ela cuspiu as palavras, furiosa, mostrando sua real faceta.

Suas palavras não me afetavam, ela já deveria saber disso. Eu nunca me senti abaixo deles, apesar de ela uma vez ter me feito sentir pouca coisa para Rika. Mas, depois de um

tempo, eu entendi que o que eu sentia não era por conta de quem eles eram, de todo o poder e status. Era porque sempre coloquei Rika em um pedestal. Ela era o centro do meu mundo. Ela me fez um cara melhor. E, por isso, ela sempre seria muita coisa para mim. Porque ela era especial, porque ela era perfeita, porque ela era o amor da minha vida. Não porque ela era a fodida Princesa da Inglaterra.

— É aí que você se engana, *Majestade*. Tudo a respeito de Rika é da minha fodida conta! E essa história, tem muito a ver com ela — falei vagarosamente.

Essa era uma grande vitória para mim.

O antigo Jake, com temperamento agressivo, teria gritado, ofendido e ameaçado. O novo Jake, fazia tudo isso, sem elevar a voz. Ainda assim, eu podia sentir a palma da minha mão em carne viva, por conta de minhas unhas afundando na pele a cada pressão que fazia com meus punhos fechados.

Era um hábito que eu tinha. Algo que fazia para me manter no controle e não explodir na cara de ninguém. Noventa por cento das vezes dava certo. Mas eu ainda tinha dez por cento de descontrole, por isso não recomendaria que me pressionassem demais.

— Eu já te falei antes, Jake. Você não é para minha filha. Você é pouca coisa para ela. — ela deu um passo adiante, tentando me intimidar. — Não se meta nos assuntos da minha família ou eu te juro que irá se arrepender!

Minha feição era impassível quando a questioneei:

— Essa é uma ameaça, *Majestade*? Porque se for, saiba que elas não têm efeito em mim. Nada pode ser pior do que você fez cinco anos atrás. Você arrancou minha alma no momento em que me separou de Rika. Você me transformou no que eu sou hoje. Lembrem-se disso! — a adverti.

Charlotte me olhou por alguns instantes e, então, riu.

— Oh, querido! Você realmente achou que teria um *Felizes para Sempre* com a garota mais importante do país? — Ela me olhou como se eu fosse um inseto a ser esmagado. — Você sonhou alto demais, Jake.

Meus dedos se fecharam com mais força.

Senti minhas mãos começarem a tremer.

— Eu te disse há cinco anos, Jake... — Ela se aproximou, deslizando seu dedo pelo meu rosto até chegar à curva do meu pescoço. — A Princesa Eerika jamais será sua. Eu não permitirei. No entanto, eu te ofereci uma proposta que ainda está de pé. — Minha mandíbula travou. — Eu te disse que o deixaria tê-la, claro, para se divertir apenas, contanto que eu pudesse ter uma parte dessa diversão.

Eu quis vomitar.

— Você recusou a minha cama no passado. — Ela me olhou com raiva. — Ninguém me rejeita, garoto! Assim... ou você ia embora, ou eu mandaria Rika estudar bem longe daqui. Morando isolada em um colégio interno. — ela fez um beicinho, fingindo tristeza.

Minhas mãos trêmulas coçavam, implorando para rodear o pescoço dela e quebrá-lo em um só estalo.

— Eu *já* te tocara! Deixei isso muito bem claro, Charlotte. Eu nunca trairia Rika dessa maneira. — Meu rosto inclinou, aproximando-se do dela. Meus olhos tão frios que eu pude sentir um pequeno fraquejo da sua parte. — Você me dá asco. Eu espero que Eerika nunca descubra a vadia egoísta que ela tem como mãe porque isso iria matá-la.

Charlotte sorriu cruelmente.

— Eu amo a minha filha. Não se engane, Sr. Price. Mas desde que você entrou em sua vida, ela foi desvirtuada. Você a transformou em uma drogada, depressiva e selvagem. Tudo isso é *sua* culpa! Se Rika tentou tirar a sua vida quando você se foi, é apenas *sua* culpa. Ela seria uma mulher mais forte se tivesse me ouvido. Se não tivesse sido tão influenciada por você e suas merdas!

Meu sangue drenou com suas palavras.

— Ela tentou o quê? — perguntei, minha boca ficando seca de repente.

Charlotte ao perceber que me desarmou, sorriu com maldade evidente no rosto.

— Oh, você não sabia, querido? — Sua voz era suave, mas as palavras saiam como adagas envenenadas. — Não sabia que Rika quase morreu quando você se foi? Não sabia que ela se entupiu de comprimidos, vagou pelas ruas de Londres durante toda a noite, até que foi encontrada desmaiada, praticamente sem pulso, quase morta?

Tudo morreu dentro de mim.

Senti meu corpo adormecer, meu cérebro desvairar, minha vista borrar e meu coração lentamente e dolorosamente parar.

— Bem, tudo foi sua culpa, querido.

Minha culpa?

No segundo seguinte, eu tinha minhas mãos em volta dos braços de Charlotte e a estava chacoalhando como uma boneca de pano, enquanto ela ordenava para eu soltá-la.

Meu aperto em seus braços se intensificou, e eu sabia que a estava machucando, mas não me importei.

— Me solte! — ela ordenou.

Eu vi vermelho.

Perdi a noção de onde estava e o que estava fazendo.

Tudo era um buraco negro dentro da minha cabeça.

— Minha culpa? Sua cadela estúpida!! Você quase matou a sua filha, porra! Você quase a destruiu e ainda me olha com um sorriso no rosto como se estivesse satisfeita. Satisfeita por finalmente vê-la quebrar!!! — Eu a apertei mais. Ela choramingou, começando a gritar por ajuda. — Era isso que você queria, não é? Você queria apagar a luz de dentro dela. Você nunca suportou que sua filha fosse mais bonita, mais inteligente e mais amada do que você. Pelo país, pelo Rei, por seus irmãos. Você nunca suportou o fato de que ela tem um homem que a ama mais do que tudo no mundo. E que é capaz de fazer qualquer coisa e qualquer sacrifício por ela!!

Charlotte gritou por socorro.

Eu soltei um de seus braços e cobri sua boca com a mão, impedindo-a de continuar gritando.

—Você sempre quis o que ela tinha. Sua inveja é tão grande que nem Rika sendo sua filha, seu próprio sangue, você pôde conter seu ódio e sua inveja. A Rainha sempre querendo ser o centro da atenção de todos.

Seus olhos estavam cobertos de medo agora, o que me fez compreender que eu deveria estar olhando-a como se fosse assassiná-la, ali mesmo, naquele momento.

E eu estava próximo de fazer exatamente isso.

Meu olhar foi implacável, diabólico, assim como o sorriso que se criou em meus lábios.

— Bem, mas o que mais eu poderia esperar de uma mulher que teve coragem de dar o seu próprio filho? *O seu filho bastardo!!!*

O rosto da Charlotte perdeu a cor, meu sorriso cresceu perversamente.

— Sim, Majestade. O seu filho. Aquele que você teve com o Lorde Edward Beckinsale quando ainda era casada com o Rei Christian.

Ela parecia que ia vomitar.

Sim, cadela! Eu descobri seu grande segredo.

— Aquele erro que você tentou esconder a todo custo de tudo e de todos!

Satisfeito ao vê-la desnorteada, soltei-a bruscamente, jogando-a para trás. Charlotte cambaleou em seus saltos e vestido, mas conseguiu se segurar na parede antes que caísse no chão.

Ela agora estava ofegante.

Seus olhos desesperados.

Eu continuei:

— A sua mãe, a mulher que te forçou a casar com o Rei Christian, foi quem te ajudou a se livrar da criança. Afinal, ela não perderia tudo por uma burrice de sua filha, e muito menos o seu título de Duquesa de Essex. — Título que você convenceu o seu marido a dar a ela.

Charlotte ficou quieta e estática, mas seu peito subia e descia agitadamente.

Seus olhos caíram para o chão, perdidos e atormentados enquanto me ouvia.

— Ela levou o bebê para uma pequena cidade no sul do país... *Watford*, onde pagou para uma família criá-lo!

A Rainha ergueu a cabeça em um rompante, me olhando assombrada com seus grandes olhos azuis.

— Você... Você sabe onde ele está?? — perguntou ela.

Charlotte não sabia o que tinha acontecido com essa criança ou onde estava. Ficou

claro pela confusão em seu olhar.

Usei isso como vantagem.

—Talvez — respondi vagamente.

Eu não fazia ideia de onde esse bastardo estava. Mas encontrá-lo era tudo o que eu precisava fazer, porque o filho da puta, era a pessoa por trás das ameaças de Rika.

O seu próprio irmão.

Eu não queria que a Rainha soubesse que eu não sabia onde seu filho estava, todavia. Eu precisava tê-la em minhas mãos.

A verdade era que eu também precisava das confirmações da existência dessa criança. Confirmações que só a Rainha podia me dar. Por isso eu havia decidido confrontá-la essa noite.

— O que você quer? — ela perguntou, a voz mal saindo.

Medo e um imenso ódio expelia-se dela.

— O que eu precisava... Eu já consegui.

Ela soube ali que tinha se auto incriminado.

Estúpida.

— Agora o que eu quero, é que deixe Rika em paz. É que fique longe dela. Que não tente prejudicá-la. E que não ouse se meter em nosso relacionamento outra vez. A não ser que queira que o mundo inteiro descubra sobre o seu passado *pecaminoso*. — Debochei com um sorriso perverso no rosto.

— Você está me chantageando de novo. Eu poderia acusá-lo de traição e assim você passaria o resto de seus dias na cadeia! — ela tentou, inutilmente, criar vantagem.

Eu ri.

— Majestade... Eu já lhe disse que não sou o mesmo garoto de antes. Assim como também lhe avisei que no dia em que você me afastou de Rika, você me destruiu, e com isso, meu ódio cresceu, transformando um garoto rebelde em um homem perigoso. Tenho que agradecê-la por isso, na verdade. — ironizei. — Graças ao meu treinamento militar e meu tempo na MI6, hoje eu posso proteger a Princesa. Não apenas de ameaças externas, mas também internas. — a adverti.

— Minha filha não precisa ser protegida de mim, e sim de você. Um chantagista sem escrúpulos. Você *nunca* vai ser homem o suficiente para Eerika, apenas um passatempo, seu brinquedinho pessoal! — sua voz engrossou, tornando-se áspera enquanto cuspiu todo o seu ódio em mim.

Eu dei um passo à frente.

Notei seus músculos enrijecerem de medo.

— Estamos no mesmo barco, então. Porque você não é mãe o suficiente para ela também. — Meus olhos focaram friamente nela. — Não vamos ser hipócritas aqui, Charlotte. Não se esqueça que você é quem sempre teve inveja da sua filha. Você é quem

nunca a tratou bem, sempre tentou impedir a sua felicidade. — dei mais um passo em sua direção. Ela automaticamente deu um para trás, fazendo-a bater as costas contra a parede. — Você é quem tentou me levar para a cama inúmeras vezes, algumas delas à base de chantagem. — seus olhos brilharam com fúria. — Você é quem me chantageou para deixar Rika, quebrando o seu coração e quase levando-a à beira da morte como acabo de descobrir. Não vamos nos esquecer de anos atrás quando você planejou sabotar meu namoro com ela, fazendo Kenneth beijá-la na minha frente. — dei um sorriso sombrio. — Até mesmo essa merda dessa festa é uma farsa! Eu tive que primeiro lembrá-la do aniversário de Rika, obrigá-la a dar criar esse baile de máscaras a seu gosto, para fazê-la feliz, para que ela tivesse a ilusão de que sua mãe pela primeira vez se importava com ela. Você nem ao menos se importa que esse é o primeiro aniversário dela sem o pai. Não se importa com nada a não ser você mesma.

Para a minha não surpresa, Charlotte sorriu.

Meus punhos fecharam e minha mão tremeu com vontade de acertá-lo nela.

Mas não foi isso que fez o meu coração parar de bater e meus músculos endurecerem de repente.

— *Me diga que isso não é verdade, mãe!*

Uma voz chorosa e quebrada ecoou atrás mim.

Merda.

Rika.

— Rika... — me virei.

Ela me ignorou e continuou olhando para a sua mãe que voltou a perder a cor, ficando branca feito um cadáver.

— Querida... — Charlotte deu um passo à frente, com um olhar de falsa culpa nos olhos.

Rika a cortou.

—Me responda! — ordenou ela, sua voz se elevando. — É verdade tudo isso? Você o fez me deixar? Você mandou ele me dizer que não me amava mais? — sua voz embargou.

Eu tentei me aproximar.

Rika estendeu a palma da mão, em um sinal de pare, me bloqueando, ao mesmo tempo em que dava um passo para trás e arrancava com raiva a máscara do seu rosto.

Acatei o seu pedido, me mantendo fixo no lugar, mas eu estava com medo do que poderia acontecer. De como isso afetaria Rika. Agora que ela estava melhor. Eu não queria que ela voltasse à escuridão em que se encontrava quando voltei. Eu não queria jamais vê-la destruída daquela maneira.

Eu sabia que não deveria ter confrontado sua mãe nesse corredor. Um erro estúpido por me deixar levar por minhas emoções, perdendo o temperamento.

Rika estava pagando por isso agora.

— Querida... Não é bem assim...

— *É como, então???* — Rika gritou. Lágrimas começavam a rolar pelos seus olhos, borrando a sua maquiagem. — Você me destruiu, porra!!! Você me matou por dentro!! Você me viu definhar por todos esses anos, e tinha a coragem de olhar nos meus olhos e dizer que ele tinha me deixado porque não se importava comigo!

— Eu fiz para o seu próprio bem. — Charlotte tentou se defender, aproximando-se.

Rika a olhou enojada e com tanta dor que eu quase não me importei com o seu pedido de não me meter na discussão e a tirei dali antes que Charlotte a destruísse completamente.

— *Você quis abrir as pernas para ele também pelo o meu próprio bem???* — Rika gritou mais alto.

Porra.

Ela ia atrair a atenção dos seguranças.

Charlotte, pela primeira vez, ficou sem falas.

Rika a olhou dos pés à cabeça, cada vez mais enojada.

— A Rainha da Inglaterra é uma vagabunda barata e desprezível! — soltou, então, uma risada sem humor. As lágrimas escorrendo pelo seu belo rosto. — Não que eu já não soubesse disso..., mas não achei que você pudesse descer tão baixo a ponto de ferir os seus próprios filhos. — Charlotte tentou outra vez se defender, mas foi em vão. — Você me dá nojo!!!! — Rika cuspiu as palavras com tanto ódio e desprezo como eu nunca havia visto sair de sua boca antes.

E assim, sem dizer mais nada, ela se virou e saiu praticamente correndo, as lágrimas inundando são lindos olhos verdes, seus saltos quicando duramente sobre o tapete vermelho, a raiva e a decepção eminente em sua postura, completamente quebrada.

Charlotte gritou o seu nome, mas foi ignorada.

Observei Rika trombar com dois seguranças que se aproximavam, fazendo-a derrubar a máscara, que eu lhe dei de presente, no chão, e foi embora empurrando-os com força de seu caminho.

— O que está acontecendo? — perguntou o Agente Morgan, entrando em estado de alerta.

Fulminei-o com o olhar, lembrando que o filho da puta quase esteve na cama da minha garota naquela manhã. *Homens já foram mortos por muito menos.* Controlei-me para não socá-lo por apenas considerar a proposta estúpida de Rika. Para a sorte dele, eu tinha coisas mais importantes para me preocupar.

— Nada está acontecendo — respondi friamente. — Vocês dois... mantenham a Rainha à salvo até que seus guarda-costas estejam com ela. — ordenei, passando pelos dois homens.

Eles assentiram respeitosamente.

Isso era o que eu realmente queria dizer: “*Se alguém aparecer querendo matar a*

cadela, deixem! Aliás, ajudem no que for necessário!”.

— Sr. Price... — Charlotte me chamou.

Meus ombros tremeram ao ouvir sua voz, mas ainda assim me virei engolindo toda a minha fúria por aquela mulher.

Vesti o meu papel de “Agente Profissional” e mantive meu rosto duro e ilegível quando a encarei. Não seria bom que os dois outros agentes me vissem olhá-la como se quisesse assassiná-la.

— Sim, Majestade.. — disse com falsa reverência e submissão.

Colocando minhas mãos para trás, em posição profissional, fechei minhas mãos em punhos, controlando-me. Tentei manter o meu rosto inflexível e indecifrável quando notei Morgan me olhar veementemente e desconfiado.

— Procure pela Princesa e a traga até mim.

Sim, claro! Farei isso. Com certeza!

Como ela ainda tinha coragem de me pedir algo assim? Ou, melhor... Ela era estúpida o suficiente para achar que eu acataria sua ordem? Tudo o que Rika precisava agora era ficar bem longe de sua mãe.

— Sim, Majestade. — menti, a voz rasgando ao passar pela minha garganta, relutante em sair.

Sem mais uma palavra, me virei e fui procurar por Rika. No caminho, agachei, peguei a máscara do chão e a guardei no bolso interno do meu paletó.

Meu coração batia violentamente, esmagado pelo o que Rika foi obrigada a presenciar. Um instinto primitivo e possessivo crescia dentro de mim a cada segundo, angustiado e desesperado por protegê-la. Ela havia ficado muito tempo sozinha... Não mais. Eu não a deixaria se afundar outra vez na solidão e escuridão ao qual a encontrei quando voltei à sua vida.

Ela não deveria ter descoberto nada disso. Muito menos da maneira em que descobriu.

Era minha culpa.

Eu não tinha sido cuidadoso o suficiente.

Eu falhei em protegê-la, mais uma vez.

Eu só esperava que pudesse encontrar a minha Princesa antes que ela fizesse alguma besteira ao qual fosse se arrepender depois.

Mas quando a encontrei no alto da longa escadaria de pedra que dava para o jardim onde sua festa ocorria, com uma garrafa de vodka na mão, e a ouvi gritar através de um microfone: “*Vocês são surdos??? A festa acabou, porra! Vão embora!!*”, eu soube que tinha chegado tarde demais.

Merda.



VINTE SETE

RIKA

Eu ainda podia ouvir a voz *daquela* mulher e de Jake através do corredor. Suas palavras voltavam em minha mente como se estivessem em modo repetição automático.

A minha própria mãe tentou acabar com a minha felicidade.

A minha própria mãe me viu definhando ano após ano, me viu tornar-me uma pessoa infeliz e ainda assim se manteve calada e colocou toda a culpa em Jake. E o pior de tudo... Minha mãe tentou levar o homem que eu amava para a cama.

Minha próxima mãe tentou transar com o meu namorado!

Eu queria vomitar a cada palavra que ouvi sair da boca de Jake. Assim como eu não conseguia parar de me perguntar: “*O que foi que eu fiz para ela me odiar tanto?*”.

Olhar para o seu rosto cínico e dissimulado estava me embrulhando o estômago, ao mesmo tempo em que fazia uma fúria incontrolável crescer dentro de mim. Eu queria ir até ela e arrancar todos os fios dos seus cabelos, gritar com ela e esbofeteá-la. Mas ela ainda era a minha mãe, apesar do termo “mãe” não aplicar bem a ela.

Jake tentou se aproximar, me proteger, como sempre fazia. Eu vi o susto, a tristeza e culpa em seus olhos quando notou minha presença. Entretanto, eu não fui capaz de olhá-lo. Não com a vergonha que estava sentindo pelo o que minha família fez com ele, com o que minha própria mãe fez com ele. Hoje, se ele decidisse ir embora por conta própria, eu

não o culparia. Foi por isso que não o deixei chegar até mim. Eu não podia olhá-lo nos olhos.

Me senti desorientada e confusa.

Precisava sair dali o mais rápido possível.

Ar... Eu precisava de ar.

Eu também precisava de uma bebida, com urgência!

Deixando os dois para trás, perdida em minha própria dor, vergonha e decepção, corri o mais longe possível do palácio. Quando avistei um garçom, o fiz ir buscar uma garrafa de vodca para mim.

Tudo parecia nublado. Eu me sentia sufocada, com dificuldades para respirar. Meu coração parecia que tinha se rasgado ao meio.

Eu queria gritar, mas não era capaz. Queria chorar, mas isso eu já estava fazendo sem ao menos notar. Eu queria mandar todo o mundo foder... Bem, isso eu podia fazer.

Sem raciocinar direito, completamente dominada pela amargura e traição, tomei quase metade da garrafa de vodca em poucos goles quando o garçom me entregou ela enquanto eu caminhava a passos firmes e decididos até a escadaria do palácio que dava para o extenso jardim, onde “minha” festa ainda ocorria.

Pedi para um empregado trazer um microfone para mim, e enquanto isso, fiquei observando do alto os abutres falsos e hipócritas rindo e se divertindo. Como se eles estivessem ali por mim. Como se eles se importassem comigo.

Assim que o microfone foi entregue a mim, tomei mais um longo gole de vodca antes de descarregar tudo o que estava guardado:

— Boa noite, queridos convidados! — falei através do microfone com falsa cordialidade. Todos me olharam pegos de surpresa. — Se vocês já comeram, beberam, sorriram falsamente para os todos e os xingaram pelas suas costas. Se já fizeram suas orgias tradicionais, traíram suas esposas e maridos, assediaram os empregados, ameaçaram seus inimigos e fizeram comentários invejosos sobre a minha família... Então, façam o favor de irem embora.

Eu os vi murmurando, falando suas merdas de sempre, julgando-me, enquanto observavam o estado em que eu me encontrava. Maquiagem borrada, garrafa de álcool na mão. Mas ninguém se moveu.

Sim, a Princesa Vadia Rebelde e Mimada está de volta! Engulam isso, vadias!

Eu grunhi irritada, então entornei mais um gole antes de perder totalmente a porra da minha paciência:

— *Vocês são surdos??? A festa acabou, porra!! Vão embora!!* — eu gritei tão alto que, com o susto, todos começaram a se mover. — *A noite de lambição de bunda da família real acabou! Procurem um novo puteiro para as suas perversões do caralho e nos deixem em paz!!*

Joguei o microfone no chão fazendo um som de interferência ecoar, dando a todos

uma enorme dor de cabeça.

Sorri cruelmente satisfeita.

Apesar da movimentação e do cochicho, nem todos estavam acatando a minha ordem, por isso, enquanto descia os degraus, descalça. — larguei meus saltos no alto da escada não podendo mais suportar andar sobre eles. —, ordenei a Lola, minha assistente. — que veio ao meu encontro preocupada com a confusão. —, que mandasse ligar os *sprinklers*¹⁴. Ela questionou de início com um: “Mas, Princesa...”, porém com o berro que eu dei e por conta da minha provável aparência de louca assassina, ela apenas assentiu e correu para fazer o que lhe mandei.

Eu descia os degraus calmamente. Meus olhos exalando ódio, desprezo e nojo por todos eles. Vários dos convidados me devolviam o mesmo olhar, como se eu fosse uma vergonha para a monarquia.

Foda-se.

Não me importava o que esses abutres pensavam. Na verdade, eu queria que todos vissem quem eu realmente era, e o quanto eu os desprezava.

Apenas por eu ser a Princesa que nenhum deles teve a audácia de levantar a voz para mim, me contestar ou me afrontar. Entretanto, estavam relutantes a sair, pensando que eu estava fora de mim, bêbada, drogada... sem saber o que dizia.

“A garotinha drogada, rebelde e inútil”.

Não mais.

Eles perceberam que eu não estava brincando quando os sprinklers foram ligados e água começou a jorrar por todos os cantos do jardim.

Gritos ressoaram por todos os lados, principalmente de mulheres enlouquecidas por seus vestidos, maquiagens e penteados terem sido destruídos pela água.

Como esperado, o jardim esvaziou rapidamente.

Um sorriso sombrio e amargo se desenhou em meus lábios enquanto eu caminhava pelo gramado, descalça, perdida, sozinha e quebrada.

Andei por um tempo sem rumo até que sons não eram mais ouvidos, e o silêncio pairou sobre mim.

O tempo congelou.

E ao me sentir tonta, entorpecida e cansada, caí de joelhos na grama molhada.

Minha pele brilhava e meu cabelo pesava pela água que o banhava. Meu vestido estava encharcado e minha maquiagem escorria pelo meu rosto, se misturando com as lágrimas e a água gelada.

Senti-me tremer de frio, mas não me importei.

Meus olhos vagavam por um ponto vazio, porém o meu corpo já não era capaz de suportar a pressão.

Ingeri a última gota de álcool da garrafa antes de deixá-la cair sobre a grama. Então,

procurando o conforto familiar, fechei meus olhos e encontrei a escuridão. Sorri diante dela, abraçando-a no o conforto do reencontro. Nós estivemos juntas por tanto tempo que já a sentia como parte de mim.

A dor, o abismo... era familiar, era confortável, era habitual.

Com o sofrimento eu sabia lidar. Com ele, eu me sentia em casa e protegida.

Tirei de dentro do vestido um maço de cigarro que por milagre não estava molhado. Puxei um cigarro de dentro, o isqueiro, e o acendi.

Deitei-me na grama, abri meus olhos e contemplei o fogo saindo do isqueiro por alguns segundos, ou minutos, não sei ao certo. Acendi-o várias e várias vezes, ao mesmo tempo em que tragava o cigarro e observava a fumaça desaparecer pelo ar.

Fiquei ali... Completamente entorpecida, sentindo pena de mim mesma, sentindo-me miserável, vulnerável, humilhada e sozinha.

Desejando não existir.

Desejando sumir.

Desejando cair.

Abraçando a escuridão e a solidão.

Minhas duas melhores amigas.

Lar doce lar.



VINTE OITO

JAKE

Eu não tive tempo de alcançá-la. Quando cheguei ao topo da escadaria, Rika já havia descido, e segundos depois, pessoas começaram a gritar e a correr para todos os lados quando os *sprinklers* foram acionados.

Rika fez isso, claro.

Eu a teria parabenizado, até mesmo sorrido, ou rido, ou me sentido orgulhoso por ela ter encarado a todos e chutado suas bundas fora da sua casa. Eu era, em grande parte, responsável por ela ter se tornado esse tipo de mulher. A ensinei o confronto. Talvez um pouco demais até, já que naquela época eu estava perdido. *Porra, eu ainda estava perdido.* No entanto, o momento não era para aplausos. Rika estava destruída por dentro. Tinha sido traída da maneira mais dura e cruel pela única mulher que a deveria proteger de tudo e todos. Mas essa mulher a queria manipular, queria moldá-la para que fosse como ela. O que nunca aconteceu. Rika tinha personalidade demais para isso. O que fez com que se sobressaísse, e isso era algo que a Rainha da Inglaterra não toleraria. Nem mesmo de sua própria filha.

Eu perdi Rika de vista no meio da multidão. Meus olhos corriam tentando encontrá-la, mas não pude. Quando estou prestes a descer os degraus e ir atrás dela, ouço a voz de Michaels.

— Que porra aconteceu aqui? — perguntou o meu chefe, aproximando-se furioso

pelo caos criado.

Controlei a vontade de bufar e mandá-lo se foder. Tudo o que me importava agora era a Princesa.

Foda-se a festa.

Foda-se os convidados.

Foda-se todos... Principalmente a cadela da Rainha.

— A Princesa queria todo mundo fora do palácio — falei, dando de ombros, quase abrindo um sorriso no rosto.

Eu amava essa garota maluca com todas as minhas forças.

— E ela simplesmente resolveu molhar todos os convidados? — perguntou ele, gesticulando com as mãos, irritado.

O olhei, a feição tranquila, mas explodindo por dentro.

— Ela é a Princesa. Ela faz o que bem entender — disse a ele, a voz saindo mais ríspida do que de costume.

Michaels me olhou surpreso e travou a mandíbula não gostando de meu comentário.

— Resolva isso. Coloque os homens em alerta. Precisamos recuperar o controle, porra! Não gosto disso. Qualquer um pode invadir o palácio ou prejudicar um membro da Família Real sem que tenhamos conhecimento.

Eu o olhei com seriedade.

— Eu não estou trabalhando hoje, então terá que colocar outro homem no comando. De qualquer maneira, o palácio está muito bem protegido, por dentro e por fora. — graças a mim que reforcei a guarda no caso de *Watford* resolver aparecer. —, assim como todos os portões. — completei.

Michaels me olhou friamente.

Ele não gostava de mim.

Se pudesse, me colocaria no olho da rua, ou melhor, na cadeia. Infelizmente para ele, eu não iria à lugar nenhuma, porque o Rei não permitiria, e mesmo que o fizesse, eu não sairia do palácio sem Rika.

— Claro, você é um convidado. — desdenhou em tom de deboche.

Me mantive sereno e em silêncio.

Michaels continuou, seu olhar de desprezo e desconfiado presos em mim.

— Desde que você começou a trabalhar aqui, por ordem do falecido Rei Christian, que eu tenho um pressentimento de que algo está errado. — ele me olhou mais a fundo, tentando tirar qualquer reação de mim. — Eu sei que você conversou com o Rei em seu leito de morte. Assim como sei das horas que passa na sala de vigilância. Suas saídas diárias para assuntos particulares. Ademais, acabei de saber por um dos meus homens que a Rainha e a Princesa tiveram um desentendimento, e que você estava no meio, já que

passou um longo tempo conversando em particular com a Rainha, momentos antes da Princesa aparecer.

Não movi um músculo do meu rosto e do meu corpo. Apenas continuei olhando-o como se ele estivesse me passando tarefas diárias.

— Não sei do que está falando Sr. Michaels. Minha conduta aqui sempre foi a mesma que a dos outros agentes.

Dustin riu com sarcasmo.

— Todos os meus homens não fodem a Princesa e passam as noites em seu quarto quase que diariamente, Agente Price! — disse ele com tom insinuativo.

Colocando minhas mãos para trás, apertei meus punhos, mantendo meu temperamento em controle.

Se esse filho da puta não quisesse levar um soco na cara, seria melhor que não se referisse a Rika daquela maneira outra vez.

Dando um passo à frente, inclinei minha cabeça para baixo. — ele era mais baixo do que eu. —, e o encarei com um olhar gélido e impiedoso.

— Você tem razão... Os seus homens não fodem a Princesa... *atualmente*. Mas ela costumava fodê-los sempre que queria! — dei um sorriso de canto. — Está decepcionado porque não foi um deles? — minha voz gotejava ira e provocação.

Os olhos de Dustin se arregalaram. Sua mandíbula se apertou com tanta força que eu me perguntei se seus dentes não haviam quebrado.

— Como ousa insinuar algo assim? — ele rosnou, erguendo o queixo, tentando me intimidar, mas claramente perturbado.

Oh, eu acertei um nervo aí, não acertei?

Dei-lhe um sorriso digno de Lúcifer antes de dar um passo para trás, afastando-me dele e de sua colônia enjoativa.

— A Princesa Eerika é uma mulher belíssima. Nós dois sabemos disso. Não há motivos para tentar esconder seus desejos, chefe. — mantive meu sorriso. — De qualquer maneira, se eu fosse você, tomaria cuidado... Ouvi dizer que a Princesa tem um homem em sua vida. Um homem ciumento e possessivo pra caralho que é capaz de castrar qualquer filho da puta que sonhar em se masturbar pensando nela. — eu o encarei mais profundamente. Meus olhos mudando de gelo para o fogo. — Também ouvi falar que ele é capaz de rasgá-lo inteiro se tentar insultá-la. Ou até mesmo... é capaz de matar o infeliz, lentamente, se tentar prejudicá-la de alguma maneira. — meu sorriso diabólico o fez engolir em seco, eu notei, por mais que ele tentasse esconder.

Meu pai costumava dizer que eu poderia fazer um homem se mijar nas calças apenas com um olhar. Que meu olhar era como duas adagas perfurando a alma.

Eu sempre soube que ele tinha medo do tipo de homem que eu me tornaria. Por meu descontrole emocional. Minha natureza agressiva. Meu temperamento explosivo. E meus olhos... Ele dizia que eles podiam ser tão cruéis como os de um assassino em série.

Meu pai conversava muito comigo, tentava a todo custo me colocar na linha, no caminho certo, mesmo quando eu sempre aprontava. Batendo em garotos no colégio. Ameaçando-os. Insultando os professores. Ficando cada vez mais fechado e isolado. Fodendo sem sentido com garotas e depois largando-as sem querer me apegar emocionalmente.

Eu quase o fiz desistir de mim.

Até Rika.

Ela entrou em minha vida e mudou o meu mundo. Me mudou. Não por completo, claro. Não era hipócrita de dizer que tinha me tornado um cara gentil, carinhoso, bom, agradável. O perfeito marido que todo pai deseja para a sua filha. Pelo contrário, eu era oposto. Isso estava bem claro, diante de tudo o que Charlotte fez para me afastar de Rika. Mas eu aprendi a amar com ela. Eu não sabia o que era isso. Eu me fechei para o mundo, não querendo perder mais ninguém, como perdi a minha mãe.

Rika me fez amá-la.

Eu a odiei por isso no início. Mas ela, obviamente, não se importou. Ela fazia o que queria. Ela tomava o que queria. E ela tomou a mim... Tudo de mim.

Todo o amor que eu tinha guardado, eu dei a ela, apenas a ela, e a mais ninguém. E era por isso que viver e respirar sem ela não era uma opção. Eu fiz isso por cinco anos, e me tornei um zumbi perambulando pelo mundo.

Podiam tirar tudo de mim, mas não Rika.

A Princesa carregava a minha alma em sua pele e meu coração em suas mãos. O que quisesse fazer com eles era uma decisão unicamente dela. Eu me perguntava se ela sabia... Que um mundo sem ela, era como apenas existir. E que para viver assim, eu preferiria desistir da vida.

— Está me ameaçando, Agente Price? — perguntou Michaels, visivelmente perturbado.

Eu mantive meu sorriso perverso no rosto quando o respondi.

— Eu sou apenas o homem que atende a todos os desejos da Princesa e a satisfaz, Sr. Michaels. — dei de ombros, fingindo ignorância, mas meu olhar e meu sorriso cruel, diziam o contrário. — A Princesa ordena... e eu obedeço, simples assim. Afinal, sou apenas o seu guarda-costas.

Dando-lhe um sorriso de canto, me afastei dele e desci o primeiro degrau.

— Vou à procura da Princesa. *Ela* é o meu trabalho. — enfatizei a palavra “ela”, deixando bem claro que eu não estava ali para acatar as suas ordens, e sim por Rika.

Eu não o olhei, mas sua ira podia ser sentida há quilômetros de distância. Eu teria que ficar muito atento, porque Michaels, a partir de agora, faria de tudo para me tirar do meu cargo, assim como tentar descobrir tudo sobre mim, e isso incluía os meus segredos, e o principal deles, a ameaça contra Rika.

Se o cara me odiava antes, ele me odiava muito mais agora.

Entre na fila, mate!

Sem perder mais tempo, corri escada abaixo e, pela segunda vez na noite, varri todos os cantos do extenso gramado do palácio. Eu já estava começando a me desesperar, com medo de que, de alguma maneira, o psicopata fodido tivesse chegado até Rika. Até que, um pouco à frente de onde eu estava, no meio da escuridão entre os arbustos, vi uma figura encolhida no chão, enrolada feito uma bola, como em modo de proteção.

Eu a reconheceria em qualquer lugar.

Rika.

Alívio e dor elevou-se dentro de mim em uma competição acirrada.

Ela estava à salvo.

Mas ela estava quebrada.



VINTE NOVE

RIKA

Minhas pálpebras estavam pesadas, contrastando-se com o meu corpo que parecia uma pluma esvoaçante.

Senti-me flutuar enquanto a brisa da noite batia em meu rosto e em meu corpo. Um aroma familiar e fascinante atravessava minhas narinas e impregnando-se em minha pele.

Minha cabeça girava como se eu estivesse em uma roda gigante. Mas o aroma magnífico fazia-me sentir leve, flutuante, feliz e em paz.

Reconheci, então, o aroma familiar.

Era o perfume de Jake.

Como sendo levada pelo seu cheiro, minha mente se religou, trazendo-me de volta à realidade que eu tanto queria fugir.

Minhas pálpebras se ergueram pouco a pouco, tremulamente. Tudo parecia nublado e escuro. Senti meus olhos arderem como se estivessem cobertos de areia.

Soltei um leve gemido quando minha cabeça latejou.

Quando minha visão clareou, percebi que não flutuava. Eu estava nos braços fortes de Jake, sendo carregada por ele. Minha cabeça descansava em seu peito duro, onde meu nariz roçava sua camisa e aspirava o seu perfume.

Inclinei minha cabeça para cima e vi as paredes de pedra sobre o teto escuro.

Reconheci o lugar.

Era um dos túneis secretos do palácio.

Tentei olhar para Jake, mas seu rosto estava turvo e nebuloso por conta da escuridão.

Permaneci em silêncio, apenas sentindo a sensação de paz, conforto e segurança que só Jake me trazia. Eu também não tinha forças para fazer minha voz sair. Tampouco queria.

Voltei a fechar meus olhos e me desliguei de tudo outra vez, perdendo-me no mundo de Jake. O único mundo em que eu sempre quis viver. E só os voltei a abrir quando ouvi o ranger de porta sendo aberta e em seguida batida atrás de nós quando fechada.

O silêncio era apaziguante.

O único som que podia-se ouvir era dos sapatos de Jake a cada passo firme que ele dava. O som, então, aquietou-se quando Jake parou de se mover.

Eu choraminguei em silêncio não querendo que ele parasse. Sabendo que isso significava que ele me soltaria e que o conforto familiar e protetor que eu sentia em seus braços desapareceria e eu acordaria para reviver o pesadelo em que me encontrava.

Quando ele me ergueu e tentou me tirar dos seus braços, travei meus punhos fechados em sua camisa e escondi meu rosto em seu peito, não me importando o quão degradante, vergonhoso e infantil isso parecia. Tudo o que eu queria era me esconder ali para sempre.

Senti os músculos de Jake endurecerem e ele soltar um suspiro impaciente e irritado.

Meus olhos umedeceram ao sentir o seu desprezo, mas eu não me importava de implorar se necessário. Era vergonhoso, eu sabia..., mas quando você chega ao fundo do poço, seu orgulho desvanece e você não se importa com mais nada.

Você é fraca, insignificante.

Olhe para você... Como que ele pode te querer?

Como alguém pode te querer?

Você não é nada.

A voz... Aquela voz que me seguiu durante toda a minha vida surgiu com toda força, esmagando-me mais e mais a cada segundo.

Minhas mãos se apertavam com mais força na camisa de Jake, minha maquiagem borrada a manchava e as mãos tremulavam involuntariamente.

O ouvi amaldiçoar zangado, me fazendo me sentir pior ainda.

Pequena.

Insignificante.

Desprezível.

Jake não gostava de pessoas fracas porque ele não era fraco como eu.

Sim, estúpida. Você é a escória. Nem sua mãe te quis... Jake também não te quer. Ninguém te quer. Todos apenas te olham pelo o que você representa, não pelo o que você é. Ninguém se importa com você.

Meu coração sangrou.

Nãooo!!

Eu gritei em minha mente, querendo que a voz desaparecesse.

Ele vai embora, querida! Você acha que ele irá perder tempo com uma vadia viciada como você quando ele pode ter qualquer mulher que quiser?

A voz riu diabolicamente.

Pare com isso!

Me deixe em paz.

“Ela” riu outra vez.

Você vai perdê-lo de novo, Princesa. Isso se alguma vez o teve. Ele pode ter conhecido outra mulher nesses cinco anos. Já pensou nisso?

Me senti morrer aos poucos.

Não, isso não é verdade!!

Me desesperei.

A voz sorriu para mim.

Será? Como você pode ter certeza de que ele não estava com essa mulher na noite anterior? A noite anterior ao seu aniversário.

Doía.

Doía demais.

Ele não faria isso comigo! Pare de falar!!!

Implorei.

Ela riu.

Hmm... Mas não foi na noite de seu aniversário, há cinco anos, que ele te deixou, e você como a covarde que é quase tirou sua própria vida?

Eu chorei.

Eu não tentei... Eu juro que não fiz. Só... Só doía demais. E ele não me deixou... Minha mãe o obrigou. Ele não me deixou!!!

Eu gritei desesperada, necessitando acreditar nessas palavras para sobreviver.

“Ela” ria sem parar de mim.

Eu continuei chorando e implorando para que se fora e me deixasse em paz.

Foi quando senti meu corpo ser chacoalhado, meus ombros apertados dolorosamente

e a voz rouca, grossa e dominadora de Jake encher os meus ouvidos trazendo-me de volta.

— Rika! ... Rika, olhe para mim, porra!!!

Sua ordem deu um estalo em mim, fazendo-me abrir os olhos assombrada, as lágrimas banhando-os deixando a visão turva.

Pisquei algumas vezes, até que seu rosto iluminou na minha frente. No entanto, sua feição dura, impaciente, a sua mandíbula apertada e seu olhar assassino e furioso me fez encolher.

— Porra! Pare com isso! — sua voz se alterou.

Eu tremi e me encolhi mais.

Meu corpo já não estava sobre o dele. Jake havia me posto em cima da grande pia de mármore do meu banheiro privado e me olhava com tanto fogo e intensidade no olhar que eu quis fechar os meus novamente apenas para que não tivesse que vê-los me mirando dessa maneira, como se sentisse vergonha e desprezo por mim.

Tentei fazer exatamente isso, mas sua mão apertou meu queixo com força, fazendo-me gemer e sua voz dominadora me impediu de prosseguir.

— Não ouse fechar os olhos outra vez, Eerika! — ordenou ele enquanto me fazia tomar um líquido ruim. — para curar bebedeira. — ao qual eu estava muito familiarizada. Uma mistura especial criada por ele mesmo.

Meu coração afundou ao ouvi-lo me chamar de Eerika.

Ele nunca me chamava assim.

— Caralho, pare com isso! Eu já disse.

Tremi diante do tom frustrante e sem paciência de sua voz.

— Que merdas são essas que estão na sua cabeça? — ele perguntou. Eu o olhei confusa e vazia, esperando o momento em que ele virasse as costas e me largasse ali, confirmando aquilo que eu já sabia... Eu não valia à pena. — Eu não vou permitir que você continue perdida nessa mente fodida sua, me entendeu??

Seu aperto em meu queixo se intensificou, obrigando-me a olhá-lo.

Jake se aproximou, afastou minhas pernas e se encaixou entre elas. Seu perfume invadiu-me outra vez, subindo até meu cérebro, nublando-o completamente.

A outra mão de Jake espalmou o meu cabelo e seus dedos se fecharam sobre eles. Ele puxou um punhado, chamando a minha atenção quando gemi de dor.

— Não vá lá, Rika! — ele ordenou. — Eu não vou a lugar nenhum. Então, tire essa merda de insegurança de dentro de você! Pare de sentir pena de si mesma, maldição!!! — ele praticamente gritou. Seu temperamento aparecendo, sem medo de me assustar.

Percebi, então, que eu não estava apenas pensando. Ele tinha ouvido tudo o que eu disse. E, agora, ele parecia pronto para me espancar ou mandar eu me foder.

Os dois talvez.

Ele não te quer. Ele te despreza, garota fraca!

A voz outra vez.

O meu coró cabeludo ardeu quando Jake deu mais um puxão, ao mesmo tempo em que sua boca bateu na minha com violência.

Eu gemi de dor e de prazer.

O choque elétrico foi forte o suficiente para não deixar eu me perder em minha mente outra vez.

Não houve língua. Apenas seus lábios contra os meus, em um beijo agressivo e possessivo.

Uma punição, eu entendi.

Jake se afastou e puxou, mais um pouco, o meu cabelo, fazendo minha cabeça inclinar para cima em sua direção.

Seu olhar em chamas era tão duro, penetrante, aterrorizante e cruel, que eu não ousei falar nada. Tampouco quis. Não era como se tivesse forças para confrontá-lo. Não era como se eu não quisesse que ele me dominasse completamente para que eu não precisasse ter que enfrentar mais nada.

Não foi isso que Jake fez, entretanto.

Seu aperto duro em meu cabelo e seu olhar predatório e dominante, me fez prender a atenção nele, como ele queria. Sem me perder em minhas próprias neuroses.

— Preste bem a atenção, Rika! — Eu prestei. — Isso é o que vai acontecer... Você vai entrar nesse chuveiro, você vai se recompor, você vai se trocar para uma roupa confortável, e então irá descer pelo túnel e sairá do palácio no sentido *Hyde Park*, sem que ninguém te veja, e irá me encontrar lá fora! — Sua voz autoritária deixou claro que ele não aceitaria nenhuma desculpa ou desacato.

Eu continuei olhando para ele, fixamente, hipnotizada pelos seus grandes, poderosos e assustadores olhos azuis.

— Você tem uma hora. Apenas isso. Nem um segundo a mais.

Sem me dar o direito de resposta, ele se afastou, soltando o meu cabelo e meu queixo, então se virou e saiu do banheiro sem olhar para trás.

Ouvi as portas duplas do quarto baterem com força, me fazendo pular de susto.

Jake estava irritado.

Não.

Ele estava possesso.

Era perigoso quando ele perdia o controle. Jake era como um animal selvagem e perigoso que não deveria ser cutucado ou provocado. Porque quando ele perdia a cabeça, ele ficava violento. E quando ele ficava violento, coisas ruins tendiam a acontecer.

A culpa é sua.

A voz disse.

Eu balancei a cabeça, tentando fazê-la desaparecer.

Você não deve ir.

Ele está assim por sua causa.

Deixe-o em paz.

Ele está melhor sem você.

Eu apertei minhas mãos no mármore frio até as pontas dos meus dedos ficarem brancas tamanho a força que eu fazia.

Havia um motivo para Jake ser tão crucial na minha vida. Para eu ser tão dependente dele. Era porque seu domínio e seu poder sobre mim eram tão grandes que nada, ninguém, nem mesmo as minhas inseguranças podiam lutar contra ele. E foi por isso que eu quase morri sem ele durante esses anos. Era por isso que eu não era capaz de viver sem ele. Era por isso que *Jacob Benjamin Price* era o meu dono, o meu mundo, a minha razão, a minha alma, o meu coração, a minha vida.

Eu era movida por ele. Como um carro precisa do combustível para funcionar. E foi assim que me peguei descendo da pia, sentindo uma enorme descarga elétrica correr por todo o meu corpo e meu sangue correr furiosamente pelas minhas veias.

Ele não te ama.

Você está cometendo um grande erro.

A voz disse.

Meu corpo tremeu em fúria, cansada de ouvi-la, cansada de tê-la dominando a minha vida. Jake me possuía... Não ela.

— *Vai de foder!!!* — rosnei com violência e com uma determinação que eu não sabia de onde tinha saído.

Mentira, eu sabia.

Estava na hora de parar de sentir pena de mim mesma.

Eu estava esgotada e cansada de sentir dor.

Eu estava cansada de me sentir infeliz.

Eu estava cansada da escuridão.

Eu estava simplesmente cansada.

Quando me olhei no espelho, vi o meu rosto destruído, sujo e empalidecido.

Tanto tempo me arrumando, tanto tempo me preparando para essa noite, para me sentir bonita e terminei nesse estado.

Meu rosto endureceu de raiva.

Minha mãe não me destruiria outra vez. Ela não destruiria a mim e a Jake. Ela não acabaria com mais um aniversário meu. Eu não deixaria.

Não mais!

A vadia podia ir se foder!

Determinada, fui até o armário do banheiro procurando por uma das caixas de tinta de cabelo que tinha sempre em estoque. Quando encontrei o que queria, voltei para a pia, me despi e me olhei no espelho pela última vez.

Eu tinha cinquenta minutos restantes.

Estava na hora de uma pequena mudança.

Estava na hora dessa princesa mudar o rumo de sua história.

Continua...

A história de Rika e Jake continua em “**Broken Secrets**“!

Espero que tenham gostado da história até aqui, e amado o casal como eu os amo. Espero também que tenha valido à pena toda a espera. Sei que muitas de vocês estavam bem ansiosas para conhecer esse casal não muito... normal, digamos assim, haha.

Muita coisa ainda está por vir, muitos segredos a serem revelados, muita ação, romance e suspense no próximo e último livro da duologia “**Broken Crown**”.

Antes de ir, gostaria de pedir que deixem seu feedback, avaliação e que indiquem para os seus amigos amantes de livros como vocês.

Até breve!!

Xoxo

#BROKENCROWN

#BROKENPROMISES

#RAKE

ME SIGAM NAS REDES SOCIAIS PARA SE INFORMAREM SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS, PARA CONHECEREM UM POQUINHO MAIS DE MIM E ACOMPANHEM TODO O PROCESSO DE CRIAÇÃO DOS LIVROS. ALÉM DE TEREM ACESSO À MATERIAIS EXCLUSIVOS, CURIOSIDADES E TEASERS.

REDES SOCIAIS:

GRUPO FACEBOOK: <https://www.facebook.com/groups/calliequeiroz/>

INSTAGRAM: <https://www.instagram.com/authorcalliequeiroz>

WATTPAD: <https://www.wattpad.com/user/calliequeiroz>

SPOTIFY: <https://goo.gl/ZFmNXv>

Twitter: <https://twitter.com/calliequeiroz>

Notas

[[←1](#)]

Qualidade daquele que é puramente materialista, que valoriza objetos.

[←2]

Bebida muito alcoólica servida em pouca quantidade num pequeno copo, que geralmente se bebe num só gole.

[[← 3](#)]

[Gíria] Não.

[←4]

Nome fictício para uma famosa joalheria inglesa.

[←5]

Série de televisão norte-americana.

[[← 6](#)]

Guarda-costas em inglês

[[←7](#)]

“Tanto faz” em inglês.

É uma forma de refeição leve do chá da tarde inglês, consistindo em chá tomado com uma combinação de scones, *clotted cream* e geleia.

[[← 9](#)]

“Querida” em inglês

[[← 10](#)]

Cara, mano. (Uma das gírias de tratamento mais populares do Inglês Britânico.)

[[← 11](#)]

Guarda-costas em inglês.

[[← 12](#)]

Referência a série de filmes “Rocky”.

[[← 13](#)]

O C-4 ou “Composition C-4” é uma variedade comum de explosivo plástico de uso bélico.

[[← 14](#)]

Sistema utilizado para regar extensos gramados.

Table of Contents

[Dedicatória](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)